

DOENÇAS CRÔNICAS

DOENÇAS CRÔNICAS

SUA NATUREZA PECULIAR

E

SUA CURA HOMEOPÁTICA

POR

SAMUEL HAHNEMANN

TRADUÇÃO DA 2^a EDIÇÃO ALEMÃ – 1835

1^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 1984

2^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 1986

3^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 1990

4^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 1996

5^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 1999

6^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 2010

7^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 2014

8^a EDIÇÃO BRASILEIRA – 2020

GEHSP

« Benoit Mure »

Doenças Crônicas,
sua Natureza Peculiar e sua Cura Homeopática

por

Samuel Hahnemann

.....

Tradução realizada da
2^a Reimpressão de 1975 da tradução Americana
do Prof. Louis H. Tafel
reimpressa por Jain Publishing Co.
2798, Rajguru Road, New Delhi – 110055
Comparada à ed. alemã de 1979
reimpressão da 2º ed. original de
Hahnemann de 1835.

Tradução brasileira realizada pelo
Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”
Com a colaboração técnica dos professores:
Helmut Hentschel
Crisanto Siqueira
Celia de Vasconcelos Koermandy
Maria Silva Mourão Netto

1984

Farmácia Homeopática “Bento Mure”
Rua Olavo Egídio, 379
São Paulo – SP
Telefax: (0xx11) 2977-9005
E-mail: homeopatiabentomure@gmail.com
www.bentomure.com.br

Programação Visual, Projeto Editorial
e Produção Gráfica



E-mail: trip.servideias@uol.com.br
⑨ 11 98543-7808

SAPEREAUDE

DADOS BIOGRÁFICOS DE HAHNEMANN

Christian Friedrich Samuel Hahnemann nasceu em Meissen, Saxônia, sob o reinado de Frederico II da Prússia, a 10 de abril de 1755, sendo o terceiro dos quatro filhos de Christian G. Hahnemann e Johanna Christian Hahnemann. Seu pai era um pintor de porcelanas, adepto as idéias de Rousseau, deu uma educação rígida a seus filhos.

Estudou Medicina em Leipzig, doutorando-se pela Universidade de Erlanger em 10 de agosto de 1779. Exerceu a profissão até 1787, quando a abandonou por não se ter conformado com a imprecisão da Medicina de seu tempo. Abandona a clínica, passando a colher os meios de subsistência traduzindo obras científicas. Foi traduzindo a Matéria Médica de Cullen, em 1790, que iniciou a marcha para o sistema médico que viria a ser conhecido mais tarde como Homeopatia.

Casou-se pela primeira vez com Johanna Henriette Leopoldine Küchler, da qual enviuvou e aos 80 anos, em segundas núpcias com a jovem aristocrata francesa Marie Melanie Derville, indo então viver em Paris. Falece nesta cidade a 2 de julho de 1843 aos 88 anos. Seus restos mortais estão no cemitério Père Lachaise em Paris.

CRONOLOGIA

- 1755 – Samuel Hahnemann nasce a 10 de abril, em Meissen.
- 1757 – Verificação da contratibilidade muscular e estabelecimento da neuropatologia por Albrecht.
- 1756 – Nasce Wolfgang Amadeus Mozart.
- 1770 – Nasce Ludwig Van Beethoven.
- 1779 – Hahnemann doutora-se pela Universidade de Erlanger.
- 1789 – Eclode a Revolução Francesa em 14 de julho: o povo toma a Bastilha.
- 1790 – Hahnemann traduz a Matéria Médica de Cullen.
- 1796 – Hahnemann publica o “Ensaio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais, seguido de alguns comentários sobre os princípios admitidos até nossos dias”. Na Inglaterra, Edward Jenner e na Alemanha, von Haller, usam a vacina antivariólica.
- 1799 – Em 9 de novembro, Napoleão Bonaparte põe fim à Revolução Francesa com o golpe do 18 brumário.
- 1800 – Na França, Xavier Bichat cria a histopatologia e a histologia.
- 1805 – Hahnemann publica “Esculápio na Balança”.
- 1806 – Hahnemann publica “Medicina da Experiência” e “Fragmenta de viribus medicamentorum positivis sive in sano corpore humano observatis”.
- 1810 – Hahnemann publica o “Organon da Arte de Curar”.
- 1811 – Hahnemann publica o vol. I da “Matéria Médica Pura”.
- 1815 – Realiza-se o Congresso de Viena, determinando os novos limites para os países da Europa.
- 1816 – Hahnemann publica o vol. II da “Matéria Médica Pura”. O médico francês René-Theophile-Hyascynthe Laënnec descreve a tuberculose pulmonar e em seguida o método propedêutico de consulta pelo estetoscópio.
- 1817 – Hahnemann publica o vol. III da “Matéria Médica Pura”.
- 1818 – Hahnemann publica o vol. IV da “Matéria Médica Pura”.
- 1819 – Publica a 2^a. edição do Organon e o vol. V da “Matéria Médica Pura”.
- 1821 – Publica o vol. VI da “Matéria Médica Pura”.
- 1824 – Realiza-se a primeira tradução francesa da 2^a. ed. alemã do Organon. Estréia simultaneamente a Missa Solene e a 9^a. Sinfonia de Beethoven.
- 1828 – Publica a 1^a. edição dos volumes I e II das “Doenças Crônicas”.
- 1830 – Publica a 1^a. edição dos volumes III, IV e V das “Doenças Crônicas”.
- 1835 – Publica a 2^a. edição dos volumes I e II das “Doenças Crônicas”.
- 1836 – O médico francês Jean Baptiste Bouilland estabelece a relação entre o reumatismo e certas lesões cardíacas.
- 1837 – Publica a 2^a. edição do vol. III das “Doenças Crônicas”.
- 1838 – Publica a 2^a. edição do vol. IV das “Doenças Crônicas”.
- 1839 – Publica a 2^a. edição do vol. V das “Doenças Crônicas”.
- 1843 – Morre a 2 de julho, em Paris.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA

A tradução e a publicação desta obra de Hahnemann, Doenças Crônicas, é tão importante neste momento quanto o foi a tradução e a publicação da 6^a. Edição do Organon da Arte de Curar, feita em 1962 por um pequeno grupo de homeopatas sob a coordenação e o incentivo de Rezende Filho e David Castro. Também as dificuldades são comparáveis e as críticas que ainda hoje se fazem àquela tradução certamente as sofreremos.

Escolheu-se fazer esta tradução a partir da americana, de Louis H. Tafel, publicada na Filadélfia em 1896¹. A escolha deveu-se ao fato de ser bastante fidedigna essa tradução para o inglês, não modificando, não acrescentando e nem suprimindo quase nada do livro original de Hahnemann; depois de um estudo comparativo, parecera-nos que as traduções para o francês e para o espanhol fugiam demasiado do original em alemão, chegando até mesmo a alterar fundamentalmente idéias do autor. A tradução para o português foi comparada ao original alemão, **palavra por palavra** e, onde se fez necessário, corrigida para que se mantivesse o mais possível próxima do original hahnemanniano, ou seja, sempre que nos pareceu haver dissemelhança entre o original de Hahnemann e a tradução para o inglês, aduzimos uma nota de rodapé, para fazer constar o termo em alemão e a sua tradução ao português. Esta forma de proceder manteve-se ao longo do trabalho todo com o intuito de oferecer aos leitores o máximo possível de subsídios para o entendimento das idéias de Hahnemann, tal como ele as expressou.

Optou-se por manter uma redação o mais próxima possível do estilo do autor e do alemão de sua época – parágrafos longos e largo uso do ponto e vírgula – e que também fora a opção do tradutor americano. Isto se fez para que o leitor sentisse mais de perto a Hahnemann, quase como se o lesse no original.

Repetindo o critério adotado pelo tradutor Tafel, “esforçamo-nos em geral por traduzir a palavra” em inglês sempre “pela mesma palavra” em português, com o intuito de conservar uma constância de linguagem ao largo de todo o texto.

Embora seja controversa a tradução do termo “itch”, decidiu-se que seria empregado o termo “sarna” e, ainda, “itch-disease” aparece como “doença-sarna” e “itch-malady”, como “moléstia-sarna”.

Os termos “Syphillis” e “Sycosis” foram grafados como tal, de acordo com a citação de Maffei em seu livro “Fundamentos da Medicina”.

Na tradução dos sintomas manteve-se sempre que possível a linguagem repertorial de Kent.

¹ A tradução de Tafel baseia-se na 2^a. edição alemã, ampliada, de 1835, e vem acompanhada de anotações de Rechard Hughes, M. D., tendo sido editada por Pemberton Dudley, M.D.

A bibliografia básica da tradução para o português foi composta das seguintes obras:

- Dicionário Inglês-Português (Webster's), Houaiss, A., Editora Record, 1982.
- Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Hollanda, A. B., Editora Nova Fronteira, 1^a. edição.
- Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas, Gomes, L. L. e Collins, D., Editora Pioneira, 1977.
- Dicionário Latim-Português, Pereira de Queiroz, O. A., Editora Lep, 5^a. edição, 1958.
- Langenscheidts Taschenwörterbuch, Irmen, F., Berlin, 1983.
- Der Große Brockhaus, 1954.
- Webster's New 20th Century Dictionary, Simon & Schuster, 1979.

Cabe aqui mencionar que, embora não tenhamos usado dicionários contemporâneos ao original alemão, os dois últimos volumes consultados são reconhecidos por fazerem constar acepções antigas de termos que atualmente são empregados com conotações diferentes daquelas.

Cumpre-se finalmente agradecer a todos que colaboraram com o Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”, neste trabalho. Em especial gostaríamos de salientar a contribuição do Prof. Crisanto Siqueira que iniciou o processo da tradução do inglês, juntamente com o Prof. Helmut Hentschel, falecido no final de 1982, tradutor do alemão. Esse trabalho inicial serviu de base às etapas seguintes da atual edição, para a qual foi decisiva a participação da Profª. Célia de Vasconcelos Koermandy, a quem coube a responsabilidade de, lendo o texto original de Hahnemann em alemão, apontar os casos todos em que houvesse disparidade entre a tradução para o inglês e esse original alemão. Para essa comparação utilizou-se a 2^a. edição alemã de 1835, reimpressão de 1979.

A maior parte da tradução da edição americana foi feita pela Profª. Maria Silvia Mourão Netto, a qual não poupou esforços nesse trabalho, cansativo, principalmente na necessária análise comparativa com o original alemão, sempre em reuniões semanais às quais compareciam para a análise e redação final médicos deste Grupo de Estudos Homeopáticos.

São Paulo – São Paulo – Brasil, 27 de julho de 1984.

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “BENOIT MURE”

PREFÁCIO À SÉTIMA EDIÇÃO BRASILEIRA

Nos aproximamos do 40º ano de fundação (1975) do nosso grupo de estudos de São Paulo “Benoit Mure” que juntamente com a Farmácia Homeopática “Bento Mure” (1980) hoje formam o Instituto Hahnemanniano “George Galvão” (2011).

Com o objetivo maior de dar continuidade ao estudo da obra de Hahnemann, uma nova edição da tradução (1ª em 1984) do livro “Doenças Crônicas”, nunca antes traduzida para o português, está sendo trazido ao público pelo esforço conjunto destas instituições, para servir aos estudiosos da Homeopatia como guia da verdadeira arte de curar.

A contínua busca da ciência para o alívio do sofrimento humano permanece voltado ao órgão ou sintoma isolado, desligado de seu conjunto, sempre tratando sintomaticamente esquecendo-se do fato que a qualquer estímulo que recebemos, nossa resposta sempre é na totalidade do ser.

Assim, por mais que se conheça o funcionamento bioquímico de cada parte de nosso corpo e suas diversas respostas aos mais apurados e acertados fármacos, jamais poderemos alcançar o equilíbrio destas interações, posto que a ação destes fármacos (hormônios, analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos, etc.) sempre trazem consigo suas ações primárias e consequente reação do organismo.

Através do estudo dessa obra tão completa de bases exclusivamente vitalistas, conseguimos luz para o caminho do entendimento do Homem na sua unicidade e de sua verdadeira e definitiva cura das doenças naturais devendo então, aplicar o uso dos estudos das patogenias no resgate do equilíbrio da energia que anima nossas vidas. Aprendemos e percebemos que não basta apenas a aplicação da lei dos semelhantes ser aplicada e que o entendimento dos miasmas é fundamental para a cura da doença em toda a sua extensão erradicando sua mais profunda raiz.

Assim ao longo desses anos iniciados por David Castro e George Galvão aplicando a Doutrina Hahnemanniana, podemos nos satisfazer com a alegria de nossos pacientes que foram curados de seus estares e vivem agora livres, seus Seres.

Temos também que deixar aqui registrado que o legado do estudo de patologia proporcionado pelo professor Walter Edgard Maffei (1905-1991) nas suas mais de 120.000 autópsias, foi um dos grandes respaldos e serviu de apoio para a aplicação da técnica homeopática nos dias de hoje.

Assim foi possível a existência do Pronto Socorro Homeopático que na década de 80 prestou auxílio a milhares de pacientes e formou várias centenas de médicos, que tiveram a oportunidade de se beneficiar com a aplicação da Arte de Curar.

DOENÇAS CRÔNICAS

Finalmente queremos fazer o registro de que esta obra, Doenças Crônicas, tornou mais acessível o estudo da Homeopatia e a lapidação da tão extensa possibilidade de alívio ao sofrimento da humanidade.

Hahnemann dedicou uma folha deste livro a frase Sapere Aude (para saber, ouse) que indubitavelmente sintetiza a necessidade de nos aplicarmos no exercício do conteúdo de todo ensinamento encerrado neste livro que foi concluído tão pensosamente superando a oposição organicista da época, vigente até os dias de hoje.

São Paulo, julho de 2014

Farmácia Homeopática “Bento Mure”
Grupo de Estudos Homeopáticos “Benoit Mure”
Instituto Hahnemanniano “George Galvão”

PREFÁCIO DO TRADUTOR

A tradução que ora se apresenta ao público é a segunda desta obra para o inglês, havendo antes desta a versão realizada pelo Dr. Charles J. Hempel e publicada por Wm. Radde nos anos de 1845 e 1846. Quando se propôs a reimpressão dessa tradução, levantou-se forte protesto contra a antiga versão, argumentando-se que até certo ponto era inexata e por omitir não apenas as iniciais dos experimentadores como também, um grande número de sintomas. Tais queixas mostraram-se bem fundamentadas especialmente com respeito à última parte do trabalho. Relacionamos ao acaso, aqui e ali, cerca de uma centena de sintomas e, tendo-os comparado com o original, constatamos os seguintes resultados: em Alumina 555-655, encontramos apenas a omissão de uma parte do sintoma 556 e uma omissão parcial e reunião em um só, dos sintomas 617 e 618. De forma semelhante, em Graphites não ocorrem omissões, exceto o 53 (uma repetição), na primeira centena de sintomas e nem tampouco qualquer outra omissão até chegarmos ao 200, 201 e 202, os quais foram omitidos. Contudo, na primeira centena de sintomas de Nitri acidum, encontramos 13 omissões, a saber, 6, 30, 32, 37, 38, 40, 43, 45, 59, 64, 65, 67 e 69. Igualmente em Zincum, do sintoma 1135 ao 1235 descobrimos 10² omissões: 1136, 1138, 1152, 1170, 1187, 1197, 1207, 1220, 1222, 1225 e 1235; quanto aos sintomas 1153, 1195 e 295, contam com metade de seu conteúdo omitido. Entre 1236 e 1335, ocorrem 23 omissões, a saber: 1245, 1269, 1278, 1288, 1290, 1292, 1293, 1294, 1297, 1298, 1299, 1302, 1303, 1305, 1306, 1308, 1313, 1316, 1320, 1324, 1331, 1332, 1335, ao mesmo tempo em que metade do conteúdo dos sintomas 1287, 1296, 1312, 1315 e 1325 foi omitida; neste último caso, a omissão ultrapassou um quarto do conteúdo. As omissões estão distribuídas com relativa imparcialidade: cerca de um terço das omissões acima mencionadas incidem sobre sintomas de Hahnemann; outro terço, sobre os sintomas atribuídos a Nenning e o último terço distribui-se imparcialmente pelos demais experimentadores.

Tais omissões tornaram necessária nova tradução, a qual consequentemente se fez independente daquela do Dr. Hempel, conquanto a tradução anterior fosse consultada especialmente nos trechos em que o original apresentava alguma obscuridade ou ambigüidade. Não há dúvida de que Hempel tenha razão no que comenta acerca da intrincada fraseologia e dos extensos períodos de Hahnemann; porém não consideramos que fosse adequado seguir seu modelo de tradução, o qual, de acordo com seu prefácio, consiste em “apreender o significado de um período e depois concretizá-lo de forma livre na língua estrangeira”. A esse respeito, preferimos seguir o exemplo dado pelo Dr. Dudgeon em sua admirável tradução da *Matéria Médica Pura* (Londres, 1880), na qual foram fielmente vertidas não apenas as idéias como também as expressões de Hahnemann. Somente acompanhando assim de perto o autor é que

² Manteve-se como no original em inglês, apesar de contarem-se onze citações e não dez. (NT. bras.).

poderemos estar certos de reproduzir suas idéias em seu verdadeiro sentido original e, deste modo, com seu vigor natural e no seu próprio estilo. Por conseguinte, preservamos os longos períodos de Hahnemann e sua precisa fraseologia original, apesar de às vezes redundante, embora sendo preciso inverter os períodos e organizar as sentenças segundo a estrutura do inglês.

O comentário acima refere-se principalmente à primeira parte (teórica) da obra e gostaríamos aqui de fazer um especial agradecimento ao Dr. Pemberton Dudley cuja especializada colaboração consistiu em cuidar para que pudesse ter sido evitada a tradução excessivamente presa ao original alemão.

De modo geral, esforçamo-nos por traduzir a palavra em alemão pela mesma palavra em inglês, exceto nos casos em que elas tivessem vários significados. Podemos mencionar aqui algumas particularidades. O adjetivo *druckend*, repetido com freqüência, que o Dr. Hempel traduz em geral por “aching” (dolorido) e que o Dr. Dudgeon traduz como “pressive” (incomodo) ou como “aching” (dolorido), foi por nós traduzido apenas como “pressive” (incomodo), enquanto que o termo “ache” (dor) usamos na tradução do alemão *weh*. Existem umas poucas palavras que pedem uma tradução variada, segundo o contexto. *Brust* é usado tanto para “chest” (peito, tórax) quanto para “the female breast” (mama); deste modo, por exemplo, *die rechte Brust* pode tanto significar “the right breast” (a mama direita), como “the right side of the chest” (o lado direito do peito); *Hals* tanto significa “throat” (garganta) como “neck” (pescoço); *Schenkel* pode significar “the thigh” (coxa), “the leg” (perna) ou “the whole lower limb” (todo o membro inferior) apesar de, para tais partes, serem geralmente utilizados os vocábulos mais específicos *Obserschenkel*, *Unterschenkel* e *Bein*; *Gesicht* tanto quer dizer “face” (face) quanto “sight” (vista, visão). Tomamos o cuidado de traduzir estes termos segundo o contexto em todos os casos, conquanto o leitor atilado se lembrará de que em alguns destes casos há uma certa ambigüidade. Um dos termos alemães que parece não contar com um bom equivalente em inglês é *Eingenommen*, relativo a cabeça. Literalmente significa “occupied” (ocupado) e descreve a sensação produzida na cabeça pelo frio (by a cold), quando as partes ficam como se estivessem estorpecidas (benumbed) e incapazes de agir livremente. O Dr. Hempel na maioria das vezes descreveu este estado da cabeça com o termo “obtusion” (embotamento); já o Dr. Dudgeon usa em geral “confusion” (confusão) ou “muddled feling” (sensação de embriaguez). Nós o traduzimos por “benumbed feeling” (sensação de entorpecimento), na maioria das vezes, apesar de eventualmente termos também empregado “muddled feeling” (sensação de embriaguez) ou “obtusion” (embotamento), devido ao fato de nenhum destes termos ser realmente satisfatório.

Da mesma forma como foi feito na *Matéria Médica Pura* publicada em Londres, também nesta obra imprimimos em versalete os nomes das autoridades da antiga escola citadas, enquanto que os nomes dos demais experimentadores aparecem em itálico, de modo que possa ser visto de imediato se o sintoma foi produzido por um experimento intencional (ou se decorre da observação clínica), ou se foi o resultado de um envenenamento accidental ou de uma dosagem excessiva, executados por um

observador da escola antiga.

Os medicamentos antipsóricos foram anotados pelo Dr. Richard Hughes, de Bath, Inglaterra, o qual, no decurso de suas pesquisas, teve oportunidade de retificar os números relativos às páginas etc. de numerosas citações. Por sua sugestão, estes números foram a princípio simplesmente introduzidos na tradução, em lugar dos números dados por Hahnemann; mas pensando melhor, pareceu mais útil apresentar estes últimos em meio a outras notas feitas pelo Dr. Hughes, o que evidencia o cuidado e a atenção por ele dispensados a tais pormenores.

Embora parecesse não haver necessidade de preparar um índice dos medicamentos antipsóricos, uma vez que já existe em vários repertórios, em especial no de Böenninghausen, considerou-se útil organizar um índice da primeira parte (teórica), o que por conseguinte foi preparado pelo tradutor.

L.H. TAFEL

NOTA PRELIMINAR À SEÇÃO DE MATÉRIA MÉDICA

Quiseram os editores desta nova tradução das *Doenças Crônicas* de Hahnemann, que eu exercesse uma certa supervisão editorial naquilo que pode ser chamado de seção de “Matéria Médica” da obra. Isto farei principalmente por meio de notas acrescentadas a cada patogenesia; mas aqui desejo mencionar o que é conhecido, de modo geral, a respeito das listas de sintomas em questão³ e o que proponho fazer com elas, à medida que aparecerem nas páginas que se seguem.

I – Em 1821 Hahnemann viu-se forçado a deixar Leipzig e, estando com dificuldade de achar um lugar onde pudesse praticar livremente, foi-lhe oferecido um *asylum*⁴ na pequena cidade interiorana de Coethen. Para aí se dirigiu e permaneceu até mudar-se para Paris em 1835. Ele ali deixou de atender os casos de doenças agudas, exceto na família de seu protetor, o Duque reinante. Mas sua fama fez chegarem a ele, para consultas, doentes crônicos de todas as partes e os variados, inconstantes e obstinados estados mórbidos em que se debatem tantos homens e mulheres prendem sua atenção imediata. O resultado foi a teoria das doenças crônicas, a qual (na sua redação final) será encontrada nestas páginas e delineia (to trace) para muitas de suas formas, uma origem “psórica”. Para fazer frente a esses múltiplos distúrbios ali vistos, pareceu-lhe que se precisava de um novo grupo de remédios. Em consequência, dos três volumes da primeira edição da obra publicada em 1828, os dois últimos continham a patogenesia

³ As informações que temos sobre este assunto são dadas por completo na página 31 das últimas edições de minha *Pharmacodynamics* (Farmacodinâmica). O que ora relato baseia-se no que lá está escrito.

⁴ Refúgio. (NT. bras.).

de quinze medicamentos que nos parecem inexistentes até então na *Matéria Médica Pura* e nem constantes, em alguns casos, de nenhuma outra Matéria Médica.

Esses medicamentos eram:

Ammonium carbonicum ⁵	Natrum carbonicum,
Baryta carbonica,	Nitri acidum,
Calcarea carbonica,	Petroleum,
Graphites,	Phosphorus,
Iodium,	Sepia,
Lycopodium,	Silicea,
Magnesia carbonica,	Zincum.
Magnesia muriatica,	

As patogenesias dos medicamentos acima (admito que o sejam por analogia com as correspondentes listas de sintomas da “Matéria Médica Pura”; mas não são reconhecidos como tais) aparecem sem uma só palavra de explicação quanto ao modo pelo qual os sintomas foram obtidos e sem a citação (como no trabalho anterior) de colegas experimentadores. A ausência de qualquer cooperação por parte de outros pode ainda ser deduzida do que se conta do primeiro anúncio da obra. Após seis anos de solidão em Coethen, Hahnemann “convocou para lá seus dois mais velhos e mais estimados discípulos, Drs. Stapf e Gross, e lhes comunicou sua teoria da origem das doenças crônicas e sua descoberta de uma série completamente nova de medicamentos para a cura das mesmas”. Assim escreve o Dr. Dudgeon⁶. Isso foi em 1827. O fato de primeiro revelar esses novos medicamentos e no ano seguinte publicar copiosas listas de seus efeitos patogenéticos confirma a dedução a ser tirada de sua posição e de seu silêncio quanto aos colegas-experimentadores. Estava ele entre os setenta e oitenta* anos de idade, e é muito pouco provável que nessa condição fizesse algo como experimentar em sua própria pessoa. Somos compelidos a concluir que ele obteve esses sintomas principalmente – se não inteiramente – dos pacientes de doenças crônicas que afluíam ao seu retiro para se valer de seu tratamento.

As observações preliminares aos diversos medicamentos corroboram ainda mais este ponto de vista e lançam alguma luz sobre as doses com as quais foram obtidos os sintomas. Ele recomenda que todos os remédios sejam dados nas diluições da 18^a. à 30^a. (menos Magnésia muriatica e Natrum carbonicum, dos quais ele aconselha, respectivamente, a 6^a. e 12^a.) e repetidamente faz comentários como o seguinte: “Durante muito tempo no passado dei a 6^a., 9^a. e a 12^a. potências mas achei muito violentos os seus efeitos”. Ocasionalmente também, deve ter usado a 2^a. e a 3^a. triturações,

⁵ A nomenclatura neste prefácio é mantida conforme o original americano. (NT. bras.).

⁶ “Lectures on Homoeopathy” p. XXX.

* 73 anos (NT. bras.)

pois fala de ter começado por dar “uma pequena parte de um grão” delas, mas como isso era uma quantidade indefinida, ele a seguir as dissolveu e atenuou. Além disso, ele cita casos em que tratou a sarna (itch) (coceira) com Carbo vegetabilis e Sepia dessa última força (strength).

Podemos então concluir que são esses “efeitos violentos” das atenuações da 2^a. para a 12^a., experimentados pelos pacientes de doença crônica que as tomaram, que constituem grande parte – quando não total – dos sintomas da primeira publicação das “Doenças Crônicas”.

Em 1830 apareceu um terceiro volume (perfazendo o quarto da primeira edição) de listas de sintomas, apensos a mais dois medicamentos novos – Kali carbonicum e Natrum muriaticum – e a cinco outros Carbo animalis e vegetabilis, Causticum, Conium e Sulphur – que já constavam da “Matéria Médica Pura”. A respeito dos novos, disseram-nos que duas pessoas cooperaram para obter a patogenesia de Kali carbonicum e três a de Natrum muriaticum – no caso do último os sintomas foram obtidos de pessoas sãs que tomaram glóbulos saturados da 30^a. diluição⁷. Novos associados também são reconhecidos com referência a Conium. Uma nova característica se imprime assim aos sintomas arrolados sob os nomes dos vários medicamentos e continua com respeito aos contidos na segunda edição de “Doenças Crônicas”, publicada em 1835/9, a qual aqui se traduz. Além dos vinte e dois medicamentos da primeira edição, ela contém outros vinte e cinco, dos quais treze são novos e doze já haviam aparecido na “Matéria Médica Pura”.

Os novos são:

Agaricus,	Cuprum,
Alumina,	Euphorbium,
Ammonium muriaticum,	Mezereum,
Anacardium,	Nitrum,
Antimonium crudum,	Platina,
Borax,	Sulphuric acidum.
Clematis,	

Os velhos são:

Arsenicum,	Hepar sulphuris,
Aurum,	Manganum,
Colocynthis,	Muriaticum acidum,
Digitalis,	Phosphoricum acidum,
Dulcamara,	Sarsaparilla,
Guaiacum,	Stannum.

As patogenesias que já haviam sido publicadas (geralmente) têm grandes adi-

⁷ Um exemplar dessas experimentações pode ser visto na “Montly Hom. Review” de 1889, pág. 517.

ções; para todas, Hahnemann agradece contribuições de colegas experimentadores e para muitas ele cita sintomas da literatura existente na época. O número total dessas últimas é 1742.

Existem é evidente, novas características nas patogenesias desta segunda edição; e há mais do que aparece superficialmente. Os acréscimos do próprio Hahnemann, na verdade, devem ser da mesma natureza que suas contribuições à primeira, isto é, devem ser efeitos colaterais das drogas, observados nos pacientes para os quais foram ministradas. Além do mais, devem ser admitidas como sendo o resultado da 30^a. diluição, pois desde 1829 ele havia insistido na administração de todos os remédios nesta potência. A mesma coisa deve ser dita das contribuições dos amigos de Hahnemann para esta edição. Elas podem muito bem ser entendidas como experimentações neles mesmos, ou em outras pessoas sadias, exceto quando, como nos sintomas de Mezereum apresentados por Wahle, e nos de Arsenicum por Hering, a evidência interna aponta incisivamente na direção contrária. Mas eles devem, em todos os casos, terem sido provocados pela 30^a. diluição, pois na edição do *Organon* publicada em 1833, Hahnemann recomenda que todas as experimentações sejam feitas com ela, por produzir os melhores resultados. Vimos que os sintomas de Natrum muriaticum fornecidos por outros, para o quarto volume da primeira edição, foram obtidos desse modo; e podemos muito bem estender a dedução a todas as experimentações subseqüentes. O mesmo não ocorre contudo, com as experimentações primeiramente publicadas na *Matéria Médica Pura*, na presente edição incorporados em grande escala as de origem posterior. Pela escassa informação que possuímos, essas parecem terem sido feitas com tinturas-mães e primeiras triturações havendo sido tomadas pequenas doses repetidas até que algum efeito fosse produzido. Hahnemann pôde, além disso, nesse tempo, valer-se de fontes independentes de patogenesias de drogas. Hartlaub e Trinks tinham publicado a sua própria Matéria Médica. Stapf tinha começado a publicar seu periódico conhecido como o *Archiv*, e muitas experimentações adornavam suas páginas. Por último, fora da escola Homeopática, o Professor Joerg, de Leipzig, seguia na esteira de Hahnemann e experimentava medicamentos em si próprio e em seus alunos. De todos estes materiais valeu-se Hahnemann na presente obra, que assim apresenta um todo complexo, formado de muitos elementos heterogêneos e precisando de análise para que possa ser corretamente avaliada e usada.

II – Fazer tal análise constituirá minha tarefa editorial. Ela será distribuída nas seguintes categorias:

1. No prefácio de cada medicamento Hahnemann dá uma lista de nomes de “colegas experimentadores”. A isso eu acrescentarei uma nota dizendo se esses experimentadores eram dos tempos mais remotos ou mais próximos, caso em que a maneira pela qual fizeram as experimentações deve ser apreendida do que escrevi acima; ou se suas observações já haviam sido publicadas, bem como as informações que temos a respeito delas.

2. Nas patogenesias propriamente ditas, quando um autor for citado pela primei-

ra vez, mencionarei a natureza de sua contribuição para o assunto (supondo-se que eu tenha tido acesso à seus trabalhos). Então – tendo examinado a cada um *in situ* – acrescentarei a cada um que o requeira, aquela explicação ou correção que seja necessária para o expor no seu pleno significado e todo o seu valor.

3. As informações precedentes e quaisquer outras que eu possa fornecer quanto aos sintomas individuais⁸, serão encontradas em notas de rodapé, designadas pelos pequenos algarismos 1, 2 etc., e separadas por uma linha das anotações do próprio Hahnemann, as quais têm o usual etc. Porém, enquanto deixei intactos no texto os fenômenos patogenéticos propriamente ditos usei de maior liberdade com as referências à literatura médica. Estas às vezes requerem correção e mais freqüentemente explicação especialmente quando transportadas da *Matéria Médica Pura* ou da obra de Hartlaub e Trinks, caso em que Hahnemann fez omissão em grande escala, deixando aos curiosos do assunto a consulta às publicações anteriores. Julguei que o presente volume ficasse mais completo e mais digno de seu autor, se as referências fossem dadas por inteiro, bem como corretamente; e nesse sentido eu as forneci.

Richard Hughes, M. D.
Bringhton, Inglaterra

⁸ Ver por exemplo, notas ao S. 114 de Colocynthis e ao S. 82 e 85 de Lycopodium.

PREFÁCIO DO EDITOR EM INGLÊS

Seja qual for o valor que a Ciência possa finalmente depositar nas descobertas e doutrinas de Hahnemann e qual a medida de confiança na sua crença terapêutica que a posteridade possa conferir ou retirar, sua personalidade e sua obra atingiram uma situação que deve torná-las perpetuamente históricas. Seus ensinamentos têm sido tão entrelaçados com toda a estrutura do progresso médico durante os últimos cem anos, e tão entrelaçados com o desenvolvimento formativo do século vindouro, que nem o desgaste do tempo nem as dissecações da crítica poderão jamais dissociá-los. Eles estão inevitavelmente destinados a percorrer o contexto de todas as páginas nos futuros anais da medicina.

No desenvolvimento da arte terapêutica, a posição de Hahnemann é mais do que meramente transitória. Ele proclama tanto uma época como uma era; ele representa tanto a descoberta como o progresso. Hoje, como há cem anos, ele segura em uma das mãos o passado, na outra o futuro da realização médica. O historiador futuro, cruzando o abismo entre a medicina da hipótese especulativa e aquela baseada na observação dos fenômenos clínicos e farmaco-dinâmicos, infalivelmente reconhecerá a intervenção de Hahnemann em realizar aquela notável transformação do pensamento e prática médicos. E nenhuma exposição dos preceitos de Hahnemann, nenhuma tradução de suas obras literárias que deixe de notar e considerar suas relações históricas e a individualidade histórica de seu autor, será apropriada ou justa.

Na tarefa de expor na língua inglesa os trabalhos de Hahnemann, torna-se assim necessário não simplesmente anotar com cuidado as doutrinas divulgadas e os fatos apresentados, mas também exibir, tanto quanto suas palavras registradas o exprimem, e os recursos de nossa própria língua no-lo capacitam, a profundidade da impressão que suas observações e descobertas devem ter produzido em sua própria mente, bem como a intensidade da convicção, o ardor do sentimento e a energia da demonstração, que caracterizam todos os seus controvertidos escritos. Muito tempo depois de seus contornos desaparecerem da tela, sua personalidade intelectual sobreviverá nas suas criações literárias e constituirão uma característica importante das crônicas médicas de seu tempo. Modificar ou disfarçar seus modos de pensamento e expressão, ou suprimir as peculiaridades de seu estilo literário seria uma imperdoável distorção da mais preeminente figura de toda a história médica.

Na parte de sua obra em que Hahnemann considera a Natureza e o Tratamento das Doenças Crônicas em geral, e da Psora em particular, o leitor descobrirá diversas peculiaridades de estilo, algumas das quais não são absolutamente comuns à nossa polêmica literatura inglesa. Entre essas podemos mencionar: 1) suas sentenças longas e freqüentemente emaranhadas; 2) o seu emprego excessivamente freqüente de cláusulas e sentenças parentéticas e seu uso não infreqüente de parênteses dentro de parênteses; 3) sua multiplicidade de interações e reiterações – que ocorrem duas ou três vezes num único parágrafo; duas vezes até na mesma sentença – 4) seu hábito

freqüente de lançar palavras e frases que exprimem de novo algum aspecto secundário do assunto em discussão, mas que não fazem parte da discussão em si; 5) sua introdução de palavras e frases qualificadoras em certas relações peculiares e inusitadas, capazes de escapar da observação do leitor desavisado ou descuidado, mas que o autor evidentemente queria que fossem tomadas em todo o seu significado e importância e constituíssem elemento essencial da discussão. Deve-se dizer de passagem, que a não observação desta última característica do método Hahnemanniano tem ocasionado muita incomprensão de suas doutrinas.

Não se fez nenhuma tentativa de tornar esta obra, ou qualquer parte dela, um modelo de clareza e concisão. Ao contrário, o pecado foi conservar, em vez de eliminar, o estilo característico do texto original, a fim de que todo ponto da discussão e toda nuance de sentido, se possível, fosse traduzida exatamente como o autor a expressou. O estudante cuidadoso, por certo inteligente admirador de Hahnemann, não ficaria contente com uma mera transcrição de seus pontos de vista e observações, mas deveria insistir na oportunidade de se tornar familiarizado com sua personalidade intelectual, quando ele lança a vista sobre o mundo de hoje, através de suas produções literárias.

Pemberton Dudley, M. D.
Filadélfia, 1896

PREFÁCIO DO AUTOR

À primeira edição – 1828

Se eu não soubesse para que fim fui posto aqui na Terra – “para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar” – teria de me considerar muitíssimo imprudente, se tornasse* conhecida para o bem comum, ainda antes de minha morte, uma arte que só eu possua e da qual está dentro de mim fazer a mais proveitosa possível se guardando-a em segredo.

Mas ao comunicar ao mundo esta grande descoberta, sinto muito duvidar de que meus contemporâneos compreendam a seqüência lógica destes meus ensinamentos e os sigam cuidadosamente e assim obtenham para a humanidade sofredora os benefícios infinitos que, inevitavelmente, devem provir de uma fiel e acurada observação dos mesmos; ou se, assustados pelo inédito da natureza de muitas destas revelações, eles de preferência deixem-nas sem as provar e sem se iniciarem nelas e, portanto, sem utilidade.

Pelo menos, não posso esperar que estas importantes comunicações passem melhor do que a Homeopatia geral que até agora tenho publicado. Por descrença na eficácia das pequenas e atenuadas doses de remédio, que tornei pública ao mundo médico após mil experiências, como sendo as mais eficientes (desconfiando de minhas fiéis afirmações e razões), os homens preferem por em perigo seus pacientes por outros anos mais, com doses cada vez maiores. Devido a isso, eles geralmente não chegam a observar os efeitos curativos tal como se passou comigo antes de adotar esta diminuição de dose. A causa disto foi que não se prestou atenção a que essas doses, pela sua atenuação, eram tanto mais apropriadas para seu uso homeopático, devido ao desenvolvimento de seu poder dinâmico de ação.

Que teriam arriscado os homens se tivessem seguido imediatamente as minhas instruções no início e se tivessem utilizado exatamente destas pequenas doses desde o começo? Poderia ter acontecido algo pior do que o fato dessas doses se mostrarem ineficientes? Elas sem dúvida não poderiam fazer mal! Porém na sua desajuizada e arbitrária aplicação de grandes doses para uso homeopático, eles apenas, de fato “APENAS”, mais uma vez, transpuseram aquele caminho indireto tão perigoso para seus pacientes, a fim de chegarem à verdade que eu próprio já havia transmitido com sucesso, e na verdade com temor, de modo a lhes poupar esse trabalho; e se eles na verdade desejassem curar, estavam, não obstante, compelidos por fim a chegarem à única meta verdadeira, depois de infligirem muitos danos e desperdiçarem boa parte de sua bela vida. Tudo isto eu já havia exposto a eles fiel e francamente, e muito antes já lhes havia dado as razões.

* Traduzido conforme o original alemão (NT. bras.).

Possam eles fazer melhor com a grande descoberta que aqui lhes é apresentada! E se não tratarem melhor desta descoberta – bem, então uma posteridade mais consciente e inteligente é que terá a vantagem a ser obtida por uma observância fiel e pontual dos ensinamentos aqui expostos, de poder livrar a humanidade dos inúmeros tormentos que têm pairado sobre os pobres doentes, devido às numerosas e tediosas doenças, mesmo tão remotamente quanto a história se estende. Este grande benefício não lhes tinha sido posto ao alcance pelo que a Homeopatia até então havia ensinado.

PREFÁCIO

RELATIVO À PARTE TÉCNICA DA HOMEOPATIA⁹

Desde a última vez¹⁰ em que me dirigi ao público sobre nossa arte de curar, entre outras coisas, tive também a oportunidade de ganhar experiência quanto ao melhor meio possível de administrar as doses dos medicamentos aos pacientes e, neste momento, comunico o que de melhor descobri a esse respeito.

Um pequeno glóbulo de uma das mais altas dinamizações de um medicamento depositado seco sobre a língua, ou o aspirar moderado de um frasco aberto contendo um ou mais destes glóbulos, mostram-se a menor e mais fraca das doses, com o mais breve período de duração quanto a seus efeitos. Contudo, há numerosos pacientes de natureza tão excitável que são afetados o bastante por uma dose destas, em transtornos agudos leves, para serem curados se o remédio for escolhido homeopaticamente. Não obstante, a incrível variedade dos pacientes quanto à sua irritabilidade, idade, desenvolvimento espiritual e corporal, poder vital e especialmente quanto à natureza de sua doença, necessita uma grande diversidade em seus tratamentos, bem como na administração que lhes é feita das doses de medicamentos, pois, suas doenças podem ser de vários tipos: ou uma simples e natural mas surgida há pouco ou mais antiga, ou uma complicada (combinação de vários miasmas) ou, ainda o que é pior e mais freqüente, que pode ter sido arruinada por um tratamento médico errôneo (perverso) e sobrecarregada por doenças medicamentosas.

Aqui posso apenas limitar-me a este último caso*, na medida em que os outros não podem ser organizados em forma de tabulações para os fracos e negligentes,

⁹ Este prefácio foi acrescentado ao vol. III das “Doenças Crônicas”, publicado no ano de 1837 (NT. inglês).

¹⁰ No início de 1834, escrevi as duas primeiras partes deste trabalho e, apesar de juntas contarem apenas 36 folhas, meu antigo editor, sr. Arnold, de Dresden, levou dois anos para publicar essas 36 folhas. Por quem foi ele assim detido? Os que me conhecem podem adivinhar isto.

* Este último caso, se refere a respeito das doses dos medicamentos (NT. bras.)

devendo ser entregues à exatidão, à diligência e à inteligência de homens capazes, mestres de sua arte.

A experiência tem-me demonstrado, como sem dúvida deve ter também demonstrado à maioria de meus seguidores, que o mais útil nas doenças de qualquer magnitude (sem excetuar mesmo as mais agudas e, ainda mais, no caso das meio-agudas, na prolongada e na mais prolongada) é dar ao paciente o glóbulo ou glóbulos homeopáticos poderosos apenas em solução e, esta solução, em doses divididas. Deste modo, administramos o medicamento, dissolvido em sete a vinte colheres de sopa de água, sem quaisquer adições, nas doenças agudas e muito agudas, a cada seis, quatro ou duas horas; nos casos em que o perigo é eminent, até mesmo de hora em hora ou de meia em meia hora, uma colher de sopa por vez; para pessoas fracas ou crianças, apenas uma parte pequena de uma colher de sopa (uma ou duas colheres de chá ou de café) é que pode ser dada como dose.

Nas doenças crônicas, descobri que o melhor é dar uma dose (por exemplo, uma colher cheia) de uma solução do medicamento adequado pelo menos a cada dois dias, e mais geralmente todo dia.

Uma vez porém que a água (mesmo a água destilada) começa a se estragar após alguns dias, sendo deste modo destruído o poder da pequena quantidade de medicamento ali contida, é necessária a adição de um pouco de álcool ou, onde isso não for exequível ou se o paciente não consegue suportá-lo, eu acrescento alguns pedaços pequenos de carvão vegetal duro à solução aquosa. Isto atinge o propósito, exceto que, neste último caso, em poucos dias o fluido adquire uma tonalidade enegrecida. Isto é causado pelo agitar do líquido, tal como se faz necessário antes de cada vez em que se der uma dose do medicamento, como poderá ser visto a seguir.

Antes de prosseguirmos, é importante observar que nosso princípio vital não consegue suportar que lhe seja dada, duas vezes em seguida, para um paciente, a mesma dose inalterada do medicamento e, pior ainda, se mais freqüentemente. Pois que assim procedendo, o bom efeito da dose anterior do medicamento ou é neutralizada em parte ou aparecem novos sintomas próprios ao medicamento, impedindo a cura, os quais antes não se haviam manifestado na doença. Desta forma, mesmo um medicamento homeopático bem selecionado produz maus efeitos e satisfaz imperfeitamente ou não satisfaz em absoluto o seu propósito. Daí decorrem as muitas contradições dos médicos homeopatas com respeito à repetição de doses.

Mas, tomando-se repetidamente o mesmo e único medicamento (o que é *indispensável* para se assegurar a cura de uma doença crônica e séria), se a cada vez a dose variar e for modificada apenas um pouco em seu grau de dinamização, então a força vital do paciente irá receber calmamente e, aparentemente, de bom grado, o mesmo medicamento, inclusive a intervalos breves, muitas e muitas vezes seguidas, com os melhores resultados, aumentando de cada vez o bem-estar do paciente.

Esta ligeira alteração no grau de dinamização é efetuada inclusive se o frasco que contém a solução de um ou mais glóbulos for simplesmente bem agitado¹¹ cinco ou seis vezes, toda vez antes de ser ingerida.

Depois que o médico tenha deste modo usado até terminar a solução do medicamento que assim preparou e se este continuar sendo útil, ele pegará um ou mais glóbulos do mesmo medicamento numa potência menor (por exemplo, se antes ele usou a 30^a. diluição, irá agora usar um ou dois glóbulos da 24^a.) e fará uma solução com aproximadamente o mesmo número de colheres¹² de água, agitando o frasco, e acrescentando um pouco de álcool ou alguns pedaços de carvão vegetal. Esta última solução poderá ser tomada, a seguir, da mesma maneira ou a intervalos maiores, talvez também um tanto menos de solução por vez; mas toda vez, a solução deve ser agitada cinco ou seis vezes. Isto continuará enquanto o remédio ainda produzir melhorias e até que apareçam transtornos novos (tais que ainda não hajam ocorrido com outros pacientes nesta doença); pois, neste caso, deverá ser empregado um novo remédio. Caso o remédio produza uma ação excessivamente forte, a dose deverá ser omitida por um dia. Se só aparecem os sintomas da doença, porém consideravelmente agravados mesmo durante o mais moderado uso do medicamento, então chegou o momento de descontinuar o uso do mesmo por uma ou duas semanas e de aguardar uma melhora considerável.¹³

Após ter o medicamento terminado, mas sendo ainda necessário continuá-lo, caso o médico deseje preparar uma nova porção desse medicamento do mesmo grau de potência, será necessário agitar a nova solução tantas vezes quantas foi agitada a última quantidade usada e, a seguir, mais umas poucas, antes de o paciente receber a primeira dose; mas, depois disto, com as doses subsequentes, a solução deverá ser agitada apenas cinco ou seis vezes.

¹¹ No inglês, “merely well shaken”; no original alemão, “Kräftigen Armschlägen”, que significa batidas vigorosas com o braço. (NT bras.)

¹² No original Hahnemann esclarece que se trata de colher de sopa (Esslöffeln). (NT. bras.)

¹³ Ao tratar de casos agudos de doenças, o médico homeopata irá proceder de maneira semelhante. Dissolverá um (dois) glóbulo do mais bem escolhido medicamento de mais alta potência, em sete, dez ou quinze colheres de sopa de água (sem adição), agitando o frasco. Segundo seja a doença mais ou menos aguda, mais ou menos perigosa, ele irá então administrar ao paciente a cada meia hora, ou de hora em hora, a cada duas, três, quatro ou seis horas (após novamente agitar bem o frasco), meia colher ou uma colher de sopa cheia da solução ou, no caso de uma criança, menos ainda. Se o médico não verificar o desenvolvimento de novos sintomas, continuará com tais intervalos até que os sintomas inicialmente presentes comecem a se agravar; então ele administrará em intervalos maiores e em menor quantidade a cada vez.

Como é bem sabido, o medicamento adequado no cólera tem freqüentemente que ser dado em intervalos bem mais curtos. As crianças sempre recebem estas soluções em suas canecas usuais; uma colherada a ser bebida é-lhes incomum e suspeita e, por tais motivos, recusarão de imediato o líquido insoso. Pode-se-lhe adicionar um pouco de açúcar, em atenção a elas.

Desta maneira, o médico homeopata irá derivar todos os benefícios provenientes de um medicamento bem selecionado, os quais podem ser obtidos em qualquer caso especial de doença crônica através de doses administradas pela boca.

Mas se o organismo doente for influenciado pelo médico, através do mesmo remédio apropriado, simultaneamente em outros pontos sensíveis além dos nervos da boca e do canal alimentar, isto é, se este mesmo remédio que se percebeu útil for, ao mesmo tempo, friccionado (mesmo que em pequenas quantidades), em uma ou mais partes do corpo as quais estiveram mais isentas dos transtornos mórbidos (por exemplo, num braço, ou numa coxa, na perna, que não apresentarem nem erupções cutâneas, nem dores, nem cãibras), então os efeitos curativos são *muito* intensificados. Os membros que forem friccionados deste modo com a solução podem também ser variados, primeiro um, depois outro. Nessa medida, o médico terá uma ação maior por parte do medicamento homeopaticamente adequado ao paciente crônico, o qual pode curá-lo mais rapidamente do que se apenas fosse administrado internamente.

Esta modalidade de procedimento tem sido freqüentemente experimentada por mim mesmo e mostrou-se extraordinariamente curativa e seguida pelos mais surpreendentes bons efeitos, isto é, o medicamento ingerido internamente e sendo ao mesmo tempo friccionado externamente na pele. Este procedimento explica também as curas maravilhosas, de ocorrência rara é verdade, nas quais pacientes aleijados crônicos, com *pele saudável*, recuperam-se rápida e permanentemente após uns poucos banhos em água mineral, cujos elementos constitutivos medicinais eram em grande medida homeopáticos à sua doença crônica.¹⁴

Por conseguinte, o membro no qual deverá ser friccionada a solução deve estar *livre de transtornos cutâneos*. A fim de introduzir também aqui mudanças e variações, quando diversos membros estiverem isentos de transtornos cutâneos, devem ser usados um membro depois do outro, alternadamente, em dias diferentes (é me-

¹⁴ Por outro lado, tais banhos também infligiram um dano proporcionalmente maior aos pacientes que sofriam de úlceras e de erupções cutâneas, pois ao serem eliminadas da pele, como pode suceder através de outros meios externos, após um breve período de saúde, a força vital do paciente transferia a doença interna não-curada para uma outra parte do corpo, parte esta muito mais importante para a vida e para a saúde. Deste modo, por exemplo, podem ser produzidos o obscurecimento do cristalino, a paralisia do nervo ótico, a destruição do sentido da audição; também dores de inúmeros tipos torturam consequentemente o paciente, seus órgãos mentais sofrem, sua mente torna-se obscurecida, a asma* espasmódica ameaça sufocá-lo, ou um ataque apoplético leva-o de vez, ou alguma outra doença insuportável ou perigosa ocupa o lugar do primeiro transtorno. Portanto, o remédio homeopático administrado internamente nunca deve ser friccionado sobre partes que sofram de transtornos externos.

* Em inglês, “asthma”; no original alemão, “Engbürtigkeit” que significa estreitamento do peito. (NT. bras.)

lhor nos dias em que o medicamento não for ingerido internamente). Uma pequena quantidade da solução deve ser friccionada com a mão até o membro estar seco. Também para este propósito, o frasco deverá ser agitado cinco ou seis vezes.

Con quanto conveniente possa ser a modalidade de administração do medicamento acima descrita, e tanto quanto certamente adiante a cura de doenças crônicas, não obstante, ainda eram objetáveis a meu ver, com muitos pacientes, a maior quantidade de álcool ou de uísque,¹⁵ ou os vários pedaços de carvão vegetal que tinham de ser adicionados em épocas mais quentes para preservar a solução aquosa.

Ainda recentemente descobri a seguinte modalidade de administração, preferível aos pacientes necessitados de cuidados. De uma maneira de aproximadamente cinco colheres de sopa de água pura com cinco colheres de sopa de conhaque francês¹⁶ – o qual fica à mão numa garrafa – são pingadas, num frasco, 200, 300 ou 400 gotas (segundo a solução deva ser mais fraca ou mais forte), o qual poderá ser enchido até a metade e aí se põe o pó (powder) medicinal ou o glóbulo (ou glóbulos) do medicamento. Este frasco é arrolhado e agitado até que o medicamento se dissolva. Desta solução são pingadas, numa xícara, contendo uma colher de água,¹⁷ uma, duas, três ou várias gotas, segundo a irritabilidade e a força vital do paciente; esta é então bem mexida e administrada ao paciente e, nos casos em que for necessário um cuidado mais especial, pode-se dar apenas a metade; meia colher desta mistura ainda pode bem ser usada para a fricção externa acima mencionada.

Nos dias em que se administrar apenas da última forma, bem como quando for usado internamente, o pequeno frasco contendo as gotas deverá toda vez ser energeticamente agitado cinco ou seis vezes; também a gota ou gotas do medicamento dissolvidas na colher de sopa de água deverão ser bem mexidas na xícara.

Seria ainda melhor se, ao invés de uma xícara, fosse usado um frasco, no qual se derramasse uma colher de sopa de água e que,¹⁸ a seguir, pudesse ser agitado cinco ou seis vezes e, depois, esvaziado por completo ou até à metade, para uma dose.

É freqüentemente útil no tratamento de doenças crônicas tomar o remédio, ou friccioná-lo, à noite, pouco antes de ir dormir, porque há então possibilidade de menos interferências externas do que quando administrado mais cedo.

¹⁵ No original alemão, “Branntsweitt”, que quer dizer aguardente. Antigamente era feito de vinho e depois passou a ser feito de careais. (N.T. bras.)

¹⁶ No original alemão, “Franzbranntwein”. Antigamente era um álcool de qualidade inferior, hoje em dia aromatizado, usado para fricções. Não é o mesmo que conhaque francês - “French brandy” - como vem na edição em inglês. (N.T. bras.)

¹⁷ No original, consta colher de sopa, “Essloffeln”. (N.T. bras.)

¹⁸ Na edição original, existe neste ponto a seguinte frase: “und die Zahl der Arzneitropfen dazu getropflet worden ist”; sentença esta que foi suprimida na edição em inglês que significa: “fosse acrescido do número de gotas do medicamento e que” (a seguir...). (N.T. bras.)

Quando eu ainda estava administrando os medicamentos em porções inteiras (undivided), cada uma delas com um pouco de água por vez, muitas vezes notava que a potencialização, nos frascos de atenuação, efetuada por dez movimentos de agitação, era demasiada forte (isto é, a ação medicamentosa estava excessivamente desenvolvida) e, portanto, eu aconselhava apenas duas sucussões. Porém, ao longo dos últimos anos, desde que venho administrando todas as doses dos medicamentos em soluções não perecíveis, divididas pelo prazo de quinze, vinte ou trinta dias e até mais, não encontrei mais potencializações demasiado fortes nos frascos de atenuação e uma vez mais uso dez sucussões em cada um. Neste momento, por conseguinte, retiro o que escrevi a este respeito há três anos, no primeiro volume deste livro, à pág. 149.¹⁹

Nos casos em que uma grande irritabilidade do paciente está combinada a uma extrema debilidade e em que os medicamentos só podem ser administrados permitindo-se que o mesmo cheire uns poucos glóbulos contidos num frasco, quando o medicamento deve ser usado por vários dias, permito que o paciente cheire cada dia de um frasco diferente, contendo realmente o mesmo medicamento, mas cada vez de menor potência, uma ou duas vezes para cada narina, segundo deseje eu afetá-lo para mais ou para menos.

PREFÁCIO AO QUARTO VOLUME (1838)²⁰ CONJECTURAS SOBRE O PROCESSO HOMEOPÁTICO DE CURA

Não temos meios de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito, e só algumas poucas vezes nos é concedido conclusões especulativas a partir do que está ocorrendo, relativas à maneira pela qual o processo pode ter ocorrido ou acontecido; mas não temos condições de fornecer provas conclusivas de nossas explicações a partir das mudanças que são observadas no reino inorgânico, pois as mudanças em seres orgânicos vivos nada têm em comum com aquelas que se passam no que é inorgânico, uma vez que se dão por processo inteiramente diferentes.

É portanto bastante natural que, na apresentação da Terapêutica Homeopática, eu não me aventurasse a explicar como é efetuada a cura das doenças, pela ação, no paciente, de substâncias dotadas do poder de excitar em pessoas saudáveis sintomas mórbidos muito semelhantes. Apresentei, na verdade, uma conjectura a esse respeito, mas não quis denominá-la explicação, quer dizer, explicação definitiva de

¹⁹ Página da edição em inglês. (NT. bras.)

²⁰ O trabalho “As Doenças Crônicas” foi originalmente publicado em cinco partes e cada uma delas, exceto a segunda, tinha seu próprio prefácio, o qual discutia algumas sugestões de interesse geral à Homeopatia. (NT. inglês).

seu *modus operandi*. Tampouco foi isso em absoluto necessário, pois nossa única incumbência é curar sintomas semelhantes corretamente e com êxito, de acordo com uma lei da natureza que está sendo constantemente confirmada, e não nos vangloriamos com explicações abstratas, enquanto deixamos os pacientes sem cura, pois isto é tudo que os assim chamados médicos têm até agora conseguido realizar.

Estes médicos têm feito muitas objeções às explicações por mim apresentadas e teriam preferido rejeitar a totalidade do método homeopático de curar (o único possível), simplesmente por não estarem satisfeitos com meus esforços para explicar o processo que ocorre no interior do homem, durante uma cura homeopática.

Escrevo estas linhas, não para satisfazer a tais críticos mas para que eu possa apresentar a mim mesmo e a meus seguidores, os genuínos praticantes da Homeopatia, uma outra e mais provável tentativa de explicação dessa ação. Apresento-a, pois, porque a mente humana sente em seu íntimo o impulso irresistível, inofensivo e louvável de buscar esclarecer-se a si própria, numa espécie de explicação relativa ao modo pelo qual o homem realiza o bem por suas ações.

Segundo já demonstrei em outra parte, é inegável que nossa força vital sem a assistência de remédios ativos, produtos da arte humana, não consegue sobrepujar sequer as mais tênues doenças agudas (se não sucumbe a elas) e recuperar uma certa espécie de saúde, sem o sacrifício de uma porção (em geral extensa) das partes fluidas e sólidas do organismo, através de uma assim chamada crise. O modo como nossa força vital efetua isto permanecer-nos-á para sempre desconhecido; mas com muita certeza, esta força não pode vencer nem mesmo estas doenças de maneira direta, e tampouco sem tais sacrifícios. As Doenças Crônicas que decorrem de miasmas não podem ser curadas sem auxílio, mesmo através desses sacrifícios, nem pode uma verdadeira saúde ser recuperada apenas por aquela força. Mas é igualmente certo que, mesmo se esta força for favorecida pela verdadeira arte de curar (homeopática), orientada pela compreensão humana, para sobrepujar e vencer (curar) não somente as doenças rápidas e transitórias como ainda as crônicas, decorrentes diretamente de miasmas e sem tais sacrifícios, sem perda do corpo e da vida, não obstante, é sempre este poder, a força vital, que vence. Passa-se aqui, como se fosse o exército de um país, que expulsa o inimigo do território; este exército deve ser chamado vitorioso, mesmo que talvez não tivesse conseguido a vitória sem auxílio externo. É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças.

Sozinha (unassisted), a força vital não está à altura destas forças hostis; dificilmente opõem uma força igual à da ação hostil, sendo esta, ainda, acompanhada de muitos sinais de sofrimentos (aos quais denominamos sintomas mórbidos). Por si só,

nossa força vital jamais seria capaz de vencer uma doença crônica, nem sequer de subjugar doenças passageiras, sem que fossem causadas perdas consideráveis a algumas partes do organismo, caso este permanecesse sem ajuda externa, sem auxílio de remédios genuínos. Prestar um tal apoio é o dever imposto à compreensão do médico pelo Mantenedor da vida.

Conforme disse acima, nossa força vital *dificilmente* oferece uma oposição no máximo *igual* à do inimigo causador da doença e, no entanto, inimigo algum pode ser batido exceto por urna força superior. Apenas medicamentos homeopáticos podem conferir este poder superior à força vital enfraquecida.

Por si, este princípio vital – constituindo-se apenas numa força vital orgânica destinada a preservar uma saúde não perturbada opõe somente uma débil resistência ao inimigo mórbido invasor; na medida em que a doença cresce e aumenta, ela opõe uma resistência maior mas que, na melhor das hipóteses, é só uma resistência igual; no caso de pacientes enfraquecidos, nem mesmo é igual, é mais fraca. Esta força, para que não provoque danos a si própria, não é capaz nem criada e nem destinada a resistência a maior (*overpowering*).

Mas se nós, médicos, formos capazes de mostrar e de opor a esta força vital instintiva seu inimigo morbífico aumentado, por assim dizer, pela ação dos medicamentos homeopáticos – mesmo que devam ser cada vez somente um pouco se, desta maneira, a imagem do inimigo morbífico for aumentada para a apreensão pelo princípio vital, através dos medicamentos homeopáticos, os quais simulam de forma ilusória a doença original, aos poucos obrigamos e compelimos esta força vital instintiva a aumentar gradualmente suas energias, cada vez mais, e, finalmente, a alcançar um tal nível que se torne bem mais poderosa do que a doença original. A consequência disto é a força vital tornar-se novamente soberana em seus domínios, poder novamente ter nas mãos e dirigir as rédeas da saúde (*sanitary progress*), ao passo que o aumento aparente da doença causada pelos medicamentos homeopáticos desaparece por si, assim que nós cessarmos de utilizar tais remédios, ao vermos preponderar a força vital restabelecida, i.e., saúde recuperada.

O fundo ou essência fundamental deste princípio vital espiritual, conferido à nós homens pelo Criador infinitamente misericordioso, é incrivelmente grande, se nós, médicos, entendermos de que modo manter sua integridade nos períodos de saúde, encaminhando os homens para um modo de vida saudável, e de que modo invocá-lo e intensificá-lo na doença, através de um tratamento puramente homeopático.

PREFÁCIO AO QUINTO VOLUME DILUIÇÕES E POTÊNCIAS (DINAMIZAÇÕES)

As diluições propriamente ditas, existem quase que unicamente de substâncias de sabor e de cor. Uma solução de substâncias salgadas e amargas torna-se

cada vez mais privada de seu sabor quanto mais água lhe for acrescentada, até chegar a quase nenhum sabor, independentemente do quanto possa ser agitada. Da mesma forma, uma solução de matéria colorida após acréscimo de mais e mais água torna-se por fim praticamente incolor e, independente do quanto se agite, sua cor não aumentará.

Estas são e continuam sendo atenuações ou diluições reais mas não dinamizações.

Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível. Este desenvolvimento das propriedades das substâncias naturais em estado bruto (dinamização) acontece, como já ensinei antes, no caso de substâncias secas, por meio de uma trituração num almofariz, e, no caso de substâncias fluidas, por meio de agitação ou sucussão, que também é uma trituração. Estes preparados não podem ser simplesmente designados como diluições apesar de que cada preparado deste tipo, a fim de poder ser elevado a uma potência mais alta, i.é., a fim de que as propriedades medicinais ainda latentes em seu interior possam ser ainda mais excitadas e desenvolvidas, deve primeiramente sofrer mais uma atenuação para que a trituração ou sucussão possam penetrar mais intimamente na própria essência da substância medicinal, permitindo assim a liberação e a exposição da parte mais sutil dos poderes medicinais que estão mais profundamente ocultos, o que não poderia ser efetuado por qualquer montante de trituração ou de sucussão de substâncias em sua forma concentrada.

Freqüentemente, lemos em livros homeopáticos que, no caso desta ou daquela pessoa num determinado quadro de doença, uma dinamização (diluição) alta de um medicamento não teve qualquer utilidade, mas uma potência menor mostrou-se eficiente, ao passo que outros obtiveram melhor resultado em potências maiores. Mas ninguém investiga em tais casos a causa da grande diferença destes efeitos. O que impede o preparador dos medicamentos (e este deveria ser o próprio médico homeopata; ele mesmo deveria forjar e afiar as armas com as quais combate a doença), no preparo de uma potência, de aplicar 10, 20, 50 ou mais sucussões sobre um corpo relativamente duro e elástico, a cada frasco contendo uma gota da menor potência com 99 gotas de álcool²¹, a fim de obter potências elevadas (strong)? Isto seria enormemente mais eficaz do que dar apenas algumas débeis sucussões que produzirão pouco mais do que diluição, o que não deveria ser o caso.

A perfeição de nossa arte ímpar de curar e o bem-estar dos pacientes parecem merecer o esforço do médico no sentido de dar-se a todo o trabalho necessário para assegurar a mais completa eficiência de seus medicamentos.

Sabichões modernos inclusive desdenham a 30^a. potência, usando apenas as preparações mais baixas, menos desenvolvidas e mais densas, em doses maiores; no

²¹ No original alemão, *Weingeist*, ou seja, vapores de vinho. (NT. bras.)

entanto, por intermédio destas têm sido incapazes de efetuar tudo o que nossa arte tem condições de realizar. Porém, se cada potência for dinamizada com o mesmo número de sucessões obteremos, mesmo na quinquagésima potência, medicamentos da mais penetrante eficácia, de tal modo que cada pequeno glóbulo umedecido por ela, após ter sido dissolvido numa certa quantidade de água, possa e deva ser ingerido em partes pequenas, caso não desejemos produzir uma ação por demais violenta em pacientes sensíveis; devemos lembrar-nos, entretanto, que um tal preparo contém quase todas²² as propriedades latentes da droga agora desenvolvida plenamente e que só então é possível a elas entrarem em plena atividade.

Paris, 19 de dezembro de 1838.

²² Em inglês “almost all”, todas as principais, quase todas. (NT. bras.)

NATUREZA DAS DOENÇAS CRÔNICAS

A arte homeopática de curar, conforme ensino em meus próprios trabalhos escritos e nos de meus alunos, sendo seguida fielmente, tem até o momento presente demonstrado sua superioridade natural sobre qualquer tratamento alopatico, de forma muito decidida e surpreendente; isto não apenas com respeito àquelas doenças que atacam subitamente os homens (as doenças agudas), como também em relação a doenças epidêmicas e a febres esporádicas.

As doenças veneras têm sido também radicalmente curadas pela Homeopatia, com muito maior segurança, menos trabalho e sem quaisquer seqüelas, pois, sem perturbar ou destruir as manifestações locais, cura a doença interna fundamental somente a partir de dentro, através do melhor remédio específico. O número das outras doenças crônicas neste grande planeta tem, porém, sido incomensuravelmente maior e assim permanece.

O tratamento dos médicos alopatas serviu simplesmente até o momento para aumentar o martírio decorrente deste tipo de doença, já que esse tratamento consistia de toda uma multidão de misturas nauseantes (preparadas pelo farmacêutico a partir de medicamentos de ação violenta, em grandes doses, e cujos verdadeiros efeitos isolados eram ignorados), ao lado do uso de diversos tipos de banhos, de remédios sudoríficos e salivantes, de narcóticos analgésicos²³, de clisteres²⁴, formenteações, fumigações, emplastros vesicatórios, exutórios (exutories) e fontículos (fontanelas) mas, especialmente, de laxantes intermináveis, sanguessugas, sangria por ventosas e tratamentos de fome (starving treatments), ou quaisquer nomes que possam ser dados a estes tormentos medicinais que variavam continuadamente como a moda. Através destes meios, ou a doença era agravada e a força vital, a despeito dos pretensos tónicos usados a determinados intervalos, ficava cada vez mais diminuída, ou, produzindo eles alguma extraordinária mudança, ao invés dos primeiros sofrimentos, aparecia um estado pior, doenças sem nome causadas pelo medicamento, muito piores e mais incuráveis do que a doença natural original, enquanto o médico consolava o paciente com as palavras: “A primeira doença eu tive a felicidade de eliminar; é uma grande pena que haja aparecido uma nova (?), mas espero ter tanto êxito na eliminação desta última quanto o tive em relação à primeira”. E assim, à medida em que a mesma doença assumia várias formas, e à medida em que novas doenças iam sendo acrescentadas devido ao uso de medicamentos prejudiciais e impróprios, os sofrimentos do paciente eram continuamente agravados até seus lamentos deploráveis serem silenciados para sempre ao exalar o último suspiro e os parentes serem tranqui-

²³ Em alemão, o termo *analgésico* é *schmerzstillenden* que equivale ao inglês *painkilling*; porém no original alemão o termo vem entre parênteses, seguido de interrogação. (NT. bras.)

²⁴ Em inglês, *injection*; no original alemão, *Klystiren*. (NT. bras.)

lizados com a reconfortante farsa: “Foi usado e aplicado tudo que se podia imaginar, no caso do falecido”.

Não é assim com a Homeopatia, o grande presente de Deus!

Mesmo nestes outros tipos de doenças crônicas, seus discípulos, seguindo os ensinamentos apresentados em meus trabalhos escritos e em minhas primeiras palestras, realizaram muito mais do que todos os métodos de cura acima mencionados, i.e., quando encontravam o paciente não excessivamente enfraquecido e arruinado pelo tratamento alopatônico, como infelizmente acontecia com demasiada freqüência, nos casos em que o paciente dispunha de algum dinheiro para pagar.

Usando o tratamento mais natural, os médicos homeopatas têm sido freqüentemente capazes de, num breve lapso de tempo, remover a doença crônica que os defrontava, após havê-la examinado segundo todos os sintomas perceptíveis aos sentidos; e os meios de cura eram os mais adequados dentre os remédios homeopáticos, utilizados nas mais diminutas doses, as quais até então haviam sido experimentadas quanto a seus efeitos verdadeiros e puros. E tudo isso foi feito sem despojar o paciente de seus fluidos e de sua força, tal como sucede na alopatia dos médicos comuns, de tal sorte que o paciente, completamente curado²⁵, podia novamente desfrutar dias felizes. Estas curas²⁶ têm excedido de longe tudo que os alopatas jamais conseguiram efetuar – em raras ocasiões – após um encontro afortunado em suas maletas de medicamentos.

As queixas cediam em sua maior parte perante doses muito pequenas daquele remédio que houvesse provado sua capacidade para produzir a mesma série de sintomas mórbidos num organismo são; e, se a doença já não estivesse demasiadamente arraigada e se não tivesse sido arruinada pela alopatia, por tempo demais e em grau elevado, freqüentemente cedia durante um tempo considerável, de modo que a humanidade tinha bons motivos para considerar-se afortunada, mesmo por essa pequena ajuda, e, na realidade, muitas vezes, proclamou sua gratidão. O paciente tratado deste modo podia considerar-se – e o fazia de fato muitas vezes – em muito boa saúde, quando julgava imparcialmente seu estado atual de melhora e o comparava à sua condição bem mais dolorosa anterior à Homeopatia ter-lhe proporcionado seu auxílio²⁷.

²⁵ No inglês, *fully healed*; no original alemão só aparece a palavra *gebessert* que significa melhorado. Não consta advérbio equivalente a *fully*. (NT. bras.)

²⁶ No inglês, *cures*. No alemão *Besserungen*, que significa melhorias. (NT. bras.)

²⁷ Eram deste tipo as curas de doenças provocadas por uma Psora ainda não plenamente desenvolvida, as quais haviam sido tratadas por meus seguidores com remédios que não pertenciam ao grupo daqueles que posteriormente mostraram-se ser principalmente remédios antipsóricos, pois que tais remédios ainda não eram conhecidos. Os casos haviam sido tratados simplesmente com os medicamentos homeopáticos que melhor os cobriam, removendo temporariamente os então sintomas aparentemente moderados, causando desta forma uma

Até mesmo alguns erros grosseiros de dieta; o resfriar-se (*taking cold*), o aparecimento de climas especialmente rudes frios e úmidos ou tempestuosos, ou até a aproximação do outono, mesmo quando brando e ainda mais o inverno ou uma primavera fria; algum exercício violento do corpo ou da mente, mas, principalmente, algum choque à saúde causado por uma lesão externa severa, ou por um acontecimento muito triste que haja abatido a alma; sustos repetidos, um grande pesar, aflições e contrariedades constantes, causavam freqüentemente, num corpo enfraquecido, o reaparecimento de um ou mais dos transtornos que pareciam já ter sido superados, e esta nova condição era muitas vezes agravada por alguns concomitantes bastante novos, os quais se não eram mais ameaçadores do que os primeiros que haviam sido removidos homeopaticamente, eram freqüentemente tão problemáticos quanto aqueles e, então, mais obstinados. Este parecia ser o caso, especialmente toda vez em que uma doença aparentemente curada tivesse por base uma Psora que houvesse sido mais plenamente desenvolvida. Quando acontecia uma reincidência destas, o médico homeópata administrava o remédio mais adequado dentre os medicamentos conhecidos na ocasião, como se visasse uma nova doença e, novamente, isto tinha por resultado um êxito considerável, o qual trazia o paciente de novo, por algum tempo, para um estado melhor. No primeiro caso, porém, aquele simplesmente no qual eram renovados os problemas que pareciam ter sido solucionados, o remédio que da primeira vez havia sido útil mostrava-se menos útil e, se repetido novamente, ajudava ainda menos. Aí então, talvez mesmo sob o efeito (*operation*) do remédio homeopático que parecesse mais apropriado, e mesmo nos casos em que o modo de vida fosse bastante correto, surgiam novos sintomas da doença que só inadequada ou imperfeitamente é que podiam ser removidos; de fato, estes novos sintomas às vezes não melhoravam em nada, especialmente quando alguns dos obstáculos acima mencionados impediam a recuperação.

Algum acontecimento alegre, uma condição externa de circunstâncias favoridas pela sorte, uma viagem agradável, uma estação favorável ou uma temperatura seca e uniforme, podem produzir ocasionalmente uma pausa considerável, de maior ou menor duração, na doença do paciente, durante a qual o homeópata talvez o considere razoavelmente (*fairly*) recuperado e o próprio paciente, se tolerasse de bom humor alguns transtornos passáveis, talvez se considerasse saudável. Porém, uma pausa favorável como essa jamais era de longa duração e o reaparecimento e as repetidas investidas das queixas tornavam por fim os melhores selecionados dos

espécie de cura que reconduziu a Psora manifesta a uma condição latente, o que produziu um certo tipo de condição saudável, em especial com pessoas vigorosas e jovens, de tal modo que pareceria como a verdadeira saúde a todo observador que não fizesse um exame acurado; este estado perdurava freqüentemente por muitos anos. Mas, com doenças crônicas causadas por uma Psora já plenamente desenvolvida, os medicamentos que eram então conhecidos nunca bastavam a uma cura completa, do mesmo modo como hoje em dia continuam não bastando.
(N. Hah.)

remédios homeopáticos então conhecidos, e administrados nas doses mais apropriadas, os menos eficazes quanto mais freqüentemente fossem eles repetidos. Ao final, dificilmente serviam sequer como fracos paliativos. Mas, em geral, após repetidas tentativas de vencer a doença que aparecia numa forma sempre ligeiramente modificada, surgiam queixas residuais que os medicamentos homeopáticos até então, experimentados (proved), conquanto não fossem poucos, tinham que deixar não erradicadas, de fato, muitas vezes não diminuídas. Deste modo, seguiam-se sempre queixas variadas cada vez mais problemáticas e, conforme ia avançando o tempo, mais ameaçadoras, o que se passava mesmo quando o modo de vida era correto e havia uma observação minuciosa das instruções médicas (*directions*). Apesar de todos os esforços do médico homeopata, a doença crônica não conseguia senão ser um pouco retardada em seu progresso, piorando de ano para ano.

Este era, e vem sendo, o processo mais lento ou mais rápido de cada tratamento em todas as doenças crônicas graves (*severe*) não-venéreas, mesmo quando tratadas exatamente segundo a arte homeopática que então se conhecia. O começo desses tratamentos era sempre promissor, a sua continuação menos favorável e o resultado sem esperanças.

Não obstante, estes ensinamentos estavam fundamentados nos sólidos pilares da verdade e o estarão eternamente. O atestado de sua excelência, e mesmo de sua infalibilidade (até o ponto em que isto possa ser dito a respeito de questões humanas), está exposto aos olhos do mundo pelos fatos.

Somente a Homeopatia, *antes de todos*, ensinou como curar doenças bem-definidas, como a antiga febre escarlate lisa de Sydenham, as púrpuras mais recentes, a coqueluche, o crupe, a Sycosis²⁸ e disenterias de outono, por meio de remédios homeopáticos especificamente úteis. Inclusive a pleurisia²⁹ aguda e a epidemia contagiosa de tifo devem agora converter-se rapidamente em saúde por algumas pequenas doses do medicamento homeopático corretamente escolhido.

De onde vem então este resultado menos favorável ou desfavorável de um tratamento prolongado (*continued*) das doenças crônicas não-venéreas mesmo pela Homeopatia? Qual era a razão das milhares de tentativas fracassadas de curar as outras doenças de natureza crônica no sentido de que lhes pudesse advir uma saúde duradoura? Poderia isto ser talvez causado pelo número ainda muito pequeno de meios homeopáticos curativos que até então houvesse assegurado sua pureza de ação? Os seguidores da Homeopatia vêm se consolando desta maneira até o presente momento; mas esta desculpa, ou pretenso consolo, jamais satisfez o fundador da Homeopatia, particularmente porque nem mesmo os novos acréscimos de medicamentos reconhecidamente valiosos, aumentando de ano para ano, fizeram avançar

²⁸ No original alemão, *Feigwarzenkrankheit*, que quer dizer doença da verruga do figo. (NT. bras.)

²⁹ No original alemão, *Seitenstiche*; significa pontada do lado. (NT. bras.)

sequer um passo a cura das doenças crônicas (não-venéreas), enquanto que doenças agudas (a menos que já em seus inícios estas ameacem uma morte inevitável) não somente são removidas de forma correta, através de uma aplicação correta de remédios homeopáticos, como também encontram uma cura completa e rápida, dada a assistência da incansável força vital de preservação, em nosso organismo.

Por que então esta força vital, influenciada (*affected*) eficientemente pelo medicamento homeopático, não consegue produzir recuperação alguma que seja verdadeira e permanente nestas moléstias crônicas mesmo com a ajuda dos remédios homeopáticos que melhor cobrem os atuais sintomas, enquanto esta mesma força, que é criada para o restabelecimento de nosso organismo permanece, não obstante, tão infatigável e exitosamente ativa, completando a recuperação inclusive em doenças agudas graves (*severe*)? O que existe para impedir isto?

A resposta a esta pergunta, que é tão natural, levou-me inevitavelmente à descoberta da natureza das doenças crônicas.

Para descobrir, então, a razão pela qual todos os medicamentos conhecidos da Homeopatia não conseguiram produzir uma cura real nas doenças acima mencionadas, e para alcançar um entendimento (*insight*) mais aproximadamente correto e, se possível, bastante correto, da verdadeira natureza das milhares de doenças crônicas que ainda permanecem sem cura, apesar da incontestável verdade da Lei Homeopática de Cura, esta incumbência de grande seriedade tem-me ocupado desde os anos de 1816 e 1817, dia e noite e eis que o Doador de todas as coisas boas permitiu-me, nesse espaço de tempo, resolver aos poucos este sublime problema, através de um pensar incessante, de uma pesquisa incansável, de uma observação honesta e dos mais precisos experimentos executados para o bem-estar da humanidade.³⁰

A todo momento verificava-se que as doenças crônicas não-venéreas, após serem repetidamente removidas de modo homeopático por remédios até então experimentados ao máximo, sempre retomavam de forma mais ou menos variada e com sintomas novos, ou reaparecimento, anualmente com suas queixas aumentadas. Este fato indicou-me a primeira pista, a de que o médico homeopata com um caso crônico (não-venéreo) deste teor e mesmo em todos os casos de doença crônica (não-vené-

³⁰ Contudo, não deixei que estas tentativas ininterruptas se tornassem conhecidas nem pelo mundo, nem por seus seguidores, na verdade, não porque a ingratidão tão freqüentemente demonstrada a meu respeito me houvesse impedido, pois não presto atenção nem à ingratidão, nem às perseguições no meu atribulado caminho pela vida, a qual até agora não tem se mostrado carente de alegrias, graças ao grande objetivo em cuja direção tenho me esforçado. Não; deixei-as sem menção por ser impróprio, e mesmo prejudicial, falar de coisas ainda imaturas ou escrever a seu respeito. Não antes do ano de 1827 foi que comuniquei a essência da descoberta a dois de meus discípulos, os quais vinham prestando elevados serviços à arte da Homeopatia, em seu próprio benefício e no de seus pacientes, de modo tal que a descoberta como um todo não fosse perdida para o mundo se, porventura, um chamado mais elevado para a eternidade fosse levar-me embora antes do término do livro, evento este não tão improvável assim aos meus setenta e três anos.

rea), não deve somente combater a doença que se apresenta ante os seus olhos, não devendo considerá-la ou tratá-la como se fosse uma doença bem-definida a ser rapidamente e permanentemente destruída e curada pelos remédios homeopáticos comuns, mas sim, que irá sempre encontrar apenas um fragmento separado de uma doença original mais profundamente localizada.

A grande extensão desta doença fica demonstrada nos novos sintomas que surgem de tempos em tempos; deste modo, o médico homeopata não deve esperar curar permanentemente as manifestações separadas deste gênero, na presunção até então acalentada de que se trate de doenças bem-definidas e existentes isoladamente e que podem ser curadas permanentemente e completamente. *Por conseguinte, ele deve primeiro descobrir tanto quanto possível a extensão total de todos os acidentes e sintomas que pertençam à moléstia primitiva desconhecida*, antes que possa esperar descobrir um ou mais medicamentos que consigam homeopaticamente cobrir a totalidade da doença original, por meio de seus sintomas peculiares. Através deste método, ele poderá então ser vitoriosamente capaz de curar e de eliminar a moléstia em toda sua extensão e, consequentemente, também suas ramificações em separado, ou seja, todos os fragmentos de uma doença que aparecem em tantas e tão variadas formas.

Evidenciou-se claramente para mim, através desta circunstância, que a moléstia original que se busca tem também que ser de natureza crônica *miasmática*, que, após ter progredido e se desenvolvido até um certo ponto, jamais poderá ser removida pela força (*strength*) de uma constituição robusta, jamais poderá ser vencida pela mais saudável das dietas e pelo mais salutar tipo de vida e jamais desaparecerá por si própria. Mas sim, a cada ano, será sempre mais agravada por uma transição a outros sintomas³¹ mais sérios, até o final da vida do homem, tal como todas as outras doenças miasmáticas crônicas; por exemplo, o bubo venéreo que não tenha sido curado de dentro para fora pelo mercúrio, seu remédio específico, transforma-se em doença venérea. Esta última também jamais desaparece por si, mas mesmo por um modo de vida o mais correto e na mais robusta constituição física; aumentará a cada ano e se desdobrará cada vez mais em novos e piores sintomas, e isto, novamente, até ao final da vida do homem.

Tinha eu chegado até esse ponto em minhas investigações e observações com tais pacientes não-venéreos, quando descobri, já no começo, que o obstáculo à cura de muitos casos (que se pareciam enganadoramente com doenças bem-definidas e

³¹ Não infreqüentemente a tísica (*phthisis*)* transforma-se em insanidade; úlceras completamente secas, em Hidropsia ou apoplexia; febre intermitente, em asma; afecções do abdômen, em dores nas articulações ou em paralisia; dores nos membros em hemorragia etc., e não foi difícil descobrir que as doenças posteriores têm também que possuir suas bases na moléstia original, podendo ser uma parte apenas de um todo muito maior.

* *Phthisis*, no inglês; no original alemão *Lungeneiterung*, que quer dizer formação de pus no pulmão. (NT. bras.)

específicas) e que, apesar disso, não conseguiam ser curadas de maneira homeopática com os medicamentos até então experimentados, parecia freqüentemente residir numa erupção anterior de sarna, a qual não freqüentemente era confessada; e que o princípio de todos os sofrimentos subseqüentes geralmente datava dessa época. Acontecia o mesmo com pacientes crônicos similares que não confessavam uma tal infecção ou, o que provavelmente era mais freqüente, que devido a uma falta de atenção não a tinham percebido ou, pelo menos, não podiam recordar-se da mesma. Após uma investigação cuidadosa, vinha geralmente à tona que pequenos traços da doença (pequenas pústulas de sarna, herpes³² etc.) já se haviam manifestado neles, de tempos em tempos, mesmo que apenas raramente, na qualidade de sinais indubitáveis de uma antiga infecção desse tipo.

Estas circunstâncias, aliadas ao fato de que inúmeras observações de médicos³³ e, não infreqüentemente, minha própria experiência demonstrou que uma erupção de sarna suprimida por uma prática errônea (*faulty*) ou desaparecida da pele através de algum outro meio, era evidentemente seguida, em pessoas afora isso saudáveis, pelos mesmos sintomas ou por sintomas similares; estas circunstâncias, repito, não podiam deixar dúvidas em minha mente quanto ao inimigo interno que eu precisava combater no meu tratamento médico destes casos.

Descobri, aos poucos, meios mais efetivos contra esta moléstia original que causou tantas queixas, contra esta moléstia que pode ser chamada pela denominação geral de *Psora*, isto é, contra a doença interna sarna, com ou sem erupção concomitante na pele. Tornou-se-me então patente, através do auxílio prestado quando do uso destes medicamentos em doenças crônicas similares, nas quais o paciente era incapaz de apresentar uma causa provável, que também os casos nos quais o paciente não se recordava de infecção alguma deste tipo eram necessariamente causadas por uma *Psora* com a qual havia se infectado talvez inclusive já na infância, ou de alguma outra forma que se lhe escapava à memória; e isto era freqüentemente corroborado por uma investigação mais cuidadosa efetuada com os pais ou parentes mais velhos.

A maior parte destas minuciosas observações, relativas ao auxílio prestado pelos remédios antipsóricos, acumuladas no primeiro destes onze anos, ensinaram-me ininterruptamente com que freqüência não apenas a doença crônica moderada como também a grave e a mais grave (*severe*) possuem esta origem. Esta observação ensinou-me não somente que a maioria das diversas erupções cutâneas, distinguidas por *Willan* com tão extremado cuidado umas das outras e que receberam nomes separados, são causadas pela *Psora*, como também o são quase que todas as formações fortuitas, desde a verruga comum no dedo até o maior dos tumores sarcomatosos;

³² No alemão, *Fletchen*, que significa em linguagem leiga erupções de pele, de tipo escamoso e crostoso; líquen. (NT. bras.)

³³ Vide também, mais recentemente, *Von Autenrieth* (s. *Tübinger Blätter für Naturwissenschaft und Arzneikunde*, vol. 2, 2^a. parte). (N. Hah.)

desde malformações nas unhas até o inchaço dos ossos e o encurvamento (curvature³⁴) da coluna, bem como muitos outros amolecimentos (softenings) e deformidades dos ossos, tanto em idade precoce quanto mais avançada. Assim, também a epistaxe freqüente; o acúmulo de sangue nas veias do reto e do ânus; descargas de sangue por parte do mesmo (hemorróidas secas ou sangrentas); hemoptise; hematêmese; hematúria e descargas menstruais deficientes ou demasiado freqüentes; suores noturnos de muitos anos de duração; ressecamento da pele, assemelhando-a ao pergaminho; diaréia de muitos anos de duração, bem como constipação permanente e dificuldade na evacuação dos intestinos; dores erráticas e prolongadas; convulsões que ocorrem repetidamente, ao longo de alguns anos; úlceras e inflamações crônicas; hipertrofias sarcomatosas e tumores; emaciação; sensibilidade excessiva bem como deficiências nos sentidos da visão, audição, olfação, gustação e tato; desejo sexual extinto ou então excessivo; doenças da mente e da alma, desde a imbecilidade até o êxtase, desde a melancolia até a insanidade raivosa; desmaios e vertigens; as pretensas doenças do coração; queixas abdominais e tudo o que está compreendido na histeria e na hipocondria; em síntese, milhares de transtornos crônicos (tedious) da humanidade, referidos pela patologia com variedade de nomes, são com poucas exceções verdadeiros descendentes desta única e multifacetada *Psora*. Fui instruído assim por minhas contínuas observações, comparações e experimentos, durante os últimos anos, que os transtornos e enfermidades do corpo e da alma que, em suas queixas manifestas, diferem ao radicalmente e que, em diferentes pacientes, parecem tão dispare (se não pertencerem às duas doença venéreas, *Syphilis* e *Sycosis*), são apenas manifestações parciais do antigo miasma da lepra (leprosy) e da sarna (itch); isto é, meros descendentes de uma única e vasta moléstia original, cujos sintomas quase que incontáveis compõem apenas um todo e que devem ser considerados e tratados medicinalmente como partes de uma única e mesma doença, da mesma forma que na grande epidemia de febre tifóide. Deste modo, no ano de 1813, um paciente ficava prostrado com apenas alguns sintomas desta praga; um segundo exibia somente uns poucos transtornos, mas diferentes, ao passo que um terceiro, um quarto etc., queixavam-se de ainda outros transtornos pertencentes a esta doença epidêmica; não obstante, embora todos estes pacientes estivessem doentes de uma única e mesma febre pestilencial, a imagem completa e inteira da febre tifóide reinante na época só podia ser obtida agrupando-se os sintomas de todos estes pacientes, ou pelo menos da maioria deles. Nessa ocasião, um ou dois³⁵ remédios³⁶, que se descobriu serem ho-

³⁴ No original alemão, *Verkrüppelungen*, que significa deformidades, aleijamentos (NT. bras.)

³⁵ No original alemão *dier paar*, que significa alguns e, não, “dois”. (NT. bras.)

³⁶ No tifo de 1813, *Bryonia* e *Rhus toxicodendron* foram os remédios específicos para todos os pacientes. (N. Hah.).

meopáticos, curaram a epidemia toda e, por conseguinte, mostraram-se especificamente úteis para cada paciente, embora um pudesse estar padecendo com sintomas diferentes dos de outros e praticamente todos parecessem estar sofrendo de doenças diferentes³⁷.

Exatamente isso acontece com a *Psora*, somente que numa escala muito mais ampla, esta doença fundamental a tantas moléstias crônicas, cada uma das quais parece diferir essencialmente das outras mas na realidade não diferem, o que poderá ser prontamente verificado pela concordância de diversos sintomas comuns a elas e que vão surgindo à medida em que a doença segue seu curso e não pelo fato de serem curadas através do mesmo remédio,

Todas as doenças crônicas da humanidade, inclusive aquelas abandonadas a si próprias, não agravadas por um tratamento errôneo (*perverted*), exibem, como se disse, uma tal constância e uma tal perseverança que, tão logo hajam se desenvolvido e não tenham sido completamente curadas pela arte médica aumentam continuamente ao longo dos anos e durante a vida toda do homem, e não podem ser atenuadas (*diminished*) pela força da qual é dotada mesmo a mais robusta constituição. Menos ainda poderão elas ser vencidas e extintas. Deste modo, nunca desaparecem por si, mas aumentam e são agravadas inclusive até à morte. Por conseguinte, todas elas devem ter por origem e base miasmas crônicos constantes, por meio dos quais sua existência parasita dentro do organismo humano tem condições de surgir e crescer continuamente.

Na Europa e também em outros continentes, tanto quanto se sabe segundo todas as investigações, são encontrados apenas três miasmas crônicos, sendo que as doenças causadas pelos mesmos manifestam-se através de sintomas locais e dos quais origina-se, se não a totalidade, a maioria das doenças crônicas; são eles, primeiro, *Syphillis* (ao qual também denominei de *doença do cancro venéreo*); a seguir, *Sycosis*, ou *doença da verruga do figo* e, finalmente, a doença crônica que está na base da erupção da sarna, isto é, a *Psora*, a qual discutirei em primeiro lugar, por ser a mais importante.

PSORA é a *mais antiga, mais universal, mais destrutiva* e, não obstante, a mais irreconhecida (misaprehended) das doenças miasmáticas crônicas que há milhares de anos vem desfigurando e torturando a humanidade e que, durante os últimos séculos, tem-se tornado a mãe de todas as milhares de doenças incrivelmente variadas (agudas) e crônicas (não-venéreas), pelas quais é mais e mais afetada a totalidade da raça humana civilizada, na parte habitada do globo.

PSORA é a mais antiga doença crônica miasmática de que temos conhecimento. É tão prolongada (*tedious*) quanto a *Syphillis* e a *Sycosis* e, portanto, não irá extinguir-se antes que se exale o último sopro da mais longa das vidas, a menos que seja completamente curada, visto que nem mesmo a mais robusta constituição é capaz de destruí-la e de extinguí-la através de sua própria força; além disso, *Psora*, ou

³⁷ Ver Organon da Arte de Curar, 5^a. edição, 1834, parágrafo 100 e seguintes. (N. Hah.).

a doença de sarna, é a *mais antiga e mais policéfala* (*hydra-headed*) de todas as doenças miasmáticas crônicas.

Ao longo dos muitos milhares de anos durante os quais ela possa ter afligido a humanidade – pois que a mais remota história dos mais antigos povos não chega a atingir suas origens – aumentou de tal modo a extensão de suas manifestações patológicas, extensão essa que até certo ponto pode ser explicada por seu acentuado desenvolvimento durante um inconcebível número de anos, em tantos milhões de organismos pelos quais passou, que seus sintomas secundários dificilmente podem ser enumerados. E, se excetuarmos aquelas doenças que foram criadas por uma prática médica errônea (*perverse*) ou por trabalhos deletérios com mercúrio, chumbo, arsênico etc., e que aparecem na patologia comum sob uma centena de nomes próprios, na qualidade de doenças supostamente separadas e bem-definidas (e também aquelas decorrentes de *Syphillis* e as ainda mais raras oriundas da *Sycosis*), todas as doenças crônicas naturais restantes, com nomes ou sem, encontram na PSORA sua origem real, sua única fonte.

Os mais antigos monumentos de história que possuímos mostram a *Psora*, mesmo então, em grande desenvolvimento. Há 3.400 anos, Moisés³⁸ indicava várias modalidades. Naquela época e posteriormente, entre os israelitas, a doença parecia ter escolhido como sítio principal mais as partes externas do corpo. Aconteceu o mesmo com a moléstia durante o tempo em que predominou na Grécia inculta, mais tarde na Arábia e, por fim, na Europa, durante a Idade Média. Os nomes diferentes que foram dados por povos diferentes a variedades mais ou menos malignas da lepra (*leprosy*) (sintoma externo da *Psora*), a qual deforma de vários modos as partes externas do corpo, não são de nosso interesse e não dizem respeito no assunto, visto que a natureza desta erupção da sarna (*itching eruption*) miasmática permaneceu sempre essencialmente a mesma.

³⁸ No Levítico, não só no cap. XIII como também (cap. XXI, versículo 20) onde fala dos defeitos corporais que não devem ser encontrados num sacerdote que vai ao sacrifício, a sarna maligna é designada pela palavra *garab* que os tradutores alexandrinos (na Septuaginta) traduziram por *psora agria* e a Vulgata por *scabies fubis*. O intérprete talmúdico Jonathan explicou-se como *sarna seca espalhada por todo o corpo*; já a expressão *valephed* é usada por Moisés para *líquen* (lichen), *eczema* (tetter), *herpes** (vide M. Rosenmueller *Scholla in Levit.*, p. II, 2^a edição, p. 124). Os comentaristas da assim chamada Bíblia inglesa também concordam com esta definição; entre outros, Calmet diz: “A lepra (*leprosy*) é semelhante a uma sarna (*itch*) inveterada com comichão (*itching*) violento”. Os antigos mencionavam, também o comichão (*itching*) *voluptuoso* característico e peculiar que acompanhava a sarna (*itch*) naquela época como agora, na qual, após coçar (*scratching*) segue-se numa queimação dolorosa; entre outros, Platão denomina a sarna (*itch*) (*γλυκυπικρον*), enquanto que Cícero acentua o *dulcedo*** de *scabies*.

* No original *Flechte*. Vide nota anterior, à pág. 10. (NT. bras.)

** Dulcedo, inis. f. Cic. doçura, suavidade. (NT. bras.)

A *Psora* ocidental que, durante a Idade Média havia assolado a Europa por muitos séculos sob as formas de erisipelas malignas (denominadas *Fogo de Santo Antônio*) reassumiu a forma de lepra através da lepra (*leprosy*) que foi trazida de volta pelos cruzados em seu retorno, no século XIII. E, apesar de haver se disseminado desta forma na Europa, mais ainda do que antes (pois no ano de 1226 havia apenas na França 2.000 abrigos para leprosos), esta *Psora* que agora campeava como erupção medonha encontrou pelo menos um alívio externo na qualidade de algo que promovia limpeza e que também foi trazido pelos cruzados de volta do Oriente; a saber, as camisas (de algodão? de linho?), até então desconhecidas na Europa, além do uso mais freqüente de banhos quentes. Através destes dois expedientes, bem como através de uma dieta mais refinada e de um apuro no modo de vida introduzidos pela crescente aculturação, os horrores externos da *Psora* foram finalmente, dentro do espaço de vários séculos, tão atenuados que ao final do século XV só se manifestavam na forma de uma erupção comum de sarna, exatamente na época em que a outra doença miasmática crônica *Syphillis* começou (em 1493) a erguer sua pavorosa cabeça.

Deste modo, esta erupção, reduzida exteriormente a uma sarna comum em países cultos, podia ser removida da pele com muito maior facilidade, por intermédio de vários meios; de modo que com o tratamento medicamentoso externo introduzido desde então, especialmente nas classes média e superior, através de banhos, lavagens e ungüentos de enxofre e chumbo e também através de preparados à base de cobre, zinco e mercúrio, as manifestações externas da *Psora* sobre a pele foram freqüentemente suprimidas de modo tão rápido, como o são hoje em dia, na maioria dos casos de crianças bem como de adultos, que a história de uma infecção pela sarna pode permanecer desconhecida.

Mas o estado da humanidade não teve melhorias por causa disso; a respeito de muitas coisas, ficou bem pior. Pois, apesar de antigamente a erupção de *Psora*, manifesta como lepra (*leprosy*), ser bastante problemática para os que dela padeciam, devido às dores lancinantes e ao violento comichão (*itching*) em torno de todos os tumores e crostas (*scabs*), o resto do corpo gozava de uma porção razoável de saúde geral. Esta era devida à erupção obstinadamente persistente, na pele, que servia como substituta da *Psora* interna. E, o que é mais importante, a horrível e nojenta aparência dos leprosos causava uma impressão tão horrorosa nas pessoas saudáveis que estas apavoravam-se até com a sua aproximação; assim, a segregação da maioria destes pacientes e sua reclusão em leproários mantinha-os à parte da convivência com outros homens, tornando-se limitada e comparativamente rara infecção provocada pelos doentes.

Em conseqüência da forma muito mais branda de *Psora*, durante os séculos XIV e XV, quando aparecia como sarna, as poucas pústulas que surgiam após a infecção se evidenciavam e podiam ser facilmente encobertas. Não obstante, eram objeto de um coçar contínuo (*scratched continually*) devido ao insuportável comichão (*itching*) e, deste modo, o fluido difundia-se por toda a parte e o miasma psórico era comunicado com mais certeza e com mais facilidade a muitas outras pessoas,

quanto mais fosse acobertado. Pois, as coisas que se tornavam maculadas pelo fluido psórico infectavam as pessoas que desavisadamente as tocassem, contaminando dessa forma um número bem maior de pessoas do que os leprosos que, devido à sua horrível aparência, eram cuidadosamente evitados.

Assim, tornou-se a PSORA o *mais infeccioso e mais geral* de todos os miasmas crônicos. Pois, o miasma era geralmente transmitido a outros antes que a pessoa da qual ele emanava tivesse pedido ou recebido qualquer remédio repressor externo contra sua erupção da sarna (itching eruption) (água de chumbo, ungüento do precipitado branco de mercúrio) e sem que houvesse confessado ter ela uma erupção de sarna, muitas vezes sem que ela mesma o soubesse; inclusive sem que o médico ou o cirurgião soubessem qual era a natureza exata da erupção que havia sido reprimida pela loção de chumbo e etc.

Pode-se muito bem imaginar que as classes mais pobres e mais baixas, as quais permitem à sarna que se dissemine sobre sua pele durante muito tempo, até tornarem-se abomináveis a todos em sua volta e serem forçadas à usar alguma coisa para removê-la, devem ter no decorrer do tempo já infectado a muitos.

Por conseguinte, a humanidade saiu-se pior depois da mudança na forma externa da *Psora* – de lepra (leprosy) para a erupção de sarna (itch) – não só por ser menos visível e mais secreta e, portanto, mais freqüentemente infecciosa, mas também especialmente porque a *Psora*, agora mitigada externamente numa simples sarna e, por este motivo, mais disseminada em geral, ainda retém inalterada independente disto sua apavorante natureza original. Agora, após ser mais facilmente reprimida, a doença cresce internamente ainda mais despercebida e assim, nos últimos três séculos, após a destruição³⁹ de seu sintoma principal (a erupção cutânea exterior) desempenha o triste papel de causadora de inúmeros sintomas secundários, isto é,

³⁹ A erupção externa de sarna pode não apenas ser afastada pela prática errônea de médicos e charlatães, como infelizmente ela por si mesma retira-se da pele, em muitos casos (vide abaixo, por exemplo, na observação de médicos mais antigos, nº. 9, 17, 26, 36, 50, 58, 61, 64, 65). Tanto a *Syphillis* quanto a *Sycosis* levam vantagem sobre a doença da sarna (no sentido de que o cancro (ou bubo) numa e a verruga do figo (fig-wart) na outra nunca abandonam as partes externas enquanto não forem ou maldosamente destruídas por meio de remédios repressores externos, ou removidas racionalmente através da cura interna simultânea da totalidade da doença. Por conseguinte, a doença venérea não pode irromper enquanto o cancro não for artificialmente destruído por aplicações externas, como também os transtornos secundários de *Sycosis* não podem irromper enquanto a verruga do figo (fig-wart) não houver sido destruída por uma prática errônea; pois, estes sintomas locais que agem como substitutos da doença interna permanecem em seus postos inclusive até o final da vida da pessoa, impedindo a irrupção da doença interna. Portanto, é bastante fácil saná-las nesta ocasião, mesmo em toda sua extensão, isto é, por completo, através de seus medicamentos internos específicos os quais só precisam ser mantidos até esses sintomas locais (cancro e verruga do figo - fig-wart), os quais são *inalteráveis* em sua natureza a não ser por meio de aplicações externas artificiais, serem totalmente curados. Então é que poderemos estar bastante certos de termos curado por completo a doença interna, a saber, *Syphillis* e *Sycosis*.

origina uma legião de doenças crônicas, cuja fonte os médicos nem presumem nem esclarecem e que, portanto, eles não têm mais condições para curar do que quando se tratava de curar a doença original que era acompanhada por sua erupção cutânea; mas estas doenças crônicas, como o demonstra a experiência diária, foram necessariamente agravadas por uma multidão de remédios impróprios.

Uma tal inundação de incontáveis problemas nervosos, transtornos dolorosos, espasmos, úlceras (cancers), formações adventícias, discrasias, paralisias, definhamentos e deformidades (cripplings) da alma, da mente e do corpo, nunca havia sido presenciada em épocas remotas quando a *Psora* limitava-se principalmente ao seu medonho sintoma cutâneo, a lepra (leprosy). Apenas durante os últimos poucos séculos é que a humanidade tem sido inundada por tais enfermidades, devido às causas que acabamos de mencionar.⁴⁰

A *Psora* perdeu esta sua boa característica na sua atual natureza cada vez mais afastada de seu sintoma principal, o qual mudou de lepra (leprosy) para sarna (itch), nos últimos três séculos. De modo algum, a erupção de sarna permaneceu tão persistente em sua localização na pele quanto o cancro e a verruga do figo (fig-wart). Mesmo que a erupção de sarna não tenha (como quase sempre é o caso) sido expulsa da pele devido a práticas impróprias de médicos e charlatães, mediante lavagens dessecantes, ungüentos de enxofre, purgantes drásticos ou sangrias por ventosas, ela freqüentemente desaparece, como a dissemos, *por si própria*, ou seja, devido a causas que não são percebidas. Muitas vezes, desaparece durante alguma ocorrência física ou psíquica infeliz: um terror violento; aborrecimentos contínuos; pesares que atingem fundo; um resfriado grave (catching a severe cold), ou durante uma temperatura fria (vide abaixo, observação 67); através de banhos frios, mornos e quentes em rios ou em banhos minerais; através de uma febre provocada por qualquer causa; ou por meio de uma doença aguda diferente (por exemplo, varíola; vide abaixo, observação 39); através de uma diarréia persistente; algumas vezes talvez também através de uma falta peculiar de atividade na pele e, nestes casos, os resultados são tão enganadores quanto se a erupção houvesse sido afastada externamente pela prática irracional de um médico. Os transtornos secundários da *Psora* interna e qualquer uma das inúmeras doenças crônicas decorrentes desta origem irão então irromper mais cedo ou mais tarde.

Mas ninguém pense que a *Psora* assim mitigada em seu sintoma local, sua erupção cutânea, difere materialmente da antiga lepra (leprosy). Mesmo esta, quando não inveterada podia não raramente, no passado, ser expulsa da pele por banhos frios ou por repetidas imersões num rio, bem como através de banhos minerais quentes (vide abaixo, observação nº. 35); mas, mesmo então, os efeitos maléficos resultantes eram pouco considerados, tal qual fazem os médicos mais modernos em relação às doenças agudas e às moléstias insidiosas que não deixam de se desenvolver mais cedo ou mais tarde, a partir da *Psora* ali instalada, quando uma erupção da atual doença da sarna desapareceu por si ou foi violentamente afastada. (N. Hah.)

⁴⁰ Menos que qualquer coisa eu posso duvidar de que a ingestão de café quente e de chá da China, tão geralmente difundidos nos últimos dois séculos, e que tão amplamente intensificaram a irritabilidade da fibra muscular bem como a excessiva irritabilidade dos nervos, tenha ainda mais aumentado a propensão deste período a uma multidão de doenças crônicas e tenha desta forma auxiliado a *Psora*, como tenho enfatizado, talvez demais, em meu pequeno

Foi desta forma que a PSORA se tornou a mãe *mais universal* das doenças crônicas.

A *Psora*, que hoje em dia é tão fácil e imprudentemente destituída de seu sintoma cutâneo melhorador, a erupção de sarna que age em substituição à doença interna, vem produzindo ao longo dos últimos 300 anos cada vez mais sintomas secundários e, na verdade, tantos eles são que pelo menos *sete-oitavos* de todas as moléstias crônicas decorrem dela, sua única fonte, ao passo que o *oitavo restante* decorre de Syphillis e da Sycosis, ou de uma complicação de duas destas três doenças miasmáticas crônicas, ou (o que é raro) de uma complicação de todas três. Até mesmo a Syphilis que, devido à sua pronta curabilidade cede à menor dose da melhor preparação de mercúrio, e a Sycosis que, devido a uma leve dificuldade em sua cura através de algumas doses alternadas de *Thuya* e de *Nitricum acidum*, somente se transformam em moléstia prolongada (*tedious*) de cura difícil quando são complicadas com Psora. Assim, PSORA é, *dentre todas as doenças, aquela que é a mais irreconhecida e, portanto, a que foi tratada medicamente da pior e mais prejudicial das maneiras*.

É incrível o tanto que médicos modernos da escola comum pecaram contra o bem-estar da humanidade desde que, com dificilmente uma exceção sequer, os professores de medicina, os mais destacados médicos modernos e os escritores médicos estabeleceram a regra seguinte e a ensinaram como teorema infalível: “Toda erupção de sarna é simplesmente um transtorno local de pele, no qual o restante do organismo não toma parte alguma; de tal sorte, esse transtorno pode e deve ser expulso da pele a qualquer momento e sem quaisquer escrúpulos, por meio de aplicações locais de ungüento de enxofre, ou através do ungüento ainda mais ativo de Jasser, através de fumigações de enxofre, por meio de soluções de chumbo e zinco, mas mais rapidamente pelos precipitados de mercúrio. Se a erupção for removida da pele uma vez, tudo fica bem, a pessoa se restabelece e a doença toda foi eliminada. Evidentemente, se a erupção for negligenciada e permitir-se-lhe que se espalhe pela pele, então poderá acontecer que a matéria maligna consiga encontrar uma oportunidade para insinuar-se através dos vasos absorventes até atingir a massa de humores, chegando assim a corromper o sangue, os humores e a saúde. O homem então poderá mesmo ser finalmente aflijido por transtornos decorrentes destes humores malignos, apesar de estes poderem ser rapidamente removidos de novo do corpo com purgativos e depurativos; porém, através da imediata remoção da erup-

trabalho sobre “Os Efeitos do Café” (Die Wirkungen des Kaffee’s, Leipzig, 1803), a parte que cabe ao café com respeito aos sofrimentos corporais e mentais da humanidade. Esta ênfase talvez indevida foi-lhe atribuída porque eu não havia ainda, nessa ocasião, descoberto a fonte principal das doenças crônicas na *Psora*. Somente ao lado do uso excessivo de café e de chá, os quais oferecem ambos paliativos a diversos sintomas da *Psora*, é que esta pode alastrar tão inumeráveis e tão obstinados sofrimentos crônicos pela humanidade, pois sozinha a *Psora* não teria tido condições de produzir este efeito. (N. Hahn.).

ção da pele (from), todas as seqüelas são prevenidas e a parte interna do corpo permanece inteiramente saudável”.

Estas horríveis inverdades não só foram e ainda estão sendo ensinadas, como também são executadas na prática. A consequência é que atualmente os pacientes de todos os mais afamados hospitais, mesmo naqueles países e cidades que parecem mais esclarecidos; os pacientes particulares portadores de sarna, pertencentes às classes inferiores; os pacientes de todas as penitenciárias e orfanatos; de outros hospitais civis e militares; onde quer que tais erupções sejam encontradas – em resumo, a incontável multidão de pacientes, sem exceção, é tratada não apenas por médicos sem fama, como ainda por todos, mesmo *os mais célebres*, segundo os remédios⁴¹ externos acima mencionados, usando talvez, ao mesmo tempo, grandes doses de flores de enxofre e purgantes fortes (para limpar o corpo, como dizem). Estes médicos acham que quanto mais rapidamente estas erupções forem afastadas da pele, tanto melhor. A seguir, deixam os pacientes sem tratamento, como se estivessem curados, com uma descarada certeza e com a declaração de que agora tudo está certo⁴², sem considerar ou ter disposição para notar os transtornos que mais cedo ou mais tarde certamente seguir-se-ão ou seja, a *Psora* que irá manifestar-se a partir de

⁴¹ Então, tal como esses cavalheiros sonham em suas mentes pervertidas, nas quais dispuseram da natureza desta muitíssima importante doença, segundo seu modo arbitrário e sem consultar a natureza, então estes frívolos cavalheiros nos asseguram de que a matéria da sarna não teve ainda tempo de penetrar no interior do corpo e de ser recebida pelos vasos absorventes em detrimento de toda a massa de humores. Mas como pode ser assim, ó homens conscientes, se até mesmo a primeira pequena pústula de sarna com seu insuportável e voluptuoso comichão (itching) que força a pessoa a coçar-se irresistivelmente e a seguir ter uma dor em queimação, é *em todos os casos e todas as vezes* a prova da doença universal da sarna que antes desenvolveu-se no interior do organismo todo, conforme veremos a seguir? Como então se, de acordo com este fato, qualquer repressão externa da erupção de sarna não só não consegue fazer nada para aliviar a doença interna geral, como ao contrário, segundo milhares de fatos servem para prová-lo, obrigam-na a desenvolver-se e a irromper rapidamente em inúmeros sofrimentos, diferentes e agudos, ou, gradualmente, em sofrimentos crônicos que tornam tão desamparada e miserável a humanidade? Conseguem curar estas? A experiência diz que não; vocês não conseguem! (N. Hahn.)

⁴² Em alguns, vigorosos pacientes portadores de sarna, a força vital obedecendo a lei da natureza sobre a qual se fundamenta (seu instinto demonstrando mais sabedoria do que a inteligência de seus destruidores), após algumas semanas, faz voltar outra vez à pele a erupção aparentemente destruída pelos ungüentos e purgativos contra a sarna; o paciente retorna ao hospital e é renovada a maldosa destruição da erupção, por meio de ungüentos e loções de soluções à base de chumbo e zinco. Observei em hospitais militares esta erupção ser destruída, deste modo, de maneira cruel e irracional três vezes seguidas dentro de poucos meses, enquanto o charlatão que aplicara o unguento fingia que o paciente devia ter sido infectado com sarna novamente, três vezes durante este curto período, o que realmente seria impossível. (N. Hahn.)

dentro em mil doenças diferentes⁴³. Se os desgraçados logrados voltam então cedo ou tarde com a moléstia que *inevitavelmente* se segue a um tal tratamento, por exemplo, com inchaço, dores obstinadas numa ou noutra parte, problemas hipocondríacos ou histéricos,gota, consumpção, tísica tuberculosa⁴⁴, asma espasmódica ou contínua, cegueira, surdez, paralisia, cárries nos ossos, úlceras (canceres), espasmos, hemorragia, doenças da mente e da alma etc., os médicos imaginam que, à sua frente, têm uma coisa inteiramente nova e tratam-na vezes seguidas segundo a antiga rotina de sua terapêutica, de maneira inútil e prejudicial, dirigindo seus medicamentos contra doenças-fantasma, isto é, contra causas inventadas por eles para transtornos tais como aparecem, até o paciente, após muitos anos de um sofrimento continuamente agravado, ser finalmente libertado de suas mãos pela morte, que é o fim de todas as moléstias terrenas⁴⁵.

Os médicos mais antigos eram mais conscientes a este respeito e faziam observações menos preconceituosas. Enxergavam claramente e tornaram-se convencidos de que inúmeros transtornos e as mais severas doenças crônicas seguiam-se à eliminação, da pele, da erupção de sarna. E, dado que esta experiência obrigava-os a assumir a existência de uma doença interna, em cada caso de sarna eles tentavam extirpar esta moléstia interna por meio de uma multidão de remédios internos, tão bons quanto o permitisse sua terapêutica. Na realidade, não passava de uma tentativa inútil, porque o verdadeiro método de cura, cuja descoberta só podia ter sido prerrogativa da Homeopatia, era-lhes desconhecido. Não obstante, este esforço sincero foi digno de louvor, visto basear-se na apreciação da grande doença interna presente juntamente com a erupção de sarna, e cuja doença interna era necessário remover. Isto impedia-os de se apoiar na mera destruição local da sarna, sobre a pele, tal como era praticada pelos médicos modernos, os quais pen-

⁴³ Escrevi isto há seis anos mas mesmo hoje em dia os médicos da escola antiga continuam a agir e a lecionar com a mesma negligência criminosa. A respeito deste importantíssimo tema médico, até o dia de hoje, eles não se tornaram nem um pouco mais sábios ou mais humanos.

⁴⁴ No alemão, “Lungeneiterungen” que significa pus no pulmão; no inglês, o tradutor usou “tubercular phtisis”. (NT. bras.)

⁴⁵ Acidentalmente (pois não podem apresentar senão uma razão fictícia para sua ação), encontraram um refúgio que, em muitos casos alivia temporariamente os sofrimentos de seus pacientes, quando não têm condições de fazer em casa coisa alguma, com suas prescrições, para combater a doença desconhecida, ou seja, enviam-nos para algum banho de enxofre ou coisa semelhante, com o qual os pacientes freqüentemente se livram de uma pequena parte de sua *Psora*, sendo também assim aliviados, por um certo tempo, de sua doença crônica, após a primeira vez em que empregam os banhos; mas em seguida recaem no mesmo transtorno ou nalgum outro que lhe seja aparentado e a repetição do banho nessa ocasião pouco ou nada adianta, porque a cura de uma *Psora* desenvolvida exige um tratamento muito mais adequado do que o uso impetuoso de tais banhos.

sam que não podem afastá-la rápido o bastante – como se fosse uma mera doença externa de pele – sem considerar os grandes danos decorrentes de uma tal intervenção. Por outro lado, os médicos mais antigos expuseram esses danos perante nossos olhos, de forma admonitória, através de seus trabalhos escritos, apresentando milhares de exemplos.

As observações destes homens honestos são por demais assustadoras para serem rejeitadas desdenhosamente ou ignoradas por homens conscientiosos.

Mencionarei aqui algumas destas numerosas observações que se nos apresentam em mãos e que eu poderia expandir com um número igual de observações de minha autoria, não fossem as primeiras já abundantemente suficientes para demonstrar com que fúria a *Psora* interna se manifesta, quando é apressadamente removido o sintoma local externo que serve para aplacar a moléstia interna. As observações mostram também que deve ser uma questão de consciência por parte do médico que ama seus semelhantes dirigir todos os seus esforços no sentido de curar, antes de mais nada, a moléstia interna, por meio do quê a erupção cutânea será concomitantemente removida e destruída, bem como serão evitados todos os inúmeros sofrimentos crônicos subseqüentes, os quais duram a vida toda e que decorrem da *Psora*; ou curados, no caso de já estarem exasperando a vida do paciente.

São incontáveis as doenças em parte agudas mas principalmente crônicas que decorrem de uma destruição assim parcial do sintoma cutâneo principal (erupção e comichão), o qual age substituindo e aliviando a *Psora* interna (cuja destruição erradamente chamada de: “*Orientar a sarna para dentro do corpo*” são tão múltiplas quantas são as peculiaridades das constituições corporais e do mundo exterior que as modificam.

Um rápido apanhado dos múltiplos infortúnios daí resultantes é apresentado pelo experiente e honesto LUDWIG CHRISTIAN JUNCKER em seu trabalho *Dissertatio de Damno ex Seabie Repulsa*, Halle, 1750, p. 15-18. Ele observou que, em pessoas jovens de temperamento sangüíneo, a supressão da sarna é seguida pela tísica e que, em pessoas cujo temperamento é geralmente sangüíneo, essa supressão é seguida por hemorróidas, cólicas hemorroidais e cálculos renais; em pessoas com temperamento sangüíneo-colérico, é seguida de inchaço dos gânglios inguinais, de enrijecimento das articulações e de úlceras malignas (em alemão chamadas *Toden-brüehe*); em pessoas gordas, é seguida por um catarro sufocante e por consumção do tipo mucoso; também por febre inflamatória, pleurisia aguda⁴⁶ e inflamação dos pulmões. Além disso, afirma ele que, em autópsias, encontraram-se pulmões indurados e repletos de cistos contendo pus; verificou-se também que outras indurações, inchados dos ossos e úlceras seguem-se à supressão de uma erupção. Pessoas fleugmáticas sofriam principalmente de hidropsia em decorrência de tais supressões; as menstruações ficaram atrasadas e quando a sarna era afastada durante o fluxo, transformava-

⁴⁶ No inglês, “acute pleurisy”; no alemão *hitziger Seitenstich* que significa ardente pontada no lado. (NT. bras.)

se numa hemoptise mensal. As pessoas inclinadas à melancolia ficavam insanas, em alguns casos, após uma tal repressão; se as mulheres estivessem grávidas, normalmente os fetos morriam. Algumas vezes, a supressão da sarna causa esterilidade⁴⁷; em mulheres que estão amamentando, em geral o leite acaba, as menstruações desaparecem prematuramente; em mulheres mais velhas, o útero torna-se ulcerado, aco-sado por dores profundas em queimação, ao lado de definhamento (câncer do útero).

Suas experiências: foram freqüentemente confirmadas pelas observações⁴⁸ de outros, por exemplo, com referência a:

Asma⁴⁹, **Lentilius** *Miscell. med. pract.* Tom. I., p. 176. **Fr. Hoffman** *Albhandlung v. d. Kinderkrankheiten*, Frft. 1741, p. 104. **Dethranrding** in *Append. ad Ephem. Nat. Cur. Dec. III, ann 5 et, 6 et in obs. parallel ad obs. 58.* **Binniger**, *Obs. Cent. V, obs. 88.* **Morgagni**, *de sedibus et caus. morb. Epist. XIV., 35. Acta Nat. Cur. Tom V. obs. 47.* **J. Juncker**, *Consp. ther. spec. tab. 31.* **F. H. L. Muzell**,

⁴⁷ Uma mulher judia grávida tinha uma sarna nas mãos e removeu-a no 8º. mês de sua gravidez de modo tal que não fosse vista durante o período de seu parto. Três dias depois ela deu à luz e não aconteceu a descarga de lóquios, tendo ela sofrido de febre alta; desde então, e durante sete anos ela foi estéril e sofreu de leucorréia. Depois, ficou pobre e tinha que andar uma grande distância descalça; por força disto a sarna apareceu novamente e ela perdeu a leucorréia e suas outras afecções histéricas; ficou novamente grávida e deu à luz em segurança. (*Juncker, ibid.*) (N. Hahn.).

⁴⁸ Ao escrever a primeira edição das Doenças Crônicas, eu ainda não conhecia o *Versuche fuer me prakt. Heikunde aus den Klinischen Anstalten von Tübingen*, 1808. Mas, examinando o trabalho, vi que o que ele diz acerca de doenças que se seguem à eliminação da sarna via aplicações locais é apenas uma confirmação do que eu já havia descoberto com uma outra centena de autores. Ele também observou que a eliminação exterior da sarna era acompanhada por úlceras nos pés, comsumpção pulmonar, cloroze histérica com várias irregularidades menstruais; inchaço branco do joelho, hidropisia das articulações, epilepsia, amaurose com córnea obscurecida; glaucoma com amaurose completa; desorganização mental, paralisia, apoplexia e encurvamento do pescoço; erroneamente, estes problemas foram atribuídos por ele apenas aos ungüentos. Mas seu próprio método de eliminação local lenta de erupção através de sulfureto de potassa e sabão pastoso, que ele chama em vão de *cura* do problema, não é melhor de jeito nenhum. Como se este seu tratamento fosse alguma coisa a mais do que a eliminação local da erupção, para longe da pele! Uma cura qualquer verdadeira é-lhe tão desconhecida como o é para os outros alopatas, pois ele escreve: “É óbvio que se trata de um absurdo tentar curar a sarna (scab) por remédios internos”; Não! Não só é absurdo como até mesmo maldoso empreender a cura de uma doença de sarna interna, que não tem condições de ser curada por meio de qualquer que seja a aplicação *local*, a não ser por meio de uma intervenção *interna* que por si só consegue curar a doença *por completo e com toda a certeza*. (N. Hahn.).

⁴⁹ No inglês, “asthma”; no alemão, “Engebrüstigkeit” que significa “opressão do peito”, “estreitamento do peito”. Em francês o termo pode ser igualmente traduzido como dispnéia ou asma. (NT. bras.)

Wahrnehm Samml. II Cas. 8¹. J. Fr. Gmelin in Gesner's Samml v. Beob. V. S 21.² **Hundertmark.-Zieger** *Dissert. de scabie artificiale, Lips.* 1758, p. 32.³ **Bereis-Stammen** *Diss. de causis cur imprimis plebs scabie laboret.* Helmst. 1792, p. 26.⁴ **Pelargus (Storch)** *Obs. clin. Jahrg.,* 1722, p. 435 n 438.⁵ *Breslauer Sammlung v. Jahre 1727,* p. 293.⁶ **Riedlin, opai, Obt. Cent. II, obs. 90.** Augsburg. 1691.⁷

¹ Um homem de idade entre 30 e 40 anos havia sofrido de sarna durante um longo tempo e esta havia sido afastada com ungüentos; desde essa época, o paciente se tornara cada vez mais asmático (Enbrüstigkeit). Por fim, sua respiração tornou-se, mesmo quando não estava se movimentando, muito curta e extremamente difícil, emitindo ao mesmo tempo um som sibilante contínuo e acompanhado de apenas um pouco de tosse. Prescreveu-se-lhe uma injeção* de um dracma de cila e a ingestão via oral de três grãos de cila. Por engano, contudo, tomou internamente a dracma do remédio. Estava por pouco perdendo a vida com uma náusea e uma ânsia de vômito indescritíveis. Pouco tempo depois disto, a sarna reapareceu em suas mãos, pés e corpo todo em grande abundância, e desta forma, a asma (Enbrüstigkeit) foi imediatamente removida.

² Asma violenta estava associada a um inchaço generalizado e a febre.

³ Um homem de 32 anos teve sua sarna removida pelo unguento de enxofre e, durante onze meses, sofreu da mais violenta asma (Engbrüstigkeit) até que, bebendo suco de bétula, a erupção reapareceu no vigésimo-terceiro dia.

⁴ Um estudante foi acometido pela sarna exatamente quando ia dançar e por este motivo teve-a removida por um clínico usando unguento de enxofre. Logo depois, porém, ele foi atacado por uma asma (Engbrüstigkeit) tão severa que só conseguia inspirar jogando sua cabeça para trás, sendo que quase se sufocava durante os ataques. Depois de lutar com a morte deste jeito, por uma hora, ele expelia pela tosse pequenos pedaços cartilaginosos que o deixavam aliviado por um breve período. Tendo voltado para casa em Osterode, sofreu continuamente desta doença por dois anos, tendo ataques cerca de dez vezes ao dia, que não podiam ser sequer mitigados com o auxilio de seu médico, Beireis.

⁵ Um menino de 13 anos que sofria desde a infância de *tinea capititis** fez com que sua mãe a removesse, mas tornou-se muito doente daí a oito ou dez dias, sofrendo de asma (Engbrüstigkeit), de violentas dores nos membros, nas costas e nos joelhos as quais não foram aliviadas enquanto não irrompeu uma erupção de sarna por todo o corpo, um mês depois.

* No alemão, *Kopfgrinde*, que significa feridas na cabeça. (NT. bras.)

⁶ *Tinea capititis* (Kopfgrinde) numa menininha foi eliminada através de purgantes e outros medicamentos mas a criança foi atacada por opressão** no peito, tosse e uma grande lassidão. Não foi antes de ela haver parado de tomar os medicamentos e de *tinea* haver novamente brotado que ela recuperou sua vivacidade e esta, na verdade, rapidamente.

** No alemão, “Beängstigung”, que significa angústia no peito. (NT. bras.)

⁷ Um menino de 5 anos sofreu muito tempo de sarna e quando esta foi eliminada por uma pomada, deixou por seqüela uma melancolia severa, com tosse.

Catarro Sufocante, Ehrenfr. Hagendorf. hist. med. phys. *Cent. I., hist 8, 9.*⁸
Pelargus, Obs. clin. Jahrg., 1723. p. 15.⁹

Sufocações por Asma. Joh. Phil. Brendel, *Consilia med. Frft. 1615. Cons., 73. Ephem. Nat. Cur., Ann. II., obs. 313. Wilh. Fabr. V. Hilden,* *Obs. Cent. III., Obs. 39.*¹⁰ *Ph. R. Vicat . Obs. Pract., obs. 35, Vitoduri.* 1780.¹¹ **J. J. Waldschmid.** *Opera. p. 244.*¹²

⁸ Devido à *tinea capitidis* (Kopfgrinde) que havia sido eliminada pela fricção de óleo de amêndoas surgiu uma lassidão excessiva em todos os membros, dor de cabeça de um só lado, perda de apetite, asma (Engbrüstigkeit), acordar de noite com catarro sufocante, estertoração e chiado no peito e torções (twisting) convulsivas dos membros como se estivesse prestes a morrer, além de hematúria. Quando a *tinea* reapareceu, o paciente restabeleceu todos estes transtornos.

Uma menina de 3 anos sofria de sarna há várias semanas; quando esta foi afastada por um ungüento; no dia seguinte, a criança foi acometida por um catarro com ronco, com adormecimento e frio (coldness) do corpo todo, dos quais não se restabeleceu enquanto a sarna não reapareceu.

⁹ Uma menina de 12 anos tinha uma sarna da qual havia sofrido freqüentemente e que foi eliminada da pele por um ungüento, após o quê foi acometida de febre aguda com catarro sufocante, asma (Engbrüstigkeit) e inchaço e, mais tarde, pleurisia (Seitenstich). Seis dias depois, tendo ingerido um medicamento interno contendo enxofre, a sarna apareceu de novo e todos os transtornos, exceto o inchaço, desapareceram; mas após 24 dias a sarna secou novamente por completo, o que foi seguido por uma nova inflamação no peito com pleurisia (Seitenstich) e vômitos.

§ No inglês “catarrh”; no alemão, *Stickhusten*, que significa tosse sufocante. (NT. bras.)

¹⁰ A dispnéia[§] de um jovem de 20 anos, causada pela eliminação da sarna era tão grande que ele não conseguia inspirar de modo algum e seu pulso era quase imperceptível; em consequência disso, ele se asfixiou.

§ *Brustbeklemmung*, no original alemão, que significa constrição do peito. (NT. bras.)

¹¹ Uma herpes (Flechte) úmida na parte superior do braço esquerdo de um jovem de 19 anos foi por fim removida localmente através de muitas aplicações externas. Mas logo em seguida, manifestou-se uma asma (Engbrüstigkeit) periódica que se intensificou de súbito após um longo passeio a pé no calor do verão, levando à asfixia, tendo o rosto ficado inchado e vermelho-azulado e o pulso rápido, fraco e irregular.

¹² A dispnéia (Brustbeklemmung), decorrente de uma sarna eliminada, emergiu muito de repente e o paciente foi asfixiado.

Asma com Inchaço Geral. **Waldschmid**, ibid. Heochtetter, *Obs. Dec. III., obs. 7 Frft. et Lips, 1674*, p. 248. **Pelargus**, *Obs. Clin. Jahrg.*, 1723, p. 504.¹³ **Riedlin**, o pai, *Obs. Cent. II., obs. 91*.¹⁴

Asma com Hidropisia do Peito, **Storch** in *Act. Nat. Cur. Tom. V.*, obs. 147. **Morgagni**, *de sed. et causis morb.* XVI., Art. 34.¹⁵ **Richard**, *Recueil d'observ. de Méd. Tom. III.*, p. 308, Paris, 1772. **Hagendorn**, conforme acima, *Cent. III., hist. 15*.¹⁶

Pleurisia (Seitenstich) e Inflamação no Peito, **Pelargus**, conforme acima, p. 10.¹⁷ **Hagendorn**, conforme acima, *Cent. III., hist. 58*. **Giseke**, *Hamb. Abhandl.*, p. 310. **Richard**, conforme acima. *Jahrg.*, 1721, p. 23 e 114,¹⁸ e *Jahrg.*, 1723, p. 29,¹⁹ também em *Jahrg.*, 1722, p. 459.²⁰ **Sennert** *pracis med. lib. II., P. III., Cap. 6*, p. 380.

¹³ Uma menina de 5 anos havia tido por um certo tempo grandes vesículas de sarna nas mãos e que secaram por si sós, completamente. Pouco depois, ela tornou-se sonolenta, cansada e foi acometida de dispneia. No dia seguinte, sua sarna (Engbrüstigkeit) prosseguiu e seu abdômen tornou-se distendido.

¹⁴ Um fazendeiro de 50 anos de idade, que durante um longo tempo havia sido torturado pela sarna, enquanto eliminava-a por meio de aplicações externas foi acometido de dispneia, perda de apetite e inchaço do corpo todo.

¹⁵ Uma moça em Bolonha eliminou a sarna com um ungüento e foi acometida com a mais severa asma (Engbrüstigkeit), sem febre. Após duas sangrias sua força decresceu a tal ponto e a asma foi tão intensificada que ela morreu no dia seguinte. O peito todo estava ocupado por uma água azulada, como também o pericárdio.

¹⁶ Uma menina de 9 anos com uma *tinea capititis* (Kopfgrinde) eliminada, foi acometida por uma febre persistente, um inchaço geral e dispneia; quando a *tinea* irrompeu de novo, ela se recuperou.

¹⁷ Um homem de 46 anos eliminou sua sarna com um ungüento de enxofre. Em seguida foi acometido por uma inflamação no peito com expectoração sanguinolenta, dispneia e grande angústia. No dia seguinte, o calor e a angústia tornaram-se praticamente insuportáveis e as dores no peito aumentaram no 3º. dia. Depois apareceu suor. Após quatorze dias, a sarna brotou de novo e ele sentiu-se melhor. Mas ele teve uma recaída, a sarna secou toda de novo e ele faleceu, no décimo-terceiro dia após a recaída.

¹⁸ Um homem magro morreu de inflamação no peito e outros transtornos vinte dias depois de eliminar a sarna.

¹⁹ Um menino de 7 anos cuja *tinea capititis* (Kopfgrinde) e sarna secaram por completo morreu quatro dias depois de febre aguda e a asma (Engbrüstigkeit) acompanhada de expectoração.

²⁰ Um jovem que removeu sua sarna com um ungüento de chumbo, morreu quatro dias depois de uma doença do peito.

Jerzembsky, Diss. *Scabies salubris in hydrope*, Halae, 1777²¹. **Karl Wenzel**, *Die Nachkrankheiten von zurückgetretener Krätze*, Bamb., 1826, p. 49.²²

Pleurisia* e **Tosse, Pelargus**, conforme acima, Jahrg., 1722, p. 79.²³

Tosse severa, Richard, conforme acima. Juncker, *Conspect. Med. theor. et pract. tab.*, 76. **Hundertmark**, conforme acima, p. 23.^{23*}

Hemoptise, Phil. Georg. Scheroeder, *Opusc.* II., p. 322. **Richard**, conforme acima. **Binninger**, Obs. Cent. V., obs. 88.

Hemoptise e Consumpção. Chn. Max Spener, *Diss. de egro febri maligni, phthisi complicata laborante*, Giess, 1699.²⁴ **Baglio**, *Opera*, p. 215. **Sicelius Praxis casual. Exerc.** III., *Cas.* I, Frft e Lips, 1743.²⁵ **Morgagni**, conforme acima, XXI., Art. 32.²⁶ **Uazers Arzt C C C.**, p. 508.²⁷ **Karl Wenzel**, conforme acima, p. 32.

²¹ Uma hidropisia geral foi rapidamente curada pelo retorno da sarna, mas quando esta foi suprimida por um resfriado forte (severe cold), sobreveio uma pleurisia (Seitenstich) e seguiu-se-lhe a morte após três dias.

²² Um jovem camponês atacado de febre aguda com pleurisia (Seitenstich) e dispnéia (Brustbeklemmung) seis dias depois de haver eliminado uma erupção de sarna com ungüento de enxofre.

* No original alemão, *Stechen in der Brust*, que significa pontada no peito. No inglês está “pleurisy”. (NT. bras.)

²³ Um escolar de 13 anos foi acometido de tosse e pontadas no peito quando sua sarna secou inteiramente. Estes transtornos desapareceram quando a sarna voltou a irromper.

^{23*} Um homem de 36 anos, teve sua sarna removida dezesseis meses antes por um ungüento de chumbo e mercúrio, desde então sofreu de coqueluche acompanhada de grande angústia.

²⁴ Um jovem de 18 anos tinha sarna que acabou eliminando com uma loção de cor preta. Alguns dias depois, ele foi acometido por calafrios e calores, lassidão, opressão do coração, dor de cabeça, náusea, sede violenta, tosse e dificuldades respiratórias; expectorou sangue, começou a falar de forma delirante, seu rosto tornou-se mortalmente pálido e encovado e sua urina era vermelho vivo, sem sedimentos.

²⁵ Erupção de sarna num jovem de 18 anos, eliminada por um emplastro de mercúrio.

²⁶ Uma sarna desaparecida por si só da pele foi seguida de febre insidiosa e expectoração fatal de pus; na autópsia, o pulmão esquerdo mostrou-se repleto de pus.

²⁷ Um candidato ao ministério, de robusta aparência, estava a poucos dias de discursar e portanto desejava libertar-se de sua antiga sarna e assim friccionou-se certo dia com um ungüento para sarna e, em algumas horas, logo após o meio-dia, ele veio a falecer de ansiedade, dispnéia e tenesmo; a autópsia demonstrou que os pulmões estavam completamente tomados de pus líquido.

Acúmulo de pus no peito. F. A. Waitz, *Medic. Chirurg. Ausfsätze Th. I.*, p. 114, 115.²⁸ Preval, no *Journal de Médec.*, LXI., p. 491.

Cistos de pus nos intestinos. Krause. Schubert, *Diss. de scabie Humana*. Lips. 1779, p. 23.²⁹

Grande degeneração de uma grande parte dos intestinos. J. H. Schulze, in *Act. Nat. Cur. Tom. I obs.*, 231.³⁰

Degeneração do cérebro. Dimenbrock, *Obs. et Curat. med., obs. 60*. Bonet, *Sepulchretum anat. Sect. IV.*, obs. I, § 1³¹ e § 2.³² J. H. Schulze, conforme acima.

Hidrocéfalo. *Acta helvet.*, V., p. 190.

Úlceras no estômago. L. Chin. Juncker, *Diss. de scabie repulsa*, Halle, 1750, p. 16.³³

Esfacelo do estômado e duodenal. Hundertmark, conforme acima, p. 29.³⁴ (necrose – NT bras.).

²⁸ Empiema seguiu-se à eliminação, por meios externos, de uma erupção de sarna que havia brotado poucos anos antes e que aparecia especialmente em março e abril.

²⁹ Um jovem que havia sido aconselhado pelo (bom médico) Prof. Krause contra o uso de ungüento de enxofre para uma sarna que havia reaparecido não seguiu o conselho e friccionou-se com o mesmo, após o quê morreu de constipação. Em seu corpo, na autópsia, foram encontradas bolsas de pus nas vísceras abdominais.

³⁰ Também estavam doentes o diafragma e o fígado.

³¹ Um principezinho de 2 anos teve sua *tinea capitis* (Kopfgrinde) eliminada; em consequência disso, após a morte, foi encontrada grande quantidade de água sanguinolenta sob seu crânio.

³² Numa mulher cuja *tinea* (Kopfgrinde) havia sido removida por uma loção, descobriu-se que metade de seu cérebro estava putrefeito e cheio de um humor amarelo.

³³ Um homem ilustre, de temperamento colérico-sangüíneo, foi afligido por dores gotosas do abdômen e por dores como se causadas por cálculos. Após a remoção da gota através de vários remédios, a sarna apareceu, a qual foi eliminada pelo uso de um banho dessecante com tanino (tan-bark); formou-se uma úlcera em seu estômago que, conforme o revelou a autópsia, apressou sua morte.

³⁴ Um menino de 7 semanas e um jovem de 18 anos morreram muito repentinamente por causa de uma sarna eliminada através de um ungüento de enxofre. Na autópsia do caso do bebê, descobriu-se que parte superior do estômago imediatamente abaixo do orifício fora destruída pela gangrena e, na do segundo caso, que aquela parte do duodeno na qual escoam o duto biliar e o duto pancreático estavam atacadas da mesma forma. Uma inflamação fatal semelhante ao estômago decorrente de uma eliminação da sarna§ encontra-se em *Morgagni*, segundo acima, LV, art. II.

§ No original alemão, após "... eliminação da sarna" ainda consta "bei einen Tagelöhner", que significa "num trabalhador rural diarista". A frase completa no original alemão seria: "...de uma eliminação da sarna, num trabalhador rural diarista, encontra-se em...". (NT. bras.)

Inchaço hidrópico geral.³⁵

Hidropsia do peito. **Hessler in Karl Wenzel**, conforme acima, p. 100 e 102.

Hidropsia do abdômen, Richard, conforme acima, e com vários outros observadores.

Inchaço do escroto (em meninos). **Fr. Hoffmann**, *Med, rat. syst.* III., p. 175.

Inchaço vermelho do corpo todo. **Lentilius**. *Misc. med. pract.*, Parte I., p. 176.

Icterícia. **Baldinger**, *Krankheiten ein Armee*, p. 226. **Joh. Rud. Camerarius**, *Memorab. Cent.*, X, § 65.

Inchaço das glândulas parótidas*. **Barette**, in *Journal de Méd.*, p. 169.

Inchaço dos gânglios (glands) cervicais, Pelargus, conforme acima, Jahrg., 1723, p. 593.³⁶ **Unzer, Arzt.** Parte VI., St. 301.³⁷

³⁵ A este respeito, encontram-se inúmeros casos em vários autores dos quais desejo mencionar apenas o que é relatado em J. D. Fick, *Exercitatio med. de Scabie retropulsa*, Halle, 1710, § 6, no qual uma erupção de sarna eliminada pela aplicação de mercúrio, deixou por seqüela um hidropsia geral que só foi mitigada pelo reaparecimento da erupção.

O autor do livro *Epidemion lib. 5, nº 4*, que se aceita como sendo Hipócrates, menciona primeiramente os tristes resultados de um certo caso no qual um ateniense fora acometido por uma erupção violenta de sarna (itching eruption), espalhada por todo o corpo e, especialmente, pelos órgãos genitais; ele a expeliu usando banhos quentes na Ilha de Melos, mas morreu de uma hidropsia posterior.

* No original alemão, “Ohrdrüsén” que significa *glândulas do ouvido*. O termo alemão para glândulas parótidas é *Ohrspeicheldrüsen*. (NT. bras.)

³⁶ Um menino de 8 ou 9 anos que pouco antes havia sido curado de tinea* exibiu muitos inchaços dos gânglios (glands) do pescoço, devido ao quê o mesmo ficou deformado e tenso.

* No original alemão, “böser Kopf” que significa *cabeça machucada* ou *cabeça ruim*. (NT. bras.)

³⁷ Um jovem de 14 anos teve a sarna (the itch) em junho de 1761. Ele friccionou um ungüento de cor cinza e a sarna desapareceu. Em decorrência disto, os gânglios (glands) localizados atrás de ambas as orelhas incharam; o inchaço da orelha esquerda desapareceu sozinho, mas o da direita após cinco meses tomou-se monstruosamente aumentado e, mais ou menos em agosto, começou a doer. Todos os gânglios (glands) do pescoço estavam inchados. Por fora, o grande gânglio (gland) estava cheio de nódulos duros e insensíveis mas, internamente, havia uma dor surda, em especial à noite; ao mesmo tempo, ele sofria de dispneia e de deglutição obstruída. Todos os meios utilizados para produzir supuração foram inúteis; o inchaço ficou tão grande que o paciente foi asfixiado no ano* de 1762.

* No original alemão, “Jänner”, que significa janeiro. Por estar grafada em forma ortográfica antiga, no original, pode ter levado o tradutor para o inglês a confundi-la com o termo *Jahr* que significa ano. (NT. bras.)

Obscurecimento dos olhos e presbiopia, Fr. Hoffmann, *Consult. Med.* I Caso 50.³⁸

Inflamação dos olhos, G Wedel. Snetter, *Diss. de Ophthalmia*, Jen., 1710. Hallmann in *Koenigl. Vetenskap Handl. f. A. X.*, p. 210.³⁹ C. Chph Schiller, *de Scabie humida*, p. 42, Erford. 1747.

Catarata. Chn. Gottlieb Ludwig, *Advers med.* II, p. 157.⁴⁰

Amaurose, Northof. *Diss de scabie*, Gotting., 1792, p. 10.⁴¹ Chrn. G. Ludwig, conforme acima.⁴² **Sennert, Prax. lib.** III., Sect. 2, Cap. 44. **Trecourt, chirurg. Wahrnehmungen**, p. 173. Leipz. 1777. **Fabricius ab Hilden. Cent.** II., obs. 39.⁴³

Surdez. Thore in *Capelle, Journal de santé*, Tom. I. **Daniel, Syst. aegritud.** II., p. 228. Ludwig, conforme acima.

Inflamação das vísceras, Hundertmark, *Diss. de scabie artificiali*, Lips. 1738, p. 29.

Hemorróidas (Piles, Hemorrhoids), Acta helvet. V., p. 192.⁴⁴ **Daniel, Syst. aegritud** II., p. 245.⁴⁵

³⁸ Uma menina de 13 anos foi acometida pela sarna, principalmente nos membros, rosto e genitais; finalmente esta foi eliminada por ungüentos de zinco e enxofre, após o quê ela foi gradualmente ficando com a vista fraca. Pequenos corpos escuros flutuavam perante seus olhos e tais corpos também podiam ser vistos de fora, flutuando no humor aquoso da câmara do olho. Ao mesmo tempo, ela não conseguia reconhecer corpos pequenos exceto com óculos. As pupilas estavam dilatadas.

³⁹ Uma mulher teve uma erupção violenta de sarna nas pernas, com grandes úlceras na dobra do joelho. Tendo sido atacada por varíola, a sarna foi suprimida. Isto induziu uma inflamação úmida do branco dos olhos e das pálpebras, com comichão (itching) e supuração do mesmo, além de visão de corpos escuros flutuando perante seus olhos, isto durou dois anos. Nessa ocasião, durante três dias, ela usou as meias de uma criança atacada com sarna. No último dia irrompeu uma febre com tosse seca, tensão no peito e apareceu um suor que aumentou até que erisipelas irromperam em ambas as pernas e, no dia seguinte, estas transformaram-se em verdadeira sarna. Os olhos então melhoraram.

⁴⁰ Um homem cuja sarna havia sido removida, e que era de constituição robusta, foi acometido de catarata.

⁴¹ De uma sarna expelida por meio de aplicações externas, surgiu amaurose que desapareceu quando tornou a voltar a erupção na pele.

⁴² Um homem vigoroso, quando a sarna foi expelida de sua pele, foi atacado por amaurose e permaneceu cego até idade avançada.

⁴³ Amaurose devida à mesma causa, com dor de cabeça terrível.

⁴⁴ Hemorróidas sangrantes reapareciam mensalmente.

⁴⁵ Em consequência da sarna eliminada através de aplicações locais, houve perda de até quatro litros de sangue em poucas horas, com cólica, febre etc.

* No original alemão consta, como título, “Hämorrhoiden, Mastdarm-Blutfluss” que significa “Hemorróidas, Hemorragia do reto”. (NT. bras.)

Queixas abdominais. Fr. Hoffmann, *Med. rat. syst.* III., p. 177.⁴⁶

Diabete (Mellitaria), *Comment. Lips.* XIV., p. 365. *Eph Nat. Cur. Dec.* II., *ann.* 10 p. 162. C. Weber, *Obs. f. I.*, p. 62.

Supressão da urina, Sennert, *Prax. lib. 3*, p. 8. Morgagni, confonne acima, *XLI., art. 2.*⁴⁷

Erisipelas. Unzer, *Artz. Th V., St.*, 301.⁴⁸

Descargas de humores acres. * Fr. Hoffmann *Consult. Tom II., Cas.* 125.

Úlceras, Unzer, *Arzt. Th. St.* 301.⁴⁹ Pelargus, conforme acima, *Jahrg.* 1723, p. 673⁵⁰. *Breslauer Samm.* 1727, p. 107.⁵¹ Muzell. Wahrnehm. II., *Cas.* 6.⁵² Riedlin, filho, *Cent. obs.* 38.⁵³ Alberti-Gorn, *Diss. de scabi.*, p. 24. Halle. 1718.

⁴⁶ Após a expulsão da sarna, veio a mais violenta das cólicas, dor na região inferior esquerda das costelas, inquietação, febre insidiosa, ansiedade e constipação obstinada.

⁴⁷ Um jovem camponês havia eliminado a sarna com um ungüento e pouco tempo depois sofria de supressão de urina, vômitos e, às vezes, de dor no flanco esquerdo. Após um certo tempo, ele passou a urinar algumas vezes e o pouco que fazia era de cor escura e acompanhado por dores. Foi feita, em vão, uma tentativa de esvaziá-la com um catéter. Por fim, o corpo todo inchou, seguindo-se uma respiração lenta e difícil e o paciente morreu aproximadamente no vigésimo-primeiro dia após a supressão da sarna. A bexiga continha mais ou menos um litro de urina igualmente escura, mas a cavidade abdominal continha água que, mantida um certo tempo sobre o fogo, engrossou formando uma espécie de albumina.

⁴⁸ Um homem friccionou-se com ungüento de mercúrio contra sarna quando se lhe seguiu uma inflamação erisipelatosa no pescoço da qual morreu após cinco semanas.

* No original alemão também consta, além de “humores acres”, “jauchige” que significa *fétidos*. O título completo, portanto, seria *Descargas de humores acres e fétidos*. (NT. bras.)

⁴⁹ Uma mulher, após o uso de um ungüento de mercúrio contra sarna teve uma erupção putrescente por todo o seu corpo de tal modo que pedaços inteiros de carne se decomporam; em poucos dias faleceu, padecendo as maiores dores.

⁵⁰ Um jovem de 16 anos teve sarna por certo tempo; quando esta sumiu, irromperam úlceras nas pernas.

⁵¹ Após a fricção com um ungüento contra sarna seguiram-se, num homem de 50 anos, dores dilacerantes no ombro esquerdo durante cinco semanas, após o quê brotaram na axila diversas úlceras.

⁵² Um charlatão deu a um estudante um ungüento para sarna que fez realmente desaparecer a doença mas, no lugar desta, apareceu uma úlcera incurável na boca.

⁵³ Um estudante que havia muito tempo sofria de sarna eliminou-a com um ungüento e, em seu lugar, irromperam úlceras nos braços e pernas e inchaços ganglionares nas axilas. Estas últimas foram finalmente curadas por aplicações externas; depois ele foi acometido por dispneia (Engbrüstigkeit) e, a seguir, por hidropsia, vindo a falecer por causa destas.

Cáries*, Richard, conforme acima.

Inchaço dos ossos do joelho. Valsava in Morgagni, *de sede et caus. morb.* I. art. 13.

Dor nos ossos, *Hamburger Magaz.*, XVIII, p. 3, 253.

Raquítismo e marasmo em crianças, Fr. Hoffmann, *Kinderkrankh. Leipz.*, 1741, p. 132.

Febre, B. V. Faventinus, *Medicina empir.* p. 260. **Ramazzini**, *Constit. epid. urbis.* II. Nº. 32, 1691.⁵⁴ **J. C. Carl** in *Act. Nat. Cur.* VI., obs. 16.⁵⁵

Febre. Rei, *Memorab. Fasc.* III., p. 169.⁵⁶ **Pelargus**, conforme acima; *Jahrg.*, 1721, p. 276.⁵⁷ e *ibid. Jarhg.*, 1723.⁵⁸ **Amatus**, *Lusit. Cent.* II., Cor. 33. **Schiller**, *Diss. de scabie humida*, Erford, 1747, p. 44.⁵⁹ **J. J. Fick**, *Exercitatio med. de scabie retropulsa*, Halle, 1710, §2.⁶⁰ **Pelargus**, conforme acima, *Janrg.*, 1722, p. 122.⁶¹ Também,

*No original alemão, “Knochenfras”, que significa cáries dos ossos. (NT. bras.)

⁵⁴ Muitas são as observações aí encontradas relativas a casos nos quais a sarna sendo eliminada por ungüentos é seguida por febre e urina enegrecida; nos casos em que a sarna foi novamente trazida para a pele, a febre desapareceu e a urina tornou-se como a de uma pessoa saudável.

⁵⁵ Um homem e uma mulher tiveram uma erupção de sarna na mão, a qual durou muitos anos; toda vez que ela secava por completo, sempre acontecia febre e logo que esta acabava a erupção de sarna novamente retomava; não obstante, esta sarna abrangia apenas uma parte pequena do corpo e não era eliminada com aplicações externas.

⁵⁶ Sarna suprimida por uma febre que surgiu; quando a febre foi removida, aquela retomou.

⁵⁷ Certa mãe aplicou unguento na *tinea* (Kopfgrinde) de um menino de 9 anos e ela desapareceu, mas seguiu-se-lhe uma febre violenta.

⁵⁸ Uma criança de 1 ano de idade tinha tido *tinea capitis* (Kopfgrinde) por um certo tempo, além de uma erupção no rosto; ambas manifestações haviam secado por completo pouco antes de aparecer calor, tosse e diarréia. O retorno da erupção na cabeça provocou alívio.

⁵⁹ Uma mulher de 43 anos, há muito afetada por sarna seca (dry itch), friccionou suas articulações com um unguento de enxofre e mercúrio e assim eliminou-a; isto foi seguido por dores sob as costelas direitas, lassidão em todos os membros, calor e irritação febril. Após o uso de remédios sudoríferos durante seis dias, grandes vesículas de sarna irromperam por todo o corpo.

⁶⁰ Dois jovens, irmãos, eliminaram a sarna através de um único remédio, mas perderam completamente o apetite, apresentaram uma tosse seca e uma febre insidiosa, tornaram-se emaciados e caíram num estupor sonolento, de modo que teriam morrido caso a erupção não houvesse felizmente reaparecido na pele.

⁶¹ Numa criança de 3 anos, quando *tinea capitis* (Kopfgrinde) havia desaparecido sozinha, surgiu uma febre violenta no peito, tosse e fadiga; ela só se recuperou quando a erupção reapareceu na cabeça.

Jahrg. 1723, p. 10, p. 14⁶² e p. 291. **C. G. Ludwig**, *Advers. Med.* II., pp. 157-160.⁶³ **Morgagni**, conforme acima, X., art. 9.⁶⁴, XXI., art. 31⁶⁵, XXXVIII., art. 22⁶⁶, LV., art. 3.⁶⁷

Febre, Lanzonus, in *Esph. Nat. Cur. Dec.* III., ann. 9 e 10, obs. 16 e 113. **Hoechstetter**, *Obs. Med. Dec.* VIII., Cas. 8.⁶⁸ **Triller. Wehle**, *Diss. Nullam medicinam*

⁶² Um artesão de bolsas que trabalhava autonomamente, precisando fazer certo bordado, afastou sua sarna freqüente com um ungüento de chumbo. A sarna estava quase desaparecendo em consequência da aplicação, quando ele foi acometido de calafrios, calores, dispnéia (Engbrüstigkeit) e tosse estertorante pela qual se asfixiou, no quarto dia.

⁶³ Um homem saudável e vigoroso de 30 anos foi acometido de sarna e afastou a erupção da pela mas depois foi atacado por uma febre catarral com perspiração incontrolável; estava ele se recuperando lentamente quando foi acometido por uma outra febre, sem qualquer causa aparente. Os ataques começaram com ansiedade e dor de cabeça e pioraram apresentando calor, pulso rápido e suores matutinos. Havia também o acréscimo de uma perda incomum da força, fala delirante, andar ansiosamente de um lado para o outro, respiração soluçante com sufocação - doença esta que a despeito de todos os medicamentos culminou em morte.

⁶⁴ Num menino, a sarna desapareceu sozinha, sendo seguida por febre. Depois a sarna reapareceu mais violenta e a febre sumiu, mas a criança ficou magra e quando a sarna secou toda de novo seguiu-se-lhe diarréia, convulsões e, logo depois, morte.

⁶⁵ A sarna desapareceu sozinha da pele; após este desaparecimento, seguiram-se febre insidiosa, expectoração de pus e, finalmente, a morte e, na autópsia, o pulmão esquerdo estava repleto de pus.

⁶⁶ Uma mulher de 30 anos teve por muito tempo uma dor nos membros e uma forte erupção de sarna que ela eliminou com um ungüento, após o quê foi atacada por febre e calor violento, sede e dor de cabeça furiosa, acompanhada de fala delirante, dispnéia (Engbrüstigkeit) incontrolável, tumefação do corpo e grande distensão do abdômen. No sexto dia após a febre, ela faleceu. O abdômen continha muito ar e especialmente o estômago estava distendido devido ao mesmo, o qual preenchia metade daquela cavidade.

⁶⁷ Um homem cuja *tinea capitidis* (Kopfgrinde) havia desaparecido devido a um intenso frio (intense cold) foi acometido após oito dias de febre maligna com vômitos, acompanhada finalmente por soluços; em consequência disto, ele morreu no nono dia.

No mesmo artigo, Morgagni menciona o caso de um homem que, apresentando crostas (scabs) de sarna (itch) nos braços e em outras partes, eliminou quase toda a erupção com uma camisa sulfurada mas imediatamente foi acometido de dores repuxantes (drawing) no corpo todo combinadas a febre, de tal modo que ele não conseguia nem descansar à noite nem se mexer durante o dia; a língua e as faces foram atacadas da mesma forma. Após um grande esforço, a erupção foi novamente trazida para a pele e desta maneira sua saúde se recuperou.

⁶⁸ Febre maligna com opistótono decorrente da eliminação da sarna.

interdum esse optimam. Witemb., 1754.⁶⁹ Fick, conforme acima, §1.⁷⁰

Waldschmidt, *Opera*, p. 241. **Gerbizius**, *in Eph. Nat. Cur. Dec.* III., *ann.* 2, *obs.* 167. **Amatus**, *Lusit. Cent.* II., *Curat.* 33.⁷¹ **Fr. Hoffmann**, *Med. rat. system*, T. III., p. 175.⁷²

Febre intermitente terçã. **Pelargus**, conforme acima, *Jahrg.*, 1722, p. 103, cfr. na p. 79.⁷³ **Juncker**, conforme acima, *tab.* 79; *Eph. Nat. Cur. Dec.* I., *ann.* 4. **Welsch**, *Obs.* 15. **Sauvages**, *Spec.* II. **De Hautesierk**, *Obs. Tom.* II., p. 300; *Comment. Lipsienses* XIX., p. 297.

Febre quartã, **Thom. Bartholinus**, *Cap. 4, hist.* 35. **Sennert**, *Para lip.*, p. 116. **Fr. Hoffmann**, *Med. rat. system*, III., p. 175.⁷⁴

Vertigem e perda total da força, **Gobelchofer**, *Obs. Med. Cent.* II., *obs.* 42.

Vertigem como epilepsia, **Fr. Hoffmann**, *Consult. Med.* I., *Cas.* 12.⁷⁵

⁶⁹ Um jovem comerciante havia eliminado a sarna com ungüento quando repentinamente foi acometido por uma tal rouquidão que não conseguia proferir palavra alguma em voz alta; a seguir veio asma (Engbrüstigkeit) seca, nojo de comida, tosse severa especialmente problemática à noite e que roubava seu sono, violentos suores malcheirosos à noite e, apesar de todo tratamento médico, a morte.

⁷⁰ Um burgomestre de 60 anos de idade foi infectado com sarna e sofria de maneira indizível à noite, por causa de tal doença; em vão utilizou vários medicamentos e, finalmente, um mendigo ensinou-lhe um remédio supostamente infalível, composto de *oleum laurinum*, flores de enxofre e banha de porco. Após friccionar-se várias vezes, o paciente libertou-se efetivamente da erupção mas logo em seguida foi acometido por calafrios violentos, seguidos de calor excessivo por todo o corpo, sede veemente, asma ofegante (Kursäthmigkeit, ou seja, respiração curta arfante), insônia, tremor violento por todo o corpo e grande lassidão, de modo tal que no quarto dia expirou.

⁷¹ Devido à mesma causa, febre em combinação com insanidade, precipitando a morte.

⁷² Após a eliminação da sarna, seguem-se febres agudas as mais freqüentes com grande perda de força. Num destes casos, a febre durou sete dias, quando reapareceu a erupção de sarna que deteve a febre.

⁷³ Um menino de 15 anos sofreu muito tempo de *tinea capititis* (Kopfgrinde) e recebeu de **Pelargus** um forte purgativo para curá-la; foi atacado por dores nas costas, dores lancinantes durante a micção, seguida de febre terçã.

⁷⁴ Pessoas idosas têm especialmente sarna seca e se esta for afastada com aplicações externas geralmente surge a febre quartã que desaparece tão logo a sarna ressurja na pele.

⁷⁵ Um conde de 57 anos havia sofrido de sarna seca por três anos. Esta foi afastada e, durante dois anos, ele gozou de uma saúde aparentemente boa; apenas, durante este período, ele sofreu dois ataques de vertigem que foi aos poucos se intensificando; a tal ponto chegou que, certa feita, após terminar a refeição, foi acometido por vertigem tamanha que teria ido ao chão caso não o houvessem amparado. Foi recoberto por um suor gelado, seus membros tremeram, todas as partes de seu corpo estavam como que mortas e ele vomitou repetidamente

Epilepsia como vertigem, Fr. Hoffmann, conforme acima, p. 30.⁷⁶

Convulsões, Juncker, conforme acima, tab. 53. Hoechstetter, *Eph. Nat.*

*Curo Dec. 8, Caso 3. Eph. nat. cur. dec. 2, ann. 5, obs. 224. D. V. Triller, Welle, Diss. Nullam medicinam interdum esse optimam, Viteb., 1754, § 13, 14.*⁷⁷
Sicelius, Decas Casuum 1., Caso 5.⁷⁸ **Pelargus**, conforme acima, *Jahrg.*, 1723, p. 545.⁷⁹

uma substância ácida. Seis semanas depois seguiu-se-lhe ataque similar e a partir daí, uma vez por mês em três meses consecutivos. Mantinha, é verdade, a consciência mas sempre aparecia uma sensação de peso na cabeça e um estupor embriagado. Por último, tais ataques vinham diariamente, conquanto em forma mais branda. O paciente não conseguia ler, nem pensar, nem virar-se rapidamente, nem curvar-se para baixo. Isto era acompanhado por tristeza, pesar, pensamentos ansiosos e suspiros.

⁷⁶ Uma mulher com 36 anos tivera alguns anos antes sua sarna removida com remédios mercuriais. Suas menstruações tornaram-se irregulares e freqüentemente eram interrompidas por dez ou quinze semanas; ao mesmo tempo, ela sofria de constipação. Há quatro anos, durante uma gestação, foi atacada por vertigem e repentinamente caía enquanto estava em pé ou andando. Se estivesse sentada, mantinha os sentidos durante a vertigem, podendo falar, comer e beber. Na ocasião de seu primeiro ataque ela teve uma sensação no pé esquerdo como que fervilhante e formigante que culminou em violentas sacudidelas dos pés para cima e para baixo. Com o tempo, tais ataques eliminavam a consciência e, posteriormente, ao viajar numa carruagem sobreveio-lhe um ataque de epilepsia real que retomou três vezes no inverno seguinte. Durante tais ataques, ela não conseguia falar; na realidade ela não girou os polegares para dentro, contudo havia espuma em sua boca. A sensação de formigamento no pé esquerdo anunciava o ataque e quando esta sensação atingia o alto do estômago desencadeava-o repentinamente. Esta epilepsia foi removida por uma mulher, com cinco pós, mas em seu lugar reapareceu a vertigem, muito mais violenta do que antes. Esta também começava por uma sensação de fervilhamento no pé esquerdo que subia até o coração; esta era acompanhada de grande medo e ansiedade, como se ela estivesse caindo de um lugar alto e, supondo que houvesse caído, perdia a consciência e a fala; ao mesmo tempo, seus membros moviam-se convulsivamente. Porém, também fora dos ataques o menor toque nos pés causava-lhe as dores mais intensas, como se fosse um abscesso (Boil). Isto era acompanhado por dores severas e calor na cabeça, além de perda da memória.

⁷⁷ Após uma sarna haver sido afastada por um ungüento, seguiu-se, numa moça, um desmaio profundo; logo depois, as mais terríveis convulsões e a morte.

⁷⁸ Uma moça de 17 anos, em consequência de *tinea capititis* (Kopfgrinde) que desapareceu por si, foi atacada por um calor contínuo na cabeça e dor de cabeça. Às vezes, ficava sobressaltada, como se por um susto, e enquanto ficava acordada era acometida por movimentos convulsivos dos membros especialmente braços e mãos; além disto, sofria também de opressão no alto do estômago, como se seu peito estivesse amarrado; havia gemidos; depois seus membros sacudiam-se convulsivamente e ela sobressaltava.

⁷⁹ Um homem adulto, que durante certo tempo fora atingido com tremor das mãos, teve uma *tinea* (Kopfgrinde) que secou por completo. Daí em diante, foi atacado por grande lassidão

Convulsões epilépticas e Epilepsia. J. C. Carl. in *Act. Nat. Cur.* VI., obs. 16.⁸⁰ E. Hagendorf, conforme acima, *hist.* 9.⁸¹ Fr. Hoffmann, *Consult med.* I., *Cas.*, 31.⁸², *ibid. med. rat. syst.* T. IV., P. III., *Cap.* I e in *Kinderkrankheiten*, p. 108. Sauvages, *Nosol. spec.* II. De Hautesierk, *obs.* T. II., p. 300. Sennert, *prax.* III., *Cap.* 44. Eph. *Nat. Cur. Dec.* III, *ann.* 2, *obs.* 29. Gruling, *obs. Med. Cent.* III., *obs.* 73. Th. Bartolin, *Cent.* III., *hist.* 20. Fabr. de Hilden, *Cent.* III., *obs.* 10.⁸³ Riedlin, *lin. med. ann.*, 1696. Maj. *obs.* 1.⁸⁴ Lentilius, *Miscell. med. pr.* P. I., p. 32. G. W. Wedel, *Diss. de aegro epileptico*, Jen, 1673.⁸⁵ Herrm. Grube, *de arcanis medicorum non arcanis Hafn.*, 1673, p. 165.⁸⁶ Tulpus, *obs. lib.* I, *Cap.* 8.⁸⁷ Th. Thompson, *Medic. Rathpflede*,

e manchas vermelhas sem calor que se espalharam pelo corpo. O tremor transformou-se em sacudidas convulsivas (convulsive shacking), uma substância sanguinolenta foi expedida pelo nariz e orelhas, além de ele também tossir sangue e, em meio a convulsões, faleceu no vigésimo-terceiro dia.

⁸⁰ Um homem que havia agastado uma erupção de sarna que lhe ocorria com freqüência, usando certo ungüento, passou a ter convulsões epiléticas que tornaram a desaparecer quando a erupção reapareceu na pele.

⁸¹ Um jovem de 18 anos eliminou a sarna com um ungüento mercurial e depois de dois meses foi inesperadamente atacado com convulsões que abrangiam todos os membros do corpo, ora um, ora outro; havia constrição dolorosa do peito e do pescoço, frialdade (coldness) nos membros e grande fraqueza. No quarto dia, foi atacado por epilepsia, espuma na boca, enquanto os membros contorciam-se de maneira esquisita. A epilepsia cedeu somente quando a erupção retomou.

⁸² Com um menino cuja *tinea* (Kopfgrinde) havia sido eliminada pela fricção de óleo de amêndoas.

⁸³ Em crianças, combinada a catarro sufocante.

⁸⁴ Uma empregada, após friccionar duas vezes um ungüento na sua sarna sofreu um ataque de epilepsia.

⁸⁵ Um jovem de 18 anos, que havia eliminado a sarna com remédios mercuriais, foi atacado semanas mais tarde por epilepsia que após quatro semanas voltou com a lua nova.

⁸⁶ Um menino de 7 meses foi atacado por epilepsia apesar de os pais não estarem dispostos a admitir que ele tivera sarna. Mas quando o médico fez uma investigação mais minuciosa, a mãe confessou-lhe que o bebê já tivera algumas vesículas de sarna na sola do pé as quais haviam logo sumido após um ungüento de chumbo; conforme ela disse, a criança não apresentava qualquer outro sinal de sarna. O médico reconheceu corretamente nisto a única causa da epilepsia.

⁸⁷ Duas crianças ficaram livres da epilepsia quando irrompeu uma *tinea* (Kopfgrinde) úmida mas a epilepsia voltou quando a *tinea* foi incautamente eliminada.

Leipzig, 1779, pp. 107, 108.⁸⁸ **Hundertmark**, conforme acima, p. 32.⁸⁹ **Fr. Hoffmann**, Consult. med. I, Cas. 28, p. 141.⁹⁰

Apoplexia. Cummius in *Eph. Nat. Cur. Dec.* I, *ann. I, obs. 58. Möbius, Institut, med.*, p. 65. **J. J. Wepfer**, *Histor. Apoplect. Amstel*, 1724, p. 457.

Paralisia. Hoechstetter. *Obs. med. Dec. VIII, obs. 8*, p. 245. *Journal de Méd.*, 1760, setembro, p. 211. **Unzer**, *Arzt VI., St. 301*.⁹¹ **Hundertmark**, conforme acima, p. 33.⁹² **Krause. Schubert**. *Diss. de Scabie humani corp.*, *Lips.*, 1779, p. 23.⁹³ **Karl Wenzel**, conforme acima, p. 174.

⁸⁸ Desapareceu uma sarna de cinco anos de duração e, depois de muitos anos, isto produziu epilepsia.

⁸⁹ A sarna de um jovem de 20 anos foi suprimida por um purgativo que teve oportunidade de agir violentamente por vários dias; após isto, o jovem sofreu diariamente durante dois anos das mais violentas convulsões até que, por intermédio do uso do suco de bétula, a sarna foi novamente trazida para a pele.

⁹⁰ Um rapaz de 17 anos de vigorosa constituição e boa inteligência foi atacado, três anos depois de a sarna haver sido afastada, primeiramente por hemoptise e depois por epilepsia a qual piorou devido aos medicamentos, chegando ao ponto de os ataques acontecerem a cada duas horas. Um outro cirurgião, fazendo uso freqüente de sangrias e de muitos medicamentos, conseguiu que o paciente ficasse livre da epilepsia durante 4 semanas mas logo depois a mesma retomou enquanto ele estava tirando seu cochilo de depois do almoço e sofreu à noite dois ou três ataques; ao mesmo tempo foi acometido de tosse severa e catarro sufocante, especialmente de noite, ocasião em que expectorava um fluido muito fétido. Ficou confinado à cama. Finalmente, após muitos medicamentos, a doença aumentou a tal ponto que ele sofria dez ataques à noite e oito durante o dia. Não obstante, nestes ataques ele jamais fechava os polegares ou tinha espuma na boca. Sua memória enfraqueceu-se. Os ataques surgem quando se aproxima a hora da refeição mas é mais freqüente incorrerem após as mesmas. Durante os ataques noturnos ele permanece no mais profundo dos sonos sem acordar, mas pela manhã, sente-se como se tivesse contusões pelo corpo todo. O único aviso de ataque consiste em coçar o nariz e erguer o pé esquerdo verticalmente e a seguir cai repentinamente no chão.

⁹¹ Após ter sua sarna afastada, uma mulher sofreu paralisia de uma perna e ficou manca.

⁹² Após eliminar a sarna com ungüento de enxofre, um homem de 53 anos teve hemiplegia.

⁹³ Um ministro que durante muito tempo tinha usado inutilmente remédios internos contra a sarna finalmente ficou cansado daquilo e a eliminou com ungüento; após o mesmo, suas extremidades superiores ficaram até certo ponto paralisadas e formou-se uma pele grossa e dura nas palmas das mãos, cheia de gretas sanguinolentas e com um comichão intolerável. No mesmo artigo, o autor também menciona uma mulher cujos dedos se contráíram devido à eliminação de uma sarna via meios externos; durante muito tempo a paciente sofreu deste problema.

Melancolia. *Reil, Memorab. Fasc.*, III., p. 177.⁹⁴

Insanidade. Landais in Roux, *Journ. de Médecine*, Tom. 41. Amat. Lusitanus, *Curat. med. Cent.* II., *Cur. 74. J. H. Schulze, Brune, Diss. Casus aliquor mente Aleinatorum*, Hafie, 1707. Cas. I, p. 5.⁹⁵ **F. H. Waitz.** *medic. chirurg. Aufsatze. Th.* I, p. 130.⁹⁶ *Altenburg.* 1791. **Richter,** in *Hufel. Journal.* XV., II. **Grossmann in Baldinger Neuen Magaz.**, XL, I.⁹⁷

Após meditar a respeito mesmo destes poucos exemplos que muito poderiam ser aumentados com testemunhos de médicos daquela época e com os meus próprios⁵⁰, quem continuaria tão descuidado a ponto de ignorar o grande mal internamente oculto, a *Psora*, da qual a erupção de sarna e suas outras formas, *tinea capitidis*

⁹⁴ Ele verificou o aparecimento de uma melancolia idiota em consequência de uma sarna suprimida; quando esta novamente irrompeu a melancolia desapareceu.

⁹⁵ Um estudante de 20 anos de idade teve sarna úmida a qual cobriu de tal modo suas mãos que ele ficou incapaz de comparecer ao trabalho. Esta foi removida com ungüento de enxofre. Porém pouco depois apareceu o quanto sua saúde havia sofrido com isso; o rapaz ficou insano. Cantava ou ria em locais onde isto não era conveniente e corria até cair de exaustão no chão. Dia a dia tornava-se ele mais doente da alma e do corpo até que finalmente teve hemiplegia e faleceu. Descobriu-se que seus intestinos haviam se aglutinado numa massa compacta crivada de pequenas úlceras cheias de protuberâncias, algumas das quais do tamanho de nozes, repletas de uma substância que lembrava o gesso.

⁹⁶ Mesmo episódio (story).

⁹⁷ Num homem de 50 anos, após a sarna haver sido afastada por ungüentos, instalou-se uma hidropsia geral; quando a sarna reapareceu e eliminou o inchaço, ele novamente afastou-a, após o quê foi acometido por uma loucura furiosa, enquanto a cabeça e o pescoço incharam ao ponto de asfixia; por fim, acrescentaram-se cegueira e supressão total da urina. Irritantes artificiais aplicados na pele e um emético potente trouxeram a sarna de volta; quando a erupção se estendeu pelo corpo todo desapareceram os acidentes anteriores.

⁵⁰ Um adversário pertencente à escola antiga reprovou-me por eu não haver aduzido minha própria experiência com o fito de provar que as moléstias crônicas, quando não são de origem sifilítica ou sicótica, decorrem do miasma da sarna, na medida em que provas tais como as oriundas da experiência teriam sido convincentes. Ora! Se os exemplos aqui apresentados por mim, oriundos de trabalhos escritos não-homeopáticos tanto抗igos quanto modernos, ainda não contêm provas suficientemente convincentes, eu gostaria de saber que outros exemplos (sem sequer excetuar os meus) se poderia conceber que fossem provas mais contundentes? Com que freqüência (e, posso dizer, quase sempre) os adversários da escola antiga recusaram todo crédito às observações de honrados médicos homeopatas porque elas não eram realizadas perante seus próprios olhos e porque os nomes dos pacientes só eram indicados com uma letra, como se pacientes particulares permitissem que seus nomes fossem usados! Por que é que eu devo suportar semelhante situação? Não estou eu provando minha alegação da mais indubitável das maneiras, do modo mais isento de partidarismos, através da experiência de tantos outros praticantes honestos?

(Kopfgrinde), crosta láctea, eczema etc., são apenas indicações que anunciam a monstruosa doença, interna do organismo inteiro, são apenas sintomas locais externos que agem substitutivamente e de forma aliviante em relação à doença interna? Quem, após a leitura dos inclusive poucos casos aqui descritos, hesitaria em reconhecer que a *Psora*, como já foi afirmado, é o *mais destrutivo* de todos os miasmas crônicos? Quem será tão impassível a ponto de declarar, em uníssono com os médicos alopatas mais recentes, que a erupção de sarna, tinea (Kopfgrinde) e eczema (tetter) são localizadas apenas superficialmente na pele e portanto podem sem receio ser eliminadas por meios externos, uma vez que a parte interna do corpo não participa das mesmas e conserva sua saúde?

Com certeza, dentre todos os crimes dos quais os médicos modernos da escola antiga são culpados, este é o mais prejudicial, vergonhoso e imperdoável!

O homem que, após os exemplos citados e a partir de inúmeros outros de natureza semelhante, não estiver disposto a enxergar o oposto exato de tal afirmação impede-se propositalmente de ver e trabalha intencionalmente para a destruição da humanidade.

Ou é ele tão pouco instruído a respeito da natureza de todas as moléstias miasmáticas associadas a doenças da pele que não sabe que todas elas têm um trajeto similar em sua origem? E que todos estes miasmas tornam-se primeiramente moléstias internas do sistema inteiro antes de os seus sintomas externos aliviadores emergirem na pele?

Iremos elucidar mais minuciosamente este processo e por conseguinte iremos verificar que todas as moléstias miasmáticas que evidenciam transtornos locais peculiares na pele estão sempre presentes na forma de moléstias internas no sistema *antes* de mostrarem seus sintomas locais externamente sobre a pele; e que somente em doenças agudas, após estas terem percorrido seu curso durante um certo número de dias, é que o sintoma local juntamente com a doença interna costuma desaparecer, o que então deixa o corpo livre de ambos. No entanto, nos miasmas crônicos, o sintoma local externo pode ou ser afastado da pele ou desaparecer por si só, ao passo que a doença interna, se não curada, jamais abandona o corpo, seja total ou parcialmente; pelo contrário, aumenta continuamente com o passar dos anos, a menos que seja curada pela arte.

É preciso que aqui eu me detenha mais pormenorizadamente neste processo da natureza porque os médicos comuns, especialmente os modernos, têm uma visão deficiente; ou, fazendo-se mais corretamente a colocação, são tão cegos que embora pudessem, por assim dizer, ter nas mãos e sentir este processo na origem e desenvolvimento de doenças eruptivas miasmáticas agudas, apesar disso não suspeitaram nem observaram processo semelhante nas doenças crônicas, declarando portanto que seus sintomas locais seriam crescimentos e impurezas secundários de existência meramente exterior na pele, sem qualquer doença interna fundamental; isto valia tanto para o cancro e para a verruga do figo quanto para a erupção da sarna e, por conseguinte, uma vez que negligenciavam a doença principal ou que talvez até ousadamente

a negassem, desencadeavam infortúnios indizíveis sobre a humanidade sofredora através de um tratamento apenas externo e da destruição destes transtornos locais.

Com respeito à origem destas três moléstias crônicas, como no caso das doenças eruptivas miasmáticas agudas, devem-se considerar mais atentamente do que até agora três momentos importantes e diferentes: *primeiro*, a época da infecção; *segundo*, o período de tempo durante o qual o organismo todo está sendo tomado pela doença invasora até esta haver se desenvolvido lá dentro; *terceiro*, a irrupção do transtorno exterior, por meio do qual a natureza demonstra exteriormente estar completo o desenvolvimento interior da moléstia miasmática através do organismo todo.

A infecção com miasmas das doenças agudas bem como das crônicas acima citadas acontece sem dúvida *num único momento*, que é o momento mais favorável a uma infecção.

Quando a varíola ou a varíola bovina pegam, isto acontece no momento em que, na vacinação, o fluido mórbido do arranhão sangrante da pele entra em contato com o nervo exposto; nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso), no mesmo instante. Após este momento de infecção, não há ablúcio, cauterização ou queimação, nem sequer extirpação da parte que tenha apanhado e recebido a infecção, que consiga destruir ou desfazer o desenvolvimento interior da doença. A varíola, a varíola bovina, o sarampo etc., irão não obstante completar seu curso interior e a febre característica a cada uma delas irá irromper com sua varíola, varíola bovina, sarampo⁵¹ etc., *após alguns dias*, quando a doença interna se houver desenvolvido e completado.

Dá-se o mesmo, para não mencionar vários outros miasmas agudos, também quando a pele do homem é contaminada com o sangue de gado afetado por antraz.

⁵¹ Podemos com razão perguntar: existe alguma probabilidade de qualquer miasma no mundo, o qual quando tiver infectado a partir do exterior, não tornar primeiro o organismo doente antes de seus sinais externos manifestarem-se? Só podemos responder a esta pergunta com um não, não há qualquer probabilidade! Não são precisos três, quatro ou cinco dias após ter ocorrido a vacinação para que o local vacinado torne-se inflamado? Não é verdade que o tipo de febre provocada - sinal de que a doença está completa - aparece mais tarde ainda, quando a cicatriz protetora já estiver completamente formada, isto é, no sétimo ou oitavo dia?

Não são precisos de dez a doze dias após a infecção com varíola para que aconteça a febre inflamatória e a irrupção da varíola na pele?

O que ficou fazendo a natureza, nestes dez ou doze dias, após a infecção ter sido recebida? Não foi necessário primeiro incorporar a doença no organismo todo antes de a natureza conseguir desencadear a febre e fazer a erupção brotar na pele?

Também com o sarampo são precisos de dez a doze dias após a infecção ou inoculação para que irrompa a erupção e sua febre. Após a infecção com febre escarlate geralmente decorrem sete dias antes que esta irrompa, com a vermelhidão na pele.

O que foi que a natureza fez nessa ocasião com o miasma recebido, ao longo desses dias intermediários? O quê, além de incorporar a totalidade da doença de sarampo ou de febre escarlate no organismo todo, antes de haver completado seu trabalho, de modo tal que fosse capaz de produzir o sarampo e a febre escarlate com suas erupções?

Se, como é freqüentemente o caso, o antraz houver infectado e se instalado, são inúteis todas as ablucções da pele; a bolha negra ou gangrenosa, quase sempre fatal, sempre irrompe apesar de tudo após quatro ou cinco dias (geralmente no local afetado, isto é, tão logo o organismo vivo por inteiro tenha se transformado nesta terrível doença).

O mesmo ocorre com a infecção de miasmas meio-agudos sem erupção. Dentre as muitas pessoas mordidas por cães raivosos – graças ao misericordioso Governador do mundo – apenas algumas são infectadas raramente a décima-segunda; em geral, conforme eu próprio observei, apenas uma entre vinte ou trinta pessoas mordidas. As outras, mesmo se gravemente dilaceradas pelo cão raivoso, geralmente recuperam-se todas, inclusive se não forem tratadas por um médico ou cirurgião⁵². Mas seja lá quem for a pessoa na qual o veneno aja, isto se deu no momento em que a pessoa foi mordida e o veneno comunicou-se então com os nervos mais próximos e, portanto, sem contradições, com o sistema completo de nervos, e tão logo tenha a doença se desenvolvido no organismo todo (para este desenvolvimento completo da doença a natureza precisa pelo menos de vários dias, freqüentemente muitas semanas), a loucura irrompe como uma doença aguda e rapidamente fatal. Bem, se a saliva peçonhenta do cão raivoso houver realmente causado efeito, a infecção em geral aconteceu irrevogavelmente no momento do contágio, pois a experiência demonstra que inclusive a extirpação imediata⁵³ e a amputação da parte infectada não protege contra a evolução interna da doença, nem contra a irrupção da hidrofobia; portanto, também as muitas centenas de outros meios externos bastante recomendados para limpeza, cauterização e supuração da ferida causada pela mordida só conseguem proteger tão pouco quanto a outra contra o aparecimento da hidrofobia.

A partir da evolução de todas estas doenças miasmáticas podemos ver claramente que, após o contágio externo, no interior da totalidade do indivíduo; isto é, o interior todo da pessoa deve primeiro ter-se tomado completamente doente com varíola, sarampo ou febre escarlate, antes que estas várias erupções possam aparecer na pele.

Para todas estas doenças miasmáticas *agudas* a constituição humana possui aquele processo que, regra geral, é tão benéfico: removê-las (isto é, a febre específica juntamente com a erupção específica) no decurso de duas a três semanas, e nova-

⁵² Somos especialmente gratos aos cuidadosos médicos ingleses e americanos por estas reconfortantes experiências - a Hunter e Housten (in *London Med. Journal*, vol. V) e a Vaughan, Shadowell e Percival, cujas observações estão registradas no trabalho de Jam. Mease. “*On the Hydrophobia, Philadelphia. 1793*”.

⁵³ Uma menina de 8 anos, em Glasgow, foi mordida por um cão raivoso em 21/3/1792. Um cirurgião extirpou *imediatamente a ferida interna*, manteve-a supurando e aplicou mercúrio até ele produzir uma salivação moderada, a qual foi conservada por duas semanas; não obstante, a hidrofobia apareceu a 27/4 e a paciente faleceu em 29/4. M. Duncan, *Med. Comment. Dec. II., vol. VII. Edinb., 1793* e *The New London Med. Journal, II.*

mente extingui-las por si só através de uma espécie de decisão (*crise*) por parte do organismo, de modo tal que o homem nesse momento costuma ser inteiramente curado e, na realidade, num breve período de tempo, se não for morto pelas mesmas.⁵⁴

Nas doenças miasmáticas crônicas a natureza observa o *mesmo curso* com respeito ao modo de contágio e à formação antecedente da doença interna, antes que os sintomas exteriores patenteadores de seu completamento interno se manifestem na superfície do corpo; é então que a grande e acentuada diferença entre estas e as doenças agudas se faz presente, no sentido de que, nos miasmas crônicos, conforme já mencionamos anteriormente, a doença interna completa permanece no organismo durante a vida toda, sim, aumentando a cada ano que passa, caso não seja extermínada e completamente curada *pela arte*.

Destes miasmas crônicos irei mencionar com tais propósitos apenas aqueles dois que conhecemos com um pouco mais de exatidão, a saber, o *cancro venéreo* e a *sarna*.

No coito impuro acontece o contágio específico, no local que é tocado e friccionado, mais provavelmente no momento mesmo em que se dá o coito.

Se este contágio surtir efeito, então a totalidade do organismo vivo está conseguientemente acometida por ele. Imediatamente após o momento do contágio, tem início a formação da doença venérea em todo o interior do organismo.

Naquela parte dos órgãos sexuais onde aconteceu a infecção nada de incomum é observado nos primeiros dias, nada adoece, inflama ou se corrói; *portanto, também são inúteis todas as lavagens e limpezas das partes imediatamente após o coito impuro*. Por sua aparência, o local permanece saudável; somente o organismo interior é acionado pela infecção (que normalmente ocorre num dado momento), de modo tal a incorporar o miasma venéreo e a tornar-se profundamente adoecido com a moléstia venérea.

Somente quando houver sido efetuada esta penetração de todos os órgãos pela doença que a pessoa pegou, somente quando a pessoa inteira houver sido modificada

⁵⁴ Ou será que estes vários miasmas agudos, meio-espirituais, têm a característica peculiar de novamente se extinguirem, deixando o organismo vivo livre para recompor-se, após haverem penetrado na força vital no primeiro momento do contágio (e cada um deles produziu uma doença, a seu próprio modo) e depois, como parasitas, haverem rapidamente crescido em seu interior e se desenvolvido normalmente por meio de sua febre característica, depois de haverem produzido seus frutos (a erupção cutânea madura que, novamente, é capaz de produzir seu miasma?).

Por outro lado, não são os miasmas crônicos doenças-parasitas que continuam a viver enquanto estiver vivo o homem acometido por eles e que têm seus frutos na erupção originalmente produzida pelos mesmos (a pústula de sarna, o cancro e a verruga do figo que, por sua vez, são capazes de infectar outros), os quais não desaparecem por si tal como os miasmas agudos mas que só podem ser extermínados e aniquilados por uma *contra-infecção*, por meio da potência de uma doença medicinal bastante similar àquele e mais forte do que o mesmo (o antipsórico), de modo tal que o paciente se veja livre do miasma e recupere sua saúde?

em alguém inteiramente venéreo, isto é, quando o *desenvolvimento* da doença venérea se houver completado, somente então é que a natureza adoecida tenta aliviar o mal interno e atenuá-lo produzindo um sintoma local que se manifesta primeiramente como uma vesícula (em geral, no local originalmente infectado) e mais tarde irrompe numa úlcera dolorosa denominada o cancro; este não aparece antes de cinco, sete ou catorze dias, algumas vezes – conquanto raramente – não antes de três, quatro ou cinco semanas após a infecção. Por conseguinte, esta é de forma patente uma úlcera de cancro que age substitutivamente pela moléstia interna e que foi produzida pelo organismo a partir de seu próprio interior, após este ter-se tornado progressivamente venéreo, e sendo capaz de, pelo contacto, comunicar também a outros homens o mesmo miasma, i.é, a doença venérea.

Bem, se a doença toda que emerge deste modo for novamente extinta através de um remédio específico administrado internamente, então também o cancro é curado e a pessoa se recupera.

Mas se o cancro for destruído por meio de aplicações locais⁵⁵ antes de ser curada a doença interna – e esta ainda é uma prática rotineira dos médicos da escola antiga – a doença venérea miasmática crônica permanece no organismo como Syphillis e, não sendo curada internamente, é agravada de ano para ano até o fim da vida da pessoa, sendo incapaz de aniquilá-la em seu próprio interior até mesmo a mais robusta constituição.

Apenas por meio da cura da doença venérea que se insinua pela totalidade do interior do corpo (tal como eu ensinei e pratiquei por muitos anos) é que o cancro, seu sintoma local, irá também ser simultaneamente curado da maneira a mais eficiente; e esta é melhor efetuada sem o uso de quaisquer aplicações externas para sua remoção, ao passo que a destruição meramente local do cancro, sem qualquer cura geral anterior e sem libertar a pessoa da doença interna, é seguida pelo mais seguro surgimento de *Syphilis*, é uma doença miasmática crônica e seu desenvolvimento original é semelhante.

No entanto, a doença da sarna é além disso o *mais contagioso* de todos os miasmas crônicos, muito mais infeccioso do que os outros dois miasmas crônicos, a doença do cancro venéreo e a doença da verruga do figo. Com estas duas últimas, para que se efetue a infecção, é preciso um certo grau de fricção nas partes mais

⁵⁵ A doença venérea não apenas irrompe através da remoção do cancro pela cauterização - em cujo caso alguns maldosos consideram a Syphilis como resultante da retrogressão do veneno, do cancro para o interior do corpo, que até esse momento é por eles considerado como supostamente saudável- não; mesmo após a rápida remoção do cancro, sem quaisquer estimulantes exteriores, a doença venérea irrompe, o que confere uma confirmação adicional, caso isto fosse necessário, à pré-existência indubitável de Syphilis no sistema. "Petit extirpou uma parte dos *lábia minorum* onde havia aparecido um cancro venéreo por alguns dias; a ferida sarou, é verdade, mas a doença venérea irrompeu do mesmo jeito." M.S. *Letres, supplement à traité des maladies vénériennes*, Paris, 1786. Claro! Pois a doença venérea estava presente no interior todo do corpo, antes mesmo do aparecimento do cancro.

macias do corpo, as quais são as mais ricas em nervos e as recobertas pela mais fina cutícula, como nos órgãos genitais, a menos que o miasma entre em contacto com um local ferido. Mas o miasma da sarna só precisa tocar a pele em geral, especialmente em crianças pequenas. A tendência para ser afetado pelo miasma da sarna é encontrada em quase todo mundo e sob praticamente todas as circunstâncias, o que não é o caso dos outros dois miasmas.

Nenhum outro miasma crônico infecta mais geral, mais segura, mais fácil e mais absolutamente do que o miasma da sarna, conforme já dissemos antes, é o mais contagioso de todos. É de tão fácil comunicação que até mesmo o médico, correndo de um paciente a outro para lhes sentir o pulso, inconscientemente⁵⁶ inocula outros pacientes com a doença; roupa de cama lavada junto com roupas infectadas com sarna⁵⁷, luvas novas experimentadas por um paciente com sarna; uma hospedaria desconhecida; uma toalha alheia usada por uma pessoa para se enxugar, comunicaram este pavio de contágio da doença; muitas vezes, um bebê ao vir à luz, é infectado enquanto passa pelos órgãos da mãe que poderá estar infectada pela doença (tal como freqüentemente acontece); ou o bebê recebe esta infecção infeliz pela mão da parteira a qual foi infectada por outra parturiente (ou anteriormente); ou novamente, um bebê de peito pode ser infectado por sua ama de leite, ou, estando em seu regaço, por suas carícias ou pelos afagos de uma pessoa desconhecida com mãos sujas, para não mencionar os milhares de outros meios possíveis pelos quais coisas poluídas com este miasma invisível podem tocar a pessoa ao longo de sua vida e que em tantos casos não podem ser de modo algum antecipadas nem a pessoa delas resguardada, de tal sorte que são a exceção as pessoas que nunca foram infectadas pela Psora. Não tem necessidade de ir em busca das causas da infecção em hospitais superlotados, em fábricas, em prisões, ou em orfanatos, ou nos casebres imundos dos miseráveis; seja na vida livre, seja em reclusão, na classe rica, a sarna grassa. O eremita no Montserrat escapa tão raramente a ela, em seu retiro nas rochas, quanto o principezinho em suas fraldas de cambraia.

Assim que o miasma da sarna, por exemplo, toca a mão, no momento em que surtir efeito não mais permanece local. Daí decorre que todas as lavagens e todas as limpezas do local não têm a menor valia. Nada se vê sobre a pele durante os primeiros dias; esta permanece inalterada e aparentemente saudável. Não há erupção alguma nem comichão digno de nota no corpo, ao longo destes dias, nem mesmo no local infectado. O nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente subreptícia penetrado de tal modo por este excitante específico que se viu obrigado a se apropriar gradualmente deste miasma

⁵⁶ Car. Musitani, *Opera de tumoribus*, Cap. 20.

⁵⁷ Cf. Willis observou in Turnet, *des maladies de la peau, traduit de l'anglois, à Paris*. 1783, Tom. II, Cap. 3, p. 77.

até que se completasse a mudança da totalidade do ser da pessoa em alguém absolutamente psórico, assim também atingindo o seu desfecho o desenvolvimento interno da *Psora*.

Somente quando o organismo inteiro se sentir transformado por esta doença miasmática crônica peculiar é que a força vital adoecida tenta aliviar e abrandar a moléstia interna pelo estabelecimento de um sintoma local adequado sobre a pele, as vesículas de sarna. Enquanto esta erupção perdurar em sua forma normal, a *Psora* interna com seus transtornos secundários, não tem condições de vir à tona, devendo contrariamente permanecer encoberta (covered), adormecida (slumbering), latente (latent) e contida (bound).

Em geral, transcorrem seis, sete ou dez, talvez até catorze dias, após o momento em que a infecção tiver surtido seu efeito, para que ocorra a transformação da totalidade do interior do organismo em *Psora*. Somente nessa ocasião é que, após uma friagem (chill) leve ou mais severa no início da noite e um calor geral, seguido de suor na noite seguinte (uma febre pequena que por muitas pessoas é atribuída a um resfriado (cold) e portanto não levada em consideração) se segue o surgimento das vesículas da sarna, inicialmente finas como se se tratasse da febre miliar mas em seguida ampliando-se na pele⁵⁸ – a princípio na região do ponto onde primeiro deu-se a infecção e realmente acompanhadas por um *comichão voluptuosamente coceguento* que pode ser alcunhado de *insuportavelmente agradável* (grimmen) e que força o paciente a esfregar e a coçar tão irresistivelmente as vesículas da sarna que se a pessoa se impede artificialmente de esfregar ou coçar perpassa um estremecimento pela pele do corpo todo. Na verdade, o *esfregar e o coçar* satisfazem um pouco durante alguns momentos, porém depois segue-se *imediatamente uma queimação persistente da parte afetada*. Este comichão é mais freqüente e mais insuportável tarde da noite e antes da meia-noite.

Nas primeiras horas de sua formação, a vesícula de sarna contém uma linfa clara como água a qual porém rapidamente transforma-se em pus que preenche toda a ponta da vesícula.

O comichão não só compele o paciente a esfregar-se mas, devido à violência daquele, conforme já mencionado, o esfregar e o coçar abrem as vesículas e o tumor que é espremido para fora se constitui em abundante material para infectar o meio circundante do paciente, além também de outras pessoas ainda não infectadas. As extremidades maculadas mesmo em grau imperceptível com esta linfa, bem como a roupa de cama, as vestimentas e os utensílios de todos os tipos, quando tocados, propagam a doença.

⁵⁸ Longe de serem uma doença cutânea independente apenas local, as vesículas ou pústulas de sarna, são uma prova confiável de que já sucedeu o completamento da *Psora* interna e de que a erupção é simplesmente um fator integrador da mesma pois que esta erupção peculiar e este comichão peculiar fazem parte da essência da totalidade da doença em seu estado natural, menos perigoso.

Somente este sintoma cutâneo da *Psora* que permeou o organismo todo (e que tornando-se mais abertamente perceptível aos sentidos recebe o nome de *sarna*), somente esta erupção, bem como os pontos doloridos que depois aparecem em decorrência dela e que, em suas bordas, são acompanhados pelo comichão característico à *Psora*, bem como o herpes que tem este comichão peculiar e que se torna úmido quando friccionado (eczema; tetter), além também da *tinea capititis* (Grindkopf), somente estas manifestações podem propagar esta doença a outras pessoas pois que apenas elas contém o miasma transmissível da *Psora*. Mas os sintomas secundários remanescentes da *Psora* os quais acabam por se manifestar após o desaparecimento ou a expulsão artificial da erupção, i. é, os transtornos psóricos gerais, não podem de modo algum comunicar esta doença a outros. Dentro de nosso conhecimento, têm tão poucas condições de transferir a *Psora* aos outros quanto têm os sintomas secundários da doença venérea de infectar outros homens (cf. primeiramente observado e ensinado por J. Hunter) com *Syphillis*.

Assim que a erupção de sarna acabou de irromper e ainda não se encontra amplamente disseminada sobre a pele, ainda não se pode notar coisa alguma da moléstia interna geral da *Psora* no estado do paciente. O sintoma eruptivo atua como substituto da moléstia interna e mantém a *Psora* com seus transtornos secundários, por assim dizer latente e confinada (latent and confined)⁵⁹.

Neste estado, a doença é mais facilmente curada por intermédio de remédios específicos administrados internamente.

Mas se se permitir à doença que prossiga em seu curso característico sem o uso de um remédio curativo interno ou uma aplicação externa que elimine a erupção, a doença interior toda aumenta *rapidamente* e este aumento da moléstia interna torna necessário um aumento correspondente do sintoma cutâneo. Portanto, a erupção de sarna, a fim de ser capaz de amenizar e de manter latente a moléstia interna aumentada, tem que se ampliar devendo finalmente cobrir toda a superfície do corpo.

No entanto, inclusive no auge da doença o paciente ainda parece saudável em todos os demais aspectos; todos os sintomas da *Psora* interna agora tão aumentada ainda continuam encobertos e atenuados pelo sintoma cutâneo, este proporcionalmente aumentado. Mas uma tortura tão grande tal como a causada por um comichão assim insuportável e disseminado pelo corpo todo, mesmo o homem mais robusto não pode continuar agüentando. Este procura libertar-se destes tormentos a qualquer preço e, na medida em que não existe uma ajuda eficaz para ele por parte dos médi-

⁵⁹ Tal como o cancro, quando não expelido, que age substitutivamente como atenuador da *Syphillis* interna e que não permite à doença venérea irromper, enquanto permanecer imperturbado em seu lugar. Examinei uma mulher que estava livre de todos os sintomas secundários da doença venérea; ela portava um cancro que permanecera no lugar, sem tratamento algum por dois anos e cujo tamanho gradualmente atingira quase 3 cm de diâmetro. A melhor preparação de *Mercúrio*, administrado internamente, logo curou completamente não só a moléstia interna como também o cancro.

cos da escola antiga, tenta certificar-se pelo menos de que ficará livre desta erupção, que coça de modo tão insuportável, mesmo que isto possa custar sua vida; e os meios para tanto logo lhe são fornecidos ou por outras pessoas ignorantes, ou por médicos e cirurgiões alopatas. Ele busca livrar-se de suas torturas externas sem suspeitar o maior infortúnio que se segue inevitavelmente, e que tem condições de suceder, à expulsão do sintoma cutâneo externo que até esse momento atuou em substituição à doença Psora internamente aumentada, tal como tem sido suficientemente provado pelas observações mencionadas antes. Mas quando o paciente afasta desta maneira uma tal erupção de sarna, por aplicações externas, ele se expõe a um tal infortúnio similar e age de maneira tão desarrazoada quanto alguém que a fim de rapidamente ver-se livre da pobreza, por supor que assim irá tornar-se feliz, roubasse uma grande soma de dinheiro, sendo portanto enviado ao calabouço e à força.

Quanto mais a doença da sarna já tenha durado, se a erupção como geralmente acontece se espalhou pela maior parte da pele ou se, devido a uma falta particular de atividade na pele (como em certos casos), a erupção permanecer confinada a algumas vesículas de sarna⁶⁰, em ambos os casos apenas supondo que a *Psora* juntamente com seu sintoma cutâneo tenha se tornado antiga, a expulsão da erupção da sarna, seja esta grande ou pequena ou mesmo tão pequena quanto você possa imaginar, é acompanhada pelas mais destrutivas consequências por causa da doença interna de sarna (*Psora*) com seus sofrimentos indizíveis os quais, devido à sua longa duração, já atingiram um alto nível, e que depois inevitavelmente vem à tona.

Mas a ignorância do leigo inculto pode ser perdoada se ele eliminar a erupção de sarna e o problemático comichão com uma ducha fria, rolando na neve, com ventosas, ou friccionando a pele toda, ou apenas a pele em torno das articulações, com enxofre misturado à banha de porco, pois ele não sabe a quais perigosos acidentes e irrupções da doença Psora, que interiormente está de tocaia, ele abre a porta e admite, assim procedendo. Mas quem perdoará os homens cujo trabalho e dever é o conhecer a extensão do infortúnio incomensurável (illimitable) que inevitavelmente se segue e que resulta da expulsão externa da erupção da sarna, devido à *Psora* que nesse momento é suscitada no organismo todo e contra a qual este deveria ter sido protegido de todos os modos, por uma cura completa da totalidade desta doença⁶¹, quando vemo-

⁶⁰ Vide a observação do nº. 86.

⁶¹ Pois mesmo quando a doença sarna (itch-disease) já atingiu este alto grau, a erupção juntamente com a moléstia interna, em uma palavra, a *Psora* toda, pode ainda ser curada pelos remédios homeopáticos específicos internos, na verdade frente a dificuldades maiores do que no começo, imediatamente após sua origem, mas ainda *muito mais fácil e seguramente* do que após a expulsão completa da erupção por simples aplicações externas, quando devemos curar a *Psora* interna ao fazer surgir seus sintomas secundários e desenvolver suas inomináveis doenças crônicas. Embora a doença sarna possa ter progredido até tal ponto, apesar disso ela pode *em sua totalidade* ser mais fácil, segura e completamente curada, juntamente com sua

los tratar os pacientes de sarna todos da mesma forma errada; sim, inclusive até com remédios internos e externos mais violentos, com purgantes fortes, com ungüento de Jasser, com loções de acetato de chumbo, com o sublimado de mercúrio ou sulfato de zinco, mas especialmente com um ungüento preparado de gordura com flores de enxofre, ou com um preparado de mercúrio; com os quais leviana e descuidadamente eles destroem a erupção, declarando ser ela “apenas uma impureza localizada na pele, que deve ser eliminada; depois tudo ficará bem e a pessoa estará saudável e livre de qualquer transtorno”. Quem pode perdoá-los por não estarem dispostos a aprender com os muitos exemplos de advertência registrados pelos observadores mais antigos e conscienciosos, nem com muitos milhares de outros exemplos que freqüentemente, e mesmo quase diariamente, caem sob seus olhos? No entanto, não conseguem enxergar nem ser convencidos do infortúnio certo, rapidamente fatal ou de insidiosa duração pela vida toda que acarretam para os pacientes de sarna através da destruição de sua erupção, na medida em que deste modo eles simplesmente desagrilhoam a molés-

erupção externa, através dos remédios internos adequados, sem quaisquer aplicações locais, tal como a doença do cancro venérico pode ser *mais segura e facilmente curada* por completo muitas vezes pela menor dose única da melhor preparação de mercúrio, administrada internamente, quando então o cancro dispensando o concurso do menor remédio externo torna-se rapidamente uma úlcera pequena e em poucos dias se cura por si, de modo tal que a partir de então traço algum de sintomas secundários (doenças venéreas) aparece ou pode aparecer, dado que o sintoma interno foi curado juntamente com o sintoma local, do modo como tenho ensinado oralmente e por escrito há anos e provado por minhas curas deste tipo.

De que modo podemos desculpar toda multidão de médicos que até este momento, depois de estarem tratando esta doença venérea disseminada por todo lugar há já mais de 300 anos, permanecem apesar de tudo tão ignorantes em termos de identificar sua natureza que, ao olharem para um cancro, inclusive até o dia de hoje, nada admitem existir de adoecido no paciente infectado a não ser o cancro em si e não enxergam a Syphilis, que já estava presente internamente e fora desenvolvida no organismo todo antes mesmo da irrupção do cancro; e, deste modo, supõem eles cegamente que o cancro é o único mal venéreo a ser extirpado e que só é necessário destruí-lo através de aplicações externas a fim de ser capaz de declarar que a pessoa está curada; e tudo isto sem serem instruídos pelos muitos milhares de casos de sua prática, segundo os quais pela eliminação local do cancro nada fizeram eles a não ser lesionar, na medida em que apenas privaram a Syphilis pré-existente internamente de seu sintoma local derivante (diverting) compelindo deste modo a moléstia interna a irromper muito mais segura e destrutivamente (e de uma maneira muito mais difícil de curar), enquanto doença venérea. De que modo se pode desculpar uma obliquíduidade de visão assim universal e perniciosa?

Ou, por que estes médicos nunca refletiam sobre a origem das verrugas de figo? Por que sempre desconsideraram a moléstia universal interna, que é a causa destas excrescências? Somente quando isto for reconhecido é que será possível curá-la por completo através de seus remédios homeopáticos, o que então determina sejam curadas as verrugas de figo, sem a aplicação de quaisquer meios externos de destruição.

Mas mesmo se a sombra de uma desculpa puder ser oferecida a esta triste negligência e ignorância, e se alguém alegar que tais médicos só dispuseram de 3 séculos e meio para discernir claramente sobre a verdadeira natureza da *Syphilis* e que poderiam ter aprendido

tia interna (*Psora*) que está sobrecarregada com inúmeros transtornos. Esta doença não é destruída nem curada; e assim, este monstro multicéfalo, ao invés de ser domado, é inexoravelmente deixado à solta contra o iludido paciente para a perdição do mesmo, ao serem destruídas as barreiras que o mantinham trancafiado.

Pode-se facilmente imaginar, como também ensina a experiência, que quanto maior for o número de meses que uma erupção de sarna negligenciada haja florescido sobre a pele, mais seguramente terá sido capaz a *Psora* interna que lhe subjaz de alcançar mesmo num período moderado de tempo um alto e, finalmente, o mais alto grau cujo tenebroso aumento também nesta ocasião se demonstra através das mais perigosas consequências, as quais a expulsão de uma erupção tão inveterada, inevitavelmente, enseja em seguida, em todos os casos.

Por outro lado, é igualmente certo que a erupção de algumas vesículas de sarna que haja brotado apenas alguns dias antes em consequência de uma infecção recente possa ser expelida com menos perigo *imediato*, na medida em que a *Psora* interna que se manifestou no organismo todo ainda não teve tempo de evoluir até um grau elevado e, devemos confessar, na medida em que a expulsão de algumas vesículas de sarna que acabaram de brotar, freqüentemente não demonstra quaisquer consequê-

esta verdade após um período de prática ainda maior (eu ainda me esforcei, conquanto inutilmente, para convencê-los de seu erro há vários anos atrás e, desde então de tempos em tempos); apesar disso, essa negligência geral dos médicos anteriores e, posso bem dizer, sua obstinada cegueira, são bastante indesculpáveis na medida em que não reconheceram a moléstia pré-existente internamente, a *Psora*, que reside na base da doença sarna e que tem infectado os homens há muitos milhares de anos; e que em sua orgulhosa leviandade ignoraram todos os fatos que apontam em tal direção, de modo a poderem prosseguir no delírio, deixando o mundo com sua destrutiva insensatez segundo a qual as *pústulas que coçam insuportavelmente são apenas um mero transtorno superficial da pele e, por sua destruição local, o homem fica livre da doença toda e recupera-se por completo, mas não foram, certamente, meros escribas médicos, não, e sim os maiores e mais célebres médicos dos dias de hoje e ainda mais atualizados que se tornaram culpados deste revoltante erro (ou, deverei dizer, deste crime intencional), desde von Helmert até os últimos advogados da prática médica alopatia.*

Pelo uso dos remédios acima citados eles realmente conseguiram em geral atingir seu objetivo, i. é, o afastamento da pele, da erupção e do comichão, supondo no embotamento de seus espíritos (ou pelo menos pretendendo) que haviam destruído totalmente a doença mas, na verdade, despachando os pacientes assim agredidos, assegurando-lhes estarem novamente saudáveis.

Todos os sofrimentos que se seguem à destruição unilateral da erupção cutânea, a qual pertence à forma natural da *Psora*, são impingidas como doença recém-aparecida e devida a uma origem bastante diversa. Em sua estreiteza de espírito, nunca consideraram os inúmeros e inequívocos testemunhos de honestos observadores de antigamente os quais registram as tristes consequências da expulsão local da erupção de sarna que se lhe seguiam tão de perto em muitas ocasiões que a pessoa teria que negar sua razão ou então referi-las contendo sido privada do sintoma local (a erupção cutânea) destinada pela natureza a aliviar a moléstia interna, fora compelida enquanto doença interna não-curada a irromper ostensivamente em sintomas secundários.

cias *imediatas* manifestamente fortes. Daí que normalmente permanece como incógnita, em pessoas delicadas e aristocráticas ou em seus filhos, uma única vesícula ou algumas vesículas que coçassem violentamente e que houvessem se manifestado há apenas poucos dias, tendo sido imediatamente tratadas pelo médico cuidadoso com ungüento de chumbo ou com uma loção de chumbo e havendo desaparecido no dia seguinte, se teriam por base a sarna.

Conquanto reduzida possa ser a *Psora* interna na época da rápida supressão de uma erupção de sarna que haja desenvolvido apenas algumas vesículas e que depois é seguida por transtornos e queixas apenas moderados (os quais são a seguir normalmente atribuídos pelo médico da família, em sua ignorância, a outras causas de importância menor), a moléstia interna *Psora*, apesar de ainda estar num estágio discreto, permanece em seu caráter e em sua natureza crônica a mesma doença psórica geral do organismo todo, i.é., *sem o auxílio da arte é inerradicável e não pode ser extirpada pela força inclusive da melhor e da mais robusta constituição corporal, continuando a aumentar até o final da vida do paciente*. Geralmente acontece na verdade que esta doença, privada tão cedo quanto possível dos primeiros traços de seu sintoma cutâneo através de aplicações locais, vá evoluindo apenas lentamente no começo não apresentando senão um demorado progresso no organismo, progresso este muito mais lento do que nos casos em que se permitiu à erupção permanecer um longo tempo sobre a pele; pois que, no último caso, a evolução da *Psora* interior é de imensa rapidez. Apesar de tudo, a doença aumenta incessantemente e até mesmo nos melhores casos e sob as mais favoráveis circunstâncias externas evolui em silêncio e freqüentemente durante anos não captada visualmente, de tal modo que qualquer pessoa que desconhecesse os sinais de sua presença latente iria supor e declarar que aqueles indivíduos estão saudáveis e isentos de qualquer moléstia interna. Freqüentemente, durante anos, ela não se manifesta em sintomas proeminentes que possam ser denominados doenças patentes.

Muitas centenas de observações foram aos poucos pondo-me⁶² a par dos sinais através dos quais a *Psora* adormecida⁶³, até então latente (moléstia-sarna), pode ser

⁶² Foi mais fácil para mim do que para muitas centenas de outras pessoas descobrir e reconhecer os sinais da *Psora* tanto em estado latente e ainda adormecida internamente, quando depois de já haver evoluído em doenças crônicas consideráveis, através de uma comparação acurada entre o estado de saúde de todas estas pessoas e o meu pois, como raramente acontece, eu nunca fui afilido pela *Psora* e portanto desde de meu nascimento e inclusive até agora, no meu octogésimo ano de vida tenho estado inteiramente livre dos (menores e maiores) transtornos enumerados aqui e logo mais a seguir, apesar de no geral eu ter tido muita tendência a contrair doenças epidêmicas agudas, tendo sido exposto a muitos exercícios mentais vigorosos e a multivariadas contrariedades do espírito.

⁶³ A alopatia tem também assumido, com pacientes, condições *ocultas (latentes)* da doença a fim de explicar, ou de pelo menos desculpar, suas atividades cegas com medicamentos violentos, com sangrias, com anódinos etc. Estas pretensas *qualitates occultae Fernelli* são

reconhecida mesmo nos casos em que ainda não haja se manifestado como doença alarmante, de modo que estou apto a ir até às raízes desta moléstia e a curá-la inteiramente junto com as ditas raízes, com mais facilidade, antes que a *Psora* interna tenha se exposto em doença patente (crônica) e tenha progredido a uma intensidade tão assustadora que as condições de perigo tornem difícil a cura e, em certos casos, a impossibilitem.

Existem muitos sinais da *Psora*, que esteja aos poucos crescendo internamente, mas ainda adormecida, e que ainda não tenha alcançado o ponto de total irrupção enquanto doença manifesta; pessoa alguma porém apresenta todos estes sintomas; uma tem um maior número deles; outra, uma menor quantidade; uma terceira apresenta agora apenas um deles mas com o tempo irá sofrer de outros; uma quarta pode estar livre de alguns, segundo a disposição peculiar de seu corpo ou de acordo com as circunstâncias externas dos diferentes indivíduos.

SINTOMAS DA PSORA LATENTE

Principalmente com crianças: eliminações freqüentes de áscaris e outros vermes; comichão insuportável no reto causado pelos mesmos.

Abdômen freqüentemente distendido.

Fome insaciável num momento, depois novamente ausência de apetite.

Palidez da face e relaxamento muscular.

Freqüente inflamação dos olhos.

Inchaço das glândulas cervicais (escrófula).

Perspiração na cabeça, no início da noite (evening), ao adormecer.

Epistaxes em meninas e jovens (mais raramente em pessoas idosas), freqüentemente muito severa.

Usualmente mãos frias ou suor nas palmas (queimação nas palmas).

Pés frios, secos ou com suor fétido (queimação nas solas dos pés). Braços ou mãos, pernas ou pés ficam entorpecidos (benumbed) por pouca coisa.

Câibras freqüentes nas barrigas das pernas (músculos dos braços e mãos).

porém completamente pressupostas e imaginárias, na medida em que (segundo a declaração deste mesmo médico) é de se esperar que não sejam reconhecíveis através de quaisquer manifestações e sintomas. Mas aquilo que não torna conhecida sua existência imaginária e oculta por sinal algum não existe para nós, homens, que somos limitados por nosso Criador, para o conhecimento das coisas, às observações - consequentemente, aquilo é um fantasma de um devaneio errático. É muito diferente o que se passa com várias forças *adormecidas (latentes)* na natureza; apesar de comumente serem ocultas, não obstante manifestam-se quando se apresentam as circunstâncias e condições adequadas; por exemplo, o calor latente inclusive em metais que parecem frios se manifesta quando são friccionados, tal como a *Psora* se manifesta, i.e., com uma dor repuxante na aponeurose quando a pessoa infectada pela *Psora* foi exposta a uma corrente de ar etc.

Subsultos indolores de várias⁶⁴ porções de músculos, cá e lá pelo corpo.

Coriza ou catarro⁶⁵ freqüente ou crônico, seco ou fluido, ou impossibilidade de pegar resfriado inclusive perante a mais severa exposição, ou ter contínuos transtornos deste tipo.

Obstrução contínua e prolongada de uma ou de ambas as narinas.

Narinhas ulceradas (nariz dolorido) (sore nose).

Sensação desagradável de secura no nariz.

Inflamação freqüente da garganta, rouquidão freqüente.

Tussículas curtas pela manhã.

Ataques freqüentes de dispnéia (engbrüstigkeit).

Predisposição para pegar resfriados (seja no corpo todo ou só na cabeça, na garganta, no peito, no abdômen, nos pés; por exemplo, numa corrente de ar⁶⁶, normalmente quando estas partes tem tendência à perspiração) e muitos outros transtornos daí decorrentes, algumas vezes de longa duração.

Predisposição a distensões (strains) até por carregar ou erguer um peso leve, freqüentemente causadas inclusive por alongar-se para cima esticando os braços para alcançar objetos que estão pendurados no alto (bem como uma multidão de queixas decorrentes de um alongamento moderado dos músculos: dor de cabeça, náusea, prostraçao, dor tensionante nos músculos do pescoço e das costas etc.).

Dores de cabeça ou de dente unilaterais freqüentes, devidas inclusive a distúrbios emocionais moderados.

Ondas de calor freqüentes e vermelhidão no rosto, não raramente acompanhando ansiedade.

Queda freqüente de cabelos da cabeça, secura dos mesmos; muitas caspas sobre o couro cabeludo.

Predisposição a erisipelas de vez em quando.

Amenorréias; irregularidades nas menstruações, copiosas demais, escassas demais, precoces ou tardias demais, de muito longa duração, muito aquosas, associadas e diversos transtornos corporais.

Fasiculações (twitching) nos membros ao adormecer.

Cansaço logo ao acordar pela manhã; sono não reparador.

Transpiração pela manhã na cama.

Transpiração muito fácil demais durante o dia, mesmo por pouca movimentação (ou incapacidade de transpirar).

⁶⁴ No original alemão “einzelner”, que significa “isoladas”; no inglês, aparece *various*. (NT. bras.)

⁶⁵ As febres catarrais epidêmicas e os catarros que acometem praticamente todo mundo, mesmo as pessoas mais saudáveis (Gripe, Influenza) não pertencem a esta categoria.

⁶⁶ As pessoas não acometidas pela *Psora*, conquanto as correntes de ar frio e úmido não lhes possam ser agradáveis, não sofrem de quaisquer resfriados ou das seqüelas daí decorrentes.

Língua branca ou pelo menos muito pálida; ainda mais freqüentemente, língua rachada.

Muito catarro na garganta.

Mau cheiro na boca, freqüente ou quase constantemente, em especial de manhã cedo e durante as menstruações; este é percebido ou como insípido ou como ligeiramente ácido, ou como se fosse devido a um estômago desarranjado, ou como embolorado ou também pútrido.

Gosto ácido na boca. Náusea pela manhã.

Sensação de vazio no estômago.

Repugnância por comida quente, cozida, especialmente por carne (principalmente em crianças).

Repugnância por leite.

Secura na boca à noite ou de manhã.

Dores cortantes no abdômen, freqüentemente ou diariamente (em especial em crianças), mais freqüentemente pela manhã.

Fezes duras, usualmente presas mais de um dia, empelotadas, freqüentemente cobertas por muco (ou praticamente sempre moles e fermentativas como diarréia).

Botões venosos no ânus; perda de sangue junto com as fezes.

Saída de muco do ânus, com ou sem fezes.

Comichão no ânus.

Urina escura.

Veias inchadas e aumentadas nas pernas (veias inchadas, varizes).

Frieiras (Chillblains) e dores como que decorrentes de frieiras, inclusive fora do frio intenso do inverno; até mesmo no verão.

Dores como se de calos, sem qualquer pressão externa dos sapatos.

Tendência a estalar (tocrack) distender ou luxar uma ou outra articulação.

Estalidos de uma ou mais articulações durante o movimento.

Dores repuxantes, tensionantes, no pescoço, costas, membros, também especialmente nos dentes (com clima úmido e tempestuoso, nos ventos noroeste e nordeste, após resfriados, depois de levantar peso demais, após emoções desagradáveis etc.).

Reaparecimento de dores e queixas durante o repouso e desaparecimento das mesmas durante o movimento.

A maioria dos transtornos vem de noite e é acentuada pela pressão barométrica baixa, com ventos norte e nordeste⁶⁷, no inverno e na aproximação da primavera.

Sonhos inquietantes, assustadores ou pelo menos excessivamente vívidos.

Pele doentia; cada pequena lesão torna-se uma ferida; pele gretada das mãos e do lábio inferior.

Furúnculos (boils) freqüentes, unheiros freqüentes (panarício).

⁶⁷ Na Europa, os ventos (de) nordeste são frios, cortantes e secos, correspondendo aos nossos ventos (de) oeste. (NT. americano)

Pele seca nos membros; braços, coxas e também às vezes nas bochechas.

Aqui e ali um ponto áspido e escamoso na pele e que às vezes provoca um comichão voluptuoso e, após coçar, uma sensação de queimação.

Aqui e ali, às vezes, apesar de raramente, uma única vesícula insuportavelmente agradável e intoleravelmente cocegante, eventualmente cheia de pus, causando uma sensação de queimação após coçar; num dedo, no punho, ou em algum outro lugar.

Sofrendo de diversos destes transtornos ou de um maior número dos mesmos (inclusive várias vezes e freqüentemente), a pessoa ainda se considerará saudável, sendo assim também considerada por outras pessoas.

Ela também poderá levar uma vida bastante suportável em tal estado, e, sem muitos obstáculos, comparecer ao trabalho enquanto for jovem ou ainda estiver em idade vigorosa e, enquanto não sofrer algum infortúnio em especial vindo de fora, tem uma renda satisfatória, não vive nem de forma humilhante, nem sofredora, não se extenua; mas ainda se for de natureza bastante alegre, equânime, paciente, contente. Em tais pessoas, a *Psora* (moléstia interna da sarna) que pode ser reconhecida por um especialista através de alguns ou mais de alguns dos sintomas acima citados, talvez permaneça adormecida internamente durante anos a fio, sem provocar qualquer doença crônica prolongada.

No entanto, mesmo com essas relações externas favoráveis, tão logo estas pessoas cheguem a uma idade mais avançada, até por causas moderadas (uma contrariedade pequena, ou um resfriado, ou um erro de dieta etc. podem produzir *um ataque violento (conquanto apenas breve) de doença*: um ataque violento de cólica, inflamação do peito ou da garganta, erisipelas, febre e similares, e a violência destes ataques parece estar fora de proporção em relação à causa moderada. Isto costuma acontecer principalmente no outono ou no inverno mas muitas vezes também na primavera, de preferência.

Mas inclusive nos casos de pessoas, tanto de uma criança quanto um adulto, cuja *Psora* esteja adormecida (*slumbering*) em seu interior e que exibam uma grande semelhança com a saúde mas que encontram por acaso o oposto das condições favoráveis de vida acima descritas, quando então sua saúde e todo o seu organismo sofrem grande enfraquecimento e abalo por uma febre epidêmica predominante ou por uma doença aguda infecciosa⁶⁸, varíola, sarampo, coqueluche, febre escarlate, erup-

⁶⁸ Ao término de uma febre aguda geralmente se segue, como se incitado por uma tal febre, o aparecimento de uma *Psora* antiga que residia no corpo na forma de erupção de sarna. Isto é explicado pelo médico como uma nova geração de sarna nesse corpo individual repleto de maus humores (*scilicet*),* já que não conhecem coisa alguma acerca de uma *Psora* no interior da pessoa, silenciosa por um longo período. Mas a doença da sarna não pode por si ser gerada nem suscitada nem criada como inteiramente nova, tal como a varíola, a varíola bovina, o sarampo, a doença do cancro venéreo não podem fazer seu aparecimento num dado instante, em homem algum, sem uma infecção anterior.

* Em latim, no original; significa *certamente*. (NT. bras.)

ção de púrpura etc., ou por uma força de alguma severa lesão exterior, como seja um choque, uma queda, uma ferida, uma queimadura considerável, fratura de um braço ou de uma perna, parto difícil, confinamento devido a uma doença (*em geral facilitada pelo tratamento alopático incorreto e enfraquecedor*), confinamento a um trabalho sedentário em sala fechada e sombria, enfraquecendo a força vital; perdas tristes de parentes queridos abatendo o espírito pelo pesar ou contrariedades diárias e aborrecimentos que amarguram a vida; deterioração da comida ou uma falta completa do que é necessário e indispensável, uso de um alimento de tipo inferior, esmorecendo a coragem e a força da pessoa; nessas ocasiões, a *Psora* que até então estivera adormecida, acorda e manifesta-se nos sintomas intensificados e aumentados enumerados abaixo, em sua transição até à formação de severas moléstias; irrompe uma ou outra das doenças crônicas⁶⁹ (psóricas) de tantos nomes e, *principalmente por força do tratamento inadequado, enfraquecedor e exaustivo do médico alopata*, são agravadas periodicamente sem interrupção muitas vezes até um ponto amedrontador, caso não se interponham circunstâncias externas favoráveis ao paciente e que determinem uma moderação no processo da moléstia.

⁶⁹ Este ou aquele caso de acordo com uma constituição física original, um modo peculiar de vida, uma disposição característica mental que muitas vezes decorre da educação recebida pela pessoa, ou de uma condição mais receptiva ou mais enfraquecida de alguma parte do corpo, confere uma direção particular à doença e deste modo se faz com que a doença sarna leve (to lead) à origem de uma ou de outra doença, com o intuito de manifestar-se preferencialmente naquela direção e de transformar-se naquela modificação em particular. Uma disposição passional, mal-humorada fornece uma extraordinária predisposição ao desenvolvimento da *Psora*; também fornece uma exaustão anterior às gestações freqüentes, uma excessiva amamentação de bebês, fadiga extraordinária, *tratamento médico exaustivamente errado*, devassidão e um modo libertino de vida. A doença interna sarna, conforme mencionamos antes, é de uma natureza tão peculiar que pode permanecer, por assim dizer, estagnada e encoberta por um longo tempo frente a circunstâncias externas favoráveis de tal modo que uma pessoa pode parecer, ao observador superficial, saudável durante anos até muitos anos antes que circunstâncias desfavoráveis ao seu corpo ou à sua alma ou ambos venham a surgir e sirvam de impulso hostil para o surgimento da doença adormecida em seu interior, desenvolvendo deste modo seus germes. Seus conhecidos, seu médico e o próprio paciente, podem não compreender então de que maneira sua saúde consegue tão repentinamente entrar em declínio. Trago alguns casos como exemplo, extraídos de minha própria experiência: após uma fratura simples de um membro acompanhada de confinamento à cama por cinco ou seis semanas, podem seguir-se estados de doença de outro tipo cujas causas não podem ser previstas; tal estado de doença, mesmo quando consideravelmente removido, não obstante retorna e mesmo sem a presença de erro algum na dieta, manifesta no retorno, a despeito de tudo, um agravamento. Isto é o que principalmente acontece no outono (inverno) e na primavera tornando-se um transtorno crônico que aumenta de ano para ano. A cura duradoura para a mesma, sem sua substituição por uma doença ainda pior dentro da cura alopática, tem sido buscada em vão até hoje nos congressos dos antigos médicos e também em visitas a fontes de água mineral. Na vida de uma pessoa existem inumeráveis obstáculos ou ocorrências desfavoráveis deste tipo as quais servem para acordar a *Psora* (a doença interna da sarna) que até então estivera adormecida (talvez por um longo tempo antes) e que fazem com que seu embrião se desenvolva.

Mas mesmo se condições externas favoráveis novamente detiverem o rápido desenvolvimento de uma doença que haja irrompido, a verdadeira saúde não pode ser recuperada em base duradoura por qualquer um dos modos de tratamento até agora conhecidos, nem pelos tratamentos alopáticos costumeiros com seus remédios inapropriados e agressivos, tais como banhos, mercúrio, ácido prússico, iodo, digitalis, quinino, morrer de fome (*starvation*) e inclusive outros remédios mais em moda, os quais apenas apressam a morte, que é como terminam todas aquelas moléstias que o médico não consegue curar.

Assim que haja ocorrido, sob as circunstâncias ambientais externas desfavoráveis acima mencionadas, a transição da *Psora* de sua condição adormecida e contida para seu despertar e para sua irrupção, e que o paciente abandone-se à prejudicial atividade do médico alopata comum – o qual considera apropriado em termos de seu ofício e de seus rendimentos tomar desapiedadamente de assalto o organismo do paciente (como nos penalizamos de presenciar diariamente) usando o aríete de seus remédios violentos e inapropriados, e de seus tratamentos enfraquecedores – em tais casos, mesmo que as circunstâncias externas ao paciente

Freqüentemente são de tal natureza que os graves males deles gradualmente decorrentes são-lhes completamente desproporcionais, de modo que nenhuma pessoa racional pode considerar aquelas ocorrências como causas suficientes para as doenças crônicas que se seguem e que muitas vezes são de caráter assustador. Mas uma pessoa deste tipo é forçada a admitir uma causa hostil mais profundamente enraizada para tais aparecimentos, causa esta que somente então se desenvolveu.

Por exemplo, uma moça casada que, considerada superficialmente e segundo os padrões comuns era saudável, mas que em sua meninice tinha sido infectada com *Psora*, teve o azar de ser lançada para fora da carroagem em que estava durante o terceiro mês de sua gestação, em decorrência do que sofreu não só uma lesão superficial e o susto como também um aborto e a subsequente perda de sangue provocou-lhe um considerável contratempo. No entanto, em poucas semanas sua constituição juvenil recuperara-se bastante bem e talvez ela houvesse tido confirmação de um rápido regresso a uma boa e duradoura saúde quando a notícia de uma perigosa doença de uma irmã muito querida, a qual morava distante, fê-la regredir e aumentou seus transtornos anteriores que ainda não haviam sido totalmente removidos pelo acréscimo de uma multidão de desordens nervosas e de convulsões, tornando-os deste modo uma doença séria. Na realidade seguiram-se notícias mais promissoras de sua irmã e finalmente boas novas. Por último, sua irmã, ela mesma inteiramente restabelecida, fez-lhe uma visita. Mas a jovem e adoecida esposa ainda permanece doente, e mesmo se dá a impressão de recuperar-se durante uma ou duas semanas, seus transtornos retornam apesar disso sem qualquer causa aparente. Cada parto subsequente, mesmo quando bem fácil, cada inverno rigoroso, acrescentam novos transtornos aos antigos, ou os distúrbios anteriores transformam-se em outros ainda mais problemáticos, de tal modo que por fim segue-se uma séria doença crônica, embora ninguém possa entender por que o pleno vigor da juventude juntamente com circunstâncias felizes do ambiente externo não conseguiram logo debelar as consequências daquele aborto; menos ainda pode-se explicar por que a má impressão causada por aqueles tristes eventos não deveria ter desaparecido ao saber da recuperação de sua irmã, ou pelo menos frete à presença concreta da própria, completamente restabelecida.

e sua situação com respeito a seu maior ambiente tenham-se alterado bem mais favoravelmente, não obstante, prossegue o agravamento da doença em tais mãos, sem qualquer escapatória.

O despertar da *Psora* interna que até aquele momento permanecera adormecida e latente e aparentemente contida por uma boa constituição corporal e por circunstâncias externa favoráveis, bem como sua irrupção em transtornos e moléstias mais sérias, são anunciados pelo aumento dos sintomas acima citados enquanto indicativos da *Psora* adormecida e também por uma multidão inumerável de vários outros sinais e queixas. Estes últimos variam segundo a diferença entre as constituições físicas das pessoas, suas disposições hereditárias, os diversos erros de sua educação e nos seus hábitos, os modos de vida e de alimentação, as ocupações, o estado mental, a moral etc.

Nessa ocasião, quando a moléstia sarna se desenvolve numa doença secundária manifesta, aparecem os seguintes sintomas, que derivei e juntamente observei em

Se, em todas as ocasiões, a causa deva ser proporcional a seu efeito e consequências, tal como se passa na natureza, ninguém consegue ver de que maneira, após a remoção das causas que alteravam sua saúde, os transtornos decorrentes conseguiam não apenas continuar como inclusive aumentar de ano para ano, se não fosse pelo fato de a causa residir nalguma outra coisa, em algo mais profundo, de modo tal que aquelas ocorrências infelizes (o aborto e as notícias tristes), posto haverem ambas desaparecido por si e não poderem portanto constituir-se em base suficiente para a subsequente doença crônica, só podiam ser consideradas como a ocasião mas não como a causa eficiente para o desenvolvimento de um poder hostil de importância maior, pré-existente no interior do organismo mas até então passiva.

De maneira semelhante, um comerciante robusto, aparentemente saudável a despeito de alguns traços de *Psora* interna perceptível apenas ao examinador profissional, em consequência de conjunturas comerciais desfavoráveis tornou-se tão comprometido com suas finanças que até chegou perto da falência e ao mesmo tempo tornou-se aos poucos presa de diversos transtornos e, finalmente, de uma doença séria. A morte de um parente rico, porém, e ter ganho a sorte grande na loteria cobriram abundantemente suas perdas comerciais; ele tornou-se um homem de posses; no entanto, sua doença não só prosseguiu como aumentou de ano para ano apesar de todas as receitas médicas, a despeito de visitar os mais famosos banhos, ou melhor, talvez, com o auxílio destes dois fatores.

Uma moça modesta que, excetuando-se alguns sinais da *Psora* interna, era tida como bastante saudável, foi forçada a se casar assim tornando-se infeliz da alma e, em grau comparável, declinou sua saúde corporal, sem qualquer traço de infecção venérea. Nenhum medicamento alopático alivia seus tristes transtornos os quais continuam crescendo cada vez mais ameaçadoramente. Mas em meio a esta agravamento, após um ano de sofrimento, a causa de sua infelicidade que é o odiado marido é-lhe levada pela morte; ela parece reviver na convicção de agora estar livre de todos os motivos de doença mental ou corporal e espera recuperar-se prontamente; todos os seus amigos esperam que o mesmo aconteça com ela, já que a causa incitadora de sua doença jaz na sepultura. Ela também recupera-se rápido mas, apesar da força de sua juventude - os transtornos que sobrevém inesperadamente, raramente deixam e periodicamente são renovados sem qualquer causa externa, sendo inclusive agravados de ano para ano, nos meses mais difíceis.

registros de doenças que eu próprio tratei com êxito e que confessadamente haviam se originado do contágio com sarna, não se tendo misturado nem com Syphillis, nem com Sycosis.

Quero realmente crer que muitos ou mais sintomas podem ter ocorrido na experiência de outros.

Gostaria apenas de acrescentar que dentre os sintomas arrolados existem também aqueles que são inteiramente opostos um ao outro: a razão disto pode ser encontrada nas diversificadas constituições físicas existentes na época, quando ocorreu a irrupção da *Psora* interna. No entanto, uma das variedades de sintomas é mais raramente encontrada do que a outra e não se constitui em qualquer obstrução especial à cura:

Vertigem; rodopio⁷⁰ ao andar.

Vertigem; ao fechar os olhos tudo parece girar junto com ele; ao mesmo tempo acometido por náusea.

Vertigem; ao voltar-se bruscamente, a pessoa quase cai no chão.

Vertigem, como se acontecesse um arranco na cabeça e que provoca uma perda momentânea de consciência.

Vertigem com eructações freqüentes.

Vertigem até mesmo olhando para baixo a nível do chão ou ao erguer os olhos para o alto.

Uma pessoa da qual haviam injustamente suspeitado e que tornara-se envolvida numa séria ação judicial, e que antes parecera ser saudável a não ser por sinais de uma *Psora* latente acima mencionados, caiu ao longo destes meses atordoadores em vários estados de doença. Finalmente porém é reconhecida a inocência da pessoa acusada, tendo-se seguido uma honrosa absolvição. Seria de se supor que um evento tão feliz e gratificante fosse necessariamente insuflar uma vida nova na acusada, removendo todas as queixas corporais. Mas não é isto que acontece; a pessoa ainda sofre destes transtornos de tempos em tempos e eles são inclusive renovados após intervalos maiores ou menores, agravando-se com o passar dos anos, especialmente durante os invernos.

Como explicaremos isso? Se aquele acontecimento desagradável tivesse sido a causa, a causa *suficiente*, destes transtornos, não deveria o efeito, isto é, a doença, ter cessado obrigatoriamente por completo, após a remoção da causa? Mas tais transtornos não cessam; são renovados com o passar do tempo e até aos poucos agravados, tornando-se evidente que aqueles acontecimentos desagradáveis não poderiam ter sido a causa suficiente dos transtornos e queixas atuais; verifica-se que *serviram apenas como ocasião e impulso no sentido do desenvolvimento de uma moléstia que até então apenas ficara adormecida internamente*.

O reconhecimento deste antigo inimigo interno que tantas vezes está presente e da ciência que é capaz de dominá-lo são dois elementos que deixam claro o fato de geralmente a doença sarna instalada (*Psora*) ser o fundamento de todos estes transtornos, os quais não conseguem ser superados pelo vigor nem mesmo da melhor constituição mas somente, através da arte.

⁷⁰ No original alemão “Taumel”, cambaleio. Em inglês, “reeling”. (NT. bras.)

Vertigem ao andar num caminho sem encostas de nenhum dos dois lados, num lugar aberto.

Vertigem; ela parece ver-se ora muito grande, ora muito pequena, ou os objetos têm para ela tal aparência.

Vertigem lembrando um desmaio.

Vertigem e transição para a inconsciência.

Tontura; incapacidade de pensar ou de realizar trabalho mental.

Seus pensamentos não estão sob seu controle.

Às vezes fica de cabeça vazia, sem pensamentos (sente-se perdida nos pensamentos).

O ar livre causa tontura e torpor (drowsiness) na cabeça.

Às vezes tudo parece escuro e preto perante seus olhos, ao andar ou inclinar-se, ou ao se aprumar de volta de uma inclinação à frente.

Afluxo de sangue para a cabeça.¹

Calor na cabeça (e no rosto).²

Uma pressão fria no alto da cabeça.³

Dor de cabeça, uma dor surda de manhã imediatamente após acordar, ou à tarde andando depressa ou falando em voz alta.

Dor de cabeça de um lado, com uma certa periodicidade (após 28, 14 ou menos dias), mais freqüentemente durante a lua cheia ou durante a lua nova, ou após uma excitação mental, depois de um resfriado etc.; pressão ou outra dor no alto da cabeça ou dentro dela, ou uma dor perfurante sobre um dos olhos⁴.

Dor de cabeça diária a horas certas; por exemplo, pontadas nas têmporas.⁵

¹ Enquanto a mente está inquieta, com ansiedade e sem vontade de trabalhar.

² Não infreqüentemente acompanhado por frialdade (coldness) nas mãos e pés.

³ Normalmente acompanhada de ansiedade.

⁴ Ao mesmo tempo, uma grande inquietação e ansiedade interna, especialmente no abdômen, falta de fezes ou evacuações ralas, freqüentes e acompanhadas de ansiedade; sensação de peso nos membros, tremores (quivering) pelo corpo todo, tensão de todos os nervos com grande irritabilidade e sensibilidade; o olho não consegue suportar luz alguma, há lacrimejamento, às vezes com inchaço dos olhos, os pés são frios; às vezes acompanha alguma coriza seca; calafrios freqüentes e a seguir novamente um calor passageiro; em conjunção a estes, uma náusea contínua e também às vezes ânsia de vômito e vômito; ou fica deitada como se estivesse aturdida ou se joga de um lado para o outro ansiosamente; tais ataques duram de 12 a 24 horas ou mais. Após estes ataques, um profundo cansaço com tristeza e sensação de tensão pelo corpo todo. Antes dos ataques, há arrancos (jerks) freqüentes dos membros durante o sono e sobressaltos até acordar, sonhos ansiosos, ranger de dentes durante o sono e tendência a se sobressaltar com qualquer ruído súbito.

⁵ Que também incham às vezes, havendo lacrimejamento daquele olho.

Ataques de dor de cabeça latejante (por exemplo, na testa), com náuseas violentas como se estivesse prestes a tombar ou também vômitos; iniciam-se no começo da noite⁷¹, repetem-se a cada duas semanas, mais cedo ou mais tarde.

Dor de cabeça como se o crânio estivesse a ponto de rachar ao meio.¹

Dor de cabeça, dores repuxantes.²

Dor de cabeça, pontadas na cabeça (transferindo-se para as orelhas)⁷²).³

Ruído ensurdecedor no cérebro, cantoria, cigarra, zumbido, estrondos etc.

Couro cabeludo repleto de caspa, com ou sem comichão.

Erupção na cabeça, tinea capitis, tinea maligna com crostas de maior ou menor grossura, com pontadas sensíveis quando um dos locais torna-se úmido; quando fica úmido, comichão violento; toda a coroa da cabeça dolorosamente sensível ao ar livre; junto, inchaços duros dos gânglios do pESCOÇO.

Cabelo da cabeça como se estivesse ressecado.

O cabelo da cabeça cai freqüentemente, principalmente na frente, na coroa e no alto da cabeça; pontos calvos ou início de calvície de certos locais.

São formados sob a pele calombos dolorosos que aparecem e desaparecem, como galos e tumores redondos¹.

Sensação de contração na pele do escalpo e do rosto.

Palidez do rosto durante o primeiro sono, com anéis azulados em torno dos olhos.

⁷¹ No original alemão “von früh bis Abend”, que significa “de manhã até à noite”, no inglês, “starting, early in the evening”. (NT. bras.)

¹ Em alguns casos, uma dor repuxando da nuca em direção ao occipício; às vezes também sobre a cabeça toda e o rosto o qual fica entumecido por esse motivo, ao passo que a cabeça dói quando tocada, o que não infreqüentemente é acompanhado por náusea.

² Geralmente ao andar e especialmente ao andar e se movimentar depois das refeições.

⁷² No original alemão é a seguinte a ordem dos sintomas:

Kopfschmerz, als wennder Hirnschadel auseinandeginge

Kopfschmerz, ziehender.²

Kopfschmerz, Zucken im Kopfe (zu den Ohren heraus).³

Kopfschmerz, Stechen im Kopfe (zu den Ohren heraus).⁴

que significam:

Dor de cabeça, como se o crânio estivesse a ponto de rachar ao meio.

Dor de cabeça, repuxante.²

Dor de cabeça, estremecimento na cabeça (saindo pelas orelhas).³

Dor de cabeça, pontada na cabeça (saindo pelas orelhas).⁴

Portanto, do original alemão para a tradução em inglês houve omissão do sintoma cuja referência para rodapé é 3 e também atribuição diferente de referências para rodapés 2 e 3. (NT. bras.)

³ Ao mesmo tempo tudo parece muitas vezes escuro à frente de seu rosto.

¹ Que também em raros casos transformam-se em supuração.

Vermelhidão freqüente do rosto e calor¹.

Tonalidade amarela ou amarelada do rosto.

Compleição amarelada e descorada.

Erisipelas no rosto².

Dor em aperto nos olhos, especialmente tarde da noite; tem que fechá-los.

Não consegue olhar por muito tempo para coisa alguma, ou então tudo pisca à sua frente; os objetos parecem se movimentar.

As pálpebras, especialmente pela manhã, estão como que fechadas; não consegue abri-las (durante minutos, e mesmo até por horas); as pálpebras estão pesadas como se paralisadas ou convulsivamente fechadas.

Os olhos são principalmente sensíveis à luz do dia; ficam doendo por causa disso e fecham-se involuntariamente.³

Sensação de frio nos olhos.

Beiradas das pálpebras cheias de muco seco.

Nas beiradas das pálpebras, inflamação de uma glândula Meibomian⁷³ ou de várias delas.

Inflamação dos olhos, de vários tipos.¹

Amarelidão em torno dos olhos.

Amarelidão do branco dos olhos.²

Pontos opacos e turvos na córnea.³

Hidropisia do olho.

Obscurecimento da lente do cristalino, catarata.

Estrabismo.

Hipermetropia; pessoa enxerga longe mas não consegue distinguir claramente pequenos objetos que estão perto.

¹ Às vezes também ele fica bastante fraco e cansado com isso, ou ansioso, suando na parte superior do corpo; os olhos tornam-se turvos, às vezes; tudo fica preto perante seus olhos, sua mente está triste; sua cabeça também sente-se como se estivesse cheia demais, com queimação nas têmporas.

² Em alguns casos, com muita febre; também às vezes com queimação, comichão, bolhas aquosas picantes no rosto as quais tornam-se crostas (Erysipelas bullosum).

³ Em geral com mais ou menos inflamação.

⁷³ No alemão consta entre parênteses o termo “Gerstenkorn” que quer dizer grão de cevada e é o nome popular de terçol. (NT. bras.)

¹ É provável que a *fistula lachrymalis* nunca tenha qualquer outra causa que não seja a doença da sarna.

² Ou cor cinzenta dos mesmos.

³ Mesmo sem ter tido antes qualquer inflamação dos olhos.

Miopia; pessoa consegue enxergar mesmo objetos pequenos segurando-os perto dos olhos, mas quanto mais distante estiver, mais indistintamente aparece e, a uma distância grande, não o vê.

Visão falsa; vê objetos em dobro ou multiplicados, ou apenas metade deles.

Há perante os olhos coisas flutuando como se fossem moscas, ou pontos negros, ou listras escuras, ou tramas, especialmente ao olhar a luz clara do dia.

Os olhos parecem enxergar através de um véu ou névoa; torna-se turva em determinados momentos.

Cegueira noturna; vê bem durante o dia mas na penumbra não consegue enxergar de jeito nenhum.

Cegueira diurna; só consegue ver bem na penumbra.

Amaurose; turvamento ininterrupto da visão¹ que cresce até tornar-se finalmente virar cegueira.

Dor em vários pontos do rosto, bochechas, malares, queixo, ao serem tocados; enquanto há mastigação, como se supurasse internamente; também pontadas e arrancos; especialmente durante a mastigação há arrancos, pontadas e uma tensão tal que a pessoa não consegue comer.²

A audição está excessivamente irritada e sensível; a paciente não consegue suportar escutar uma campainha tocar, sem tremer; outro paciente é levado às convulsões com as batidas de um tambor etc., muitos sons provocam dor no ouvido.

Há pontadas no ouvido de dentro para fora.³

Sensação de cócegas (crawling sensation) e comichão no ouvido.

Secura no ouvido; crostas secas dentro, sem cerume algum.

Escorrimento de pus fino e geralmente fétido, vindo do ouvido.

Pulsação no ouvido.

Vários sons e ruídos no ouvido.⁴

Surdez de vários graus até mesmo a surdez total; com ou sem ruídos no ouvido; às vezes piora, de acordo com o tempo.

Inchaço das glândulas parótidas.⁵

Epistaxe mais ou menos profusa, mais ou menos freqüente.

Narinhas estão como bloqueadas.⁶

¹ Mais freqüentemente sem opacidade da lente do cristalino do que com opacidade.

² Ao mastigar ou falar há às vezes faciculações semelhantes dos lados da cabeça onde freqüentemente surgem protuberâncias com galos dolorosos. Quando a dor é ainda mais insuporável e às vezes combinada com uma dor em queimação, é chamada de dor de Fothergill no rosto.

³ Especialmente andando ao ar livre.

⁴ Tais como tilintar (clinking), burburinhar (rushing), ferver (seething), bramir (roating), zumbir (humming), cricrilar (chirping), repicar (ringing), rufar (rumming), ribombar (thundering), zunir (whizzing), tremular (fluttering), murmurar (murmuring) etc.

⁵ Freqüentemente com dores aferroantes nas glândulas.

⁶ Uma ou ambas ou alternadamente, primeiro uma depois outra; freqüentemente só existe a sensação de obstrução, embora o ar consiga ser aspirado livremente para dentro delas.

Sensação de secura no nariz, problemática mesmo quando o ar está passando livremente.

Pólipos no nariz (em geral junto com a perda do olfato); estes podem também estender-se pelas passagens nasais até as fauces.

Sentido do olfato pervertido.¹

Sensação violenta demais de odores, sensibilidade maior e a mais elevada para odores, inclusive imperceptíveis.

Crosta no nariz; descarga de pus ou de porções endurecidas de muco.²

Odor fétido no nariz.

Narinhas freqüentemente ulceradas, circundadas por espinhos e crostas.

Inchaço e vermelhidão do nariz ou da ponta do nariz, freqüente ou contínuo.

Sob o nariz ou sobre o lábio superior, crostas ou espinhos que coçam e que duram muito tempo.

O vermelho dos lábios está bastante pálido.

O vermelho dos lábios é seco, escamoso, descasca; gretado.

Inchaço dos lábios especialmente lábio superior.³

Parte interna dos lábios tem uma linha de pequenas feridas e bolhas.⁴

Erupção cutânea da barba e da raiz dos pelos da barba, com comichão.

Erupções da face de inúmeros tipos.⁵

Glândulas do maxilar inferior inchadas; algumas vezes transformam-se em supuração crônica.

Inchaços glandulares (glandular) descendo pelos lados do pescoço.

Gengivas sangram ao menor toque.

Gengivas, parte externa ou interna, doloridas como estivessem feridas.

Gengivas com comichão erosivo.

Gengivas esbranquiçadas, inchadas, doloridas ao toque.

Gengivas, recessão, deixando os dentes anteriores e suas raízes expostos.

Ranger durante o sono.

Amolecimento dos dentes e muitos tipos de deterioração dos mesmos inclusive sem dor de dente.

¹ Por exemplo, o odor do estrume ou algum odor peculiar fica no nariz.

² Algumas vezes também, uma descarga de muco acre pelo nariz.

³ As vezes com dor em queimação, mordicante (biting).

⁴ Freqüentemente muito dolorosas, aparecem e somem.

⁵ Crosta láctea, espinhas, pústulas (blotch), * herpes, e úlceras carcinomatosas do nariz, lábios e rosto (também chamadas *câncer* com dor em queimação e aferroante (stinging)).

* No original alemão ainda consta, entre pústula e herpes, o termo *Kupfer* que significa *manchas de cobre*. (NT. bras.)

Dor de dente de inúmeras variedades, com diversas causas desencadeantes.

Ela não consegue ficar na cama à noite, devido à dor de dente.

Na língua, bolhas dolorosas e pontos sensíveis.

Língua branca, camada branca ou revestimento branco áspero.

Língua pálida, branco-azulada.

Língua cheia de sulcos profundos; aqui e ali, como se tivesse sido cortada em cima.

Língua seca.

Sensação de secura na língua, mesmo quando está adequadamente úmida.

Gaguejar (stuttering), balbuciar (stammering); às vezes também ataques súbitos de incapacidade de falar.

No lado de dentro das bochechas, bolhas doloridas ou pontos sensíveis.

Fluxo de sangue vindo da boca; freqüentemente intenso.

Sensação de secura em toda a parte interior da boca ou apenas em certos pontos ou profundamente na garganta.¹

Odor fétido vindo da boca.

Queimação na garganta.

Fluxo constante de saliva, especialmente ao falar, principalmente pela manhã.

Cuspir saliva continuamente.

Muco freqüente bem fundo na garganta (fauces) que o indivíduo tem que pigarrear e expectorar muitas vezes ao longo do dia, especialmente de manhã.

Inflamação freqüente da garganta e inchaço das partes acionadas para engolir.

Sabor insípido e viscoso na boca.

Sabor intoleravelmente doce na boca, quase constantemente.

Sabor amargo na boca, principalmente de manhã.²

Sabor azedo e acidulado na boca, especialmente depois de comer, apesar de estar tudo certo com o sabor da comida.³

Sabor pútrido e fétido na boca.

Cheiro ruim na boca, algumas vezes embolorado, algumas vezes pútrido como queijo velho ou como suor fétido de pé, ou como chucrute estragado.

Eructações com sabor de comida, várias horas depois de comer.

Eructações vazias, sonoras, só de ar, incontroláveis, muitas vezes durante horas, freqüentemente à noite.

Eructação incompleta que só provoca abalos convulsivos das fauces, sem sair pela boca.

Eructação ácida, seja em jejum seja após refeições, especialmente depois de leite.

¹ Principalmente acordando de noite ou pela manhã, com ou sem sede; com muita secura na garganta, freqüentemente uma dor espinhante (pricking) ao engolir.

² Não raramente, isto é constante.

³ É raro um sabor repugnante doce na boca, mesmo sem comer ou beber.

Eructação que desencadeia vômito.

Eructação rançosa (especialmente depois de comer alguma coisa).

Eructação, pútrida ou embolorada, de manhã cedo.

Eructações freqüentes antes das refeições, com uma espécie de fome furiosa.

Azia (Heart-burn) mais ou menos freqüente: há uma queimação ao longo do peito, especialmente depois do café da manhã ou enquanto o corpo está se movimentando.

Pirose (waterbrash); descarga em esguichos de uma espécie de fluido salivar proveniente do estômago, precedida de dores que fazem a pessoa se contorcer, localizadas no estômago (pâncreas), com uma sensação de fraqueza (tremor), náusea provocando um como que desmaio, e formação de saliva na boca, inclusive à noite.¹

As queixas predominantes em qualquer parte do corpo são desencadeadas após a ingestão de frutas frescas, especialmente se estas forem ácidas; também depois de ácido acético (em saladas etc.).

Náusea de manhã cedo.²

Náusea inclusive até o vômito, pela manhã, imediatamente após levantar-se da cama, diminuindo com os movimentos.

Náusea sempre depois de comer coisas gordurosas ou leite.

Vômito de sangue.

Soluços após comer ou beber.

O engolir está impedido por espasmos, chegando a fazer inclusive com que a pessoa morra de fome.

Engolir involuntário, espasmodicamente.

Sensação freqüente de jejum e de vazio no estômago (ou abdômen), não freqüentemente com muita saliva na boca.

Fome voraz (fome canina), especialmente de manhã cedo; a pessoa tem que comer imediatamente ou então chega a desmaiaria, fica exausta e trêmula (ou se estiver ao ar livre tem que se deitar no chão).

Fome voraz com roncos no abdômen.

Apetite sem fome; ela tem o desejo de engolir apressadamente várias coisas sem existir nenhum desejo disso no estômago.

Espécie de fome; mas quando ela come em seguida mesmo só um pouco, imediatamente sente-se satisfeita e saciada.

¹ Às vezes isto também se transforma em vômito de água, muco ou em esguicho de um ácido acre, mais freqüentemente depois de comer bolinhos de farinha cozidos, verduras * que causam flatulência, ameixas assadas etc.

* No original alemão, a palavra é *blähenden Genüssen* que significa “qualquer alimento ingerido que causa flatulência” e não *verduras*. (NT. bras.)

² freqüentemente vem muito de repente.

Quando ela quer comer, sente o peito cheio e sua garganta parece estar cheia de muco.

Ausência de apetite; só uma espécie de algo roendo, revolvendo e contorcendo no estômago é que a impele a comer.

Repugnância por comida quente e cozida, especialmente carne cozida e dificilmente algum desejo por qualquer coisa além de pão de centeio (com manteiga) ou batatas.¹

Sede, logo pela manhã; sede constante.

Na boca do estômago há uma sensação de inchaço, doloroso ao toque. Sensação de frialdade na boca do estômago.

Pressão no estômago ou na boca do estômago como se fosse uma pedra, ou uma dor constrictiva (câibra).²

Batimentos e pulsações no estômago, mesmo durante o jejum.

Espasmo no estômago; dor na boca do estômago como se estivesse contraído.³

Apertos no estômago; aperto doloroso no estômago;⁴ subitamente o estômago se contrai, especialmente após líquidos gelados.

Dor no estômago, como se estivesse sensível, ao comer mesmo os tipos mais infográficos de comida.

Pressão no estômago, mesmo durante jejum, mais porém em decorrência de todo tipo de comida, ou pratos particulares, frutas, verduras, pão de centeio, alimentos com vinagre etc.⁵

Durante a refeição, sente-se zonzo e tonto, ameaçando cair de lado.

Após mesmo a mais leve das ceias, suor noturno na cama; de manhã, constipação e lassidão excessiva.

Após as refeições, ansiedade e suor frio com ansiedade.⁶

¹ Especialmente na juventude e meninice.

² Em alguns casos, mesmo durante jejum, e fazendo a pessoa acordar à noite, às vezes oprimindo a respiração.

³ Em geral pouco tempo depois de comer.

⁴ Não freqüentemente com vômito de muco e água, sem o qual neste caso o aperto não se atenua.

⁵ Mesmo depois de se servir da menor quantidade de coisas como estas, pode-se seguir uma cólica, dor ou entorpecimento dos maxilares, dor dilacerante nos dentes, acúmulo copioso de muco na garganta etc.

⁶ Podem também ocorrer dores, reativadas de tempos em tempos; por exemplo, pontadas nos lábios, apertos e sensações perfurantes no abdômen, pressão no peito, peso no dorso e nos rins, até à náusea; quando então nada senão um vômito artificialmente provocado proporcionará alívio. Parte da angústia é agravada após comer chegando até ao impulso de autodestruir-se por estrangulamento.

Ao comer, transpiração.

Imediatamente após comer, vômito.

Após as refeições, pressão e queimação no estômago ou no epigástrio, quase como azia.

Após comer, queimação no esôfago de baixo para cima.

Após as refeições, distensão do abdômen.¹

Após as refeições, muito cansado e sonolento.²

Após as refeições, como se estivesse bêbado.

Após as refeições, dor de cabeça.

Após as refeições, palpitação de coração.

Alívio de várias queixas, mesmo antigas, após comer.

A flatulência não sai mas se desloca, provocando muitos transtornos do corpo e do espírito³.

Abdômen está distendido por flatulência⁴, abdômen parece cheio, principalmente depois de uma refeição.

Sensação como se os flatos subissem seguida por eructações; depois freqüentemente uma sensação de queimação na garganta, ou vômitos de dia e à noite.

Dor nos hipocôndrios quando tocados, em movimento ou também durante o repouso.

Dor constitiva no epigástrio, imediatamente sob as costelas.

Dores cortantes no abdômen, como se proviessem de gazes obstruídos; há uma sensação constante de plenitude no abdômen, os gazes sobem.

Dores cortantes no abdômen quase diariamente, especialmente em crianças, mais freqüentemente pela manhã do que em outros momentos do dia, às vezes dia e noite, sem diarréia.

Dores cortantes no abdômen, especialmente num dos lados do abdômen, ou na virilha.⁵

No abdômen, apreensão (qualmishness), sensação de vácuo, de vazio desagradável,⁶ inclusive imediatamente após comer o paciente se sentia como se não tivesse comido nada.

¹ Junto com isto, às vezes ocorre cansaço nos braços e pernas.

² Freqüentemente até o paciente deitar-se e dormir.

³ Às vezes dores repuxantes nos membros, especialmente nos inferiores ou pontadas na boca do estômago, ou no lado do abdômen etc.

⁴ Flatulência geralmente sobe; menos freqüentemente, uma grande quantidade de flatos é descarregada, especialmente de manhã, sem cheiro, e sem aliviar outros transtornos; em outros casos, flatulência expelindo uma grande quantidade de gazes excessivamente fétidos.

⁵ A dor cortante às vezes também desce para o reto e chega até à coxa.

⁶ Em alguns casos alternando com uma dor em contração no abdômen.

Uma sensação de constrição como se fosse uma faixa, após o paciente não evacuar por vários dias, partindo da região dos rins, indo em torno do abdômen, especialmente embaixo do estômato.

Dor no fígado, ao tocar o lado direito do abdômen.

Dor no fígado, pressão e tensão, uma tensão abaixo das costelas no lado direito.

Abaixo das últimas costelas (nos hipocôndrios), uma tensão e uma pressão generalizadas que entravam a respiração e tornam a mente ansiosa e triste.

Dor no fígado, pontadas, principalmente ao se inclinar rapidamente.

Inflamação do fígado.

Pressão no abdômen como se fosse uma pedra.¹

Endurecimento do abdômen.

Cólicas com cãibras, dor agarrante nas vísceras.

Durante cólica, frialdade de um lado do abdômen.

Roncos audíveis no abdômen, além de barulhos coaxantes (cluking) e cacarejantes (croaking).²

Pretensos espasmos uterinos, como dores do parto, dores agarrantes (grasping) que muitas vezes obrigam a paciente a se deitar, freqüentemente distendendo o abdômen, rapidamente, com freqüência.

Na parte baixa do abdômen, dores fazendo pressão para baixo em direção dos genitais.^{3/4}

Hérnias inguinais, freqüentemente dolorosas ao falar e cantar.⁴

Inchaços dos gânglios (glands) inguinais, os quais às vezes supuram.

Constipação; fezes presas às vezes vários dias, freqüentemente com uma vontade repetida mas ineficaz de evacuar.

Fezes duras, como se tivessem sido queimadas, em pequenos lotes, como fezes de carneiro, freqüentemente cobertas com muco, às vezes também envolvidas por veiazinhas de sangue.

Fezes de muco puro (hemorróidas mucosas).

Saída de áscaris pelo ânus.

¹ Que freqüentemente sobe para a boca do estômago, perfurando e provocando vômito.

² Às vezes só do lado esquerdo do abdômen, subindo com a inspiração e descendo com a expiração.

³ No original alemão não consta “dores fazendo pressão...”, “só pressão...”. (NT. bras.)

³ Pressionando para baixo como se fosse causar um prolapsos e quando passa ela sente os membros pesados, os membros adormecem; ela tem que se esticar e alongar os membros.

⁴ Hérnias inguinais regra geral decorrem só da psora interna exceto pelos poucos casos nos quais tais partes estão lesadas por força de uma grande violência externa, ou quando a hérnia acontece depois de esforços corporais super-humanos, como seja erguer ou empurrar peso rapidamente sentindo um forte pavor.

Eliminação de pedaços de solitária.

Fezes no começo muito duras e difíceis, seguidas por diarréia.

Fezes muito pálidas, esbranquiçadas.

Fezes cinzentas.

Fezes esverdeadas.

Fezes da cor do barro.

Fezes de odor putrido, azedo.

Ao evacuar, dores cortantes no reto.

Fezes diarréicas, por semanas, meses, anos.¹

Diarréia freqüentemente repetida, com dores cortantes no abdômen, durante vários dias.

Depois de uma evacuação, especialmente depois de uma mais copiosa e mais suave, grande e súbita prostração.²

Diarréia, tão rapidamente enfraquecedora que ela não consegue andar sozinha.

Varizes hemorroidais³ doloridas e indolores, no ânus, no reto (hemorróidas cegas).

Varizes hemorroidais sangrentas no ânus e no reto⁴ (hemorróidas sangrentas) especialmente durante as evacuações, após as quais as hemorróidas em geral doem violentamente por um longo tempo.

Junto com descargas sangrentas no ânus ou no reto, ebuição do sangue pelo corpo e respiração curta.

Formigamento e formigamento com comichão no reto, com ou sem descarga de áscaris.⁷⁵

Comichão e erosão no ânus e no períneo.

Pólipos no reto.

Durante a micção, ansiedade e também às vezes prostração.

Às vezes um excesso de urina é eliminado, seguido por grande cansaço.¹

¹ Geralmente antecedidas por roncos ou fermentações no abdômen; principalmente pela manhã.

² Especialmente fraqueza na boca do estômago, ansiedade, inquietação, às vezes também calafrios no abdômen ou na região dos rins.

³ As quais não freqüentemente apresentam um fluido viscoso escorrendo de dentro delas.

⁴ É provável que *fistulae in ano* nunca tenham outra causa além desta moléstia, especialmente quando a ela se acrescentam uma dieta estimulante, um excesso de licores alcoólicos, laxantes freqüentes, uma ocupação sedentária e abuso do instinto sexual.

⁷⁵ No original alemão, “madenwürmern” que significa “oxiúros” (NT. bras.)

¹ A *Diabetes*, para a qual os remédios alopáticos são geralmente tão fatais, provavelmente não tem nenhuma outra origem a não ser esta moléstia.

Retenção dolorosa de urina (em crianças e pessoas idosas).

Quando ele se sente enregelado (sente frio continuamente) não consegue urinar.

Ás vezes, por causa de flatulência, ela não consegue urinar. A uretra está parcialmente constrita, em especial pela manhã.¹

Pressão na bexiga, como se viesse de uma urgência de urinar, imediatamente após beber.

Ele não consegue reter urina por período algum de tempo, esta faz pressão na bexiga e escorre enquanto ele anda, espirra, tosse ou ri.

Micção freqüente à noite; ele tem que se levantar muitas vezes da cama, à noite, por causa disso.

Urina escorre durante o sono, involuntariamente.

Após urinar, a urina continua pingando por um longo tempo.

Urina esbranquiçada, com cheiro e gosto adocicado, escorre com abundância excessiva, junto com prostração, emaciação e sede inextinguível (diabetes).

Durante a micção, queimação e também dores lancinantes na uretra e no colo da bexiga.

Urina de odor forte, penetrante.

Urina deposita rapidamente um sedimento.

A urina descarregada fica imediatamente turbida, como soro de leite.

Junto com a urina, ocorre a descarga de tempos em tempos de areia vermelha (glândulas renais).

Urina amarelo-escuro.

Urina marrom.

Urina negrecida.

Urina com partículas de sangue, às vezes também hematúria completa.

Descarga de fluido prostático após micção, mas especialmente depois de uma evacuação difícil (também gotejamento praticamente constante do mesmo).²

Emissão noturna de sêmen, freqüentemente demais, uma, duas ou três vezes por semana, ou até todas as noites.³

¹ Freqüentemente a urina escoa fina como uma linha, ou o fluxo se espalha; a urina só é descarregada aos arrancos a intervalos longos tais interrupções são freqüentemente causadas por um espasmo no colo da bexiga que antagoniza a ação desta e é oriundo da mesma moléstia psórica. Da mesma forma, a inflamação da bexiga devida a estenose da uretra e *fistula in vesica* sempre são de origem psórica, apesar de raramente *Sycosis* também estar complicada com *Psora*.

² Às vezes também consumpção decorrente do escoamento constante do fluido prostático.

³ Em rapazes saudáveis e castos, poluições só acontecem naturalmente a cada doze ou catorze dias, sem quaisquer problemas concomitantes e são seguidas por alegria e uma sensação de força e serenidade.

Descargas noturnas do fluido genital em mulheres, com sonhos voluptuosos.⁷⁶

Poluções noturnas mesmo se não freqüentes, porém imediatamente seguidas por más conseqüências.¹

Sêmen sai involuntariamente, durante o dia, com pouca excitação, freqüentemente inclusive sem ereção.

Ereções muito freqüentes, de longa duração, muito dolorosas, sem poluções.

Sêmen não é eliminado, mesmo durante um coito prolongado e com ereção adequada², mas depois sai em poluções noturnas ou junto com a urina.

Acúmulo de água na túnica vaginalis do testículo (hidrocele).

Nunca ocorre uma ereção completa, mesmo com a excitação mais voluptuosa.

Fasciculações dolorosas nos músculos do pênis.

Comichão do escroto, o qual às vezes é acometido por espinhas e crostas.

Um ou ambos os testículos cronicamente inchados ou exibindo um endurecimento nodoso. (Sarcocele).

Um ou ambos os testículos minguam, diminuem, desaparecem.

Endurecimento e alargamento da glândula prostática.

Dores repuxantes (drawing) no testículo e no cordão espermático.

Dor como se proveniente de contusão no testículo.

Ausência de desejo sexual em ambos os sexos, freqüentemente ou constantemente.³

Lascívia insaciável e incontrolável,⁴ com compleição caquética e corpo adoentado.

⁷⁶ No original alemão: “Nächtlicher Abgang de genitalen Saftes beim Weib unter wohllüstigen Träumen”, que significa “descargas noturnas do fluido genital *junto com mulheres*, com sonhos voluptuosos. (NT. bras.)

¹ Estado sombrio de espírito, obtusidade, turvamentos dos poderes de raciocínio, diminuição da vivacidade de imaginação, falta de memória, depressão, melancolia; a visão fica enfraquecida, bem como a digestão e o apetite; fezes são retidas, segue-se um afluxo de sangue para a cabeça e também em direção ao ânus etc.

² Em tal casos, os testículos nunca se contraem para junto do corpo, mas ficam pendurados mais ou menos soltos.

³ Muitas vezes durante anos ou mesmo durante muitos anos. As partes genitais masculina e feminina não têm condições então para serem excitadas frente a tipo algum de sensação agradável ou voluptuosa; o pênis todo, no homem, está pendurado e relaxado, sendo mais fino do que a glande, a qual é fria e tem coloração azulada ou branca; quanto às partes femininas, os lábios não são excitáveis; estão relaxados e são pequenos; a vagina está praticamente adormecida e insensível, geralmente seca; algumas vezes ocorre a queda dos pelos das partes pudentes ou inclusive a ausência completa de pelos nas partes genitais da mulher.

⁴ Metromania e ninfomania têm a mesma origem.

Esterilidade e impotência, sem qualquer defeito orgânico original nas partes sexuais.¹

Desordens da função menstrual; a menstruação não vem regularmente a cada 28 dias após seu último aparecimento, não acontece isenta de outros transtornos, não vem de imediato e não prossegue contínua durante três ou quatro dias com quantidade moderada de sangue suave e de cor saudável até chegar, no quarto dia, a imperceptivelmente desaparecer sem quaisquer distúrbios em termos de saúde geral do corpo e do espírito; tampouco continuam elas até o 48º ou 50º ano de vida, nem tampouco cessam gradualmente e isentas de quaisquer problemas.

As menstruações custam a aparecer após o décimo quinto ano ou mais tarde; ou, após aparecerem uma vez ou mais, cessam durante diversos meses e anos.² Menstruações não conservam seus períodos regulares, ou chegam com vários dias de antecedência, às vezes a cada três semanas, ou inclusive a cada duas semanas.³

As menstruações só duram um dia, apenas algumas horas, ou em quantidades imperceptivelmente pequenas.

As menstruações duram cinco, seis, oito dias ou mais, mas só intermitentemente, um pouco a cada seis, doze ou vinte e quatro horas, depois há uma interrupção de meio dia ou dia inteiro, e a seguir nova descarga.

As menstruações têm fluxo forte demais, durante semanas, ou retornam quase diariamente (fluxo sanguinolento).⁴

Menstruações de sangue aguado ou de coágulos de sangue marrom.

Menstruações de sangue muito fétido.

¹ Cópulas muito freqüentes oriundas de uma lascívia impotente, com ejaculação muito rápida de sêmen imaturo e líquido; falta de ereção; falta de saída de sêmen; falta de desejo sexual; menstruação excessivamente copiosa; fluxo de sangue constante; menstruação líquida, escassa ou deficiente; descarga copiosa de muco pela vagina (leucorréia); ovários endurecidos; seios que se tornaram minguados ou enodoados; insensibilidade ou apenas sensibilidade dolorosa dos órgãos genitais - estes são apenas os sintomas usuais imediatos de esterilidade ou de impotência em cada um dos性os.

² Conseqüências: palidez amarelada, tumefação do rosto, sensação de peso nos membros, inchaço dos pés, frialdade (chillines), cansaço, asma (clorose) etc.

³ Raramente as menstruações vêm com muitos dias de atraso e, nessas ocasiões, o fluxo é excessivamente abundante, com cansaço enfraquecedor e muitos outros transtornos.

⁴ Muitas vezes acompanhadas por inchaços do rosto, mãos e pés, espasmos dolorosos dos seios e abdômen, inúmeros transtornos decorrentes de debilidade nervosa, sensibilidade excessiva tanto geral quanto em termos de órgãos sensoriais em particular etc.; antes do aparecimento do fluxo, sonhos ansiosos, despertar freqüente com afluxo de sangue para a cabeça, palpitação, inquietação etc. Junto a um fluxo de sangue mais violento oriundo do útero, há muitas vezes dores cortantes em um lado do abdômen e na virilha; as dores cortantes algumas vezes descem para o reto e para a coxa; ela então muitas vezes não consegue urinar ou sentar, devido às dores; depois destas, o abdômen dói como se estivesse supurando.

Menstruações acompanhadas de muitos transtornos, vertigens ou dores de cabeça (principalmente pontadas) ou dores cortantes, espasmódicas, contrativas, no abdômen, e na região lombar das costas; ela é obrigada a se deitar, vomitar etc.

Pólipos na vagina.

Leucorréia pela vagina, um ou vários dias antes ou logo depois do fluxo menstrual de sangue, ou ao longo do intervalo todo entre uma descarga menstrual e a outra, juntamente com uma diminuição das menstruações ou prosseguindo sozinha, em lugar das menstruações; o fluxo é semelhante ao leite, ou como um muco amarelo ou branco, ou ainda como água acre, às vezes fétida.¹

Partos prematuros.

Durante a gestação, um grande cansaço, náusea, vômitos freqüentes, vertigens, veias varicosas doloridas nas coxas e pernas e às vezes também nos lábios vaginais, transtornos histéricos de vários tipos etc.

Coriza imediatamente após toda vez que ela sai ao ar livre; depois, geralmente uma coriza seca (stuffed) dentro de um aposento.

Coriza seca e nariz entupido freqüentemente ou quase constantemente, às vezes também com intervalos.

Coriza fluida ao menor resfriado, portanto principalmente durante a estação rigorosa e quando está úmido.

Coriza fluida, muito freqüentemente ou quase constantemente, e também em certos casos ininterruptamente.

Ele não pode resfriar-se apesar de ter havido fortes sintomas premonitórios de resfriado, simultaneamente a outros graves transtornos decorrentes da moléstia – sarna.

Rouquidão, após uma quantidade mínima de emissão verbal; ela precisa vomitar para limpar a voz.

Rouquidão, algumas vezes também afonia (ela não consegue falar em voz alta, tem que sussurrar), após um resfriado leve.

Rouquidão constante e afonia durante anos; ele não consegue proferir uma palavra em voz alta.

¹ Leucorréia, especialmente a de tipo maligno, é acompanhada por uma incontável multidão de transtornos. Sem mencionar os tipos mais insignificantes (tais como comichão das partes pudendas e da vagina, com escoriações na parte externa e na parte adjacente da coxa, especialmente ao andar), seguem-se estados histéricos de todos os tipos aos casos mais severos deste fluxo problemático, além de distúrbios da mente e do espírito, melancolia, insanidade, epilepsia etc. Muitas vezes vêm na forma de um ataque e nessa ocasião são precedidos de uma sensação perfurante do lado do abdômen, ou por uma queimação no estômago, no baixo ventre, na vagina, pontadas na vagina e na boca do útero, ou uma dor construtiva no útero e uma pressão em direção da vagina como se tudo estivesse prestes a cair; às vezes também dores as mais penetrantes na região lombar das costas; flatus obstruído causando dor etc. Teria o assim chamado câncer uterino alguma outra origem que não esta moléstia (Psora)?

Supuração da laringe e dos brônquios (tísica brônquio-laríngea).¹

Rouquidão e catarro muito freqüente ou quase constante; o peito dele está continuamente afetado.

Tosse; irritação freqüente e sensação de cócega na garganta; a tosse o atormenta até o suor irromper em seu rosto (e nas mãos).

Tosse que não se atenua até chegar à ânsia de vômito e ao vômito, principalmente pela manhã e à noitinha (evening).

Tosse que termina toda vez em espirros.

Tosse principalmente à noitinha (evening) após deitar-se e toda vez que a cabeça fica baixa.

Tosse, que acorda o paciente após o primeiro sono curto.

Tosse, especialmente à noite (night).

Tosse, pior após acordar de manhã.

Tosse pior, após comer.

Tosse, imediatamente após cada respiração profunda.

Tosse, causando uma sensação de peito dolorido, ou às vezes pontadas no lado do peito ou no abdômen.

Tosse seca.

Tosse, com expectoração amarela, lembrando pus, com ou sem cuspidelas de sangue.²

Tosse com expectoração excessiva de muco e diminuição da força (tísica mucosa).

Ataques de coqueluche.³

Pontadas violentas e às vezes insuportáveis no peito a cada respiração; impossível tossir por causa da dor; sem febre inflamatória (pleurisia espúria).

Dor no peito ao andar, como se o peito estivesse a ponto de explodir.

Dor pressiva no peito quando de uma respiração profunda ou espirro. Muitas vezes uma dor ligeiramente constritiva no peito, a qual provoca o mais profundo abatimento.⁴

¹ Inflamação da laringe (crupe) não tem condições de ocorrer em criança alguma que esteja isenta de uma psora latente ou que se tenha livrado dela por força de um tratamento.

² A tísica pulmonar supurativa provavelmente tem pouquíssimas vezes outra causa que não esta moléstia, mesmo quando parece que os vapores do mercúrio ou do arsênico a provocaram; pelo menos, a maioria destes casos de tísica supurativa originam-se em pneumonias tratadas indevidamente, com sangria, e esta doença pode ser sempre considerada como uma manifestação da Psora latente.

³ De repente ela é forçada a tossir mas não pode fazê-lo porque lhe falta o ar, chegando à sufocação, com rosto vermelho-escuro e intumescido; geralmente, o esôfago também está constrito de modo tal que nem uma gota de água passa; após 8 a 10 minutos, seguem-se eructações desde o estômago e o espasmo cessa.

⁴ Os ataques geralmente duram à noite toda até de manhã.

Dor de queimação no peito.

Pontadas freqüentes no peito, com ou sem tosse.

Pontadas violentas do lado; com um calor forte pelo corpo é quase impossível respirar, devido às pontadas no peito com hemoptise e dor de cabeça; ele fica confinado à cama.

Pesadelo; em geral, ele acorda de súbito à noite por causa de um sonho assustador e não consegue se mexer, nem chamar, ou falar, e quando tenta se movimentar sofre dores intoleráveis como se estivesse cortado em pedacinhos.¹

Obstrução de respiração, com dores de pontada no peito só de andar um mímino;² o paciente não consegue dar nem um passo (angina pectoris).

Asma, simplesmente ao mexer os braços, não durante o andar.

Ataques de sufocação, especialmente após a meia noite, o paciente precisa se sentar, às vezes tem que sair da cama, ficar inclinado à frente apoiado nas mãos; tem que abrir as janelas ou sair para o ar livre etc.; tem palpitações que são seguidas por eructações ou bocejos e o espasmo termina com ou sem tosse e expectoração.

Palpitação com ansiedade⁷⁷, especialmente à noite.

Asma, ruidosa, difícil, às vezes também respiração sibilante.

Respiração curta.

Asma, durante o movimento, com ou sem tosse.

Asma, principalmente enquanto a pessoa está sentada.

Asma, espasmódica; quando ela vai para o ar livre perde ar.

Asma, em ataques, que dura várias semanas.

Seios minguam, ou aumentam excessivamente de tamanho, com retração dos bicos.

Erisipelas, num dos seios (especialmente durante a amamentação).

Uma glândula dura, aumentada e endurecida (indurating) com dores lancinantes em uma das mamas.¹

Comichão e também erupções úmidas e escamosas em torno dos bicos dos seios.

Dores tensionantes, repuxantes (dilacerantes) na região dos rins, nas costas e nuca.

Rigidez lancinante, cortante, dolorosa da nuca; da região dos rins.

Dor pressiva entre as espáduas.

Sensação de pressão sobre os ombros.

¹ Em certos casos, tais ataques também acontecem várias vezes numa única noite, especialmente quando ele não esteve ao ar livre durante o dia.

² Especialmente ao subir num lugar alto.

⁷⁷ No original alemão “angst”, que significa medo. (NT. bras.)

¹ É provável que as diferentes variedades de câncer de seio tenham alguma outra origem que não seja esta moléstia da Psora?

Nos membros, dores tensionantes, repuxantes (dilacerantes), parte nos músculos e parte nas articulações (reumatismo).

Aqui e ali no periósteo, especialmente no periósteo dos ossos longos, dores pressivas e pressivo-repuixantes.¹

Dores em pontada nos dedos ou artelhos.²

Pontadas nos calcanhares e solas dos pés enquanto fica de pé.

Queimação nas solas dos pés.³

Nas articulações, espécie de dilaceramento, como se o osso fosse raspado, juntamente com um inchaço quente e vermelho, que é dolorosamente sensível ao toque e ao ar, ao lado de uma disposição mal-humorada insuportavelmente sensível (gota, podagra, quiragra, gota nos joelhos etc.).⁴

Articulações dos dedos, inchadas com dores pressivas, doloridas ao serem tocadas e dobradas.

Engrossamento das articulações; permanecem duras e inchadas e há dor ao serem dobradas.

As articulações parecem rígidas, de movimentação difícil e dolorosa, os ligamentos parecem curtos demais.⁵

Articulações, dor ao serem movimentadas.⁶

Articulações estalam durante o movimento ou fazem um ruído estrepitoso.

As articulações facilmente sofrem entorses ou distensões.⁷

Disposição cada vez maior a *distensões* e a dar *maljeito*, mesmo após uma exercitação bastante suave, dos músculos, inclusive durante um trabalho mecânico ligeiro, esticando os braços ou alongado-os para alcançar alguma coisa alta, erguendo coisas que não são pesadas, ao dar voltas rápidas com o corpo, ao empurrar etc.

¹ Estes pontos também doem nessas ocasiões ao serem tocados, como se estivessem machucados ou doloridos.

² Em casos crônicos, piores, estas são agravadas até uma dor cortante.

³ Especialmente à noite, sob uma coberta de penas.

⁴ As dores pioram ou durante o dia ou à noite. Após cada ataque, quando a inflamação já passou, as juntas da mão estão doloridas, bem como as dos joelhos, pés, do dedo grande do pé ao ser movimentado, quando o paciente fica em pé etc, as articulações estão insuportavelmente entorpecidas e os membros enfraquecidos.

⁵ Por exemplo, o tendão de Aquiles, durante a postura erecta, rigidez do tarso, dos joelhos, tanto temporária (depois de sentar, ao se levantar) quanto permanente (contração).

⁶ Por exemplo, a articulação do ombro, ao levantar o braço; o tarso dói ao pisar como se estivesse a ponto de quebrar.

⁷ Por exemplo, o tarso, a articulação do punho e a do polegar.

Tensões ou alongamentos musculares deste tipo desencadeiam então, freqüentemente, longos períodos de confinamento à cama, vertigens, todas as qualidades de distúrbios histéricos,¹ febre, hemoptise, etc., enquanto pessoas que não são psóricas erguem pesos como estes uma vez que seus músculos sejam capazes de fazê-lo, sem os mesmos efeitos colaterais.²

As articulações sofrem entorses facilmente a qualquer movimento em falso.³ Na articulação do pé há dor ao caminhar como se este fosse quebrar. Amolecimento dos ossos, encurvamento da coluna (deformidade, corcunda), encurvamento dos ossos longos das coxas e pernas (*morbus anglicus*, raquitismo).

Fragilidade dos ossos.

Sensibilidade dolorosa da pele, dos músculos e do periósteo frente a uma pressão moderada.⁴

Dor intolerável⁵ na pele (ou nos músculos, ou no periósteo) de alguma parte do corpo em decorrência de um movimento leve desta ou de alguma outra parte

¹ Muitas vezes também dores de cabeça severas e imediatas na coroa da cabeça a qual então também está dolorida externamente ao ser tocada; ou de súbito dor na região dos rins, ou dor no útero não infreqüentemente pontadas no lado do seio, ou entre as espáduas, a qual obstrui a respiração, ou rigidez dolorosa do pescoço ou coluna, eructações audíveis freqüentes etc.

² As pessoas comuns, especialmente do interior, buscam alívio através de uma espécie de ação mesmérica, mas sem efeitos prolongados; não obstante, permanece a tendência a dar maljeto. Em geral, é uma mulher (chamada de benzedeira/stroking woman) que passa as pontas dos polegares sobre as espáduas, em direção dos ombros ou ao longo da coluna, às vezes também desde a boca do estômago ao longo da borda inferior das costelas; só que em geral elas exercem uma pressão excessivamente forte durante estes toques com os dedos.

³ Por exemplo, o tornozelo quando de um passo em falso; também a articulação do ombro. Ainda deste tipo é a luxação gradual da articulação do quadril (i.é, da cabeça do fêmur desde o *acetabulum* quando então a perna fica comprida ou curta demais, provocando uma claudicação).

⁴ Como quando o paciente dá um encontrão em alguma coisa, fica muito dolorido o local, durante bastante tempo; as partes sobre as quais se deita na cama ficam muito doloridas, daí o motivo de se virar com tanta freqüência à noite; os músculos posteriores da coxa e o osso sobre o qual se senta estão muito doloridos; uma batida leve da mão na coxa causa uma dor intensa. Um encontrão de leve contra uma superfície dura deixa marcas azuladas, provoca sufusão de sangue.

⁵ De incrível variedade. Freqüentemente em queimação, em arrancos, lancinantes, mas também muitas vezes indescritíveis; estas são as dores que comunicam, à mente, uma sensibilidade similar intolerável e excessiva. Tais dores afetam deste modo principalmente as partes superiores do corpo, ou rosto (*tique doloroso*), ou a parte do pescoço etc., inclusive quando de um toque suave, ao falar e mastigar; nos ombros frente a uma pressão suave, ou ao movimento do dedo.

mais distante; por exemplo, devido ao ato de escrever, surge uma dor no ombro ou do lado do pescoço etc., enquanto que rachar lenha ou executar algum outro trabalho pesado com a mesma mão não provoca dor; uma dor parecida nas partes adjacentes, decorrente de falar e mexer com a boca; dor no lábio e nas costas* ao menor toque.

Adormecimento da pele ou dos músculos de certas partes e membros.¹

Amortecimento (dying off) de certos dedos das mãos ou pés.²

Sensação de cócegas (crawling) ou também formigamento espinhante (como se os membros estivessem adormecendo) nos braços, pernas e em outras partes (até nas pontas dos dedos).

Sensação de cócegas (crawling), ou de rodopio (whirling), ou uma *inquietação* interna com comichão, especialmente nos membros inferiores (à noite na cama ou logo após acordar); os membros têm que ser trocados de posição a todo momento.

Sensação dolorosa de frio em várias partes.

Dores queimantes em várias partes (freqüentemente sem qualquer mudança na temperatura corporal externa usual).

Frialdade (coldness) repetida ou constante do corpo todo, ou de um lado do corpo; também de partes isoladas, mãos ou pés frios que muitas vezes não ficam aquecidos na cama.

Calafrios (chillines), constantes, mesmo sem qualquer alteração da temperatura corporal externa.

Afluxos freqüentes de calor, especialmente no rosto, mais freqüentemente com vermelhidão do que sem ela; sensação violenta e súbita de calor durante o repouso, ou durante um movimento pequeno, às vezes decorrente até mesmo de falar, com ou sem a irrupção de suor.

Ar quente no aposento ou na igreja é extraordinariamente repugnante a ela, torna-a inquieta, faz com que ela se movimente para lá para cá (às vezes com pressão na cabeça, sobre os olhos, não infreqüentemente aliviada com epistaxe).

Afluxos de sangue, às vezes também uma sensação de latejamento em todas as artérias (embora ele pareça muitas vezes bastante pálido, com uma sensação de prostração pelo corpo todo).

Afluxo de sangue para a cabeça.

Afluxo de sangue para o peito.

* No original alemão “Backenschmerz”, que significa “dor nas bochechas”. (NT. bras.)

¹ Está ausente o senso do toque; as partes parecem duras e tumidas, seja periódica ou permanentemente (insensibilidade constante).

² Nesta ocasião, o membro torna-se branco, sem sangue, sem sensibilidade e bastante frio, muitas vezes durante horas, especialmente quando faz frio (passar um pedaço de zinco em direção às pontas dos dedos ou dos artelhos costuma afastá-lo rapidamente, mas apenas como paliativo).

Varizes, veias varicosas nos membros inferiores (varizes nas partes pudendas), também nos braços (inclusive nos homens), freqüentemente com dores cortantes nos mesmos (durante tempestades), ou com comichão nas varizes.¹

Erisipelas, parte no rosto (com febre), parte nos membros, no seio durante o aleitamento, especialmente num lugar machucado (com dor espinhante ou queimação).

Panarício, paroníquia (dedo machucado com pele supurante).⁷⁸

Frieiras (inclusive não no inverno) nos artelhos e dedos, dores em comichão, em queimação e lancinantes.

Calos, os quais inclusive sem pressões externas causam dores em queimação e lancinantes.

Abscessos (furúnculos), que retornam de tempos em tempos, especialmente nas nádegas, coxas, braços e corpo. Tocá-los provoca neles pontadas finas.

Úlceras, nas coxas, especialmente, também sobre os tornozelos e acima deles e na parte de baixo da barriga da perna, com comichão, sensação de roedura e cócegas em torno das bordas e uma dor em roedura como se houvesse sal na base da própria úlcera; as partes circundantes são de cor marrom azulada, com varizes próximas às úlceras as quais, durante tempestades e chuvas, causam freqüentemente dores cortantes, em especial à noite, muitas vezes acompanhadas de erisipelas após alguma contrariedade (vexation) ou susto, ou cãibras na barriga da perna.

Tumefação e supuração do úmero, fêmur, rótula⁷⁹, também dos ossos dos dedos e artelhos (*spina ventosa*).

Engrossamento e enrijecimento das articulações.

Erupções, ou surgindo esporadicamente e novamente desaparecendo; algumas pústulas que coçam voluptuosamente, em particular nos dedos ou outras partes e que, após serem coçadas, queimam e apresentam a maior semelhança com a erupção original de sarna;

ou *urticária*, como picadas e bolhas d'água, principalmente com dor em queimação;

ou *espinhas* sem dor no rosto, peito, costas, braços e coxas;

ou *herpes*⁸⁰ em grãos miliares finos, espremidos uns contra os outros em manchas maiores ou menores e redondas, de cor principalmente avermelhada, às vezes seca, às vezes úmida, com comichão, semelhante à erupção de sarna apresentando queimação após serem coçados. Continuam se disseminando mais além da circunferência com vermelhidão, ao passo que o meio parece tornar-se livre da erupção e fica

¹ Os inchaços das artérias (aneurismas) parecem não ter outra origem além da *Psora*.

⁷⁸ No original alemão “von heiler Haut”, que significa *com pele sadia*. (NT. bras.)

⁷⁹ No original alemão “Schienbeins” que significa *tibia*. (NT. bras.)

⁸⁰ No original alemão ainda consta, depois de herpes (Flechte), o termo “Schwinden”, que significa *eczema*. (NT. bras.)

coberto por uma pele lisa e brilhante (*herpes circinatus*). Herpes úmido nas pernas é chamado eczema (salt rheum);

ou *crosta* que se leva acima da pele circundante, de forma redonda, com bordas vermelho-escuro indolores, com pontadas violentas e freqüentes nas partes da pele ainda não afetadas;

ou *manchas redondas e pequenas* na pele, cobertas por escamas secas semelhantes ao farelo que muitas vezes descascam e que são renovadas, sem sensação; ou *manchas vermelhas na pele* que parecem secas, com dor em queimação; um pouco mais altas do que o resto da pele.

Sardas, pequenas e redondas, manchas marrom ou acastanhadas no rosto, nas mãos e no peito, sem sensação.

Manchas hepáticas, grandes manchas acastanhadas que freqüentemente cobrem a totalidade dos membros, braços, pescoço, peito etc., sem sensação ou com comichão.

Amarelidão da pele, manchas amareladas de mesma natureza em torno dos olhos, boca, pescoço etc., sem sensibilidade.¹

Verrugas no rosto, no antebraço, nas mãos etc.²

Tumores enquistados na pele, no tecido celular subjacente, nas *bursae mucosae* dos tendões (exostose), de várias formas e tamanhos, frios sem sensibilidade.³

Inchaços glandulares (glandular) em torno do pescoço, nas virilhas, na dobra das articulações, na dobra dos cotovelos, dos joelhos, nas axilas⁴, também nas mamas.

Resssecamento da pele (epiderme), tanto no corpo todo com incapacidade de suar,⁸¹ durante movimentação e calor, quanto em certas partes apenas.¹

Sensação desagradável de ressecamento sobre o corpo todo (também no rosto, em torno da boca e dentro dela, na garganta ou no nariz, apesar de a respiração passar livre por ele).

¹ Após andar de carro, amarelidão da pele emerge o mais rapidamente, se ainda não for constante mas sim apenas ocasional.

² Especialmente na juventude. Muitas duram apenas pouco tempo e somem para dar lugar a um outro sintoma de psora.

³ O fungus hematodos que ultimamente se tornou uma praga tão destrutiva, segundo conclusões que sou obrigado a tirar com base de em vários casos, não tem outra fonte além da Psora.

⁴ Às vezes se transformam após dores lancinantes numa espécie de supuração crônica na qual, porém, ao invés de pus é secretado um muco incolor.

⁸¹ No original alemão, depois de “suar” (in Schweifs... kommen) existe a frase: “merkliche Ausdünistung” que significa “exudação notável”. (NT. bras.)

¹ Especialmente nas mãos, na parte externa dos braços e pernas e até no rosto; a pele é seca, áspera, enrugada, parece gretada e muitas vezes apresenta escamas como farelo.

Suor aparece facilmente demais, depois de pouco movimento; até mesmo sentado, ele é atacado pelo suor no corpo todo ou apenas em alguma parte; por exemplo, suor quase constante de mãos e pés¹ e também suor forte das axilas² e em redor das partes pudendas.

Suores matutinos diários, fazendo freqüentemente o paciente pingar, isto por vários anos, muitas vezes com odor azedo ou azedo-pungente.³

Perspiração unilateral, apenas num lado do corpo, ou somente na parte superior, ou apenas na inferior.

Suscetibilidade crescente a resfriados, tanto do corpo todo (muitas vezes inclusive por causa de molhar repetidamente as mãos ora com água quente ora com água fria, como se dá na lavagem de roupas), quanto apenas suscetibilidade de certas partes do corpo, cabeça, pescoço, peito, abdômen, pés etc.; muitas vezes após um golpe de ar moderado ou leve, ou após umedecer um pouco estas partes;⁴ inclusive decorrentes de se estar num aposento mais frio, numa atmosfera chuvosa ou com barômetro baixo.

Os assim chamados *profetas do tempo*, i.é., dores severas renovadas em partes do corpo que foram previamente lesionadas, feridas ou fraturadas, apesar de então já estarem curadas e cicatrizadas; esta dor renovada surge quando são iminentes mudanças acentuadas de tempo, um frio intenso ou uma tempestade, ou quando está no ar uma tempestade de raios.

Inchaço aquoso só dos pés, ou num pé, ou nas mãos, ou no rosto, ou no abdômen, ou no escroto no entanto, algumas vezes, inchaço cutâneo espelhado pelo corpo todo (hidropisias).

Ataques de sensação súbita de peso dos braços e pernas.

Ataques de fraqueza paralítica e de lassidão paralítica de um braço, uma mão, uma perna, sem dor, tanto aparecendo de repente e sumindo depressa quanto começando aos poucos e aumentando constantemente.

Joelhos dobram-se subitamente.

¹ Este último é normalmente muito fétido e abundante que após inclusive uma caminhada pequena as solas dos pés, calcanhares e artelhos estão ensopadas e esfoladas.

² Não infreqüentemente de cor vermelha e de odor repelente como o cheiro de bode ou de alho.

³ Aqui cabe o suor de crianças psóricas, na cabeça, depois de irem dormir à noite.

⁴ Os transtornos que lhe seguem, imediatamente após, são então consideráveis e multifacetados: dores nos membros, dores de cabeça, catarro, dor de garganta, inflamação da garganta, coriza, inchaço dos gânglios do pescoço, rouquidão, tosse, dispnéia, pontadas no peito, febre, problemas digestivos, cólica, vômito, diarréia, dor de estômago, sobe água do estômago, além de pontadas no rosto e em outras partes, cor icterica da pele etc. Nenhuma pessoa não psórica jamais sofre do menor dos efeitos colaterais oriundos destas causas.

Crianças caem com facilidade, sem qualquer causa visível. Também ataques similares de fraqueza em adultos, nas pernas, de tal modo que ao andar um pé escorrega para um lado e o outro pé para o outro lado etc.

Durante caminhada ao ar livre, ataques repentinos de fraqueza, especialmente nas pernas.¹

Enquanto está sentado, o paciente sente-se intoleravelmente cansado, mas sente-se mais forte ao andar.

A predisposição a entorses e distensões das articulações quando de um passo em falso ou de uma preensão mal-feita aumenta às vezes inclusive até o ponto de deslocar, por exemplo, o tarso, a articulação do ombro etc.

Os estrépitos e os estalidos das juntas a qualquer movimento do membro aumentam com uma sensação desagradável.

Adormecimento dos membros aumenta e segue-se a causas mínimas, por exemplos, ao apoiar a cabeça no braço, ao cruzar as pernas enquanto está sentado, etc.

As cãibras dolorosas em alguns dos músculos aumentam e surgem sem qualquer causa apreciável.

Distensão lenta e espasmódica dos músculos e membros inclusive durante o despertar, por exemplo, na língua, nos lábios, nos músculos do rosto, na faringe, nos olhos, nos maxilares, nas mãos e nos pés.

Encurtamento tônico dos músculos flexores (tétano).

Giros e torções involuntárias da cabeça ou membros com consciência completa (dança de São Vito).

Ataques súbitos de fraqueza (faiting) e diminuição da força (sinking), com perda de consciência.

Ataques de tremores nos membros, sem ansiedade. Tremor constante, contínuo, em alguns casos também mãos, braços, e pernas ficam batendo.

Ataques de perda de consciência, com duração de um momento, ou um minuto, com inclinação da cabeça, para um dos ombros, com ou sem arrancos de uma ou outra parte.

Epilepsia de vários tipos.

Bocejos, alongamentos e estiramentos praticamente constantes dos membros.

Sonolência durante o dia, muitas vezes imediatamente após se sentar e em especial após as refeições.

Dificuldade para conciliar o sono quando já na cama à noite (eveninng); ele freqüentemente fica deitado acordado durante horas.

Ele passa as noites apenas cochilando.

Insônia, por calor ansioso, toda noite, ansiedade esta que às vezes fica tão intensa que ele precisa levantar-se da cama e ficar andando.

¹ Às vezes a sensação de fraqueza parece subir até o scrobiculus cordis onde se transforma numa fome furiosa que repentinamente o priva de toda sua força; é atacado por tremor e tem que se deitar imediatamente por algum tempo.

Após três horas da madrugada, nenhum sono ou pelo menos nenhum sono profundo.

Assim que cerra os olhos, surgem todas as modalidade de aparições fantásticas e de faces distorcidas.

Ao adormecer, ela é desassossegada por fantasias ansiosas e estranhas; ela precisa levantar-se e ficar andando.

Sonhos muito vívidos, como se estivesse desperto; ou então sonhos tristes, assustadores, ansiosos, provocadores de contrariedade, lascivos.

Falar alto, gritar, durante o sono.

Sonambulismo; ele se levanta à noite, dormindo, com olhos fechados e realiza diversas tarefas; executa inclusive movimentos perigosos com facilidade, sem conhecimento de coisa alguma a tal respeito quando desperto.

Ataques de sufocação durante o sono (pesadelo).

Vários tipos de dores severas à noite, ou sede noturna, secura da garganta, da boca, ou micção freqüente à noite.

Logo ao despertar, zonzo, indolente, não descansado, como se ele não tivesse dormido e mais cansado do que à noite (evening) ao se deitar; são-lhe necessárias várias horas (e só depois de se levantar) para que consiga recuperar-se deste cansaço.

Após uma noite muito inquieta, ele tem freqüentemente mais força pela manhã do que após um sono calmo e profundo.

Febre intermitente, mesmo quando não existem outros casos próximos, seja esporádica, seja epidêmica¹, ou endêmica; a forma, a duração e o tipo de febre são muito variados: cotidiana, terçã, quartã, quintã, ou a cada sete dias.

Toda noite, calafrios com unhas azuis.

Toda noite, calafrios simples.

Toda noite, calor, com afluxo de sangue para a cabeça, maçãs do rosto vermelhas; às vezes também um calafrio de entremedio.

Febre intermitente com várias semanas de duração, seguida por uma erupção úmida com comichão, de várias semanas de duração, mas que é curada novamente durante um período semelhante de febre intermitente, havendo uma alternância deste tipo por anos.

*Distúrbios da mente e do espírito de todos os tipos.*²

Melancolia apenas, ou com insanidade, também alternando eventualmente com loucura (frenzy) e momentos de racionalidade.

Opressão ansiosa (Beangstigungen), logo após acordar.

¹ Febres epidêmicas intermitentes provavelmente nunca acometem uma pessoa isenta de psora, de modo que toda vez que houver uma suscetibilidade a elas, pode-se contar com um sintoma de psora.

² Nunca vi um paciente, tanto em minha prática quanto em algum hospício, que sofresse de melancolia, insanidade ou loucura (frenzy) e cuja doença não tivesse por base a *Psora*, contudo complicada eventualmente, ou raramente, com *Syphilis*.

Opressão ansiosa (Beangstigungen) à noite (evening) após ir deitar-se.¹

Ansiedade (Banglichkeit), várias vezes por dia (com e sem dores), ou a determinadas horas do dia ou da noite; normalmente, o paciente não consegue descansar nessas ocasiões, tem que correr de um lado para o outro e freqüentemente acaba suando.

Melancolia, palpitação e ansiedade (Beangstigung) fazem com que ela acorde à noite (principalmente logo antes do início das menstruações).

Mania de auto-destruição.² (depressão?)⁸²

Disposição chorosa; eles normalmente choram durante horas sem saber por que.³ Ataques de medo; por exemplo, medo de fogo, de ficar só, de apoplexia, de ficar louco etc.

¹ O que faz com que alguns pacientes irrompam em abundante perspiração, outros sentem, em decorrência da mesma, apenas afluxos de sangue e latejamento em todas as artérias; já em outras pessoas, a opressão ansiosa (Angst) tende a provocar constrição da garganta, ameaçando uma sufocação, ao passo que outros têm a sensação de que o sangue em suas artérias está parado, o que provoca angústia (Angst). Em outros indivíduos, esta opressão (Beängstigung) está associada a imagens e pensamentos ansiosos e parece decorrer destes últimos, enquanto em outras pessoas há opressão (Beängstigung) sem idéias e pensamentos ansiosos.

² Este tipo de doença da mente e do espírito, a qual também é meramente psórica, parece não ter sido levada em consideração. Sem sentir mais ansiedade (Aengstlichkeit), sem ter quaisquer pensamentos ansiosos, portanto também sem que ninguém perceba tal ansiedade (Angst) nessas pessoas, aparentemente fazendo uso pleno de seu raciocínio, elas são impelidas, compelidas sim, instadas à auto-destruição por uma determinada sensação de necessidade. São curadas apenas sanando-se a *Psora*, se seus reclamos forem percebidos *em tempo hábil*. Digo *em tempo hábil* porque nos últimos estágios deste tipo de insanidade, é peculiarmente característico desta doença não mencionar com ninguém absolutamente nada a respeito de uma tal determinação. Esta loucura (Frenzy) se manifesta em acessos de meia hora ou de hora inteira, em geral, no fim, todos os dias, muitas vezes em momentos determinados do dia; mas, além desses acessos de mania destrutiva, tais pessoas também têm em geral acessos de opressão ansiosa (Beängstigungen) os quais porém parecem ser independentes dos primeiros, aparecendo em outros momentos, acompanhados em parte por pulsões na boca do estômago, mas durante tais acessos as pessoas não são atormentadas pelo desejo de acabarem com a própria vida. Tais ataques de ansiedade, os quais parecem ser mais de uma natureza corporal, não estando associados ao outro³ encadeamento de pensamentos, podem também estar ausentes, ao passo que os acessos de mania suicida predominam com alta intensidade; aqueles ataques de ansiedade eventualmente podem também retomar quando a mania for em grande medida extinta pelo uso de remédios anti-psóricos, de tal modo que os dois parecem ser independentes um do outro, conquanto possuam como fundamento a mesma moléstia original.

⁸² No original alemão, “Spleen”; é termo de gíria cujo sentido é “desequilibrado”, com “parafuso de menos na cabeça”. Do inglês, o termo pode ser traduzido como: baço, melancolia, depressão, irritação, mau-humor. (NT. bras.)

³ No entanto, este é um sintoma que parece ser causado pelo estado adoentado, especialmente no sexo feminino, a fim de temporariamente amenizar mais as piores desordens nervosas.

Ataques de paixão⁸³, lembrando a loucura (frenzy).

Susto provocado pelas coisas mais insignificantes; isto freqüentemente causa suor e tremores.

Falta de vontade de trabalhar em pessoas que, em outras oportunidades são mais ativas (industrious); nenhum impulso para se ocupar com alguma coisa, ao contrário, a mais firme repugnância nesse sentido.¹

Sensibilidade excessiva.²

Irritabilidade decorrente de fraqueza.³

Rápida mudança na disposição; freqüentemente muito alegre e exuberante, muitas vezes, e na verdade, muito de repente, abatido; por exemplo, devido a esta doença ou por causa de outros motivos banais. Transição súbita de alegria para tristeza, ou contrariedade sem motivo.

Estes são alguns dos principais sintomas observados por mim, os quais se repetirem com freqüência ou se tornarem constantes demonstram que a *Psora* interna está emergindo de seu estado latente. Ao mesmo tempo, são os elementos a partir dos quais (sob condições externas desfavoráveis) a moléstia – sarna, tal como se manifesta, compõe o número ilimitado de doenças crônicas; estas assumem numa pessoa uma forma, noutra pessoa outra forma, segundo a constituição corporal, as falhas na educação, os hábitos, a ocupação e as circunstâncias externas, assim como também são modificadas pelas várias impressões psíquicas e físicas. Neste sentido,

⁸³ No original alemão “Zornmühigleit”, ou seja, estado de espírito irado. (NT. bras.)

¹ Tal pessoa, quando desejava iniciar alguma de suas ocupações domésticas era acometida por ansiedade (Angst) e opressão (Bargigkeit), seus membros tremiam e subitamente ela ficava tão cansada que precisava se deitar.

² Todas as impressões físicas e psíquicas, mesmo as fracas e as mais fracas, provocam uma excitação mórbida muitas vezes de alto grau. Ocorrências afetam a mente, não apenas as tristes ou causadores de contrariedades como também as alegres, desencadeiam transtornos e desordens surpreendentes; estórias comoventes, sim, o mero pensar nelas ou recordá-las causa uma excitação tumultuosa dos nervos e dirige a ansiedade para a cabeça etc. Até mesmo ler um pouco sobre um assunto indiferente, ou olhar com atenção para um objeto, por exemplo, ao costurar; ouvir com atenção algo indiferente; uma luz muito forte; a conversa em voz alta de várias pessoas ao mesmo tempo; inclusive algumas notas isoladas de um instrumento musical; campainhas tocando etc, causam impressões prejudiciais: tremores, cansaço, dor de cabeça, calafrios etc. Muitas vezes os sentidos do olfato e do paladar encontram-se excessivamente sensíveis. Em muitos casos, até uma movimentação corporal moderada, o falar, também um calor ou frio moderado, ar livre, umedecer a pele com água etc. Não são poucos os que sofrem, inclusive em seus quartos, com uma súbita mudança de tempo (weather), enquanto a maioria destes pacientes queixa-se durante um tempo tempestuoso e úmido e poucos do tempo seco com céu claro. Também a lua cheia em algumas pessoas e a lua nova em outras exercem efeito desfavorável.

³ Idem nota anterior.

desdobram-se numa multiplicidade de formas de doença, com tantas variedades que de modo algum ficam esgotadas pelos sintomas de doença enumerados pela patologia da escola antiga, que erroneamente designou-se como doenças bem-definidas, constantes e peculiares.⁸⁴

Estes são os sintomas secundários[§] característicos do monstro multicéfalo, durante muito tempo desconhecido, prenhe de doenças, a *Psora*, a moléstia miasmática original que então torna manifesta seu aparecimento.⁸⁵

⁸⁴ As quais portam as seguintes denominações: escrófula, raquitismo, spina vetosa, atrofia, marasmo, consunção, consunção pulmonar, asma, tabes mucosa, tísica laríngea, catarro crônico, coriza constante, dentição difícil, vermes e doenças decorrentes, dispepsia, cãibras abdominais, hipocondria, histeria, hidropsia, hidropsia do abdômen, hidropsia dos ovários, do útero, hidrocele, hidrocefalia, amenorréia, dismenorréia, hemorragias uterinas, hematémese, hemoptise e hemorragias, hemorragias vaginais (Scheideflüsse), disúria, isquiúria, enurese, diabetes, catarro da bexiga, hematúria (Blasenhämorrhoiden), nefralgia, cálculos renais (Nierengries), estenose da uretra, estenose dos intestinos, hemorróidas secas e sangrantes, fistula do reto, fezes difíceis, constipação, diarréia crônica, induração do figado, icterícia, cianose, doenças cardíacas, palpação, espasmos do peito, hidropsia do peito, abortamento, esterilidade, metromania, impotência, induração dos testículos, minguação dos testículos, prolapsos uterino, útero invertido, hérnias inguinais, femorais e umbelicais, deslocamento das articulações por causas internas, encurvamento (Verkrüppelungen) da coluna, inflamações crônicas dos olhos, fistula lacrimalis, miopia e hipermetropia, cegueira diurna e noturna, obscurcimento da córnea, cataratas, glaucoma, amaurose, surdez, olfato e paladar deficientes, dor de cabeça unilateral crônica, enxaqueca (Kopfgicht)* tique doloroso (Gesichtsschmerz) tinea capitis, crostas, crosta láctea, eczema (herpes), espinhas, urticárias, tumor enquistado, bôcio, varizes, aneurisma, erisipelas, sarcomas, osteosarcoma, cirrose, câncer dos lábios, maçãs do rosto, seios, útero, fungos hematodos, reumatismo, gota nos quadris, gota nodosa, podagra, ataques apopléticos, desmaios, vertigens, paralisias, contrações, tétano, convulsões, epilepsia, dança de São Vito, melancolia, insanidade, imbecilidade, debilidade nervosa etc.

* No original alemão, o termo Kopfgicht vem entre parênteses depois de *dor de cabeça unilateral crônica* e não entre vírgulas como na tradução inglesa. Significa gota da cabeça. Não aparece nenhum equivalente a enxaqueca (ou migraine, da tradução inglesa). (NT. bras.)

§ O supremo conselheiro real Kopp, um alopatha, que contrariado e só de pouco em pouco está se aproximando da Homeopatia, finge ter visto as doenças crônicas desaparecerem por si; ele deve ter visto o desaparecimento de alguns sintomas particulares, sintomas estes que, como ele, a escola antiga, em sua limitada visão, entendia serem doenças inteiras!

⁸⁵ Admito que a doutrina segundo a qual “todas as doenças crônicas não-venéreas que não são extermináveis pela força vital de acordo com o curso normal da vida enquanto as circunstâncias externas são favoráveis, mas que inclusive aumentam com o passar dos anos, são de origem psórica”, seja para todos os que ainda não pesaram a fundo minhas razões, e para aqueles de mente estreita, grande demais, avassaladora demais. Mas nem por isso deixa de ser verdadeira. Ou será que deveríamos considerar uma tal doença crônica como não-psórica porque o paciente não consegue se lembrar de, alguma vez em todo seu passado até o nascimento, ter tido várias ou mais pústulas (intoleravelmente, voluptuosamente) cocegrentas

Nota de esclarecimentos

Para bem entendermos o que em seus escritos querem designar os alemães com estes nomes, cumpre pois ter sempre na memória que entre eles estes nomes representam constantemente uma potência de **milhão** e que aumentando assim cada vez 6 zeros, o que faz 3 vezes 2 zeros, eles acham sua aplicação todas as 3 atenuações e correspondem a este respeito aos números **romanos** que os alemães empregam, não como sinônimos dos números árabes, mas para designar as **potências de milhão**, isto é, todas as três atenuações. Aqui vai o quadro das designações usadas na Alemanha nas atenuações feitas na proporção de 1: 100:

Tintura-mãe	= 0		
Primeira atenuação	= 1	= 100	= centésimos
Segunda atenuação	= 2	= 10000	= dez milésimos
Terceira atenuação	= 3	= I	= milionésimo
Quarta atenuação	= 4	= 100 I	= cem milionésimos
Quinta atenuação	= 5	= 10000 I	= dez mil milionésimos
Sexta atenuação	= 6	= II	= bilionésimos
Sétima atenuação	= 7	= 100 II	= cem bilionésimos
Oitava atenuação	= 8	= 10000 II	= dez mil bilionésimos
Nona atenuação	= 9	= III	= trilionésimos
E assim por diante...			
Duodécima atenuação	= 12	= IV	= quadrillionésimos
Décima quinta atenuação	= 15	= V	= quintilionésimos
Décima oitava atenuação	= 18	= VI	= dezesseis milionésimos
Vigésima quarta atenuação	= 24	= VIII	= octomilionésimos
Trigésima atenuação	= 30	= X	= decilionésimos

(Extraído de Jahr, Dr. G.H.G., **Nova Pharmácopédia Homeopática**, RJ, 1856). (NT. bras.)

de sarna na pele, ou porque (uma vez que a doença-sarna é considerada uma desgraça) não esteja desejando admiti-lo? Sua falta de reconhecimento no caso nada prova em contrário. Uma vez que em todos os casos, todas as incontáveis doenças crônicas resultantes de uma sarna previamente identificada (quando esta não tiver sido curada) são inerradicáveis pela força vital, avançando em seu desenrolar na qualidade de transtornos psóricos, sendo continuamente agravadas; enquanto aqueles que duvidam da doutrina da psora não puderem me mostrar *qualquer outra fonte* que seja pelo menos tão provável em termos de um transtorno (não-venéreo) o qual, a despeito de condições externas favoráveis corporal vigorosa, não obstante piora a cada ano, na ausência de qualquer infecção prévia de sarna, até onde a memória alcança; no interim, tenho comigo uma probabilidade análoga, extraordinariamente forte, i.e. de 100 para 1, de que todos os casos individuais de doença crônica que exibam uma *progressão semelhante*

sejam provavelmente, sim devem ser também, de natureza psórica, conquanto o paciente não consiga se lembrar, ou não venha a se lembrar, de uma infecção anterior.

É fácil duvidar de coisas que não possam ser apresentadas à nossa visão ocular mas, em si, esta dúvida não prova absolutamente nada pois, de acordo com a antiga regra da lógica, *negantes est probare* (negar é provar).

Para provar a natureza psórica destas doenças crônicas sem uma infecção identificada, não necessitamos sequer do fato de que os remédios antipsóricos se provem eficazes nesses casos; isto só serve como a prova de um problema matemático solucionado corretamente.

Agora, uma vez que, além disso, os outros remédios apesar de escolhidos segundo a similaridade de seus sintomas não proporcionam uma cura tão durável e extensa nestas doenças crônicas quanto aqueles que são reconhecidamente antipsóricos, e que são selecionados da forma mais Homeopática, pois que mais do que os outros estes são adequados à totalidade da extensão do interminável número de sintomas da grande moléstia da psora, não entendo por que as pessoas venham a negar a estes últimos o título de remédios especialmente *antipsóricos*, a menos que isto seja fruto do dogmatismo.

E, da mesma forma, existem tão poucos motivos razoáveis pelos quais me contradizem que eu explico (*Organon*, parágrafo 73) as doenças agudas que retornam de tempos em tempos, por exemplo, inflamações da garganta, do peito etc., como ressurgimento de uma *Psora* latente, simplesmente porque seu estado inflamatório, segundo dizem, deve ser principalmente combatido por meio dos remédios antiflogísticos, os quais não são antipsóricos, a saber: Aconitum, Belladonna, Mercúrio e assemelhados. Não obstante, elas têm sua origem numa *Psora* latente porque seu retorno habitual não pode ser objeto de prevenção por meio algum que não seja a cura final com remédios antipsóricos.

CURA DAS DOENÇAS CRÔNICAS

CURA

Passamos agora ao tratamento médico homeopático do número incomensuravelmente grande das doenças crônicas, algo que ainda não se tornou fácil – após a elucidação anterior de sua natureza tríplice – mas que, enquanto antes era impossível na falta de tal conhecimento, finalmente tornou-se possível, uma vez que foram em grande parte descobertos os remédios homeopaticamente específicos para cada um destes três miasmas diferentes.

Os primeiros dois miasmas que de longe causam a menor parte das doenças crônicas, a *doença do cancro venéreo* (Syphillis) e a *doença da verruga do figo* (Sycosis), juntamente com suas seqüelas, serão abordados primeiro a fim de desimpedirmos o caminho à terapêutica do número incomensuravelmente maior das várias doenças crônicas que decorrem da *Psora*.

S Y K O S I S

Consideremos então, para iniciar, a Sycosis, que é aquele miasma que decididamente produziu o menor número de doenças crônicas e que só esporadicamente é que se mostrou dominante. Esta *doença da verruga do figo*⁸⁶ que, em épocas posteriores, especialmente durante a guerra francesa nos anos de 1809 e 1814, estava tão amplamente disseminada e que desde então tem-se manifestado com raridade crescente, era tratada quase sempre de maneira ineficaz e prejudicial a nível interno com mercúrio, porque este era tido como homogêneo em relação à doença cancro venéreo, enquanto que as excrescências nos genitais eram tratadas pelos médicos alopatas sempre pelos meios externos mais violentos, com cauterizações, queimações e cortes ou com ligaduras. Estas excrescências manifestam-se normalmente primeiro nos genitais e geralmente, mas nem sempre, vêm acompanhadas de uma espécie de gonorréia⁸⁷ pela uretra, vários dias ou várias semanas, inclusive muitas semanas depois da infecção pelo coito; em oportunidades mais raras, aparecem na forma de verrugas secas ou assemelhados; é mais freqüente serem macias, esponjosas, emitindo um fluido especialmente fétido (adocicado e de odor como o do arenque), sanguando facilmente e com formato de crista de galo ou de uma couve-flor (*brassica botrytes*). Em homens, estas desabrocham na glande e sobre o prepúcio ou abaixo dele mas nas mulheres, nas partes adjacentes à pudenda e estas mesmas, as quais estão inchadas, são cobertas muitas vezes por um grande número delas. Quando são removidas violentamente, o efeito natural seguinte é o de em geral desabrocharem de novo, para novamente serem submetidas em vão a um tratamento similar doloroso e cruel. Mas, mesmo que pudesse ser erradicadas deste modo isto teria simplesmente por conseqüência que a doença da verruga do figo, após ter sido privada do sintoma local que age substitutivamente em relação ao transtorno interno, venha à tona⁸⁸ de

⁸⁶ O mesmo que *verruca acuminatum*. In the American Illustrated Medical Dictionary, Dorland, 16^a. edição, 1937. (NT. bras.)

⁸⁷ Normalmente, na gonorréia deste tipo a descarga desde o começo é mais consistente, como o pus; a micção é menos difícil mas o corpo do pênis, em certos casos, também está coberto na parte posterior por tubérculos glândulares e apresenta-se muito dolorido ao toque.

⁸⁸ O miasma das outras gonorréias comuns parece não penetrar no organismo todo e sim apenas estimular no local os órgãos urinários. Cedem ou a uma dose de uma gota de suco fresco de salsa, quando isto for indicado por uma urgência freqüente para urinar, ou a uma dose pequena de cannabis, cantharides ou de bálsamo de copaíba, segundo suas diferentes constituições e outros transtornos concomitantes. Contudo, estes devem ser sempre utilizados nas dinamizações mais altas e na mais alta de todas (potência), a menos que a Psora, adormecida no corpo do paciente, tenha sido desenvolvida por meio de um tratamento fortemente invasor, irritativo ou enfraquecedor pelos médicos alopatas. Neste caso, é freqüente restar uma gonorréia secundária que só pode ser curada por um tratamento antipsórico.

outros e muito piores modos, em transtornos secundários, já que o miasma da verruga do figo, o qual governa o organismo todo, não foi absolutamente diminuído seja pela destruição externa das excrescências acima mencionadas, seja pelo mercúrio que houver sido administrado internamente e que não é de modo algum apropriado para Sycosis. Além da debilitação da saúde geral pelo mercúrio, o qual só pode causar prejuízos nesta doença e que é aplicado principalmente em doses muito grandes e nas mais ativas preparações, excrescências similares irrompem a seguir em outras partes do corpo, tanto esbranquiçadas, esponjosas, sensíveis, elevações achatadas, na cavidade bucal, sobre a língua, palato e lábios, quanto tubérculos grandes, em relevo, marrom e secos, nas axilas, no pescoço, no escalpo etc.; ou ainda surgem outros transtornos do corpo dos quais só farei menção à contração dos tendões dos músculos flexores, especialmente nos dedos.

A gonorréia do miasma da verruga do figo bem como as excrescências acima mencionadas (i.e., a Sycosis total) são curadas com a maior certeza e na maior extensão pelo uso interno de Thuja⁸⁹ a qual, neste caso, é homeopática em dose de uns poucos glóbulos no tamanho máximo de sementes de papoula, umedecidos com a diluição potencializada de um decilionésimo^{90/91} e, depois que estes tiverem exaurido seu poder de ação após 15, 20, 30, 40 dias, alterná-los com uma dose igualmente pequena de ácido nítrico, diluído ao decilionésimo grau⁹², o qual se deve deixar atuar por um período equivalente de tempo, a fim de remover a gonorréia e as excrescências, i.e., toda a Sycosis. Não é necessário empregar nenhuma aplicação externa, exceto nos casos os *mais inveterados e difíceis*, quando então as verrugas de figo maiores devem ser umedecidas todo dia com o suco puro, suave, espremido das folhas verdes de Thuja e misturado a uma quantidade igual de álcool.

Porém, se o paciente estava afetado simultaneamente por um outro transtorno crônico, como é comum após o tratamento violento das verrugas de figo pelos médicos alopatas, então freqüentemente verificamos uma Psora⁹³ desenvolvida e compli-

⁸⁹ Matéria Médica Pura, Parte V.

⁹⁰ Se forem necessárias doses adicionais de Thuja, elas serão usadas mais eficientemente nas outras potências (VIII, VI, IV, II), uma alteração na modificação do remédio a qual facilita e fortalece a habilidade deste no sentido de influir na força vital.

⁹¹ Vide pág. 114 onde se encontra uma explicação mais pormenorizada destas potências. (NT. bras.)

⁹² No original alemão “billonfach”; quer dizer bilionésimo. (NT. bras.)

⁹³ Esta Psora é dificilmente encontrada em seu estado desenvolvido (portanto, ainda, incapaz de se complicar com outros miasmas) nos jovens que acabaram de ser infectados e acometidos pela doença da verruga do figo e que não precisaram passar pelo tratamento usual com mercúrio, o qual jamais transcorre sem ocasionar as mais violentas invasões da constituição;

cada com Sycosis quando a Psora, como ocorre freqüentemente, estava latente anteriormente no paciente. Às vezes, quando um caso de doença de cancro venéreo tratado erroneamente tinha acontecido antes, ambos os miasmas conjugavam-se numa tripla complicaçāo com Syphillis. Nessa ocasião, é necessário primeiro vir em assistência da parte mais afligida, a Psora, com os remédios antipsóricos específicos descritos abaixo e, depois, fazer uso de remédios para Sycosis, antes que a dose adequada da melhor preparação de mercúrio, conforme descrever-se-á em seguida, seja aplicada contra a Syphillis; o mesmo tratamento alternado pode ser continuado até efetuar-se uma cura completa. Somente que cada um dos três tipos de medicamento deve ter um tempo adequado para que sua ação se complete.

Dentro desta cura confiável da Sycosis, partindo do interior do organismo, não se deve aplicar nenhum remédio externo, nem passar coisa alguma nas verrugas de figo (exceto o suco de Thuja nos casos ruins e inveterados), apenas fibra de algodão limpa e seca, se forem da variedade úmida.

por força deste comprometimento pernicioso de todo o organismo, a Psora, mesmo se estiver adormecida da forma mais completa, será acordada desde que, como é freqüentemente o caso, esteja presente no interior do organismo.

S Y P H I L I S

O segundo miasma crônico, mais amplamente disseminado que a doença da verruga do figo e que durante três séculos e meio (agora quatro) tem sido a fonte de muitos outros transtornos crônicos, é o miasma da doença propriamente venérea, a doença do cancro (*Syphillis*). Esta doença só causa dificuldades em sua cura se estiver emaranhada (complicada) com uma Psora que já esteja bastante desenvolvida; acontece a complicação com Sycosis mas raramente e, então, há ao mesmo tempo em geral o envolvimento com a Psora.

Devem-se distinguir três estados na cura da doença venérea:

1. Quando a *Syphillis* ainda está sozinha e acompanhada por seu sintoma local conjunto, o *cancro* ou, pelo menos, se este houver sido removido por aplicações externas, ainda estará associado ao outro sintoma local que, de modo semelhante, age substitutivamente em relação à doença interna, ou seja o *bubo*.⁹⁴
2. Quando ela está sozinha realmente, i.e., sem complicação alguma com um segundo ou terceiro miasma, mas já foi privada de seu sintoma local substituinte, o *cancro* (e o *bubo*).
3. Quando já estava complicada com outra doença crônica, i.e., com uma Psora já desenvolvida, ao passo que o sintoma local pode tanto estar ainda presente quanto ter sido removido por aplicações locais.

O cancro aparece, após um coito impuro, geralmente entre o 7º. e o 14º. dias, raramente mais cedo ou mais tarde, principalmente no membro infectado com o miasma, a princípio como uma pequena pústula que se transforma numa úlcera impura com bordas em relevo e dores aferroantes a qual, se não for curada, permanece impassível no mesmo local durante a vida toda da pessoa, apenas aumentando com o passar dos anos, sem que os sintomas secundários da doença venérea, *Syphillis*, possam irromper enquanto ele existir.

A fim de prestar assistência neste caso, o médico alopata destrói este cancro por meio de substâncias corrosivas, cauterizadores e dessecantes, concebendo-o erroneamente como uma lesão (sore) que surgiu apenas externamente devida a uma infecção local, entendendo-o por conseguinte apenas na qualidade de úlcera meramente local, algo que igualmente declararam como tal em seus trabalhos escritos. Supõem falsamente que, quando o mesmo aparece, ainda não se deve pensar em forma alguma de doença venérea interna; sendo assim, quando exterminam localmente o cancro supõem ter removido de imediato toda a doença venérea do paciente, dado que não permitam à úlcera permanecer por muito tempo em seu lugar pois os vasos absorven-

⁹⁴ Muito raramente, o coito impuro é seguido de imediato apenas pelo *bubo* sem nenhum cancro prévio; normalmente, o *bubo* só aparece depois da destruição do cancro, por aplicações locais, sendo um substituto muito problemático deste.

tes não terão tempo de transferir o veneno para o organismo interno e provocando por atraso uma infecção geral do sistema com Syphillis. Evidentemente, eles não sabem que a infecção venérea do corpo todo começou no momento mesmo do coito impuro, tendo-se completado antes do aparecimento do cancro. O médico alopata, em sua cegueira, destrói pelas aplicações locais o sintoma externo vicário (a úlcera do cancro), o qual a bondosa natureza havia fornecido para o alívio da extensa doença venérea geral interna; deste modo, ele inexoravelmente compelle o organismo a pôr em lugar do primeiro substituto destruído, substituto da moléstia venérea interna, (o cancro), um outro muito mais doloroso, o bubo, o qual progride até à supuração; e quando o alopata, como é normalmente o caso, também afasta este bubo com seu tratamento pernicioso, a natureza encontra-se então obrigada a desenvolver a moléstia interna por meio de transtornos secundários muito mais problemáticos, pela manifestação da totalidade da syphilis crônica, e a natureza realiza tal tarefa, conquantamente lentamente (muitas vezes não antes que se tenha escoado vários meses) mas com *infalível certeza*. Portanto, o alopata ao invés de prestar assistência causa dano.

John Hunter diz⁹⁵: “Nenhum paciente num grupo de 15 escapará da syphilis se o cancro for destruído apenas por aplicações externas” e, numa outra passagem de seu livro⁹⁶ ele diz: “O resultado de se destruir o cancro tão precocemente, inclusive no primeiro dia de seu aparecimento, se isto tiver ocorrido por meio de aplicações locais, sempre foi a consequente manifestações da Syphilis.”

Com ênfase igual, Fabre declara⁹⁷ “A Syphilis sempre se segue à destruição do cancro por aplicações locais. Ele relata que *Petit* extirpou uma parte dos lábios vaginais de uma mulher que manifestava em tal local um cancro venéreo, durante poucos dias; a ferida sarou mas não obstante a Syphilis irrompeu”.

Como é então que os médicos, apesar de todos estes fatos e testemunhos, podem cerrar os olhos e tampar os ouvidos à seguinte verdade: que a totalidade da doença venérea (Syphilis) já estava inteiramente desenvolvida antes que o cancro pudesse aparecer e que se tratou do erro o mais imperdoável incentivar a infalível manifestação da Syphilis, já presente no interior da pessoa, em doença venérea, ao afastar e destruir o cancro com expedientes externos, destruindo por estes meios a oportunidade certa disponível para se curar esta doença da maneira a mais fácil e mais convincente, ou seja, através do remédio específico interno, enquanto o cancro ainda estava completamente presente! A doença não é curada exceto quando, através do efeito do remédio interno apenas, o cancro é curado; ou seja, quando é totalmente extinto assim que, pela ação do medicamento de operação interna (sem o acréscimo

⁹⁵ Abhandl über die vener. Krankeit (Tratado da Doença Venérea), Leipzig, 1787.

⁹⁶ Abhandl über die vener. Krankeit, Leipzig, 1787, pp. 551-553.

⁹⁷ Fabre, Lettres, Supplément à son traité des maladies vénériennes, Pris, 1786.

de qualquer remédio externo), o cancro é completamente curado sem deixar vestígios algum de sua presença anterior.

Jamais presenciei em meus mais de 50 anos de prática a irrupção de qualquer traço de doença venérea enquanto o cancro permaneceu intacto em seu lugar, mesmo se isto fosse um lapso de vários de anos (pois que nunca desaparece por si), e inclusive quando havia crescido bastante no seu local de aparecimento, como é natural com o passar dos anos junto do aumento interno da desordem venérea, aumento este que se dá com o tempo, em cada miasma crônico.

Mas toda vez que alguém é tão imprudente a ponto de destruir este sintoma local substituinte, o organismo está preparado para fazer com que a Syphilis interna irrompa na forma de doença venérea, uma vez que a doença venérea geral está instalada no corpo desde o primeiro momento da infecção.

Porque, no local onde o miasma sifilítico foi primeiramente friccionado e a pessoa ficou acometida por ele, na ocasião do coito impuro, no mesmo instante este não é mais local: a totalidade do corpo vivo⁹⁸ já recebeu (percebeu) sua presença, o miasma já se tornou propriedade do organismo como um todo. Todas as limpezas e lavagens, apesar de rápidas, com qualquer tipo de fluido que seja empregado (e, conforme já vimos, até com a excisão da parte afetada) são excessivamente tardias, são em vão. Na realidade, nada há a ser percebido, nenhuma transmutação mórbida no local, ao longo dos primeiros dias, mas a transformação venérea específica ocorre irresistivelmente no interior do corpo desde o primeiro momento da infecção, até que a Syphilis haja se desenvolvido através do corpo todo; somente então (não antes) é que a natureza, sobrecarregada pela moléstia interna, traz à tona o sintoma local peculiar a esta moléstia, o cancro, normalmente na parte primeiramente afetada; e a natureza pretende com este sintoma amenizar a moléstia completada internamente.

Portanto, também a cura da doença venérea é efetuada mais facilmente e da maneira a mais convincente, na medida em que o cancro (o bubo) ainda não tiver sido afastado por aplicações locais, ainda permanecer inalterado, na qualidade de um sintoma vicário da Syphilis interna. Neste estado e especialmente quando ainda não estiver complicado com Psora, pode-se declarar com base numa grande diversidade de experiências e com motivos sólidos *que não existe na Terra nem um miasma crônico, nenhuma doença crônica decorrente de um miasma, que seja mais curável e mais facilmente curável do que este.*

Neste *primeiro* estado simples e nesta cura simples, quando o cancro (ou o bubo) ainda está presente, e quando não existe complicaçāo com uma Psora desenvolvida, quando não existe nenhum transtorno crônico predominante de origem psórica (normalmente não existe nenhum em pessoas jovens e ativas); e com Psora latente a

⁹⁸ No original alemão, ainda consta antes desta expressão a seguinte: “das ganze Nerven system”, que significa “sistema nervoso inteiro”. (NT. bras.)

Syphillis se combina tão pouco quanto com Sycosis – neste *primeiro* estado a Syphillis só necessita de uma pequena dose do melhor remédio de mercúrio a fim de se curar completamente e para sempre toda a Syphillis com seu cancro, no espaço de 14 dias. Poucos dias após tomar tal dose de mercúrio, o cancro (sem qualquer aplicação externa) torna-se uma lesão limpa com um pouco de pus benigno (mild) e se cura por si, na qualidade de Prova convincente de que a moléstia venérea também está completamente extinta em nível interno; não deixa por seqüela a menor cicatriz nem a menor das manchas, exibindo apenas a cor da pele saudável. Mas o cancro que não for tratado com aplicações externas jamais será curado se a Syphillis interna já não tiver sido aniquilada e extinta pela dose de mercúrio; pois, enquanto durar em seu local constitui-se numa prova natural e indubitável do menor resíduo possível de uma Syphillis existente.

Na realidade, na segunda edição da primeira parte da *Materia Médica Pura* (Dresden, 1822), tinha eu descrito a preparação do semi-óxido puro de mercúrio e ainda o considero como um dos mais excelentes medicamentos anti-sifilíticos; mas é difícil prepará-lo com pureza suficiente. Por conseguinte, a fim de atingir este almejado objetivo de maneira ainda mais simples, isenta de todos os obstáculos e, não obstante, igualmente perfeita (pois que no preparo de medicamentos não conseguimos proceder de maneira suficientemente simples), o melhor é proceder do modo descrito abaixo: um grão de mercúrio líquido bastante puro é triturado três vezes com 100 grãos de açúcar de leite cada vez, até à milionésima atenuação, em três horas, e um grão desta terceira trituração é dissolvido e depois potencializado através de 27 frascos de diluição até o (X) decilionésimo grau, conforme é ensinado no final deste volume, com respeito à dinamização dos outros medicamentos secos.

Usei anteriormente a bilionésima dinamização (II) deste preparado em 1, 2, 3 glóbulos pequenos umedecidos com esta diluição, como dose, e isto foi realizado com êxito para tais curas; apesar de o preparo das potências mais altas (IV, VI, VIII) e finalmente o da decilionésima potência (X) exibirem algumas vantagens em termos de ação rápida, penetrante e contudo suave nestes casos; porém, pode-se administrar uma potência mais baixa (*lower*) nos casos em que se descobrir ser preciso uma segunda ou terceira dose (conquanto isto aconteça raramente).

Da mesma forma que a presença contínua do cancro (ou bubo) durante a cura demonstra a presença continua de Syphillis, quando o cancro (e o bubo) se curam somente pela aplicação interior de mercúrio, sem acréscimo algum de remédios usados para sintomas locais e, não obstante, aquele desaparece sem deixar traço algum de sua antiga presença, é incontrovertidamente certo que também foram extintos todos os traços da Syphillis interna, no momento em que se completou a cura do cancro ou bubo.

Porém, de maneira igualmente incontrovertida, segue-se que todo desaparecimento do cancro (ou bubo) devido à destruição meramente local, posto que não ocorreu nenhuma cura real fundada na extirpação da doença venérea interna por

meio do medicamento adequado de mercúrio internamente administrado, nos deixa com a certeza de que a Syphilis permanece subjacente; e todo aquele que se supuser curado através de um processo de cura meramente local, pretensa cura, deve considerar-se tão venereamente adoentado quanto estava antes da destruição do cancro.

O segundo estado no qual, conforme mencionado acima, a Syphilis talvez tenha que ser tratada, é raro caso no qual uma pessoa afora isso saudável, sem estar afetada por qualquer outra doença crônica (e, nesse caso, isenta de uma Psora desenvolvida), tenha experienciado esse afastamento desajuizado do cancro com aplicações locais efetuado por um médico comum em tempo curto e sem atacar o organismo excessivamente com remédios internos e externos. Mesmo em tal caso, na medida em que ainda não temos que combater complicação alguma com Psora, todas as manifestações da doença venérea secundária podem ser evitadas, e a pessoa pode ser libertada de todos os vestígios do miasma venéreo através do já mencionado método simples de cura interna efetuado por uma dose semelhante do medicamento mercurial acima citado, apesar de a certeza desta cura não mais poder ser tão ostensivamente comprovada quanto se o cancro ainda estivesse existindo durante esta cura interna e quanto se o mesmo houvesse se transformado numa úlcera benigna (mild) simplesmente pela ação deste remédio interno e se, portanto, houvesse sido ostensivamente curado por si próprio.

Aqui também contudo, pode-se encontrar um sinal da cura não-completa, bem como da cura completa, da syphilis interna que ainda não tenha irrompido na forma de doença venérea; este sinal porém, só irá se manifestar ao observador minucioso. No caso de o cancro ter sido afastado via aplicações locais, mesmo se os remédios usados não tiverem sido muito acres, sempre restará no local onde apareceu aquele uma cicatriz azul, vermelha, avermelhada ou descolorida, como sinal da Syphilis inacabada internamente; ao passo que, ao contrário, quando a cura do total da doença venérea tiver sido realizada pelo remédio interno e se, deste modo, o cancro sara sozinho sem a ação de uma aplicação externa, e quando desaparece porque não é mais necessário como substituto e como alívio de uma desordem venérea interna que então já cessou, então o local do cancro primitivo não pode mais ser identificado pois a pele que recobre este ponto será tão lisa quanto o resto e terá a mesma cor, de modo que não há mais como discernir vestígios algum do local onde o cancro emergiu.

Agora, se o médico homeopata tomou cuidadosamente conhecimento da presença da cicatriz descolorada remanescente, após a rápida expulsão meramente local do sintoma local venéreo, na qualidade de sinal da syphilis interna inacabada, e se a pessoa que deve ser curada está afora isso com boa saúde, sendo que consequentemente sua desordem venérea ainda não está complicada com Psora, mesmo agora o médico também será capaz de libertar o paciente de todo remanescente do miasma venéreo com uma dose da melhor preparação de mercúrio, conforme descrevemos

acima, ficando convencido de que a cura se completou pelo fato de que, durante o tempo de atividade do remédio específico, a cicatriz irá novamente adquirir a cor saudável da outra pele, desaparecendo toda a descoloração daquela mancha.

Mesmo quando após a expulsão do cancro por aplicações locais o bubo já tenha irrompido mas o paciente ainda não foi acometido por nenhuma outra doença crônica, e consequentemente a Syphillis interna ainda não está complicada com uma Psora desenvolvida (o que, apesar de tudo, é um caso raro), o mesmo tratamento também irá aqui produzir uma cura, enquanto o bubo está apenas se desenvolvendo; o completamento da cura será identificado pelos mesmos sinais.

Em ambos os casos, se houverem sido tratados açertadamente, a cura é completa e não há necessidade de expectativas de nenhuma outra manifestação de doença venérea.

O mais difícil de todos estes casos, o *terceiro*, ainda pode ser tratado: quando a pessoa, na época da infecção sifilítica já estava padecendo de uma doença crônica, de modo tal que a Syphillis estava complicada com Psora, mesmo durante o tempo em que o cancro existiu; ou quando, mesmo enquanto não havia nenhuma doença crônica no corpo na época da irrupção do cancro e enquanto a Psora instalada só podia ser reconhecida por seus sinais, um médico alopata não obstante destruiu o sintoma local, não só lentamente e com aplicações externas muito dolorosas, como também submeteu o paciente por muito tempo a um tratamento interno enfraquecedor que o afetou profundamente, de modo tal que a saúde em termos gerais foi solapada e a Psora, que até então tinha estado latente em seu interior, foi suscitada a desenvolver-se e irromper em transtornos crônicos, os quais combinam-se irreprimivelmente com a Syphillis interna, cujo sintoma local havia sido ao mesmo tempo destruído de maneira tão irracional. A Psora só tem condições de ficar complicada com a doença venérea quando passou por um desenvolvimento e quando se ultimou em doença crônica manifesta, mas não quando ainda está latente e adormecida. A cura da Syphillis não é obstruída pela última mas, *quando está complicada com a Psora desenvolvida é impossível curar apenas a doença venérea*.

Somente com excessiva freqüência, devo dizer, é que encontramos a Syphillis que permaneceu sem cura após a destruição meramente local do cancro complicada com a Psora reativa, nem sempre porque a Psora já estivesse desenvolvida antes da infecção venérea – pois isto raramente ocorre em jovens – mas porque ela é acordada de forma violenta e forçada a manifestar-se pelo tratamento usual dado à doença venérea. Através de fricção com mercúrio, doses maciças de calomelano, sublimado corrosivo e remédios mercuriais acres similares (os quais ocasionam febre, transtornos abdominais desintérinos, salivação crônica exaustiva, dores nos membros, insônia etc., sem contarem com suficiente poder anti-sifilítico para curar suavemente este miasma de cancro de modo rápido e perfeito) atacam o paciente venéreo muitas vezes durante meses a fio, ao lado do uso intermediário de muitos banhos mornos e purgantes enfraquecedores, de modo tal que a Psora interna adormecida (cuja natu-

reza força-a a irromper na forma de todas as grandes convulsões e no enfraquecimento da saúde geral) é despertada antes que a syphillis possa ser curada por um tratamento de tal sorte imprudente, tornando-se por conseguinte associada e complicada à outra.

Surge deste modo e através desta combinação aquilo que é chamado de *Syphillis espúria, mascarada* e, na Inglaterra, de *pseudo-Syphillis*, monstro de uma dupla doença⁹⁹, a qual médico algum conseguiu até o presente ter condições de curar porque médico algum até os dias de hoje travou conhecimento com a Psora em sua grande extensão e natureza, seja em seu estado latente, seja em seu estado desenvolvido; e ninguém suspeitou desta pavorosa combinação com Syphilis nem muito menos a percebeu. Portanto, ninguém conseguiu curar a Psora desenvolvida, causa única da incurabilidade desta Syphilis bastarda, nem tampouco pode ninguém, por conseguinte, libertar a Syphilis desta combinação horrível no sentido de torná-la curável, tal como se dá com a Psora que permanece incurável se a Syphilis não houver sido extirpada.

A fim de atingir com sucesso esta assim chamada doença venérea mascarada, o médico homeopata deve valer-se da seguinte regra: após remover todas as influências prejudiciais que afetam o paciente exteriormente e depois de esquematizar uma dieta leve que lhe seja ainda nutritiva e fortalecedora, ele deve primeiro dar o medicamento antipsórico que homeopaticamente seja aquele a melhor coadunar-se com o estado de doença prevalecente na ocasião, conforme mostraremos a seguir; e quando este medicamento houver completado sua ação, provavelmente dê-se também um segundo medicamento, mais adequado aos sintomas psóricos ainda proeminentes; estes devem ter liberdade para agir contra a Psora até haverem efetuado tudo que possa ser feito no momento contra tal doença; a seguir, deve ser administrada a dose acima descrita da melhor preparação mercurial para que esta ajude contra a doença venérea durante três, cinco a sete semanas, i.e., enquanto continuar produzindo melhora nos sintomas venéreos.

No entanto, em casos difíceis e inveterados, este primeiro curso de ação dificilmente chegará a cumprir tudo que seria desejável. Normalmente ainda permanecem alguns transtornos e desordens que não podem ser definitivamente classificados como puramente psóricos, e outros que não podem ser classificados como definitivamente sifilíticos e estes ainda exigem mais uma assistência adicional. Aqui é

⁹⁹ Sim, após um tratamento como esse, é ainda mais do que uma dupla doença; os medicamentos mercuriais penetrantes em doses grandes e freqüentes também contribuíram com o acréscimo de uma doença medicamentosa própria a qual, quando consideramos conjuntamente a debilidade causada por tal tratamento, deve colocar o paciente num estado lastimável. Neste caso, é provável que Hepar sulphuris seja preferível a Sulphur puro*.

* No original alemão, a frase termina com a expressão “als Antipsorikum” que significa “como antipsórico”. (NT. Bras.)

necessária uma repetição de um processo similar de cura, i.e. primeiro outra aplicação de um ou mais dos remédios antipsóricos que ainda não foram utilizados e que homeopaticamente são os mais apropriados até que aquilo que parecer ainda não-sifiliticamente mórbido – ou seja, psórico – venha desaparecer, quando a dose acima mencionada do remédio mercurial, mas em outra potência, deve ser novamente administrada permitindo-se-lhe que complete sua ação até que os sintomas venéreos manifestos tenham desaparecido por completo (a úlcera dolorosa e aferroante das amígdalas, as manchas redondas de cor acobreada que escasseiam pela epiderme, as espinhas eruptivas que não coçam e que são principalmente encontradas no rosto sobre uma base vermelho-azulada, as úlceras cutâneas indolores no escalpo e no pênis que são lisas, pálidas, limpas, apenas cobertas com muco e quase que homogêneas em relação à pele saudável etc., e as dores noturnas perfurantes nas exostoses). Porém, desde que estes sintomas venéreos secundários são tão mutáveis que seu desaparecimento temporário não dá certeza de sua extinção completa, também devemos aguardar pelo sinal mais conclusivo da extirpação completa do miasma venéreo, que ocorre pelo retorno da cor saudável e do total desaparecimento da descoloração encontrada na cicatriz que permanece após a extirpação do cancro por aplicações corrosivas locais.

Em minha prática, encontrei apenas dois casos¹⁰⁰ da complicação tríplice dos três miasmas crônicos, a doença da verruga de figo com o miasma do cancro venéreo e ao mesmo tempo com uma Psora desenvolvida, e tais casos foram curados de acordo com o mesmo método, i.e., a Psora foi tratada primeiro, a seguir um ou outro dos dois miasmas crônicos, cujos sintomas estiverem mais em destaque na época e, por fim, o último. Nessa ocasião, os sintomas psóricos restantes têm ainda que ser combatidos com remédios convenientes e, depois, finalmente, o que ainda houver sobrado de Sycosis ou Syphillis por meio dos remédios descritos acima. Gostaria

¹⁰⁰ Um mestre ceramista habitante da região montanhosa Saxon-Erz, cuja esposa dissoluta havia infectado com uma doença venérea nos genitais, sobre a qual não ficou claro segundo sua descrição se se tratava de um cancro ou de uma verruga de figo, havia sido tão maltratado por remédios mercuriais violentos que havia perdido sua úvula* e seu nariz estava tão afetado que as partes carnosas haviam quase todas sido devoradas, enquanto a parte remanescente estava inchada, inflamada e perfurada como um favo de abelhas com úlceras. Isto era acompanhado por uma grande dor e um odor intoleravelmente fétido. Além disso, ela apresentava uma úlcera psórica na perna. Os remédios antipsóricos fizeram as úlceras melhorarem até certo ponto: curaram a da perna, eliminaram a dor em queimão e a maior do odor fétido do nariz; também os remédios usados para a cura da sycosis ocasionaram um certo progresso, mas em termos gerais nada além disso foi realizado enquanto não recebeu uma pequena dose de protóxido de mercúrio, após a qual tudo foi completamente curado e o paciente restituído de volta à saúde, exceto pela irreparável perda de seu nariz.

* No original alemão, consta entre a perda da úvula e o nariz estar afetado, “der Gaumen durchbohrt”, que significa “o palato estava perfurado”. (NT. bras.)

ainda de comentar que a cura completa da Sycosis que se apoderou do organismo todo antes da irrupção de seu sintoma local fica demonstrada, bem como a do miasma de cancro, pelo completo desaparecimento da descoloração na mancha da pele, descoloração esta que permanece após toda destruição meramente local da verruga do figo, como sinal da Sycosis não-extirpada.

PSORA

Considero necessário, antes de passar à doutrina do *terceiro* miasma crônico, o mais importante de todos, a Psora, fazer à guisa de preâmbulo o seguinte comentário geral:

A infecção com as três únicas doenças miasmáticas crônicas conhecidas, em geral, não requer mais do que um único momento; mas o desenvolvimento deste foco (*tinder*) da infecção, para que ela se torne uma doença geral do organismo inteiro, precisa de um tempo maior. Não antes que haja decorrido um certo número de dias, ao longo dos quais a doença miasmática tenha recebido seu desenvolvimento interno completo na pessoa inteira, não antes disso, oriundo da totalidade do sofrimento interno, irrompe o sintoma local destinado pela bondosa natureza a assumir para si, em certo sentido, a doença interna e nesta medida desviá-la de maneira paliativa e atenuá-la, a fim de que não possa ter condições de lesar e de pôr em risco demasiado a economia vital. O sintoma local tem lugar na parte menos perigosa do corpo, o revestimento externo e, ainda, naquela parte da pele em que, durante a infecção, o miasma haja tocado os nervos mais próximos.

Este processo da natureza que se repete continuamente e eternamente da mesma maneira nos miasmas crônicos, para sempre - inclusive naqueles que são agudos e constantes - não deveria ter escapado ao escrutínio dos médicos, não pelo menos nas doenças venéreas e a cujo tratamento vêm atualmente se devotando há mais de 300 anos; e, desse modo, eles não poderiam ter-se esquivado de tirar uma conclusão quanto ao processo da natureza no caso dos outros dois miasmas crônicos. Foi por conseguinte irracional e imperdoavelmente impensado da parte deles supor que cada cancro desenvolvido pelo organismo após vários dias, freqüentemente após um considerável número de dias, em resultado do completamento da moléstia interna, fosse algo meramente adventício e de origem externa, situado na pele, destituído de qualquer conexão interna, de sorte que pudesse ser simplesmente removido pela cauterização, “a fim de impedir que o veneno do cancro (*scilicet*)¹⁰¹ seja absorvido pelas partes internas, deste modo fazendo com que a pessoa seja afigida pela doença venérea.” Irracional e imperdoavelmente impensada era esta idéia falsa quanto à origem do cancro venéreo a qual determinou a prática prejudicial da cauterização externa do cancro, produzindo como seu efeito inevitável e vergonhoso a irrupção da doença venérea desde o interior, o qual tinha se mantido em seu estado adormecido.

Isto foi o que aconteceu em várias centenas de milhares de casos ao longo destes três últimos séculos. Igualmente irracional e impensada é a noção dos médicos da escola antiga, inclusive nos tempos mais recentes, segundo a qual a sarna é *apenas uma doença da pele*, na qual a parte interna do corpo não participa. Segundo esta

¹⁰¹ Vide nota à pág. (pág. 48 da ed. em inglês). (NT. bras.)

infundada suposição, portanto, não se pode fazer nada de melhor do que remover este transtorno da superfície da pele, embora a extirpação da doença interna Psora que causa a erupção cutânea seja necessária como amparo; e quando esta é curada também o transtorno cutâneo, sendo a conseqüência necessária da doença interna, naturalmente desaparecerá – *cessante causa, cessat effectus*.¹⁰²

Pois em seu estado completo, i.é., enquanto a erupção original estiver ainda presente na pele a fim de amenizar a moléstia interna, a totalidade da doença da Psora pode ser curada mais fácil, rápida e seguramente.

Mas quando, pela destruição desta erupção cutânea original que age substitutivamente à moléstia interna, houver sido espoliada, então a Psora é colocada na posição anti-natural de dominar apenas unilateralmente as partes internas mais delicadas do organismo todo e, deste modo, é compelida a desenvolver seus sintomas secundários.

O quanto a erupção cutânea é importante e necessária para a Psora original e o quão cuidadosamente deve ser evitada toda remoção externa da erupção na única cura completa de sarna, ou seja, na cura interna, podemos deduzir do fato de que os mais severos transtornos crônicos decorreram como sintomas secundários da Psora interna após ter sido eliminada a erupção de sarna original, e do fato de que, quando esta erupção de sarna reaparece na pele em conseqüência de uma grande revolução do organismo, os sintomas secundários são tão subitamente removidos que estes penosos transtornos, muitas vezes de muitos anos de existência, tendem a desaparecer, pelo menos temporariamente, como se por milagre. Vide observações citadas anteriormente, referentes a médicos mais antigos: n°s 1, 3, 5, 6, 8, (9), 16, (17), (21), 23, 33, 35, 39, 41, 54, 58, 60, 72, 81, 87, 89, 94.

Mas que ninguém suponha que uma Psora interna a qual haja irrompido após a destruição externa da erupção cutânea original, em transtornos crônicos secundários possa, através do reaparecimento de uma erupção cutânea semelhante à sarna, advir num estado externamente tão normal quanto antes ou que possa ser curada de forma tão fácil quanto se ainda fosse a erupção original e como se ainda não houvesse sido removida.

Isto não é absolutamente o que acontece. Mesmo a erupção que se segue imediatamente após a infecção não tem as mesmas e imutáveis constância e pertinácia na pele, como o exibem o cancro e as verrugas de figo nos locais em que apareceram primeiramente¹⁰³, não infrequentemente, porém, desaparece da pele devido a causas

¹⁰² Em latim no original; quer dizer: cessada a causa, cessa o efeito. (NT. bras.)

¹⁰³ Nenhum dos dois jamais desaparece por si a menos que sejam destruídos externamente de propósito, ou que a doença inteira seja curada internamente.

¹⁰⁴ Por exemplo, pelo frio, vide nº. 67 das observações acima mencionadas; pela varíola, nº. 39; através de banhos quentes, nº. 35.

outras¹⁰⁴ que não de remédios artificiais usados propositalmente para sua destruição, bem como em função de outras causas desconhecidas.¹⁰⁵

De tal modo que o médico não deve perder tempo de forma alguma, inclusive com a erupção original, para que possa completar a cura enquanto a doença-sarna ainda está inteira através do uso de remédios antipsóricos internos. Tal adiamento pode ser ainda menos desejado nesta segunda erupção que foi trazida até à pele por alguma causa qualquer, após a extirpação local da erupção, pois que a segunda erupção tende a ser muito mais inconstante e mutável, de sorte que freqüentemente desaparece perante uma provocação bem mais fraca, em poucos dias, prova de que lhe falta muito da qualidade completa da erupção primitiva de sarna, de modo que o médico não pode contar com ela para a cura completa da Psora.

Esta propensão a mudanças na erupção semelhante à sarna, a qual foi chamada à pele uma segunda vez, parece ser evidentemente causada pelo fato de que a Psora interna, após a destruição da erupção original de sarna, é incapaz de conferir à erupção secundária todas as qualidades que pertenciam à erupção primária, estando já muito mais inclinada a desdobrar-se numa variedade de outras doenças crônicas; pelo que, uma cura completa é muito mais difícil agora, devendo simplesmente ser conduzida como se fosse dirigida contra a Psora interna.

Portanto, a cura não progride pela produção desta erupção secundária através de remédios internos, tal como se tentou eficientemente em alguns casos (vide n°s 3, 9, 59, 89); nem por seu reaparecimento devido a outras causas desconhecidas (vide n°s 1, 5, 6, 8, 16, 23, 28, 29, 33, 35, 39, 41, 54, 58, 60, 72, 80, 81, 87, 89, 94); sequer, em especial, pela ajuda de uma febre (vide n°s 64; também 55, 56, 74). Uma tal erupção secundária sempre é muito transitória e tão indigna de confiança e rara que não podemos formular nossas esperanças de cura com base nela, nem tampouco esperar que dela advenha o progresso de alguma cura completa.

Mas mesmo se, por algum meio, se pudesse produzir uma tal erupção secundária de acordo com qualquer invenção e se inclusive estivesse em nosso poder conservá-la na pele por um período mais prolongado, não poderíamos de modo algum valermos dela como assistência na cura da totalidade da moléstia psórica.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Vide n°s. 9, 17, 26, (36), 50, 58, 61, 64, 65, em cujas observações pode-se verificar ao mesmo tempo que, após tais desaparecimentos da erupção de sarna original, sem causa apreciável, um número igual de consequências ruins tende a seguir tal como se ela houvesse sido artificialmente eliminada através de aplicações locais.

¹⁰⁶ Houve uma época em que, ainda não plenamente convencido deste fato, pensava eu que a cura da Psora interna poderia ser tornada mais fácil por uma renovação artificial da erupção cutânea, efetuada por meio de uma espécie de interrupção da função perspiratória da pele, a fim de excitá-la homeopaticamente para a reprodução da erupção. Para tal propósito descobri ser o mais útil usar-se um emplastro principalmente nas costas (mas nos casos onde isso fosse exequível também sobre outras porções da pele); o emplastro era preparado aquecendo-se *delicadamente* 140 gramas de pixe da Borgonha no qual, após retirá-lo do fogo,

Portanto, permanece uma verdade estabelecida que a cura da totalidade da Psora destrutiva por meio de remédios antipsóricos é efetuada mais facilmente apenas enquanto a erupção original de sarna ainda estiver presente. Com base nisto, novamente aparece o quanto é inconsiderado por parte dos médicos alopatas destruir a erupção primitiva de sarna por meio de aplicações locais, em lugar de erradicarem completamente esta grave doença do organismo inteiro vivo através de uma cura que partisse do interior do corpo, o que nesse estágio ainda é muito fácil, sufocando deste modo antecipadamente todas as malfadadas consequências que se deve esperar decorram, desta moléstia, se não for curada; i.e., todos os sofrimentos anônimos, crônicos e secundários, que dela decorrem.

A desculpa do médico privado (pois o médico no hospital não tem desculpa) é o mesmo que nada. Na verdade, ele dirá: “Se não se sabe - e dificilmente ficará um dia

eram mexidas 28,35 gr. de terebintina produzida do lariço (chamada de terebintina veneziana) até estarem perfeitamente misturadas. Uma porção disto era espalhado numa pele de camurça (por ser a mais macia) e depositada enquanto estivesse ainda quente. Em lugar disto, pode também ser usada a assim chamada cera de árvore (feita de cera amarela e de terebintina comum), ou também tafetá recoberto de resina elástica; provando-se que a erupção de sarna provocada não é devida a irritação alguma causada pela substância aplicada; tampouco o emplastro primeiramente mencionado causa, seja a erupção, seja o comichão, na pele de uma pessoa que não seja psórica. Descobri que este método é o mais eficaz para causar uma tal atividade por parte da pele. Não obstante, apesar de toda a paciência das pessoas doentes (independente do quanto pudessem estar sendo internamente afetadas pela Psora), nunca consegui evocar uma erupção completa de sarna, no mínimo uma que pudesse permanecer algum tempo na pele. O que se conseguia efetuar era apenas o aparecimento de algumas pústulas que coçavam as quais logo desapareciam novamente quando era retirado o emplastro. No mais das vezes, seguia-se uma assadura úmida da pele ou, na melhor das hipóteses, um comichão* mais ou menos violento da pele o qual, em raros casos, estendia-se também para outras partes não cobertas pelo emplastro. Na verdade, isto causava um surpreendente alívio temporário inclusive das mais severas doenças crônicas decorrentes de uma fonte psórica, por exemplo, supuração dos pulmões. Mas isto tudo não podia ser alcançado na pele de muitos pacientes (freqüentemente o máximo que se podia conseguir era uma quantidade moderada ou pequena de comichão) ou, mais uma vez, se eu conseguia produzir um comichão violento este freqüentemente tornava-se por demais insuportável para que o paciente o tolerasse por tempo suficiente para a produção de uma cura interna. Quando então o emplastro era removido a fim de aliviá-lo, até o comichão mais violento juntamente com a erupção presente desapareciam muito em breve e a cura não haveria passado por um progresso essencial através destes meios; isto confirma a observação feita acima, segundo a qual a erupção, caso fosse evocada uma segunda vez (e se também o comichão fosse reproduzido), não teria de modo algum as características completas da erupção de sarna que tivesse sido originalmente reprimida, sendo, por conseguinte, de pouca ajuda para a real evolução de uma cura completa da Psora através de remédios internos, enquanto a pouca ajuda prestada perde todo o valor devido à freqüentemente insuportável imposição de erupção e comichão da pele produzidos artificialmente, e ao enfraquecimento do corpo todo o qual é inseparável da dor titilante.

* No original alemão, há o adjetivo “abendliches”, que significa “noturno”, junto a comichão. (NT. bras.)

demonstravelmente sabido - onde, quando, em que ocasião e de que pessoa reconhecidamente sofrendo de sarna derivou a infecção; então, ele não poderia descobrir a partir da erupção atual e freqüentemente pequena e insignificante se se tratava ou não de sarna verdadeira, de modo que ele não deveria ser culpado pelas más consequências se havia suposto que fosse uma outra coisa e tentado removê-la da pele tão rápido quanto possível por meio de uma solução de chumbo, de um ungüento de cádmio, ou do precipitado branco do mercúrio, de acordo com o desejo dos aristocráticos pais".

Esta desculpa, como se disse acima, é o mesmo que nada. Pois antes de qualquer outra coisa, *erupção cutânea alguma seja de que tipo for* deve ser expelida através de expedientes externos por qualquer médico que deseje agir consciente e racionalmente¹⁰⁷. A pele humana não origina por si, sem a cooperação do resto do todo vivente, erupção alguma; tampouco torna-se doente de algum modo sem ser induzida e compelida a tal pelo estado adoecido, pela falta de normalidade do organismo todo. Em todos os casos, existe na base um estado desorganizado da totalidade do organismo interno vivo, estado este que deve ser considerado primeiramente; portanto, a erupção só deve ser removida pela cura interna e pelos remédios curativos que alterarem o estado do todo; nessa ocasião, também será curada e sanada por si a erupção que se baseia na doença interna, sem o auxílio de qualquer remédio externo e muitas vezes de maneira mais rápida do que poderia ser obtido através de remédios externos.

Em *segundo* lugar, mesmo se o médico não lhe houvesse apresentado a forma original e intacta da erupção, i.é, a pústula de sarna – que no começo é transparente e depois rapidamente preenchida com pus, com borda, em toda a sua volta, estreita e de cor vermelha – mesmo se a erupção consistisse apenas de pequenos grânulos como na erupção miliar, ou parecesse como pequenas espinhas ou pequenas crostas espalhadas, ainda assim ele não pode entrar um minuto sequer em dúvida quanto a se é sarna aquela erupção, se a criança ou até mesmo o bebê de peito com alguns dias de nascido, friccionam e coçam ininterruptamente o local, ou se, no caso de um adulto, ele se queixa de titilação ou de uma erupção voluptuosamente coceguenta (talvez inclusive apenas umas poucas espinhas) que é insuportável sem coçar, especialmente no começo da noite e mais tarde e quando este coçar é seguido por uma dor em queimação. Neste caso, jamais podemos ter dúvidas quanto à infecção pela sarna, conquanto em famílias distintas e abastadas raramente possamos ter garantias da informação e da certeza relativas ao modo, ao local e à origem de onde derivou-se tal infecção, já que há incontáveis ocasiões imperceptíveis por meio das quais esta infecção pode ser recebida, tal como acima ensinado.

Bem, quando o médico da família registra isto a tempo, então, sem qualquer aplicação externa, a simples dose de um ou dois glóbulos do tamanho de sementes

¹⁰⁷ Vide “Organon da Arte da Curar”. 5^a. edição, § 187-203.

de papoula, umedecidas com sulfur potencializado em álcool, conforme se descreve abaixo, será plena e abundantemente suficiente para curar uma criança e libertá-la da doença toda de sarna, tanto da erupção quanto da moléstia de sarna interna (Psora).

O médico homeopata, em seu consultório particular, raramente chega a ver e a tratar de uma erupção de sarna disseminada por uma porção considerável da pele e decorrente de uma infecção recente. Devido ao intolerável comichão, os pacientes ou se valem de alguma anciã, ou do farmacêutico, ou do barbeiro, os quais, todos, vão em seu auxílio com um remédio que supõem ser imediatamente eficaz (por ex., banha de porco misturada com flores de enxofre). Somente em quartéis, prisões, hospitais, penitenciárias e orfanatos é que as pessoas infectadas têm que recorrer ao médico residente, quando o cirurgião da casa não se lhe antecipou.

Mesmo nos tempos mais remotos em que ocorria a sarna, pois não foi em todos os lugares que degenerou em lepra, era reconhecido que havia um tipo de virtude específica contra a sarna no *Sulphur*; mas não se conhecia nenhum outro modo de administrá-lo a não ser destruindo a sarna com uma aplicação local do mesmo, inclusive como é atualmente praticado pela maior parte dos médicos modernos pertencentes à escola antiga. A. C. Celsus tem vários ungüentos e pomadas (V. 28) alguns dos quais consistem simplesmente de sulphur misturado com alcatrão, ao passo que outros também contêm compostos de cobre e outras substâncias; estes são prescritos para a expulsão da sarna e ele supõe que isto seja a cura. Portanto, também os médicos mais antigos, à semelhança dos modernos, prescreviam para seus pacientes de sarna banhos de água mineral quente sulfurosa. Estes pacientes são também em geral libertados de suas erupções por tais remédios sulfurosos externos. Mas ficou manifesto que seus pacientes não foram realmente curados por este tratamento, inclusive para os próprios, devido aos transtornos mais severos que se seguiram, por exemplo, uma hidropisia geral, com a qual se afligiu um ateniense quando eliminou sua grave erupção de sarna banhando-se nas águas quentes sulfuroosas da ilha de Melos (hoje chamada Milo), e devido à qual faleceu. Isto está registrado pelo autor do Livro V das Epidemias, o qual foi reconhecido entre os escritos de Hipócrates (cerca de 300 anos antes de Celsus).

Os médicos antigos não aplicavam internamente sulphur algum contra a sarna porque, como os modernos, não viam que esta doença miasmática era ao mesmo tempo e *em especial* uma doença interna.

Os médicos modernos nunca administraram *apenas* sulphur, e internamente, para curar a sarna porque jamais reconheceram a doença-sarna como sendo também interna e, na realidade, *principalmente* uma doença interna. Aplicavam-no somente associado a meios externos de eliminação da sarna e, na realidade, em doses que atuariam como purgantes – 10, 20 e 30 grãos por dose, freqüentemente repetidas - de modo que nunca se tornou manifesto quão útil ou quão prejudicial havia sido esta aplicação interna destas grandes doses associada à aplicação externa; *pelo menos* a doença inteira de sarna (Psora) *nunca pode ser completamente sanada* por tais expe-

dientes. A eliminação externa da erupção era simplesmente promovida por aqueles, tanto quanto por qualquer outro purgante e com efeitos igualmente prejudiciais como se internamente não tivesse sido usado sulphur algum. Pois, mesmo se Sulphur só for usado internamente, mas nas doses grandes que se descreveram acima, sem quaisquer meios destrutivos externos, jamais consegue curar completamente uma Psora; em parte porque, a função de curar na qualidade de medicamento antipsórico e homeopático deve ser aplicado apenas nas menores doses de um preparado potencializado, ao passo que em doses maiores e mais freqüentes o sulphur cru¹⁰⁸ em certos casos incentiva a moléstia, pelo menos, acrescenta uma nova; em parte, porque a força vital o expelle, na qualidade de remédio violentamente agressivo, por meio de fezes purgativas ou de vômitos, sem que tenha absolutamente utilizado seu poder curativo.

Então, conforme o ensina a experiência, se nem sequer a doença-sarna recente que é a de cura mais fácil dentre todas, i.é, a Psora interna, recentemente formada, junto com a erupção externa recente, pode ser completamente curada por aplicações externas acompanhadas por grandes quantidades de flores de enxofre usadas internamente, pode ser facilmente verificado que a Psora, após ter sido privada de sua erupção e de ter-se tornado meramente interna e inveterada, tendo desenvolvido transtornos secundários e deste modo se modificando em doenças crônicas de vários tipos, pela mesma razão pode ser igualmente pouco curada por uma quantidade de flores de enxofre, ou por um número de banhos em águas minerais sulfurosas ou, por outro lado, bebendo-se simultaneamente a mesma água ou outra similar; numa palavra, não pode ser curada por uma superabundância e pela freqüente repetição deste remédio, conquanto em si

¹⁰⁸ Cabe aqui anexar as palavras de um conhecedor imparcial e inclusive prático da Homeopatia, o profundo pensador, erudito em várias áreas e infatigável pesquisador da verdade, Conde Buquoy, em seu *Anregungen für ph. w. Forschungen* (Leipzig, 1825, pág. 386 e segs.). Após assumir que uma droga - a qual num estado normal de saúde causa os sintomas *a*, *b*, *g*, em analogia com outros fenômenos fisiológicos produz os sintomas *x*, *y*, *z*, os quais aparecem num estado anormal de saúde - pode agir sobre este estado anormal de tal modo que os sintomas de doenças *x*, *y*, *z* são transformados nos sintomas da droga *a*, *b*, *g* os quais últimos possuem a característica peculiar de temporariedade ou transitoriedade; continua então: “Este caráter transitório pertence ao grupo de sintomas *a*, *b*, *g* do medicamento o qual é substituído pelo grupo de sintomas que pertencem à doença, simplesmente porque o medicamento é usado numa dose extraordinariamente pequena. Caso o médico homeopata dê ao paciente uma dose grande demais do remédio homeopático indicado, a doença *x*, *y*, *z* poderá na realidade ser transformada em outra, i.é, em *a*, *b*, *g*; a nova doença porém instala-se agora de forma tão solidamente fixa quanto a antiga *x*, *y*, *z* de sorte que o organismo tem tão poucas condições de libertar-se da doença *a*, *b*, *g*, quanto havia sido antes capaz de descartar a doença original *x*, *y*, *z*. Se for dada uma dose muito grande, então freqüentemente é produzida uma doença nova, muitas vezes muito perigosa* ou o organismo faz o máximo para se libertar muito rápido do veneno (por meio de diarréia, vômito etc.)”.

* No original alemão, o adjetivo para “dangerous” é “lebensgefährlich” que significa “que põe a vida em risco”. (NT. bras.)

seja antipsórico¹⁰⁹. É verdade que muitos destes pacientes crônicos, quando de seu primeiro tratamento nos banhos, parecem ficar temporariamente livres dos sintomas de sua doença (portanto vemos uma multidão incrível de muitos milhares, sofrendo de incontáveis transtornos crônicos diferentes, em Teplitz, Baden, Aix-la-Chapelle, Neundorf, Warmbrunn etc.); não obstante, nem por isso são restituídos à saúde; ao invés da doença crônica original (psórica), porém, passaram por algum tempo a estar sob o domínio de uma doença sulfúrica (uma outra moléstia talvez mais suportável). Esta desaparece com o tempo, quando então a Psora novamente ergue a cabeça, seja com outros similares mas gradualmente mais problemáticos do que os primeiros, ou com sintomas que se desenvolvem em partes mais nobres do organismo. Pessoas ignorantes rejubilam-se neste último caso porque sua primeira doença pelo menos sumiu de vista e elas esperam que a nova doença possa ser também removida por outra viagem aos mesmos banhos. Não sabem que seu estado mórbido modificado é simplesmente uma transformação da mesma Psora; mas sempre descobrem pela experiência que sua segunda ida aos banhos causa ainda menos alívio ou, na verdade, se os banhos sulfurosos forem usados em número ainda maior, que a segunda tentativa provoca uma agravação.

Vemos, deste modo, que ou o uso excessivo do sulphur em todas as suas formas, ou a repetição freqüente de seu uso pelos médicos alopatas no tratamento de uma multidão de doenças crônicas (os transtornos psóricos secundários) destituíram-no de todo seu valor e utilidade; e podemos inclusive asseverar que, até o dia de hoje, dificilmente outra coisa que não danos, foram perpetrados pelos médicos alopatas através do uso de Sulphur.

Mas, mesmo supondo que alguém desejasse fazer o único uso correto de sulphur neste tipo de doença, raramente será possível fazê-lo sem o mesmo desejado êxito como no caso em que o médico homeopata encontra em caso recente da doença-sarna com sua erupção ainda presente. Mesmo quando, devido a seus inegáveis efeitos antipsóricos, Sulphur possa ser capaz, por si, de fazer o início da cura, após a expulsão externa da erupção, seja com a Psora ainda oculta e latente, seja quando esta esteja mais ou menos desenvolvida e haja irrompido em suas variadas doenças crônicas, nem por isso pode ser senão raramente utilizado para este propósito porque seus poderes já terão normalmente sido esgotados por já ter sido administrado ao paciente antes, por médicos alopatas, por um motivo ou outro, talvez já tenha sido dado repetidamente; sulphur, porém, tal como a maioria dos remédios antipsóricos

¹⁰⁹ Usado em pequenas doses, na qualidade de um dos remédios antipsóricos, Sulphur não deixará de iniciar brevemente uma cura das doenças crônicas (não-venéreas e portanto psóricas). Conheço um médico saxão que granjeou grande reputação simplesmente acrescendo suas prescrições para praticamente todas as doenças crônicas de flores de enxofre e sem saber o motivo para tal. *No início dos tratamentos* isto tende a produzir um efeito surpreendentemente benéfico mas é óbvio que apenas no começo e, portanto, depois disto sua ajuda chegava ao fim.

no tratamento de uma Psora desenvolvida que se tenha tornado crônica, dificilmente pode ser usado três, ou quatro vezes (inclusive após o uso intermediário de outros remédios antipsóricos) sem causar um retrocesso na cura.

A cura de uma Psora antiga que tenha sido privada de sua erupção, esteja ela latente e passiva ou tenha já irrompido em doenças crônicas, jamais pode ser alcançada apenas com Sulphur, tampouco com banhos sulfurosos naturais ou artificiais.

Posso fazer menção aqui à curiosa circunstância de que em geral – com a exceção da doença-sarna recente ainda acompanhada de sua erupção cutânea não reprimida e que é tão facilmente curada a partir do interior do corpo¹¹⁰ – todas as outras diáteses psóricas, i.e., a Psora que está internamente latente, bem como a Psora que haja se desenvolvido em alguma das incontáveis doenças crônicas dela decorrentes, são muito raramente curadas por algum remédio antipsórico isolado, exigindo ao contrário o uso de vários destes remédios; nos piores casos, o uso de um número considerável deles, um depois do outro para sua cura perfeita.

Esta circunstância não precisa nos espantar quando consideramos que a Psora é um miasma crônico de caráter especial e bastante peculiar, que ao longo de vários milhares de anos passou por vários milhões de organismos humanos e deve ter adotado uma tão vasta extensão de sintomas variados – elementos daqueles inúmeros transtornos - que pode transmutar-se numa multidão assim indefinida de formas diferentes umas das outras, na medida em que aos poucos se ultimava dentro das várias constituições físicas de pessoas individuais, que diferem entre si quanto a domicílio, peculiaridades climáticas, educação, hábitos, ocupações¹¹¹, modos de vida e de dieta e em que se modelava de acordo com as diversas relações físicas e psíquicas. Não é de se estranhar, por conseguinte, que um único medicamento isolado seja insuficiente para curar a Psora inteira e todas as suas formas e que seja preciso o uso de vários medicamentos a fim de responder, através dos efeitos mórbidos artificiais peculiares a cada um, à multidão incontável de sintomas psóricos e, assim, a todas aquelas doenças crônicas (não-venéreas), e à Psora inteira, fazendo isto de maneira homeopática curativa.¹¹²

¹¹⁰ Doença-sarna recente com sua erupção cutânea ainda presente tem sido curada, às vezes sem qualquer remédio externo inclusive por *uma* dose muito pequena de um preparado de Sulphur adequadamente potencializado e isto no espaço de duas, três ou quatro semanas; certa vez, uma dose de 1/2 grão de Carbo vegetabilis potencializado à milionésima foi suficiente para uma família de sete pessoas e também foi o bastante uma dose igual, repetida três vezes, de Sepia potencializada ao mesmo grau.

¹¹¹ Isto é, ocupações que exigissem mais completamente o concurso de um ou outro órgão do corpo, ou outra função do espírito e da mente.

¹¹² Abstenho-me de indicar por quantos esforços e por quantas observações, investigações, reflexões cuidadosas e experimentos diversos, eu consegui finalmente, após onze anos,

É portanto conforme mencionado acima somente quando a erupção de sarna ainda está em seus primórdios e a infecção ainda é consequentemente recente que a cura completa pode ser efetuada apenas pelo Sulphur e, nestas ocasiões, às vezes com somente uma dose. Permanece em dúvida se isto pode ou não ser feito em todos os casos de sarna ainda em plena erupção na pele, porque são muito variadas as idades de erupção da sarna infectando os pacientes. Pois, se a erupção tiver estado na pele por algum tempo (embora possa não ter sido tratada com remédios repressores externos), ela começará por si mesma a recuar gradualmente da pele. Nessa oportunidade, a Psora interna já terá em parte conquistado uma vantagem; então, a erupção cutânea não é mais tão completamente substitutiva e aparecem transtornos de outra espécie, parte como sinais de uma Psora latente, parte como doenças crônicas desenvolvidas a partir da Psora interna. Neste caso, apenas Sulphur (tão pouco quanto qualquer outro remédio antipsórico aplicado isoladamente) em geral não é mais suficiente para produzir uma cura completa e os outros remédios antipsóricos, um ou outro de acordo com os sintomas remanescentes, devem ser acionados para proporcionarem seu auxílio homeopático.

O tratamento médico homeopático das incontáveis doenças crônicas (não-venéreas e portanto de origem psórica) concorda essencialmente em seus aspectos gerais com o tratamento homeopático das doenças humanas, tal como está dito no *Organon da Arte de Curar*; irei indicar agora o que deve ser considerado em especial no tratamento das doenças crônicas.

Quanto à *dieta e ao modo de vida* dos pacientes deste tipo só farei algumas observações gerais, deixando a aplicação particular para cada caso em especial ao critério do prático homeopata. Evidentemente, qualquer coisa que possa dificultar a cura deve também ser removida nestes casos. Mas na medida em que temos que tratar aqui de doenças insidiosas e às vezes muito prolongadas que não têm condições de ser removidas rapidamente e na medida em que freqüentemente temos casos de pessoas de meia-idade e também de idade avançada, em relações variadas na vida que raramente podem ser modificadas em sua totalidade, seja no caso de pessoas ricas, seja no de pessoas de poucas posses, ou inclusive no caso de pobres, devem ser portanto permitidas limitações e modificações no modo estrito de vida tal como se prescreve regularmente na Homeopatia, a fim de que seja possível curar tais doenças prolongadas em indivíduos tão diferentes. Uma dieta e um modo de vida estritos e homeopáticos não *curam* pacientes crônicos como o fingem nossos adversários com o intuito de diminuir os méritos da Homeopatia, sendo a questão principal o tratamento médico. Isto pode ser verificado no caso de muitos pacientes os quais, confiantes nestas falsas alegações, observam durante anos a fio a mais estrita dieta homeopática sem serem capazes de diminuir de forma apreciável suas doenças crônicas as

preencher a lacuna no edifício da arte curativa homeopática, cura de inúmeras doenças crônicas, deste modo complementando tanto quanto possível as bêncas que esta arte tem a seu dispor a ofertar para a humanidade sofredora.

quais, contrariamente, a despeito da dieta aumentavam, como ocorre com todas as doenças de natureza miasmática crônica devido à sua própria natureza.

Por conseguinte, devido a tais causas e a fim de tornar a cura possível, o prático homeopata deve ceder perante as circunstâncias ao fazer suas prescrições relativas à dieta e ao modo de vida e, procedendo deste jeito, ele atingirá muito mais seguramente e portanto mais completamente o objetivo de curar, do que por meio de uma insistência obstinada em regras estritas que não podem em muitos casos ser obedecidas.

Quem trabalha diariamente, se suas forças o permitirem, deve continuar em seu ofício; o artesão, com seu trabalho manual; o fazendeiro, na medida em que for capaz, seu trabalho no campo; a mãe de família, suas ocupações domésticas, de acordo com sua força; só devem ser interditados os trabalhos que possam interferir com a saúde de pessoas saudáveis. Isto deve ser deixado à inteligência do médico racional.

A classe de pessoas que geralmente está ocupada não com trabalho físico mas com atividades mais refinadas em seus aposentos, normalmente com trabalho sedentário, devem ser orientadas, durante sua cura, a andar mais ao ar livre sem que por isso abandonem seu trabalho completamente.

As pessoas que pertencem às classes superiores também deveriam ser instadas a dar mais passeios a pé ao ar livre do que é seu costume. O médico pode permitir a esta classe a inocente diversão da dança moderada e decorosa, diversões campestres que sejam harmônicas em relação a uma dieta estrita, bem como reuniões sociais com conhecidos nas quais o entretenimento principal seja a conversação; ele não as privará de apreciarem música inofensiva ou de ouvirem palestras que não sejam por demais fatigantes; pode permitir o teatro apenas excepcionalmente mas jamais permitirá o jogo de cartas. O médico moderará passeios a cavalo ou de carro que sejam demasiado freqüentes e deverá saber como abolir as relações sexuais que venham a se provar moral e psiquicamente prejudiciais, uma vez que também são fisicamente danosas. Os flertes e as vazias excitações da sensualidade entre elementos dos dois性, a leitura de romances pornográficos e de poemas de natureza semelhante, além de livros supersticiosos e excitantes devem ser completamente proibidos¹¹³.

¹¹³ Os médicos desejam muitas vezes adquirir importância proibindo sem exceção toda relação sexual em pacientes crônicos casados. Mas se ambos os cônjuges estão aptos e dispostos a tal, esta proibição, para dizer o mínimo, é ridícula uma vez que nem pode nem vai ser obedecida (sem que cause uma grande desgraça na família). Legislatura alguma deveria fazer leis que não possam ser mantidas e feitas cumprir ou que venham a causar um transtorno ainda maior caso sejam seguidas. Se um dos pacientes está incapacitado para o ato sexual isto irá por si interromper tais relações. Mas de todas as funções do casamento é este relacionamento sexual que deve receber o menor número de ordens e ser o menos proibido. A Homeopatia só interfere neste assunto através de medicamentos, a fim de tornar apto para tal o parceiro que está incapacitado para um relacionamento sexual, por meio de remédios antipsóricos (ou antisifilíticos), ou por outro lado, a fim de reduzir a seu nível normal a morbidez do cônjuge excitável.

Os eruditos devem ser também induzidos a se exercitarem moderadamente ao ar livre e, com tempo ruim, a executarem algum trabalho mecânico leve em recinto fechado; mas durante o tratamento médico, a ocupação mental deverá ser limitada a trabalhos de memória, pois que o esforço da cabeça pela leitura dificilmente poderá ser permitido ou, pelo menos, sob grandes limitações e segundo uma definição estrita relativa à quantidade e à qualidade do que é lido, i.e., no tratamento de qualquer uma das mais severas doenças crônicas. Nas desordens mentais jamais deve ser permitido.

Todas as classes de pacientes crônicos devem sofrer a interdição do uso de quaisquer remédios caseiros ou do uso de quaisquer medicamentos por sua própria conta. Nas classes mais altas devem ser também proibidos perfumes, águas de cheiro, dentifrícios e outros medicamentos para os dentes. Se o paciente tiver sido acostumado por um longo tempo a usar roupa de baixo de lã, o médico homeopata não pode fazer repentinamente uma mudança; mas conforme a doença diminui, o vestuário íntimo de lã pode ser, com tempo quente, substituído primeiramente pelo de algodão e depois, com tempo quente, o paciente pode passar para o linho. Os fontículos¹¹⁴ podem ser detidos, nas doenças crônicas de qualquer magnitude, somente quando a cura interna já tenha progredido, especialmente em pacientes de idade avançada.

O médico não deve ceder aos pedidos dos pacientes no sentido de continuarem com seus banhos costumeiros; mas uma ablução rápida como o exigir a higiene, de tempos em tempos, pode ser permitida; tampouco pode ele permitir qualquer tipo de venisseção ou de ventosas independente de quanto o paciente possa afirmar já estar habituado a elas.

Quanto à *dieta*, todas as classes de pessoas que desejam ser curadas de uma doença insidiosa podem suportar algumas limitações, se a doença crônica não consiste de um transtorno do abdômen; no caso das classes inferiores, é necessário que haja limitações não muito estritas especialmente se o paciente é capaz de prosseguir em seu ofício, conferindo assim mobilidade ao corpo. O homem pobre pode recuperar a saúde inclusive com uma dieta de sal e pão e tampouco dificultam sua recuperação o uso moderado de batatas, mingau de farinha ou queijo fresco; deixem-no apenas limitar os condimentos de cebola e pimenta em sua escassa dieta.

Aquele que se preocupa com sua recuperação, até mesmo na mesa de um rei pode descobrir pratos que correspondam a todos os requisitos de uma dieta natural.

O mais difícil para o médico homeopata é decidir-se quanto ao que se bebe. O café tem em grande medida os efeitos prejudiciais sobre a saúde do corpo e da alma que descrevi em meu pequeno livro (*Wirkungen des Kaffee*)*; mas já se tornou um tal hábito e uma tal necessidade na maior parte das assim chamadas nações esclarecidas

¹¹⁴ Fontículos: pontos de supuração (Fontanelas). (NT. bras.)

* Efeitos do café. (NT. bras.)

que será tão difícil extirpá-lo quanto o é eliminar o preconceito e a superstição, a menos que o médico homeopata insista numa interdição geral e absoluta, na cura das doenças crônicas. Apenas as pessoas jovens de até 20 anos ou, no máximo 30 anos, é que podem ser subitamente privadas dele sem quaisquer desvantagens especiais; mas em pessoas acima de 30 e 40 anos, se tiverem usado café desde a sua infância, é melhor propor uma descontinuação gradual, bebendo cada dia um pouco menos quando – olhem e acreditem! – a maioria delas o deixa de lado imediatamente e assim o farão sem qualquer problema em especial (exceto talvez por alguns dias no começo). Ainda há 6 anos eu supunha que pessoas de mais idade que não estão dispostas a passar sem ele pudessem ter permissão para usá-lo em pequena quantidade. Mas desde essa época fiquei convencido de que mesmo um hábito de longo tempo não pode torná-lo inofensivo e, posto que o médico só pode permitir o que é melhor para seu paciente, deve permanecer como regra estabelecida que pacientes crônicos devem abandonar inteiramente esta parte de sua dieta que é insidiosamente prejudicial, e os pacientes ricos ou pobres que têm a confiança adequada em seu médico fazem praticamente sem exceções de boa vontade e alegremente quando é-lhes apresentado da forma apropriada, para a grande melhora de sua saúde. Centeio ou trigo torrado como café numa máquina cilíndrica, depois fervido e preparado como café apresentam ambos grandes semelhança com o café em termos de odor e paladar; e pobres e ricos de vários países estão utilizando com boa disposição este substituto.

Pode-se dizer o mesmo a respeito das espécies caras e assim chamadas mais finas, bem como a respeito das espécies baratas, do chá chinês, o qual tão agradavelmente fascina os nervos e tão secretamente e inevitavelmente os infesta e enfraquece. Mesmo quando é feito muito fraco e quando só um pouco é bebido apenas uma vez por dia, nunca deixa de ser prejudicial, nem em pessoas mais jovens nem em mais velhas que o tenham usado desde sua infância; e, em lugar dele, devem fazer uso de alguma beberagem quente inócuia. Segundo minha extensa experiência, os pacientes estão também dispostos a ouvir os conselhos de seu leal conselheiro, o médico em quem depositam confiança quando este conselho é fortificado por motivos.

Com respeito à limitação sobre o vinho, o prático pode ser muito mais condescendente, uma vez que em pacientes crônicos dificilmente haverá o caso de ser necessário proibi-lo. Pacientes que desde a juventude vieram sendo acostumados ao uso abundante de vinho puro¹¹⁵ não conseguem abandoná-lo de imediato ou por completo e quanto mais velhos forem, menos o conseguem. Se fizessem isso, provocariam uma súbita diminuição de sua força e uma obstrução no caminho de sua cura,

¹¹⁵ Até para pessoas com boa saúde é impróprio e prejudicial de muitas formas beber vinho puro como bebida usual e a moralidade só permite que se o use em pequenas quantidades e em ocasiões festivas. Um jovem não consegue manter seu desejo sexual sob controle até o casamento a menos que evite por completo os banquetes. Gonorréia e cancro são devidos a tais excessos.

podendo até pôr em risco suas vidas. Mas ficarão satisfeitos se o beberem durante as primeiras semanas misturado com partes iguais de água e depois, aos poucos, misturado com duas, três, quatro e, por fim, com cinco e seis partes de água e um pouco de açúcar. Estas últimas misturas podem ser permitidas a todos os pacientes crônicos na qualidade de bebida usual.

Mais absolutamente necessário à cura das doenças crônicas é a abstinência de uísque e de aguardente. No entanto, isto vai exigir tanto atenção para a diminuição da quantidade usada quanto firmeza para executá-lo. Nos casos em que há uma diminuição apreciável das forças pela abstinência total, deve-se usar em substituição uma pequena porção de vinho puro bom, por um certo tempo, mas depois, de acordo com as circunstâncias, vinho misturado com várias partes de água.

Uma vez que, de acordo com uma lei inviolável da natureza, nossa força vital sempre produz no organismo humano o oposto das impressões causadas por potências físicas e medicamentosas, em todos os casos nos quais existam tais opostos, pode-se entender facilmente, como também atesta a observação cuidadosa, que bebidas alcoólicas, depois de terem simulado um alívio e uma acentuação do calor vital, devem ter imediatamente após serem ingeridas efeitos colaterais opostos, devidos a esta reação oposta da força vital do organismo. Fraqueza e diminuição do calor vital são as consequências inevitáveis de seu uso, estados estes que precisam ser removidos tanto quanto possível, dos pacientes crônicos por todos os verdadeiros médicos. Somente um alopata, que nunca se habituou à observação e à reflexão e que não está disposto a admitir os efeitos prejudiciais de seus paliativos, é que pode aconselhar a seus pacientes crônicos que diariamente bebam vinho forte, puro, para se fortalecerem; um homeopata genuíno jamais o fará (*sed ex ungue leonem!*)¹¹⁶

A permissão para cerveja é bastante questionável! Uma vez que os artifícios dos cervejeiros nos tempos modernos parecem pretender, pela adição de substâncias vegetais ao extrato de malte, que a cerveja não azede bem como, e especialmente, que o palato fique excitado provocando embriaguez, com total falta de consideração pelas qualidades prejudiciais destes aditivos maliciosos que freqüentemente solapam a fundo a saúde quando são usados diariamente e que não podem ser descobertos por tipo algum de inspeção, o médico honesto não pode permitir a seus pacientes que bebam tudo aquilo que for chamado de *cerveja*, pois até na cerveja branca (cerveja rala) e na preta as quais parecem tão inofensivas devido à falta de azedume, não infreqüentemente há o acréscimo de ingredientes narcóticos para lhes conferir a qualidade embriagante altamente apreciada, apesar de sua diminuta quantidade de malte.

Dentre os itens de dieta que em geral fazem mal aos pacientes crônicos estão também aqueles pratos que contêm vinagre ou ácido cítrico. Estes tendem especialmente a causar sensações desagradáveis e problemas nas pessoas portadoras de

¹¹⁶ Significa: “Pelas garras se conhece o leão!” (NT. bras.)

transtornos nervosos e abdominais. Aqueles elementos ou se antagonizam ou acentuam os efeitos de diversos medicamentos. Para tais pacientes, também frutas muito ácidas (como cerejas azedas, groselha verde e passa)¹¹⁷ só devem ser permitidas em quantidade muito pequenas; frutas doces, só quantidades moderadas; assim também ameixas assadas como paliativo não devem ser aconselhadas às pessoas com tendência à constipação. Para estas últimas, bem como para quem sofre de digestão fraca, carne de vitela muito jovem não é benéfica. Aqueles de baixos poderes sexuais deveriam limitar-se a se alimentar com frangos de leite e ovos, devendo evitar o condimento irritativo da baunilha, bem como trufas e caviar as quais obstaculizam a cura, na qualidade de paliativos. As senhoras de menstruação escassa devem evitar o uso de açafrão e de canela pela mesma razão; pessoas de estômago fraco deveriam evitar canela, cravo, cardamomo, pimenta, gengibre e substâncias amargas as quais, por serem paliativas, também são prejudiciais enquanto sob tratamento homeopático. Vegetais causadores de flatuência devem ser proibidos em todos os problemas abdominais e nos casos que há uma tendência à constipação e à prisão de ventre. Carne bovina e bom pão de trigo ou de centeio, ao lado de leite de vaca e uso moderado de manteiga fresca parecem constituir a comida mais natural e inofensiva para pessoa assim como para pacientes crônicos; apenas pouco sal é que deve ser usado. Em segundo lugar, após a carne bovina, quanto ao aspecto de ser alimento completo, estão a carne de carneiro, de veado, galinha velha e pombos jovens. A carne e a gordura de gansos e patos deverão ser ainda menos permitidas aos pacientes crônicos do que a carne de porco. Carne salgada e defumada deve ser usada raramente e apenas em pequenas quantidades.

Deve-se evitar o uso de ervas cruas salpicadas em sopas, o uso de condimentos aromáticos nos vegetais e alimentar-se de queijos velhos e rançosos.

Ao se usar a melhor qualidade de peixe, deve-se ter cuidados especiais no preparo; o melhor meio de se prepará-los é fervendo e usando-os parcimoniosamente com caldos que não sejam muito condimentados; porém, não é permitido peixe seco ao ar ou defumado; peixe salgado (arenques e sardinhas) apenas raramente e com parcimônia.

A moderação em todas as coisas, inclusive nas inócuas, é a tarefa principal do paciente crônico.

Ao se considerar a dieta, o uso de tabaco também deve ser objeto de cuidadosa atenção. Em certos casos de doenças crônicas, o fumo pode ser permitido se o paciente foi acostumado a um uso ininterrupto do mesmo e se não tem expectoração; mas o fumar sempre deve ser limitado e ainda mais se a atividade mental, sono, digestão ou evacuações estão falhas. Se as evacuações só ocorrem regularmente

¹¹⁷ No original alemão, aparece: "(saure Kirschen, unreife Stachelbeere, Johannisbeere)" que significa: "(cerejas azedas. Uva-espím verde, groselha)". Na tradução do alemão para o inglês veio "(as sour cherries, unripe gooseberries and currants)". (NT. bras.)

depois de fumar, o uso deste paliativo deve ser ainda mais circunstancial, sendo que o mesmo resultado deve ser obtido de maneira duradoura através de remédios antipsícos adequados. Entretanto, mais objetável é, não obstante, o uso do rapé do qual é possível abusar-se como paliativo contra coriza seca e a obstrução do nariz, e contra a inflamação insidiosa dos olhos; sendo paliativo constitui-se num forte obstáculo à cura das doenças crônicas; portanto, não pode ser permitido em tais paciente, devendo ser diminuído todo dia até finalmente parar de usá-lo. Uma razão especial para isto é que no rapé os licores medicinais (molho) com os quais praticamente todo rapé é medicado atinge com sua substância os nervos da parte interna do nariz lesando-a tal como se fosse um medicamento estranho que tivesse sido ingerido, o que é menos o caso com o tabaco de fumar, inflamável, cuja força é desintegrada pelo calor.

Passo agora aos outros obstáculos à cura das doenças crônicas que devem ser evitados na medida do possível.

Todos aqueles acontecimentos da vida humana que possam levar a Psora latente e adormecida no interior do corpo, a qual até tal momento só se manifestou por alguns dos sinais acima mencionados, dentro dos quais o paciente se desvia do estado de saúde, a irromper ostensivamente em doenças crônicas manifestas, estes mesmos eventos se ocorrem numa pessoa que já seja um paciente crônico podem não só aumentar sua doença e piorar a dificuldade de curá-la, mas talvez tornem essa doença incurável, se forem eventos que lhe aconteçam de modo violento e se as circunstâncias daí em diante não forem repentinamente alteradas para melhor.

No entanto, esses eventos são de natureza muito variada e portanto são causadores de diferentes graus de influência prejudicial. Excessos demasiados, trabalho em charcos, grandes lesões e ferimentos corporais, excessos de calor e frio, e inclusive a fome insatisfeita da pobreza, seus alimentos nocivos etc., não são de modo algum meios muito poderosos para causar a temível moléstia da Psora que está de tocaia, secretamente emboscada para irromper em doenças crônicas sérias; tampouco são causadoras de grandes consequências na agravação de uma doença crônica já presente; sim, a pessoa inocente, com menos danos à sua vida, pode passar dez anos sofrendo tormentos corporais na prisão ou nas galés, em vez de despender alguns meses em todo conforto corporal num casamento infeliz ou com uma consciência culpada. Uma Psora internamente adormecida que ainda permite ao favorito de um príncipe viver com a aparência de uma saúde quase perfeita, rapidamente desabrocha num transtorno corporal crônico, ou desvia seus órgãos mentais até à insanidade, quando, por uma reviravolta de seu destino, é lançado para longe de seu brilhante pináculo, ficando exposto ao desprezo e à pobreza. A súbita morte de um filho único, provoca em uma mãe delicada e já afetada pela psora, uma supuração incurável nos pulmões ou um câncer no seio. Uma donzela jovem e afetuosa, já histérica, é conduzida à melancolia por um desapontamento amoroso.

Como é difícil fazer alguma coisa para aliviar tais desgraças, quão raramente o

consegue o melhor dos tratamentos antipsícos!

A mais freqüente excitação da Psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais freqüente agravamento dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades.

Pesar e contrariedades ininterruptas acentuam em breve tempo inclusive os mais diminutos traços de uma Psora adormecida tornando-a manifesta nos mais severos sintomas; depois, o pesar e as contrariedades desenvolvem estes sintomas numa manifestação ostensiva de todos os sofrimentos crônicos imagináveis, mais certa e mais freqüentemente do que todas as demais influências prejudiciais que normalmente operam no organismo, na vida humana, assim como estes dois agentes aumentam também tão certa e freqüentemente os transtornos já existentes.

Da mesma forma que o bom médico ficará satisfeito quando puder animar um paciente e mantê-lo afastado do tédio a fim de fazer progredir uma cura que não está embaracada por tais obstruções, em tal caso sentir-se-á mais do que nunca incumbido da tarefa de fazer tudo que for possível dentro do poder de sua influência sobre o paciente, seus familiares e circunstâncias, para aliviá-lo do pesar e das contrariedades. Este será e deverá ser o propósito central de seus cuidados e de seu amor fraternal.

Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não podem ser culpado, e os quais não está em seu poder curar; se o pesar e as contrariedades abatem-se continuadamente sobre ele e se foge à alcada do médico efetuar uma remoção duradoura destes que são os elementos mais destrutivos da vida, seria melhor que desistisse do tratamento¹¹⁸ e deixasse o paciente entregue à própria sorte pois até mesmo o mais competente cuidado do caso com remédios que sejam os mais peculiares e os melhor adaptados ao transtorno corporal de nada servirá, para absolutamente nada; no caso de um paciente crônico exposto deste modo às mágoas e às contrariedades e em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Prosseguir com a mais fantástica edificação é tolice quando seus alicerces estão sendo diariamente corroídos, mesmo que apenas gradualmente, pela ação das ondas.

Quase tão próximas à incurabilidade, e muitas vezes ainda mais próximas, estão as doenças crônicas especialmente em pessoas ricas e famosas as quais, durante alguns anos, além do uso de banhos minerais¹¹⁹ passaram pelas mãos de vários

¹¹⁸ A menos que o paciente deva ter pouca ou nenhuma razão para seu pesar e mágoa, ou dificilmente algo que o incite (externamente) à contrariedade e consequentemente necessite ser tratado mais detidamente com respeito à sua desordem mental através dos remédios antipsícos, os quais são ao mesmo tempo adequados aos restantes de sua doença crônica. Casos assim não só são curáveis como freqüentemente inclusive facilmente curáveis.

médicos alopatas, freqüentemente por *muitos* deles, os quais experimentaram neles, uns depois dos outros, todos os modismos de cura cujos remédios são tão orgulhosamente saudados na Inglaterra, na França e na Itália, sendo todos eles misturas de potente atuação. Através de tantos medicamentos impróprios, que são prejudiciais por sua violência e pela repetida freqüência de suas grandes doses, a Psora que sempre está internamente localizada, mesmo quando não combinada com Syphilis, torna-se mais incurável a cada ano que passa, tal como ocorre com os transtornos crônicos que dela decorrem; e após as intervenções irracionais de tais médicos no organismo, ao longo de vários anos, este se torna quase que praticamente incurável. Não se pode decidir muito bem, dado que estas coisas se dão no escuro, se estas doses não-homeopáticas heróicas acrescentaram ou não, como se pode suspeitar, novos transtornos à doença original os quais, face à magnitude das doses e sua repetição freqüente, passaram agora a ser duradouros e, na medida em que eram crônicos, ou se devido ao abuso, resultou uma atrofia das diferentes faculdades do organismo, i.é., as faculdades de irritabilidade, da sensação e da reprodução, assim (provavelmente por força de ambas as causas) surgiu o monstro dos diversos transtornos, fundidos uns aos outros e que não podem mais ser racionalmente considerados como um simples transtorno natural. Em resumo, estas multivariadas desordens e perversão de partes e forças o mais indispensáveis à vida apresentam um caso de transtornos que o médico homeopata não deveria declarar levianamente como curáveis.

Através daqueles tratamentos incapazes de curar a doença original e que exau-rem e debilitam, não só a agravão da Psora a partir do interior do corpo é acelera-dada, como também novos transtornos artificiais e ameaçadores são gerados por estas curas alopáticas enganadoras de modo que a força vital atacada deste modo por dois lados é muitas vezes incapaz de escapar.

Se, nestes casos, as tristes conseqüências destes ataques indiretos feitos pelos antigos métodos de cura consistissem apenas em perturbações dinâmicas elas com certeza desapareceriam por si quando o tratamento fosse interrompido, ou deveriam ser pelo menos extintas de modo eficiente através de medicamentos homeopáticos. Mas não é nada disso que acontece; aquelas não cedem. Por meio destes ataques indiretos, contínuos e repetidos à fibra sensível, irritável, perpetrados por estas imprudentes potências-doença medicamentosas que são administradas em grandes doses repetidas freqüentemente, é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis que são desapiedadamente atacados, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-

¹¹⁹ Toda vez que os banhos são usados, mesmo quando em si a água não é inadequada ao transtorno, deve ser assim considerada uma vez que o uso de grandes doses, muitas vezes repetidas, empregando um mesmo medicamento de ação violenta – cujo funcionamento violento raramente pode ser salutar – deve freqüentemente resultar na agravão do estado mórbido, sim, inclusive chegando à destruição completa do paciente.

los inexpugnáveis à violência daqueles ataques, deste modo defendendo e escudando o organismo contra uma destruição geral. Assim, por exemplo, esta força que preserva instintivamente a vida, escuda protetoramente a fina pele sensível da mão com uma camada calosa de pele dura naquelas pessoas em quem sua pele está exposta a lesões freqüentes durante um trabalho pesado, devido ao qual a pele é danificada por materiais duros e que arranham, ou por substâncias corrosivas. De modo que também num tratamento alopático continuado que não tem verdadeiro poder de curar em relação à doença, que não tem uma relação patológica direta (homeopática) com as partes e processos envolvidos na doença crônica, mas que ataca internamente outras partes e órgãos delicados do corpo, nestes casos a força vital transmuta dinâmica e organicamente estes órgãos delicados, a fim de proteger o todo contra uma destruição, i.e., ou os torna inativos, paralisando-os, ou embrutece sua sensibilidade, ou torna-os completamente calejados. Por um lado, a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas; deste modo, emergem artificialmente organismos, malformações e degenerações adventícias as quais em exames *post-mortem* são atribuídas com sagacidade à malignidade da doença original. Um estado interno como este não é infreqüente e, em muitos casos, é incurável. Apenas nos casos em que ainda há suficientes poderes vitais num corpo não excessivamente abatido pela idade (mas em quem não encontrar os poderes desgastados sob um regime alopático?), sob circunstâncias externas favoráveis, é que a força vital libertada dinamicamente de sua doença original pelo tratamento homeopático cuidadoso (antipsórico) efetuado por um médico experiente pode conseguir aos poucos reafirmar-se e gradualmente absorver e transformar estas formações secundárias adventícias (freqüentemente numerosas) que foi compelida a formar. Uma tal transformação, no entanto, só é possível a uma força vital ainda energética que em grande parte tenha sido libertada de sua Psora. Entretanto, apenas sob circunstâncias externas favoráveis e depois de um lapso de tempo considerável, e geralmente só de maneira imperfeita, é que a força vital tem êxito em sua tentativa quase criativa. A experiência prova diariamente que quanto mais zelosamente o alopata põe em prática no caso das doenças crônicas sua arte destrutiva e perversa (freqüentemente com grande cuidado, diligência e persistência), mais ele arruina seus pacientes em termos de saúde e vida.

De que modo as perversões, introduzidas nos pacientes desta maneira freqüentemente durante anos, podem ser transformadas em saúde num breve lapso de tempo, inclusive pelo melhor método de cura, i.e., pelo verdadeiro, que nunca assumiu para si próprio o poder de influir *diretamente* em defeitos orgânicos?

Nestes casos, o médico tem que enfrentar uma doença psórica não natural e não simples. Portanto, só pode prometer melhoria depois de um grande período de tempo, porém jamais uma recuperação completa, mesmo que os poderes vitais não estejam (como tão freqüentemente acontece) completamente desgastados; pois nos casos em que isto se dá, ele sentir-se-ia compelido a desistir do tratamento inclusive no

primeiro exame rápido. Primeiro, as muitas doenças medicamentosas crônicas que atravessam o estado flutuante de saúde devem ser gradualmente removidas (talvez ao longo de uma estadia de vários meses no campo, praticamente sem medicamentos); ou então devem desaparecer por si mesmas devido à atividade da força vital, quando o tratamento antipsórico tenha se iniciado até certo ponto, apresentando um modo melhorado de vida e uma dieta ajustada. Pois, quem poderia encontrar remédios para todos estes transtornos artificialmente produzidos pela massa confusa de medicamentos fortes e inadequados? A força vital deve primeiramente absorver e reformar aquilo que compulsoriamente deformou, antes que o verdadeiro curador veja oportunamente à sua frente, uma vez mais, uma moléstia parcialmente delimitada e similar à original que então terá condições de combater.¹²⁰

Infortúnio do médico homeopata jovem que precisa alicerçar sua fama nos cuidados despendidos a tais doenças em pessoas ricas e proeminentes, as quais degeneraram em tais monstruosidades pela coorte de calamitosas artes alopáticas! Com todos os seus cuidados findará ele em fracasso!

Um grande e semelhante obstáculo à cura de doenças crônicas muito avançadas é freqüentemente encontrado na debilidade e na fraqueza em que caem os jovens estragados por pais ricos e que são desencaminhados pela superabundância e pela devassidão daqueles, seduzidos pelas companhias depravadas, por paixões e excessos destrutivos, por pândegas, por abuso do instinto sexual, pelo jogo de azar etc. Sem a menor consideração pela vida e pela consciência, corpos originalmente robustos são debilitados por tais vícios até tornarem-se meros simulacros de humanidade, sendo além disso arruinados pelo tratamento perverso de suas doenças venéreas, de modo que a Psora que muitas vezes está emboscada no interior do organismo se avoluma e emerge como a mais digna de pena das doenças crônicas as quais, mesmo que a moralidade do paciente tenha melhorado devido a um remorso deprimente e que haja um pequeno remanescente de seus poderes vitais desperdiçados, aceitam apenas face à maior das dificuldades o alívio antipsórico. Estes casos deveriam ser abordados pelos médicos homeopatas como curáveis somente com as maiores cautelas e reservas.

Mas nos casos em que os obstáculos acima mencionados, freqüentemente quase que intransponíveis, obstáculos à cura destas inúmeras doenças crônicas, não estão presentes¹²¹ encontra-se apesar disso, eventualmente, em especial nas classes inferiores de pacientes, uma obstrução particular à cura que jaz nos próprios fundamentos da

¹²⁰ Por outro lado, as mais medonhas doenças deste tipo que não foram estragadas por fatuidade médica de espécie alguma, nas famílias de trabalhadores do campo e de outros diaristas sobre os quais evidentemente nenhum médico comum impinge seus serviços, são bastante comumente curadas, quase como se fosse milagre, pelos remédios antipsóricos, sendo transformadas em saúde boa e duradoura em pouco tempo.

¹²¹ Um obstáculo adicional à cura homeopática das doenças crônicas, um que não é muito raro mas ainda continua sendo negligenciado é o seguinte: o *instinto sexual suprimido*

moléstia onde a Psora, após repetidas infecções e de uma repetida repressão externa da erupção resultante, gradualmente passou de seu estado interno para um ou mais transtornos crônicos severos. Na verdade, uma cura também será aqui certamente eficiente, se os obstáculos acima mencionados não a impedirem, por meio de um uso prudente dos remédios antipsóricos mas somente com muita paciência e durante um tempo considerável e somente com pacientes que sigam as instruções, além de não serem idosos demais nem que estejam tampouco excessivamente enfraquecidos.

Mas, nestes casos difíceis, também o sábio ajuste da natureza se manifesta como auxílio para nossos esforços se apenas fizermos bom uso do oferecimento favorável daquele momento. Pois, a experiência nos informa que no caso de sarna decorrente de uma nova infecção, mesmo quando depois de várias infecções e repressões da erupção que a precederam, a Psora tenha realizado um progresso considerável na produção de doenças crônicas de muitos tipos, a sarna que houver irrompido por último se houver apenas mantido sua plena erupção primitiva e desimpedida sobre a pele pode ser curada quase que tão facilmente quanto se fosse a primeira e a única, i.e., em geral apenas por uma ou poucas doses do medicamento antipsórico apropriado; por intermédio de uma cura deste tipo, é curada¹²² a Psora completa de todas as infecções precedentes, juntamente com suas manifestações na forma de transtornos crônicos.

Todavia, não é aconselhável causar intencionalmente uma nova infecção artificial com sarna, mesmo se o paciente não sentir a menor repugnância em relação a ela (o que, sem embargo, é freqüentemente o caso), apenas devido a cura mais fácil naquele caso da antiga Psora que foi várias vezes renovada; porque em doenças crônicas severas de origem não-venéreas e portanto psórica, por exemplo, como seja a supuração dos pulmões, uma paralisação completa de uma ou outra parte do corpo

em pessoas nubéis de ambos os sexos, seja pelo não casamento devido a várias causas não removíveis pelo médico, seja pelo fato de que em casados a relação sexual de uma esposa debilitada com um marido vigoroso ou de um marido debilitado com uma esposa vigorosa tenha sido absoluta e permanentemente interditada por um médico imprudente, como não infreqüentemente acontece. Nestes casos, um médico mais inteligente, reconhecendo as circunstâncias e o impulso natural implantado pelo Criador, dará sua permissão e por tal expediente, não infreqüentemente, tornará passível de cura uma multidão de estados histéricos e hipocondríacos mesmo freqüentemente inclusive, a melancolia e a insanidade.

¹²² Graças a misericordiosa disposição da natureza, dá-se o mesmo com a syphillis, na qual após uma destruição local do cancro ou do bubo e após a irrupção consequente da doença venérea acontece uma nova infecção. A nova infecção, enquanto o cancro permanece imperturbado, pode ser curada juntamente com a doença venérea decorrente da primeira infecção de maneira igualmente tão fácil por uma única dose da melhor preparação mercurial, como se o primeiro cancro ainda estivesse presente, desde que não haja ocorrido complicação alguma com nenhum dos dois outros miasmas crônicos, especialmente com o psórico, pois neste caso tal como se mencionou acima a Psora tem que ser removida primeiro.

etc., o miasma da sarna raramente conserva seu domínio e de acordo com o que mostra a experiência ele adere menos quando causado por uma inoculação artificial do que quando se origina de uma infecção accidental, não intencional.

Pouco mais tenho a dizer para o médico já especializado na arte homeopática quanto ao modo como ele deve comportar-se na cura de doenças crônicas, exceto orientando-o a buscar os remédios antipsóricos anexados a este trabalho*, pois ele saberá como usar tais remédios exitosamente no intuito de atingir seu nobre objetivo. Preciso apenas acrescentar umas poucas *advertências*.

Antes de mais nada, está estabelecida a grande verdade de que todos os transtornos crônicos, todas as grandes e a maior das doenças de longa duração (com exceção das poucas que são venéreas) decorrem da Psora apenas e só encontram sua cura completa na cura da Psora; consequentemente, devem ser principalmente curadas apenas por remédios antipsóricos, i.e., por aqueles remédios que em suas experimentações quanto à sua ação pura sobre o corpo humano saudável manifestam a maioria dos sintomas que são mais freqüentemente percebidos na Psora tanto latente quanto desenvolvida.

Portanto, o médico homeopata, na cura de uma doença crônica (nãovenérea) e de todos e cada um dos sintomas, transtornos e desordens decorrentes desta doença, independente do nome sedutor que possam ter na vida comum ou na patologia, irá valer-se em geral e em especial do uso de um medicamento antipsórico escolhido de acordo com regras estritamente homeopáticas, a fim de atingir seguramente seu objetivo.

Ele que não pense que deve dar ao paciente algum outro medicamento seja ele antipsórico ou outro que, enquanto um medicamento antipsórico bem escolhido está agindo e o paciente sente nalguns dias uma dor de cabeça moderada, ou bem um transtorno moderado; ou, no caso de eventualmente emergir uma dor de garganta, que deva dar outro remédio, ou um outro devido à diarréia, ou ainda outro por causa de alguma dor moderada nalguma parte ou noutra etc.

Não! Depois que o medicamento antipsórico homeopático foi escolhido tão bem quanto possível para coadunar-se aos sintomas mórbidos e que foi dado na potência apropriada e na dose adequada, o médico deve *via de regra* permitir-lhe concluir sua ação sem perturbá-lo pela interferência de outro remédio.

Pois, se os sintomas que ocorrem durante a ação do remédio também ocorreram, se não nas últimas poucas semanas, pelo menos esporadicamente algumas semanas antes, ou alguns meses antes, de maneira similar, então tais ocorrências são meramente uma excitação homeopática via medicamento de algum sintoma não muito incomum a esta doença, de alguma coisa que talvez antes tenha sido mais freqüentemente problemática e são um sinal de que este medicamento age em profundidade, atingindo a própria essência da doença e de que, no futuro, será consequentemente mais eficiente. Por isso, o medicamento deve ter permissão para continuar e esgotar imperturbado sua ação, sem a administração da menor substância medicinal possível

* Matéria Médica (NT. bras.)

entre as doses.

Mas, se os sintomas são diferentes e nunca se apresentaram antes, ou jamais desta maneira e portanto são particulares a este medicamento não se devendo esperar pelos mesmos no processo da doença, porém insignificantes, a ação do medicamento não deve ser interrompida no momento presente. Sintomas assim freqüentemente desaparecem sem interromper a atividade benéfica do remédio; mas, se forem de intensidade incômoda, não devem ser tolerados; num tal caso, são um sinal de que o medicamento antipsórico não foi escolhido da maneira homeopática correta. Sua atuação deve, nesse momento, ser detida por um antídoto ou, se não há um antídoto conhecido, deve ser dado em seu lugar um outro medicamento antipsórico que mais acuradamente responda aos sintomas; neste caso, estes falsos sintomas podem subsistir mais uns poucos dias ou talvez retornem mas em breve chegarão ao fim, sendo substituídos por uma ajuda melhor.

Menos do que tudo necessitamos preocupar-nos quando os costumeiros sintomas normais forem agravados e se manifestarem de modo mais proeminente nos primeiros dias e de novo em alguns dos dias seguintes, mas cada vez menos. Esta assim chamada agravação homeopática é o sinal de uma cura incipiente (dos sintomas agravados deste modo, naquele momento) que se pode com certeza aguardar que ocorra.

Mas, se estes sintomas originais agravados aparecem em dias subseqüentes ainda com a mesma força que no começo, ou inclusive com maior severidade, este é um sinal de que a dose deste remédio antipsórico, embora selecionado adequadamente de acordo com princípios homeopáticos, foi grande demais e deve ser percebido que por seu intermédio não será efetuada cura alguma; pois o medicamento em dose tão grande é capaz de determinar uma doença a qual, em certos aspectos, é similar a ele; face ao fato, porém, de que o medicamento em sua intensidade presente também se desdobra em seus outros sintomas os quais anulam a similaridade, ele produz uma doença crônica dissimilar em vez de uma similar e, de fato, uma mais severa e problemática, sem que por isso extinga a antiga doença original.

Isto será decidido durante os primeiros dezesseis, dezoito ou vinte dias de ação do medicamento que houver sido ministrado em dose grande demais e, nessa ocasião, deve ser interrompido seja pela prescrição de seu antídoto seja, caso este ainda não seja conhecido, pela administração de um outro medicamento antipsórico que se enquadre tão bem quanto possível e, de fato, *numa dose muito moderada*; se isto não for suficiente para extinguir esta doença medicamentosa prejudicial, deve ser dado ainda um outro que seja tão homeopaticamente apropriado quanto possível.¹²³

Então, quando o tempestuoso ataque causado por uma dose excessivamente

¹²³ Eu mesmo presenciei este acidente que é muito obstrutivo a uma cura e em relação ao qual todo cuidado é pouco. Ainda ignorando a força de seu poder medicinal, administrei *Sepia* em dose excessiva. Este problema ficou ainda mais manifesto quando dei *Lycopodium*.

grande de medicamento, apesar de homeopaticamente escolhido, tiver sido apaziguado por meio de um antídoto ou do uso posterior de alguns outros remédios antipsóricos, então, em ocasião futura, o mesmo remédio antipsórico – o qual havia sido danoso apenas por causa de sua dose excessiva – pode ser novamente usado e realmente tão logo quanto seja homeopaticamente indicado, com o maior êxito, apenas em dose *muito* menor e numa atenuação *muito* mais altamente potencializada, i.e., numa qualidade mais suave.

Na verdade, o médico não pode cometer erro pior do que *primeiro* considerar pequenas demais as doses que eu (forçado pela experiência) reduzi após múltiplas tentativas e que são indicadas em todos os remédios antipsóricos e, *segundo*, praticar uma escolha errada de um remédio e, *terceiro*, a precipitação que não permite a cada dose tempo para agir ao máximo.

Sobre o primeiro erro já falei e só acrescentaria que nada se perde se a dose for dada ainda menor do que a que eu prescrevi. *Dificilmente pode ser dada excessivamente pequena*, se apenas for evitado tudo na dieta e no modo remanescente de vida do paciente que venha a obstruir ou contrapor-se à ação do medicamento. O medicamento ainda irá produzir todos os bons efeitos que podem completamente ser esperados de um medicamento, apenas garantindo-se que o antipsórico foi homeopático, i.e., corretamente escolhido de acordo com a cuidadosa investigação dos sintomas da doença e se o paciente não interfere em seus efeitos violando as regras. Se eventualmente ocorrer que a escolha não foi feita corretamente, *permanece a grande vantagem de que o medicamento incorretamente escolhido em sua menor dose poderá, da maneira acima indicada, ser mais facilmente neutralizado*, a partir do quê a cura pode prosseguir sem mais delongas, com um antipsórico mais adequado.

Quanto ao segundo erro principal na cura das doenças crônicas (*a escolha não-homeopática do medicamento*), o principiante homeopático (fico constrangido em dizê-lo mas muitos permanecem principalmente a vida toda) peca principalmente pela falta de exatidão, pela ausência de zelo e pelo amor à comodidade.

Com a grande escrupulosidade que deve ser demonstrada na restauração de uma vida humana ameaçada pela doença, o homeopata deve, mais do que em qualquer outra coisa, se quiser agir de modo a ser digno de seu título, investigar primeiramente o estado total do paciente, a causa interna até onde possa ser recordada e a causa da continuação do transtorno, seu modo de vida, a qualidade de sua mente, de seu espírito e de seu corpo, juntamente com todos os seus sintomas (vide instruções no *Organon*) e, depois, deve cuidadosamente buscar no trabalho sobre Doenças Crônicas, bem como no trabalho sobre Matéria Médica Pura, o remédio que cubra em

e *Silicea* potenciados ao bilionésimo grau, em 4 a 6 glóbulos apesar de seu tamanho ser igual ao de sementes de papoula, *Discite moniti!**

* “Aprendendo com os erros!” (NT. bras.)

similaridade, tanto quanto possível, todos os momentos ou, pelo menos, os mais surpreendentes e peculiares, por meio de seus próprios sintomas peculiares; e para tal objetivo ele não deve satisfazer-se com nenhum dos repertórios existentes, falta essa de cuidado apenas freqüente demais pois tais livros só têm a pretensão de apontar ligeiras indicações quanto a um ou outro remédio que possa ser selecionado mas tais livros nunca devem desestimulá-lo de fazer suas pesquisas nas origens primordiais. Aquele que não se dá ao trabalho de palmirhar seu caminho através de todos os casos críticos e complicados de doença, e realmente com toda paciência e inteligência, contentando-se com as vagas pistas dos repertórios para escolher um remédio e que, deste modo, despacha rapidamente um paciente depois do outro, não merece o honorável título de homeopata genuíno devendo ser, isto sim, chamado de relapso (*bungler*) que por causa disso tem que modificar continuamente seus remédios até que o paciente perde sua paciência; e, na medida em que seus transtornos foram evidentemente apenas agravados, ele deve abandonar esse agravador de doenças por meio de quem a arte em si cai em descrédito, em lugar daquele indigno discípulo desta arte.

Este desgraçado amor à comodidade (em presença daquilo que exige o cuidado mais consciencioso) induz freqüentemente estes falsos homeopatas a darem seus remédios baseados apenas nas afirmações (muitas vezes problemáticas) de seu uso (*ab usu in morbis*)¹²⁴ as quais são enumeradas nas introduções aos medicamentos, método este que é completamente falho e que recende fortemente a alopatia, uma vez que estas afirmações só dão em geral uns poucos sintomas. Estas deveriam servir somente como confirmação de uma escolha realizada de acordo com as ações puras dos medicamentos, mas nunca para determinar a seleção de um remédio que só pode curar quando usado segundo a exata similitude de seus sintomas homeopáticos. Somos forçados a dizer, mas existem inclusive autores que aconselham que se siga este caminho empírico de erros!

O terceiro erro principal que o médico homeopata não pode evitar com cuidados excessivos nem com presteza exagerada enquanto trata de doenças crônicas – quando uma dose apropriadamente moderada de um medicamento antipsórico bem escolhido foi útil por vários dias – reside na administração apressada e impensada de algum outro medicamento com base na errônea suposição de que uma dose tão pequena possivelmente não poderia funcionar e ser útil por mais do que oito ou dez dias. Esta noção busca fundamentar-se na afirmação de que num ou outro dia, enquanto ainda com permissão para prosseguir em sua ação, os sintomas mórbidos que deveriam ser erradicados se apresentavam nalguma forma, de tempos em tempos.

Porém, se certa vez um medicamento porque foi escolhido de maneira homeo-

¹²⁴ “Conforme o uso em moléstias”. (NT. bras.)

pática correta, está agindo bem e de modo útil, o que é verificado em torno do oitavo ou décimo dias, então por uma hora ou até metade de um dia pode ocorrer novamente uma moderada agravação homeopática. Os bons resultados não deixarão de vir à tona mas, em transtornos muito insidiosos, podem não se manifestar no melhor de sua aparência antes do 24º. ou 30º. dias. A seguir, a dose terá provavelmente esgotado sua ação favorável em torno do 40º. ou 50º. dias e antes disso seria imprudente e um obstáculo ao progresso de curar dar qualquer outro medicamento, que não se pense, todavia, que deveríamos aguardar pouco pelo momento designado como o término da duração provável da ação antes de dar um outro medicamento antipsórico; que não se pense *que deveríamos apressadamente mudar para um novo medicamento assim de concluir a cura mais rapidamente*. A experiência contradiz inteiramente esta noção e ensina o contrário, que uma cura não pode ser alcançada mais rápida e seguramente do que permitindo-se ao antipsórico adequado que continue sua ação *enquanto a melhora continua* mesmo se isto ocorrer vários, e mesmo *muitos*¹²⁵ dias além do momento suposto, designado, para sua duração, de tal sorte assim retardando, enquanto for prático, a administração de um novo medicamento.

Aquele que conseguir refrear sua impaciência até este ponto irá alcançar seu objetivo mais segura e mais certamente. Somente quando os antigos sintomas que tiverem sido erradicados ou bastante diminuídos pelo último medicamento e pelos precedentes começarem a emergir de novo por alguns dias ou a serem novamente agravados de maneira perceptível, nessa ocasião é que mais seguramente se está em tempo de dar uma dose do medicamento mais homeopathicamente adequado. Podem decidi-lo apenas a experiência e a observação cuidadosa; e estas sempre decidiram ao longo de minhas múltiplas e exatas observações, de modo a não deixar qualquer dúvida.

Se agora considerarmos as grandes alterações que devem ser efetuadas pelo medicamento nas muitas e variadamente compostas partes incrivelmente delicadas de nosso organismo vivo, antes que um miasma crônico tão profundamente enraizado e, por assim dizer, tão parasiticamente envolvido com a economia de nossa vida como é a Psora, possa ser erradicado e a saúde então restabelecida; pode-se então ver muito bem quanto é natural que, durante a prolongada ação de uma dose do medicamento antipsórico homeopathicamente selecionado, possam em vários perí-

¹²⁵ Num caso em que *Sepia* se mostrara por completo homeopathicamente antipsórico em relação a uma dor de cabeça peculiar que aparecera em repetidos ataques, e no qual o transtorno havia sido diminuído tanto quanto à intensidade como quanto à duração, enquanto as pausas entre os ataques também haviam sido muito delongadas, ao reaparecerem os ataques eu repeti a dose o que então fez com que os ataques cessassem por 100 dias (conseqüentemente sua ação prosseguiu por tempo igual), depois o transtorno reapareceu até certo ponto o que criou a necessidade de uma outra dose, após a qual não aconteceu nenhum outro ataque agora há já sete anos, portanto, período em que a saúde afora isso esteve perfeita.

dos ser efetuados ataques por parte daquela sobre o organismo, como se fossem flutuações ondulantes no decorrer desta prolongada doença. A experiência demonstra que quando por vários dias houve uma melhora, irão novamente aparecer meias-horas, horas inteiras ou várias horas nas quais o caso parece piorar; mas estes períodos, na medida em que apenas os transtornos originais são renovados e em que não se apresentam quaisquer sintomas severos novos, mostram somente uma melhora continuada, sendo aquelas agravações homeopáticas que não obstaculizam e sim avançam a cura, uma vez que só são ataques benéficos renovados¹²⁶ à doença quanto tendam a aparecer às vezes dezesseis, vinte ou vinte e quatro dias após a tomada de uma dose do medicamento antipsórico.

Regra geral, portanto, o medicamento antipsórico nas doenças crônicas continua agindo por um tempo ainda maior quanto mais insidiosas são as doenças. Mas *vice-versa*, também aqueles medicamentos que no corpo saudável mostram um longo período de ação só agem por um curto período e de modo rápido nas doenças agudas que velozmente percorrem seu curso (por exemplo, Belladonna, Sulphur, Arsenicum etc.) e seus períodos de ação são mais curtos quanto mais agudas são as doenças. Por conseguinte, o médico deve permitir, nas doenças crônicas, a todos os remédios antipsóricos uma atuação de trinta, quarenta ou até cinqüenta dias ou mais *por si próprios*, desde que continuem a melhorar o estado de doença de maneira perceptível ao observador arguto, apesar de fazê-lo gradualmente; pois, enquanto prosseguem os bons efeitos com as doses indicadas estas não devem sofrer interferência nem ser detidas por qualquer remédio novo.¹²⁷

Porém, se estes medicamentos antipsóricos apropriadamente selecionados não

¹²⁶ No entanto, tais ataques ocorrem durante a continuidade da ação do remédio sempre e mais rara e mais debilmente se o remédio antipsórico foi selecionado adequadamente e homeopathicamente e se a dose foi moderada, mas se as doses foram fortes demais os ataques aparecem mais freqüentemente e mais fortemente em detrimento do paciente.

¹²⁷ A importância de se evitar os dois erros acima mencionados dificilmente será percebida pelos médicos. Estas verdades grandes e puras ainda serão questionadas durante anos inclusive pela maioria dos médicos homeopatas e não serão portanto postas em prática devido a reflexão teórica e ao pensamento dominantes: “É necessário um esforço considerável para crer que uma coisa tão pequena, uma dose tão prodigiosamente pequena de medicamento, possa efetuar a menor coisa que seja no corpo humano, especialmente quando se trata de confrontar doenças tão enormemente grandes e insidiosas; o médico deve parar de racionar para que possa crer que estas doses prodigiosamente pequenas consigam atuar não só durante dois ou três dias mas inclusive durante vinte, trinta e quarenta dias e ainda mais tempo, causando até o último dia de sua atuação efeitos benéficos importantes que seriam inatingíveis de outro modo.” Sem embargo, este teorema verdadeiro não deve ser reconhecido entre aqueles que deveriam ser compreendidos, nem entre aqueles para os quais *peço uma fé cega*. Não exijo fé alguma e não exijo que pessoa alguma deva entendê-lo. Tampouco eu o comprehendo; basta que seja um fato e nada mais. A experiência em si o atesta e eu acredito mais na experiência do que em minha

têm permissão para agirem o tempo todo que for necessário, quando estão agindo bem, o tratamento todo de nada servirá. Um outro remédio antipsórico que poderá ser de tanta utilidade em outra oportunidade, mas que é prescrito cedo demais e antes de cessar a ação do remédio atual, ou uma dose nova do mesmo remédio que ainda está agindo de maneira útil, não podem em caso algum substituir o bom efeito que ficou perdido em meio à interrupção da ação completa do remédio precedente o qual estava benéficamente agindo e que dificilmente pode ser novamente substituído.

É uma regra fundamental no tratamento das doenças crônicas: permitir que a ação do remédio que foi selecionado de modo homeopaticamente apropriado ao caso da doença, a qual foi cuidadosamente investigada quanto a seus sintomas, chegue a uma conclusão imperturbada, enquanto ele visivelmente faça progredir a cura e enquanto a melhora ainda progride de maneira perceptível. Este método proíbe qualquer nova prescrição, qualquer interrupção por um outro medicamento e

própria inteligência. Mas quem irá arrogar-se o poder de avaliar as forças invisíveis que mantinham-se latentes no interior da natureza morta para o de um instrumento novo e até esse instante não descoberto, como o é a potencialização obtida de triturações, sucussões contínuas e prolongadas. Aquele, porém, que não se permitir ser convencido disto e que portanto não irá imitar o que ensino agora depois de muitos anos tentando e experimentando (e o que arrisca o médico se o imitar exatamente?), aquele que não está disposto a imitá-lo exatamente pode deixar sem solução este que é o maior problema de nossa arte, ele pode também deixar sem cura as mais importantes doenças crônicas, do modo como permaneceram não sanadas até então; na realidade, até a época de meus ensinamentos. Nada mais tenho a dizer a tal respeito. Pareceu-me ser meu dever publicar essas grandes verdades ao mundo que delas necessita, sem me preocupar se as pessoas podem sentir-se compelidas a segui-las exatamente ou não. Se não for praticada com exatidão, que ninguém se vanglorie de me haver imitado, nem espere obter bom resultado.

Recusamo-nos a imitar algum funcionamento até que as maravilhosas forças da natureza sobre as quais o resultado se baseia sejam claramente postas frente a nossos olhos e feitos compreensíveis até para uma criança? Não seria tolice recusarmo-nos a tirar fáscias da pedra e do sílex por não compreendermos de que modo podem estes corpos conter tantas calorias combinadas, ou de que modo esse pode ser extraído pela fricção ou choque de modo tal que as partículas de aço eliminadas pela fricção com o metal duro sejam derretidas e, na qualidade de bolinhas incandescentes, façam com que a mecha pegue fogo? E apesar disso fazemos fogo deste modo, sem compreendermos nem entendermos este milagre da inextinguível caloria oculta no aço frio, nem a impossibilidade de acioná-lo por meio de uma fricção. Mais uma vez, seria igualmente tão tolo se nos recusássemos a aprender a escrever por não podermos compreender como pode uma pessoa comunicar seu pensamento a uma outra usando caneta, tinta e papel e, não obstante, comunicamos nossos pensamentos a um amigo numa carta sem sermos capazes nem estarmos desejosos de compreender este milagre psicofísico.

Por que então deveríamos hesitar em dominar e curar os mais amargos inimigos da vida de nossos companheiros, as doenças crônicas, segundo as orientações apontadas que obedecidas fielmente, são o melhor caminho possível porque não vemos o modo pelo qual estas curas são realizadas?

também proíbe a *imediata repetição do mesmo remédio*. Tampouco pode haver algo mais desejável para o médico do que assistir o progresso do paciente continuando até o final, desimpedido de entraves e de forma perceptível. Não há poucos casos nos quais o homeopata cuidadoso e experiente vê que uma única dose de seu remédio, selecionado de modo a ser perfeitamente homeopático, inclusive numa doença crônica muito severa, continua ininterruptamente a diminuir o transtorno durante várias semanas, e mesmo meses, até à recuperação, algo que não poderia ter sido melhor esperado de qualquer outro modo e que não poderia ter sido efetuado por um tratamento de várias doses ou de diversos medicamentos. A fim de tornar de algum modo inteligível a possibilidade deste processo, podemos pressupor, o que não é muito improvável, que um remédio antipsórico, selecionado o mais acuradamente segundo os princípios homeopáticos, inclusive na menor dose de uma potência elevada ou da mais elevada, possa manifestar uma força curativa tão prolongada e, finalmente, a cura, provavelmente só *por intermédio de uma determinada infecção com uma doença medicamentosa muito similar que domine a doença original* através do processo da própria natureza, segundo o qual (*Organon*, § 45, 5^a. edição) duas doenças que são diferentes verdadeiramente quanto a seu tipo mas muito similares em suas manifestações e efeitos, bem como nos transtornos e sintomas por elas provocados, quando se encontram no organismo, a doença mais forte (que é sempre a causada pelo medicamento, § 33, ibid.) destrói a mais fraca (a natural). Neste caso, todo novo medicamento e também uma nova dose do mesmo medicamento irá interromper o trabalho de melhora e irá causar novos transtornos, interferência esta que freqüentemente não pode ser reparada por muito tempo.

Mas se quaisquer efeitos desfavoráveis evoluem em razão da dose atual do medicamento, i.e., sintomas problemáticos que não pertencem a esta doença, e se a mente do paciente torna-se deprimida a princípio só um pouco e depois cada vez mais, então a dose seguinte do mesmo medicamento, administrada imediatamente após a primeira, não pode senão tornar-se lesiva ao paciente. Todavia, quando uma grande e surpreendente melhora de um grande transtorno insidioso segue-se imediatamente à primeira dose de um medicamento, levanta-se justificadamente grande suspeita de que o remédio só tenha atuado paliativamente e portanto não deva jamais ser novamente administrado, inclusive depois da intervenção de diversos outros remédios.

Apesar de tudo, existem casos que fazem exceção à regra mas que nem todos os principiantes deveriam arriscar descobrir.¹²⁸

A única exceção permitível para uma *repetição imediata do mesmo medica-*

¹²⁸ Ainda tem havido ultimamente muito abuso desta repetição imediata de doses do mesmo medicamento, porque os jovens homeopatas consideraram mais conveniente repetir sem exames um medicamento que de começo se havia descoberto ser homeopaticamente adequado e que portanto se havia no início mostrado mais útil, chegando até a repeti-lo freqüentemente, sem exames, a fim de curar mais rapidamente.

mento é quando a dose de um remédio bem escolhido e adequado e benéfico em todos os sentidos tiver feito algo a título de começo de uma melhora mas sua ação tiver cessado rápido demais, quando seu poder tiver se esgotado cedo demais e a cura não prosseguir mais adiante. Isto é raro em doenças crônicas, mas nas doenças agudas e nas doenças crônicas que emergirem como estado agudo este é freqüentemente o caso. É somente então, como poderá reconhecê-lo um observador experiente, *quando os sintomas peculiares da doença a ser tratada, depois de catorze, dez, sete e inclusive menos dias, cessam visivelmente de diminuir de modo que a melhora estacou de forma manifesta, sem qualquer perturbação da mente e sem o aparecimento de quaisquer novos e problemáticos sintomas, de tal sorte que o primeiro medicamento ainda seria perfeitamente apropriado a nível homeopático*, somente então, digo, é útil e provavelmente necessário dar uma dose do mesmo medicamento em quantidade similarmente pequena, mas mais seguramente em grau diferente da potência dinâmica.¹²⁹ Quando o remédio é modificado deste modo, a força vital do paciente permitir-se-á mais facilmente ser ainda mais afetada pelo mesmo medicamento, a fim de efetuar por seu intermédio tudo que possa ser esperado deste medicamento e neste transtorno.¹³⁰

Para dar um exemplo: uma erupção de sarna recém-surgida pertence àquelas

Podemos declarar de imediato que esta última prática, a qual tem inclusive sido recomendada em jornais públicos, de dar ao paciente diversas doses do mesmo medicamento para que as leve consigo a fim de poder ele mesmo tomá-las a intervalos certos, sem considerar se esta repetição poderá ou não afetá-lo negativamente, parece demonstrar um empirismo negligente e ser indigna de um médico homeopata, o qual não deveria permitir que uma nova dose do medicamento fosse tomada ou dada sem se convencer antecipadamente em todos os casos quanto a sua utilidade.

¹²⁹ Se, por exemplo, ele houver sido primeiramente dado na 30^a. potência, será dado agora talvez na 18^a. e se se decidir que uma repetição será novamente benéfica e necessária, poderíamos posteriormente administrá-lo na 24^a. e mais tarde, talvez, também na 12^a. e na 6^a. etc., se por exemplo a doença crônica tiver adotado um caráter agudo. Uma dose de medicamento pode também ter sido subitamente neutralizada e aniquilada por um erro grave no regime do paciente, quando talvez uma dose do medicamento útil anterior poderá ser mais uma vez dada, nas modificações acima citadas.

¹³⁰ Nos casos em que o médico está seguro quanto ao específico homeopático a ser usado, a primeira dose atenuada pode também ser dissolvida em cerca de quatro onças (113 gramas) de água mexendo-a*, sendo que um terço pode ser bebido de imediato e a segunda e terceira porções nos dias subsequentes; mas a cada vez deve ser novamente mexida a fim de aumentar a potência e portanto modificá-la. Deste modo, o remédio parece adquirir um impacto mais profundo no organismo e acelerar a recuperação nos pacientes que são vigorosos e não demasiadamente sensíveis.

* stir, stirred, stirring = mexer (líquidos) (NT. bras.)

doenças que podem permitir o mais rapidamente a repetição da dose (Sulphur) e que realmente o permitem tanto mais freqüentemente quanto mais imediatamente após a infecção da sarna se iniciar o tratamento, na medida em que desta forma aproxima-se da natureza de uma desordem aguda, pedindo remédios em doses mais freqüentes do que quando tinha permanecido sobre a pele por algum tempo. Mas esta repetição só deve ser permitida quando a dose precedente houver em grande parte esgotado sua ação (após seis, oito ou dez dias) e a dose deverá ser tão pequena quanto a precedente e administrada numa potência diferente. Apesar disso, num caso destes é muitas vezes útil, respondendo a uma ligeira modificação de sintomas, interpor às doses de Sulphur puro, uma pequena dose de *Hepar sulphuris calcareum*. Este também deve-rá ser dado em várias potências, se vierem a ser necessárias várias doses de tempos em tempos. Muitas vezes, também, segundo as circunstâncias, uma dose de Nux vomica (X), ou uma de Mercurio (X)¹³¹, podem ser intercaladas.

Excetuando Sulphur, Hepar sulphuris e, em alguns casos, Sepia, os outros remédios antipsóricos podem raramente ser dados de modo útil em doses imediatamente repetidas. Com efeito, dificilmente são alguma vez necessários nas doenças crônicas, na medida em que temos um suprimento excelente de remédios antipsóricos à nossa disposição, de modo que tão logo um remédio bem selecionado tenha completado sua ação e apareça uma mudança nos sintomas, i.e., uma mudança na imagem total da doença, um outro remédio antipsórico homeopaticamente apropriado ao caso alterado pode ser escolhido para maior vantagens e com uma perspectiva mais certa de acelerar a cura do que se corréssemos o risco de prescrever o medicamento anterior o qual já não é mais adequado de modo algum. Apesar disso, em casos muito insidiosos e complexos, os quais são principalmente aqueles que foram erroneamente abordados pelo tratamento alopático, é quase que sempre necessário dar de novo, de tempos em tempos, durante o tratamento, uma dose de Sulphur ou de Hepar sulphuris (de acordo com os sintomas), inclusive para os paciente que antes foram medicados com grandes doses alopáticas de Sulphur e com banhos sulfurosos; mas então, somente depois de uma dose prévia de Mercurio (X).

Nos casos em que, como geralmente acontece nas doenças crônicas, são necessários vários remédios antipsóricos, a mudança súbita mais freqüente dos mesmos é um sinal de que o médico não selecionou nem um nem outro de maneira apropriadamente homeopática e não fez uma investigação adequada dos sintomas predominantes do caso antes de prescrever um novo remédio. Este é um erro freqüente no qual incorre o médico homeopata frente a casos urgentes de doenças crônicas mas ainda mais freqüente tem pressa excessiva em doenças agudas, especialmente quando o

¹³¹ Não é necessário enfatizar que o paciente de sarna durante um tal tratamento deve evitar todas as aplicações externas, conquanto possam parecer inócuas, por exemplo, lavar-se com sabão preto.

paciente é pessoa muito querida. Não há como eu possa ser exagerado quanto à relevância de advertir contra esta falha.

Depois o paciente naturalmente entra num tal estado de irritação que, como dizemos, medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos¹³², e de tal modo que o poder de resposta no paciente corre perigo de acender-se bruscamente e expirar à menor dose subsequente de medicamento. Num caso assim, não há qualquer benefício adicional a ser extraído do medicamento, mas pode mostrar-se útil um toque mesmérico calmante efetuado desde o alto da cabeça (onde ambas as mãos espalmadas deverão repousar durante um minuto aproximadamente) e lentamente deslizando para baixo sobre o corpo, passando pela garganta, ombros, braços, mãos, joelhos e pernas, até chegar nos pés e artelhos. Isto pode ser repetido se for necessário.

Uma dose de medicamento homeopático pode ser também moderada e atenuada permitindo-se ao paciente¹³³ que cheire¹³⁴ um pequeno glóbulo umedecido com o remédio selecionado, numa potência elevada, colocado num frasco cuja boca é posta junto à narina do paciente, o qual aspira (draws) apenas uma pequena e momentânea exalação do mesmo. Através de uma destas inalações, os poderes de qualquer medicamento potencializado podem ser comunicados ao paciente em qualquer grau de força. Um ou mais destes glóbulos medicados e até aqueles de tamanho maior podem colocar-se no frasco de cheirar e, permitindo-se ao paciente que aspire exalações maiores ou mais fortes, a dose pode ser aumentada uma centena de vezes, comparada com a menor de todas mencionada antes. O período de ação do poder de um medicamento potencializado e ingerido por inalações deste tipo, disseminado por uma superfície tão extensa (como seja a das narinas e dos pulmões), dura tanto quanto o de uma pequena dose maciça ingerida pela boca e garganta.

Tais glóbulos medicamentosos, conservados num frasco arrolhado, retêm seu poder medicinal bastante intacto, mesmo se o frasco for aberto algumas vezes, ao longo de muitos anos, com o objetivo de fazer inalação, i.e., se o frasco for preservado da luz do sol e do calor. Este método pelo qual se permite que o paciente seja trabalhado pela

¹³² Considero impossível que uma dose homeopaticamente potencializada de medicamento possa alguma vez falhar quanto a causar um efeito dentro de um tratamento conduzido com cuidado; jamais passei por tal experiência.

¹³³ No original alemão, “äussert reizbare”, que significa “extremamente excitável”; esta expressão acompanha o termo “paciente”. (NT. bras.)

¹³⁴ Até pessoas nascidas sem o sentido do olfato ou que o perderam por força da doença podem esperar um auxílio igualmente eficiente se inspirarem o vapor imperceptível (procedente do medicamento e contido no frasco) por uma ou outra das narinas, como se dá com aqueles bem dotados do sentido do olfato. Decorre daí que os nervos que meramente possuem o sentido do tato recebem a salutar impressão e a comunicam de maneira infalível a todo o sistema nervoso.

inalação do medicamento potencializado apresenta grandes vantagens nos multivariados percalços que freqüentemente obstruem e interrompem o tratamento das doenças crônicas. O paciente também pode receber melhor, em força maior ou menor, por meio da inalação, o antídoto para remover estes obstáculos tão rápido quanto possível, o qual age o mais rapidamente nos nervos e assim também garante a mais imediata assistência, por intermédio da qual também o prosseguimento do tratamento da doença crônica é retardado ao máximo. Quando o contratempo tiver sido eliminado deste modo o mais aceleradamente, o medicamento antipsórico ingerido antes freqüentemente retoma sua ação interrompida por algum tempo. Mas a dose do medicamento inalado deve ser tão proporcional à interrupção mórbida que seus efeitos sejam justamente o necessário para extinguir a desvantagem decorrente daquele revés, sem atuar em nenhum nível mais profundo, sem ser capaz de continuar mais adiante seu funcionamento.

Se um médico homeopata, escrupuloso na ocasião errada, indagar de mim como poderia preencher os muitos dias após dar uma dose, de modo que ela possa continuar imperturbada sua ação durante esse tempo longo já mencionado, e assim sem prejudicá-lo, satisfazer o paciente que pede o medicamento todo dia¹³⁵, eu responderia em duas palavras que ele deveria receber todo dia, na hora de costume, à guisa de medicamento, uma dose de açúcar de leite, de cerca de três grãos, a qual deverá ser marcada com números contínuos, como de hábito.¹³⁶ Faço aqui a

¹³⁵ Nenhum costume antigo das pessoas, apesar de ser sempre tão daninho, pode evitar de permitir a um novo paciente crônico que tome pelo menos um pouco de pó por dia; a diferença entre isto e as muitas doses medicamentosas dos alopatas ainda é muito grande. Enquanto tomar diariamente este pó, obedecendo aos números, será um grande benefício ao pobre paciente que freqüentemente é intimidado pelos difamadores da melhor arte médica se ele não sabe que há ou não uma dose de medicamento em cada pó, nem, de novo, em qual dos pós? Se ele soubesse deste último e devesse saber que o número de hoje contém o medicamento do qual tanto espera sua imaginação poderia muitas vezes armar-lhe uma maliciosa cilada e ele imaginaria estar tendo sensações e sentindo alterações em seu corpo as quais não existem; ele observaria sintomas imaginários e viveria com uma mente continuamente inquieta; mas se diariamente toma uma dose e diariamente não observa qualquer ataque malicioso à sua saúde, sua disposição torna-se mais equilibrada (a experiência lhe ensina: ele não espera efeitos desagradáveis e então irá calmamente perceber as modificações em seu estado que estão concretamente presentes e portanto só poderá relatar a verdade para seu médico. Por força disto, o melhor é que ele tome diariamente seu pó, sem saber se existe ou não medicamento em todos eles ou só num deles; deste modo, ele não irá esperar mais do pó de hoje do que do de ontem ou do pó do dia anterior*).

* Duplo cego (NT. bras.)

¹³⁶ Pacientes crônicos que confiam firmemente na honestidade e na capacidade de seu médico ficarão satisfeitos, sem dúvidas ou desconfianças ao receber uma destas doses de açúcar de leite a cada dois, quatro ou sete dias, de acordo com a disposição de cada pessoa e, sem embargo, conservam uma confiança sólida como de fato é apenas justo e razoável.

observação que considero o açúcar de leite, usado deste modo, como um inestimável presente de Deus.¹³⁷

Não podemos nos lisonjear infundadamente a respeito da escolha do medicamento antipsórico dado ter sido correta ou alimentar a ilusão de que fará progredir a cura de uma doença crônica se ele destruir rápida e inteiramente, como se por um toque de mágica, os mais problemáticos sintomas, dores antigas, grandes e contínuas, espasmos tónicos ou clônicos etc., de tal modo que o paciente quase que imediatamente após ingerir o medicamento se imagina tão livre dos sofrimentos quanto se já estivesse restabelecido, como se estivesse no céu. Este efeito enganoso demonstra que o medicamento aí atua enantiopaticamente como oposto ou paliativo e que, nos dias seguintes, nada mais podemos esperar desde remédio senão uma agraviação da doença original. Nessa ocasião, tão logo esse progresso ilusório no espaço de poucos dias novamente comece a tornar-se agraviação é chegado o momento propício ou de se aplicar o antídoto deste medicamento ou, quando isto não puder ser feito, o medicamento que homeopaticamente seja o mais apropriado. Muito raramente este tal remédio enantiopático fará algum bem futuramente. Se o medicamento que assim é imediatamente antipático no começo, i.e., que parecia assim aliviar, inclinar-se à ação recíproca, é possível que quando acontecer a agraviação desta dose, uma segunda dose do mesmo remédio possa produzir o contrário e, deste modo, propiciar uma melhoria duradoura, como percebi pelo menos em Ignatia.

Nestes casos podemos também usar com sucesso, para os transtornos que decorrem em poucos dias de um tal remédio antipático, um dos medicamentos restantes do considerável rol estabelecido na *Matéria Medica Pura*, no “Archiv der homeopathischen Heilkunst” ou nos “Annalen”. Isto pode ser feito durante alguns

¹³⁷ Houve alguns puristas ansiosos que tinham receio de que mesmo o açúcar puro de leite, tanto em si quanto alterado pela longa trituração, pudesse ter efeitos medicamentosos. Este receio porém é vão e completamente isento de fundamentos, como determinei por meio de experimentos muito precisos. Podemos usar o açúcar puro de leite, em estado bruto, como um alimento e prová-lo em quantidades consideráveis, sem qualquer alteração na saúde, assim como também o açúcar triturado. Mas, a fim de ao mesmo tempo destruir o medo que havia sido propagado por alguns hipocondríacos, medo de que por uma longa trituração de apenas açúcar de leite, ou pela potencialização de medicamentos, um pouco do almofariz de porcelana (Sílica) pudesse descascar pela fricção, o qual sendo potencializado por esta mesma trituração teria chances de tornar-se Silicea fortemente ativa (1), tomei de um novo recipiente de porcelana para triturações do qual o polimento havia sido eliminado, bem como de uma mão de almofariz nova, de porcelana, e fiz com que cem grãos de açúcar puro de leite, divididos em porções de trinta e três grãos, fossem triturados dezoito vezes durante seis minutos por vez e raspados em igual freqüência durante quatro minutos por uma espátula de porcelana, a fim de desenvolver por meio desta potente trituração de três horas um pó medicamentoso de açúcar de leite, ou de sílica, ou de ambos; mas meu preparado continuou tão indiferente e não-medicamentoso quanto o açúcar de leite em estado bruto, meramente nutritivo, algo de que me convenci por meio de experimentações em pessoas muito sensíveis.

dias até a doença Psora retornar seu curso rotineiro habitual, quando então deve ser aplicado um medicamento antipsórico selecionado homeopaticamente, a fim de prosseguir a cura.

Entre os contratemplos que perturbam o tratamento apenas de modo temporário, enumero: sobrecarga para o estômago (isto pode ser remediado pela fome, i.e., pela ingestão de apenas um pouco de sopa rala ao invés de refeição com um pouco de café); desordem do estômago por causa de carne gordurosa, especialmente depois de comer porco (a ser curada por jejum e *Pulsatilla*); uma desordem do estômago que cause sensação de algo que sobe do estômago, depois de comer, especialmente náusea e inclinação ao vômito (por *Antimonium crudum* em elevada potência); resfriamento do estômago por comer frutas (cheirando *Arsenicum*); problemas decorrentes de bebidas alcoólicas (*Nux vomica*); desordem do estômago com febre gástrica, tendência a calafrios e frio (*Bryonia alba*); susto (quando o medicamento pode ser dado de imediato e especialmente quando o susto provoca timidez, com *suco de papoula* (*Opium*); mas se o atendimento só pode ser prestado mais tarde, ou quando se somam a contrariedade e o susto, por *Aconitum*; mas se a tristeza for causada pelo susto, *sementes de Ignatia*); contrariedade que causa raiava, violência, calor, irritação, por *Chamomilla*, (mas se além da contrariedade existe tendência a calafrios e a frialdades do corpo, por *Bryonia*); contrariedade com indignação, com profunda sensação interna de mortificação (acompanhada pelo atirar longe do que estiver nas mãos), por *Staphisagria*; indignação com mortificação interna silenciosa (por *Colocynthis*); amor mal-sucedido com pesar silencioso (por *Ignatia*); amor infeliz com ciúme (por *Hyoscyamus*); um frio severo (logo ao sair de casa ou da cama) por *Nux vomica*; quando resulta diarréia, por *Dulcamara*; ou se seguida por dores, *Coffea cruda*; ou se seguida por febre e calor, por *Aconitum*; um frio que é seguido por ataques de sufocação (por *Ipecacuanha*); frios seguidos por dores e uma tendência a chorar (por *Coffea cruda*); frio com coriza consequente e uma perda dos sentidos do olfato e paladar (por *Pulsatilla*); levantar alguma coisa de mal jeito ou luxação (às vezes por *Arnica* mas com mais certeza por *Rhus toxicodendron*); contusões e feridas inflingidas por instrumentos cegos (por *Arnica*); queimaduras da pele (por compressas de água misturada com uma diluição de *Arsenicum* altamente potencializado ou aplicação ininterrupta durante horas de álcool aquecido por meio de água muito quente); fraqueza decorrente da perda de fluidos e sangue (por *China*); saudade (homesictioness), com vermelhidão das bochechas (por *Capsicum*).

Porém, durante o tratamento das doenças crônicas por remédios antipsóricos muitas vezes necessitamos do outro estoque de medicamentos não antipsóricos para os casos nos quais doenças epidêmicas ou doenças intermediárias (*morbi intercurrentes*) geralmente decorrentes de causas meteóricas e telúricas que causam ataques a nossos pacientes crônicos, deste modo não só perturbando temporariamente o tratamento, mas inclusive *interrompendo-o* por tempo maior. Nestes casos,

terão que ser usados os outros remédios homeopáticos motivo pelo qual não entrarei em detalhes a tal respeito exceto para dizer que o tratamento antipsórico terá que ser logo interrompido por completo enquanto durar o tratamento da doença epidêmica que também acometeu nosso paciente (crônico), mesmo se nos piores casos forem perdidas algumas semanas. Mas também aqui, se a doença não for excessivamente severa, o método acima mencionado de aplicar o medicamento pela inalação de um glóbulo umedecido, freqüentemente é o suficiente para ajudar e a cura da doença aguda pode desta forma ser extraordinariamente abreviada.

O médico homeopata inteligente irá em breve observar o momento em que seus remédios terão completado a cura da doença epidêmica intermediária¹³⁸ e no qual o curso peculiar da moléstia crônica (psórica) tem prosseguimento.

Entretanto, os sintomas da doença crônica original serão verificados sempre, com alguma variação, após a cura desta doença intermediária reinante. Encontrar-se-á que também uma outra parte do corpo está em sofrimento, de tal sorte que o médico

¹³⁸ Em geral, estas doenças epidêmicas intermediárias aparecem na forma de uma febre (se não os miasmas permanentes, varíola, sarampo, disenteria, coqueluche etc.). Há febres de vários tipos: a febre aguda contínua, ou a lenta e renitente, ou a febre intermitente. Febres intermitentes aparecem praticamente todos os anos numa forma ligeiramente alterada. Desde que aprendi a curar doenças e moléstias crônicas pela aniquilação homeopática de sua fonte psórica, encontrei as febres intermitentes de ocorrência epidêmica praticamente todos os anos diferentes em seu caráter e em seus sintomas e portanto exigindo praticamente a cada ano um medicamento diferente para sua cura específica. Um ano demandam Arsenicum, noutro Belladonna, noutro Antimonium crudum, ou Spigelia, Aconitum, com Ipecacuanha, alternando com Nux vomica, Sal ammoniacum, Natrum muriaticum, Opium, Cina, sozinha ou em alternância com Capsicum, ou só Capsicum, Menyanthes trifoliata, Calcarea carbonica, Pulsatilla, um dos dois carbos, Arnica, sozinha ou alternando com Ipecacuanha e, com estes, as febres foram curadas em poucos dias. Na realidade, eu não exceutaria nem um dos medicamentos não-antipsóricos se só forem homeopáticos ao complexo total dos sintomas da febre prevalente, tanto em seus ataques quanto em sua apirexia (vide von Boenninghausen, Versuch e. hom. Therapie d. Wechselfiebers, 1833, Muenster), mas quase sempre eu exceutaria cinchona pois esta só pode *suprimir seu tipo* em doses muito grandes e em forma concentrada (como quinino) e, a seguir, transforma-a numa caquexia de quinino, que é difícil de curar (*China* só é apropriada à febre intermitente *endêmica* nas regiões pantanosas e inclusive estas só podem ser corretamente curadas por aquelas em associações com remédios antipsóricos). Inclusive no início do tratamento de uma febre intermitente *epidêmica*, o médico homeopata está mais seguro se der a cada vez uma dose atenuada de Sulphur, ou nos casos apropriados Hepar sulphuris num glóbulo pequenino ou inalando-o, aguardando depois seus efeitos durante alguns dias até cessar a melhora daí resultante, quando somente então é que dará numa ou em duas doses atenuadas o medicamento não-antipsórico que se houver descoberto ser homeopaticamente apropriado à epidemia daquele ano. Todavia, estas doses deveriam ser dadas somente ao final de um ataque. *Com todos os pacientes de febre intermitente, a Psora está essencialmente envolvida em cada epidemia*, razão pela qual uma dose atenuada de Sulphur ou de Hepar sulphuris é necessária no início de cada tratamento da febre intermitente epidêmica, tornando mais certa e fácil a recuperação do paciente.

homeopata escolherá seu remédio antipsórico de acordo com a totalidade dos sintomas remanescentes, não dando simplesmente aquele que tinha intenção de dar antes do aparecimento da doença intermediária.

Quando o médico é chamado para tratar uma destas doenças reinantes num paciente a quem antes não havia atendido como paciente crônico, não infrequentemente irá ele verificar, especialmente se a febre foi considerável, que, após tê-la sobrepujado pelo uso de remédios que se mostraram homeopaticamente específicos em outros pacientes deste tipo, não se segue o completo restabelecimento da saúde mesmo com uma boa dieta e um bom modo de vida e que incidentes de um outro tipo irão manifestar-se (geralmente denominados de males posteriores ou doenças secundárias), sendo que estes irão gradualmente se agravando e ameaçando tornar-se crônicos. Aqui, o médico homeopata quase sempre terá que enfrentar uma Psora que está se desenvolvendo numa doença crônica a qual deverá ser curada segundo os princípios aqui ditados.

Eis aqui uma outra oportunidade adequada para observar que grandes doenças epidêmicas como varíola, ataque de púrpura, febre escarlate, coqueluche, disenteria outonal e tifóide, depois de completarem seu curso, especialmente sem um tratamento homeopático criterioso, deixam o organismo tão abalado e irritado que, em muitas pessoas que parecem recuperadas, a Psora que antes estava adormecida e latente agora acorda rapidamente, seja na forma de erupções semelhantes à sarna¹³⁹, seja outras desordens crônicas que então atingem um alto grau, num breve lapso de tempo, se não forem apropriadamente tratadas de maneira antipsórica. Isto é devido à grande exaustão do organismo que ainda prevalece. Quando, depois de todo um tratamento inadequado, um paciente destes morre, como é freqüentemente o caso, o médico alopata declara que seu falecimento é devido às *seqüelas* da coqueluche, do sarampo etc.

Entretanto, estas *seqüelas* são as inúmeras doenças crônicas nas incontáveis formas da Psora desenvolvida que até agora não tinham sido esclarecidas quanto à sua origem, tendo consequentemente permanecido sem cura.

Portanto, febres epidêmicas e esporádicas, bem como as doenças miasmáticas agudas, se não terminam rapidamente, passando sem obstáculos para uma boa saúde (inclusive quando a parte epidêmica e miasmática aguda houver encontrado um espe-

¹³⁹ Quando uma tal erupção aparece, seja em que quantidade for, é chamada pelos escritores de *scabies spontanea* (sarna espontânea), uma simples quimera, coisa não-existente pois, até onde a história alcança, sarna alguma jamais irrompeu exceto decorrente de infecção e não pode então despontar de novo por si mesma sem a infecção pelo miasma da sarna. Mas este fenômeno depois de uma febre aguda nada mais é do que a erupção secundária tão freqüentemente mencionada acima e que decorre da Psora adormecida e latente que resta interna após a repressão (ou mais raramente o desaparecimento gradual), da pele, da erupção original de sarna. Freqüentemente, esta erupção deixa a pele por si mesma e nunca foi provado que tenha infectado quaisquer outras pessoas com a sarna.

cífico homeopático que justamente tenha sido utilizado no combate à mesma), freqüentemente necessita de uma assistência antipsórica que, no geral, tenho encontrado em sulphur, se o paciente não houver usado pouco antes um medicamento contendo sulphur, em cujo caso terá que ser usado um outro antipsórico apropriado ao caso em questão.

As doenças epidêmicas, com sua obstinação surpreendente, dependem quase por completo de uma complicação psórica ou de uma Psora modificada pela peculiaridade da natureza de sua localização (e pelo modo de vida especial de seus habitantes) de tal modo que, por exemplo, numa febre intermitente oriunda de uma região pantanosa, os pacientes, mesmo que depois retirados para uma região seca, continuam freqüentemente sem cura apesar de todo o uso de China, a menos que o tratamento antipsórico seja utilizado especialmente. A exalação dos pântanos parece ser uma das mais fortes causas físicas do desenvolvimento da Psora latente no interior de uma grande quantidade de pessoas¹⁴⁰ e isto principalmente em países quentes. Sem um uso praticamente regular do melhor método antipsórico de cura, jamais obteremos sucesso na erradicação das qualidades assassinas dos climas úmidos e na sua transformação em regiões passavelmente saudáveis e habitáveis. O homem pode acostumar-se a graus extremos de calor atmosférico bem como ao frio mais violento e, em ambos os extremos, pode viver alegremente e com saúde. Por que ele não seria capaz de acostumar-se às regiões palustres tão igualmente bem quanto às mais secas regiões montanhosas se não existisse um até agora desconhecido e imbatido inimigo da vida vigorosa e da saúde duradoura, que jaz emboscado nestas regiões pantanosas, (i.é, a Psora? Onde quer que a Psora esteja interiorizada (e com que freqüência este é o caso?), é desenvolvida em doenças crônicas de todo tipo, especialmente naquelas em que o fígado é mais afetado, por meio de água estagnada e dos gases que emanem do solo úmido e dos charcos; e isto é efetuado mais *seguramente* e mesmo *inevitavelmente*, por estas causas do que por qualquer outro poder físico prejudicial à saúde.

Os sintomas que foram acrescentados por último a uma doença crônica que tenha sido deixada à própria sorte (i. é , não agravada por um tratamento médico errôneo são sempre os primeiros a ceder num tratamento antipsórico; mas os transtornos mais抗igos e os que foram mais constantes e imutáveis, entre os quais estão os transtornos locais constantes, são os últimos a deixarem livre o caminho; e isto só é concretizado quando todas, as desordens remanescentes houverem desaparecido e a saúde, em todos os outros aspectos, tiver sido quase que totalmente recuperada.

¹⁴⁰ Presume-se que tais exalações possuam uma qualidade que, por assim dizer, paralisa a força vital do organismo (a qual, num estado ordinário de saúde, é capaz de manter dominada a Psora interna que sempre tenta se manifestar) assim predispondo-o a febres pútridas e nervosas.

Nas moléstias gerais que aparecem em ataques repetidos, por exemplo, os tipos periódicos de histeria e tipos diferentes de epilepsia etc., os ataques podem ser rapidamente cessados por um antipsórico adequado; mas a fim de tornar confiável e duradoura esta suspensão, a totalidade da Psora interiorizada deve ser completamente curada.

É impraticável o pedido freqüente dos pacientes para que seja removido antes de mais nada um certo sintoma que mais do que todos os incomoda, mas o paciente ignorante deve ser desculpado por este pedido.

No relato diário escrito, durante o uso do medicamento antipsórico, o paciente que mora *distante* deveria sublinhar uma vez, para informação do médico, aqueles sintomas incidentes durante o dia, os quais após um tempo considerável ou longo ele agora voltou a sentir de novo pela primeira vez; mas aqueles sintomas que ele nunca teve antes e que pela primeira vez sentiu naquele dia, deveriam ser *sublinhados duas vezes*. Os primeiros sintomas indicam que o antipsórico apoderou-se da raiz do mal e muito fará pela sua completa cura; os segundos, porém, se aparecerem mais freqüentemente e mais fortemente constituem, para o médico, uma indicação de que o antipsórico não foi escolhido muito homeopaticamente e deveria ser interrompido a tempo, sendo substituído por um mais apropriado.

Quando o tratamento tiver chegado mais ou menos à metade, a doença diminuída começa a retornar ao estado de Psora latente; os sintomas ficam cada vez mais fracos e, por fim, o médico atento só irá encontrar traços da mesma; mas ele deve acompanhar tais traços até seu desaparecimento completo porque o menor dos remanescentes retém um germe para a renovação do antigo transtorno.¹⁴¹ Se o médico aqui desistir do tratamento e supuser o que o homem comum (e também a classe mais alta do público não médico) tende a dizer: “É provável que agora tudo se acerte por si”, terá cometido um grande erro, pois com o tempo irá desenvolver-se (especialmente quando quaisquer eventos desfavoráveis importantes aconteçam) a partir deste pequeno remanescente desta Psora apenas diminuída, uma nova doença crônica que irá gradualmente aumentar de modo inevitável, de acordo com a natureza das doenças que decorrem de miasmas crônicos inextinguíveis, tal como se mostrou acima.

O paciente pode pedir, sensatamente, de seu médico, o *cito, tuto et jucunde* (rápido, seguro e agradavelmente) de Celsus, e do homeopata ele justificadamente pode *esperar* isto nas doenças agudas decorrentes de causas ocasionais, bem como nas doenças intermediárias bem-definidas reinantes esporadicamente (as assim chamadas doenças intercorrentes).

Mas com respeito especial ao “cito” (rapidamente), i.e., o apressamento da cura,

¹⁴¹ Assim se dá com o pólipo aquático que ao ter vários apêndices aparados, com o tempo fará novos despontarem.

a natureza do caso o proíbe, pelo menos nos transtornos crônicos inveterados.¹⁴²

A cura das grandes doenças crônicas de dez, vinte, trinta anos ou mais de duração (*se não tiverem sido mal conduzidos por um excesso de tratamentos alopáticos ou, na realidade, como é freqüentemente o caso, se não tiverem sido erroneamente tratados até à incurabilidade*) pode-se dizer que são rapidamente aniquiladas se isto for feito em um ou dois anos. Se com pessoas robustas e mais jovens isto ocorre em metade do tempo, então, por outro lado, na senectude, inclusive com o melhor tratamento por parte do médico e com a mais escrupulosa observância das regras por parte do paciente e seus auxiliares, um tempo considerável deve ser acrescentado ao período usual da cura. Será também verificado como algo inteligível que uma doença crônica (psórica) destas, de longa duração, cujo miasma original teve tanto tempo e oportunidade ao longo de uma vida para inserir suas raízes parasíticas, por assim dizer, em todas as articulações do frágil edifício da vida, esteja por fim tão intimamente entrelaçada ao organismo que mesmo com o mais apropriado tratamento médico, com um modo cuidadoso de vida e uma observância das regras por parte do paciente, grande paciência e tempo suficiente serão necessários para destruir os pólips de múltiplos braços, em todas as suas partes, enquanto preserva a independência do organismo e seus poderes.

A força de um paciente sob um tratamento antipsórico, mesmo que deva ser mantido por um tempo longuíssimo, deve crescer continuamente desde o início mesmo do tratamento correto inclusive até o restabelecimento da saúde e do estado normal. A força aumenta durante a totalidade da cura sem o uso dos assim chamados tónicos e os pacientes irão alegremente uma vez mais recuperar-se a partir de si mesmos, na razão direta em que suas vidas foram libertadas de seu corrosivo inimigo.¹⁴³

A melhor ocasião para tomar uma dose de medicamentos antipsórico parece ser, não uma hora antes de ir para a cama e, sim, de manhã cedo ainda em jejum. O medicamento no papel numerado¹⁴⁴ (como também todos os subseqüentes), se se desejar que sua ação seja apenas leve, deve ser ingerido a seco, permitindo-se-lhe

¹⁴² Somente um praticante ignorante comum pode levianamente prometer curar uma doença severa inveterada num espaço de quatro a seis semanas. Na realidade, ele não necessita manter esta promessa! O que ele arrisca se, naturalmente, seu tratamento só agrava a doença? Ele pode perder alguma coisa? Alguma honra? Não, pois seus colegas que são como ele, não fazem nada melhor. Ele pode perder em termos de auto-respeito? Teria ele ainda algum a perder?

¹⁴³ É inconcebível como os médicos alopatas possam pensar em curar doenças crônicas através da contínua ação de tratamentos exaustivos e debilitantes, sem serem freados pela falta de bons resultados decorrentes da constante repetição de seu perverso tratamento. A amara que dão a intervalos, junto com o quinino, sem ser capaz de fornecer a força perdida, somente acrescenta novos males.

¹⁴⁴ A numeração contínua dos pós tem a vantagem para o médico de, quando o paciente apresenta seu relato diário (especialmente aqueles que moram longe) onde colocou primeiro a

que dissolva na língua, ou que seja em duas ou três gotas d'água numa colher e por si mesmo sem em nenhum dos casos beber alguma coisa depois dele nem comer coisa alguma depois, pelo menos durante meia hora ou uma hora inteira.¹⁴⁵

Depois de ingerir o medicamento o paciente deve manter-se completamente quieto por pelo menos uma hora inteira mas sem dormir (o sono atrasa o início da ação do medicamento). Ele deve evitar durante esta hora, como de resto ao longo de todo o tratamento, toda excitação desagradável, tampouco deve esforçar sua mente imediatamente após tomar a dose, seja de que modo for, seja pela leitura ou pelos cálculos escrevendo ou entrando em conversas que exijam reflexão.

A dose do medicamento antipsórico não deve ser tomada pelas mulheres pouco antes do que se espera ser a próxima menstruação, nem durante seu fluxo; mas, se necessário, a dose pode ser dada quatro dias, i.e., cerca de 96 horas depois que a menstruação começou. Mas, no caso de anteriormente as menstruações terem sido prematuras, ou excessivamente profusas, ou duas de longa duração, é freqüentemente necessário dar neste quarto dia uma pequena dose de *Nux vomica* (um glóbulo muito pequeno, umedecido com uma dinamização elevada) para ser cheirada e, a seguir, nos próximos quarto ou sexto dias, o antipsórico. Mas se a mulher é muito sensível e nervosa, ela deve, até chegar perto de sua completa recuperação, cheirar um destes glóbulos uma vez, aproximadamente todas as vezes, setenta e duas horas depois do início de sua menstruação, independente da continuação de seu tratamento antipsórico.¹⁴⁶

A gestação em todos os seus estágios oferece tão poucos empecilhos ao trata-

data depois o número do pó ingerido naquele dia, poder reconhecer o dia em que o paciente tomou seu medicamento, podendo avaliar a evolução da ação deste, segundo o relato do dia seguinte.

¹⁴⁵ Se o medicamento deve agir mais fortemente, deve ser mexido (stirred) num pouco mais de água até ser dissolvido, antes de ser bebido e ainda em mais água para que aja ainda com mais força e o médico deve mandar que a solução seja tomada um pouco de cada vez. Se ele ordenar que a solução seja tomada em um ou três dias, deve ser mexida não só na primeira vez mas também nas outras duas vezes, através do que cada parte que for mexida deste modo adquire um outro grau de potência, um pouco mais elevado, sendo assim recebido mais facilmente pela força vital. Instruir quanto ao uso da mesma solução por um maior número de dias não é aconselhável pois a água, mantida por mais tempo, começaria a se putrefazer. Mencionei acima como uma dose para cheirar pode ser adaptada a todos os graus de força.

¹⁴⁶ Num tal estado mórbido das menstruações, nada pode ser feito quanto a cura das doenças crônicas sem o uso intermediário de *Nux vomica* que aqui reduz especificamente à ordem a desarmonia que reina nas funções dos nervos devida a um fluxo tão desorganizado nas menstruações, aquietando assim a sensibilidade e a irritabilidade excessivas que constituem um obstáculo intransponível ao caminho da ação curativa dos remédios antipsóricos.

mento antipsórico que, freqüentemente, este tratamento é o mais necessário e útil nesta condição.¹⁴⁷ *O mais necessário*, porque então os transtornos crônicos estão mais desenvolvidos. Neste estado das mulheres, o qual é bastante natural, os sintomas da Psora interna manifestam-se freqüentemente da forma a mais óbvia¹⁴⁸, devido à maior sensibilidade do corpo feminino e de seu espírito, neste estado; o medicamento antipsórico age portanto mais definida e perceptivelmente durante a gestação o que dá ao médico a indicação de fazer para tais casos a prescrição de doses tão pequenas quanto possível e em atenuações tão altamente potencializadas quanto possível, realizando suas escolhas da maneira a mais homeopática.

Os bebês de peito nunca recebem medicamentos; a mãe ou ama de leite é quem o recebe em seu lugar e, através de seu leite, aquele atua sobre a criança de modo muito rápido, moderado e benéfico.

A natureza corpórea (corporeal nature) (denominada princípio preservador da vida ou força vital) quando deixada à própria sorte, posto que é destituída de razão, não consegue fornecer nada melhor do que paliativos às doenças crônicas e às doenças agudas decorrentes das crônicas, as quais causam um repentino perigo à vida, face à presença interior da Psora. Estas são as causas das secreções e excreções mais freqüentes de vários tipos, que acontecem sozinhas, de vez em quando, nas doenças crônicas (psóricas), por exemplo, diarréias, vômitos, transpiração, supurações¹⁴⁹, hemorragias etc. Todas estas são acompanhadas de um alívio apenas temporário da

¹⁴⁷ De que forma mais certa poderia, por exemplo, ser impedido um novo aborto, o que quase exclusivamente é devido à Psora, impedido inclusive de maneira duradoura, do que por meio de um criterioso tratamento antipsórico, antes ou pelos menos durante a gestação? De que modo mais confiável poderiam os estados uterinos, os quais não infreqüentemente são perigosos e às vezes fatais inclusive mesmo em uma apresentação adequada do feto e com um parto natural, ser antecipadamente resolvidos se não por um oportuno tratamento antipsórico durante a gestação? Mesmo a apresentação imprópria da criança, se não sempre, ainda muito freqüentemente tem sua causa única na disposição doentia psórica da mãe e a hidrocefalia, além de outros defeitos corporais da criança, certamente tem esta causa! Apenas o tratamento antipsórico da esposa doente, se não antes, pelo menos durante a gestação, pode remover antecipadamente a incapacidade da mãe para amamentar, bem como pode, no aleitamento, prevenir as freqüentes lesões de seio, o esfolamento dos bicos, a tendência freqüente às inflamações erisipelatosas dos seios e seus abscessos, bem como as hemorragias uterinas durante a amamentação.

¹⁴⁸ Não obstante, o oposto total acontece muitas vezes de tal sorte que a esposa sempre doentia antes da gravidez, queixando-se ininterruptamente, sente-se com uma saúde incomumente boa durante cada gestação e somente durante este estado. E com casos assim, o período de gravidez pode muito bem ser utilizado para o tratamento antipsórico o qual, neste caso, é dirigido contra os sintomas do estado mórbido antes da gestação, até onde este possa ser recordado.

¹⁴⁹ No original alemão, “Geschwüre” que significa “úlceras”. (NT. bras.)

moléstia original crônica que só se torna cada vez mais agravada devido às perdas de humores e da força.

Até o presente a alopatia não foi capaz de fazer nada além disso no sentido de uma cura genuína das doenças crônicas; pode apenas imitar o irracional da natureza corpórea em seus paliativos (geralmente sem um alívio igual e com um maior sacrifício da força). Portanto, mais do que a outra, esta causou um apressamento da ruína geral, sem ser capaz de contribuir com coisa alguma à extirpação da moléstia original. Pertencem a esta classe todos os muitos e indescritíveis purgantes, os assim chamados dissolventes, a venissecção, as ventosas, a aplicação de sanguessugas, algo agora desvairadamente freqüente, os sudoríficos, as esfoladuras artificiais, sedenho, abscessos de fixação (fontanelas), exutórios etc.

Deus seja louvado pelo médico homeopata familiarizado com os meios para uma cura radical e que assim, pelo tratamento antipsórico, pode destruir a própria doença crônica e tem tão pouca necessidade das aplicações acima mencionadas as quais somente aceleram a má evolução e que, ao contrário, tem que se valer de todo os cuidados para que o paciente não utilize às escondidas algumas destas aplicações, obedecendo ao antigo costume difundido por toda a Terra pela alopatia. Ele jamais deve ceder aos pedidos do paciente, por exemplo, no sentido de ter-se acostumado a ser sangrado tantas e tantas vezes ao ano ou receber ventosas, ou a usar purgantes, banhos quentes e que lhe parecem necessários de tanto usar. Tais coisas não podem ser permitidas.

O médico homeopata que é mestre de sua arte e, Deus seja louvado, existe agora um número não inconsiderável de tais mestres na homeopatia, jamais permite que seja tirada uma gota de sangue de seus pacientes; ele jamais necessita deste ou de meios similares de enfraquecimento do corpo pois um tal recurso é sempre a negação da cura. Somente aprendizes, ainda homeopatas pela metade, constrange-me dizê-lo, usam de um tal *contradiccio in adjecto* (enfraquecimento desejando curar).¹⁵⁰

Apenas no único caso em que, como em muitas doenças crônicas, o retardo em evacuar causa um grande problema, ele irá permitir (*no começo do tratamento*, antes que o medicamento antipsórico tenha tido tempo (em seus efeitos secundários) de produzir uma evolução até tal ponto), se as fezes não se soltam por três ou quatro

¹⁵⁰ Isto pode ser bem desculpado em aprendizes e principiantes; mas quando assumem vangloriar-se de seu noviciado e declaram em jornais e livros públicos que o uso incidental de sangrias e sanguessugas é indispensável, e mesmo é mais essencialmente homeopático, tornam-se ridículos e devem ser dignos de pena por serem noviços e por trabalharem na ilusão; seus pacientes também devem merecer nossa pena. Será preguiça ou uma predileção desdenhosa por sua antiga (conquanto ruinosa) rotina alopatica, ou será falta de amor pelos demais seres humanos, o que os impede de adotar mais profundamente a verdadeira e benéfica Homeopatia e de elevar-se até a problemática porém correta e útil escolha do remédio homeopático específico a cada caso, atingindo assim a mestria da Homeopatia, hoje não mais rara?

dias, um clister de água limpa e morna sem a menor mistura, também talvez um segundo, se não resulta uma evacuação em quinze minutos. Raramente será necessário um terceiro, depois de aguardar o terceiro quarto de hora. Este auxílio que atua principalmente de forma mecânica pela expansão do reto, é inócuo quando repetido depois de três ou quatro dias se for preciso e, conforme já mencionado antes, apenas no inicio do tratamento, pois os medicamentos antipsóricos, dentre os quais a este respeito, depois de Sulphur, Lycopodium está em destaque, geralmente removem esta dificuldade.

Os obscessos de fixação (fontanelas) indesculpáveis e debilitantes não devem ser imediatamente suprimidos pelo médico homeopata se o paciente os usou durante algum tempo (freqüentemente durante muitos anos), não antes que o tratamento antipsórico já tenha feito algum progresso perceptível, mas se puderem ser diminuídos sem detê-los por completo isto pode ser realizado com segurança inclusive no início do tratamento.

O médico também não deveria imediatamente interromper, da mesma forma, o uso de roupas de baixo de lã que se diz impedirem a pessoa de resfriar-se e cuja recomendação é propalada extensivamente pelos médicos comuns na ausência de qualquer tratamento real. Apesar de serem uma carga para o paciente deveríamos esperar até que haja uma melhora visível efetuada pelos antipsóricos os quais removem a tendência a resfriar-se, e até que chegue a época mais quente do ano. Com pacientes que estão muito enfraquecidos, ele deverá no começo mudar para camisas de algodão que roçam e aquecem menos a pele, antes de exigir que os pacientes usem sobre a pele roupa de baixo feita de linho.

Por muitas razões facilmente perceptíveis, mas especialmente a fim de que suas delicadas doses de medicamento possam não sofrer interferências sobre sua ação, o médico homeopata não pode permitir em seu tratamento antipsórico o uso intermediário de qualquer remédio doméstico até então habitual, perfumaria de tipo nenhum, extratos de fragrância, sais de cheiro, chá de Baldwin, ou quaisquer outros chás de ervas, nem um confeite de menta, nenhum confeite condimentado, açúcar de anis, pastilhas para o estômago, licores, musgo da Islândia, chocolate condimentado, pastilhas temperadas, tinturas para dentes, pós dentifrícos de tipos comuns, nem qualquer outro artigo de luxo.

Os assim chamados banhos mornos e quentes, no interesse da limpeza, e aos quais os pacientes mal acostumados em geral estão muito habituados, não devem ser permitidos, na medida em que nunca deixam de perturbar a saúde; tampouco são necessários, pois uma rápida lavagem de uma parte do corpo ou do corpo todo, feita com água de sabão morna servem completamente ao propósito, sem causarem o menor mal.

Ao término destas instruções para tratar doenças crônicas, eu recomendei, na primeira edição, as centelhas elétricas mais leves como coadjuvantes na vivificação de partes que por muito tempo estiveram paralisadas e insensíveis, devendo ser

aquelas empregadas junto ao tratamento antipsórico. Peço desculpas por este conselho e o retiro, pois a experiência tem-me ensinado que esta prescrição em lugar nenhum foi obedecida estritamente e centelhas elétricas maiores sempre foram usadas em detrimento dos pacientes; todavia, estas centelhas maiores são declaradas como sendo muito pequenas. Portanto, agora eu advirto contra este remédio, alvo fácil de abuso, especialmente porque podemos com facilidade remover esta aparência de atendimento enantiopático, pois existe uma assistência local *homeopática* eficiente para partes paralisadas ou para aquelas que estão insensíveis. Esta é concretizada com água fria¹⁵¹ aplicada localmente (a 12-13°C), oriunda de nascente montanhosa e poços profundos; ou vertendo sobre as partes em questão durante um, dois ou três minutos, ou fazendo duchas sobre o corpo todo de um a cinco minutos de duração, mais rara ou mais freqüentemente, inclusive todo dia ou mais freqüentemente, de acordo com as circunstâncias, juntamente com o tratamento antipsótico interno, adequado, com exercícios suficientes ao ar livre e uma dieta criteriosa.

¹⁵¹ Água nesta temperatura e em mais baixas tem o poder essencial de privar as partes do corpo vivo parcialmente das sensações e parcialmente dos movimentos; em casos assim, portanto presta uma assistência homeopática local.

OS MEDICAMENTOS

Irei apresentar na parte seguinte os medicamentos que se descobriu até agora serem os mais adequados e excelentes, segundo sua ação pura sobre o corpo humano, além dos usados no tratamento das doenças de origem psórica, bem como os usados na Syphilis e na doença da verruga do figo.

Em nenhuma pessoa dotada de raciocínio pode formar-se um argumento contra a natureza miasmática crônica da Psora e que necessitamos muito menor número de remédios para combater aquelas últimas do que a Psora, e podem formar-se ainda menos argumentos contra o fato de que ela é a fonte comum das outras doenças crônicas.

A Psora, a mais antiga doença miasmática, ao propagar-se por muitos milhares de anos através de vários milhões de organismos humanos, dos quais cada um tem sua própria constituição peculiar e foi exposto a influências muito variadas, foi capaz de modificar-se a um tal grau que chegou a causar aquela incrível variedade de transtornos que vemos nos inúmeros pacientes crônicos, nos quais o sintoma externo (que age substitutivamente à moléstia interna), i.e., a erupção mais ou menos extensa de sarna, foi eliminada da pele por uma arte fatal, ou nos quais desapareceu por si própria da pele, por força de algum outro incidente violento.

Daí parece ter decorrido que este miasma meio-espiritual, o qual como um parasita busca enraizar sua vida hostil no organismo humano e a continuar ali sua existência, pode desenvolver-se de muitos modos ao longo dos muitos milhares de anos de forma que inclusive causou desdobramentos e deu à luz descendentes modificados dotados de características próprias os quais de fato não negam sua descendência da matriz (a Psora comum) porém, não obstante, diferindo um do outro consideravelmente por algumas peculiaridades. Estas modificações são em alguma parte devidas às peculiaridades físicas variadas e às diferenças climáticas dos locais onde habitam as pessoas afeitas pela Psora¹⁵², e em parte são moldados por seus variados modos de vida, por exemplo, as crianças no ar poluído da cidade desenvolvem raquitismo, spina ventosa, amolecimento dos ossos, encurvamentos, câncer dos ossos, tinea capitis, escrúfula, tinha; os adultos exibem debilidade nervosa, irritabilidade nervosa, gota das articulações etc. E assim também as outras grandes variedades no modo de vida e nas ocupações das pessoas com suas constituições físicas herdadas

¹⁵² Por exemplo, *Sibbens* ou *Rade-Syge* comumente encontrada na Noruega e no noroeste da Escócia; *Pellagra* na Lombardia; *plica polonica* (Koltun, Trichiasis) na Polônia e Caríntia; a lepra tumorosa do Suriname; as excrescências semelhantes à framboesa (Frambôsia) na Guiné chamadas yaws e na América pian; a febre exaustiva na Hungria chamada *Tsömör*; a moléstia exaustiva da Virgínia (*asthenia virginensium*); a degeneração humana nas escondidas aldeias alpinas chamadas *cretin*; o bôcio nos vales profundos e na entrada dos mesmos etc.

conferem às doenças psóricas tantas modificações que se pode entender facilmente que remédios em maior número e em maior variedade sejam necessários à extirpação de todas estas modificações da Psora (remédios antipsóricos).

Muitas vezes me perguntaram por meio de quais sinais uma substância pode antecipadamente ser reconhecida como antipsórica. Mas não podem existir estas marcas visíveis externas naquelas; todavia, durante a experimentação de várias substâncias poderosas quanto a seus efeitos puros sobre corpo saudável, varias delas, por meio das queixas que causaram, mostraram-me sua extraordinária e manifesta adequação em termos de assistência homeopática nos sintomas de doenças psóricas claramente definidas. Alguns traços de suas qualidades voltadas nesta direção deram-me antecipadamente alguma indicação quanto à sua provável utilidade; por exemplo, a eficiência da erva *Lycopodium*, muito benquista na Polônia para a *plica polonica* indicou-me o uso do pólen de *Lycopodium* em transtornos psóricos similares. A circunstância de que algumas hemorragias foram detidas por grandes doses de sal foi uma outra indicação. Também assim com a utilidade de *Guaiacum*, *Sarsaparilla* e *Mezereum*, inclusive nos tempos antigos quando as doenças venéreas não podiam ser curadas fosse qual fosse a quantidade de mercúrio, a menos que uma ou outra destas ervas tivesse primeiramente removido a Psora complicada com aquelas.

Via de regra, desenvolveu-se a partir de seus sintomas puros que a maioria dos solos, álcalis e ácidos, bem como sais neutros compostos a partir destes, juntamente com vários metais, não podiam ser deixados de lado na cura dos praticamente incontáveis sintomas da Psora. A similaridade entre a natureza do antipsórico principal, *Sulphur*, e *Phosphorus*, além de outras substâncias combustíveis oriundas do reino vegetal e mineral levaram ao uso destas últimas, e algumas substâncias animais naturalmente se lhe seguiram por analogia, de acordo com a experiência.

Porém, foram reconhecidos como antipsóricos apenas aqueles remédios cujos efeitos puros sobre a saúde humana apresentaram uma clara indicação de seu uso homeopático nas doenças manifestamente psóricas e confessamente devidas à infecção; de sorte que, com o aumento de nosso conhecimento a respeito de seus efeitos medicamentosos puros, pode-se descobrir oportunamente ser necessário incluir alguns de nossos outros medicamentos no rol dos remédios antipsóricos; apesar de inclusive agora podermos curar com certeza por meio dos antipsóricos atualmente reconhecidos, praticamente todas as doenças crônicas não-venéreas (psóricas), se os pacientes não tiverem sido sobrecarregados e arruinados por relapsos tratamentos allopáticos com doenças medicamentosas severas e quando sua força vital não tiver sido deprimida demais, ou quando circunstâncias externas muito desfavoráveis tornarem a cura impossível. Sem embargo, não necessita ser declarado especialmente que os outros medicamentos homeopáticos experimentados, não excetuando *Mercurius*, não podem ser dispensados em certos estados das doenças psóricas.

A Homeopatia, através do tratamento especial de substâncias medicinais cruas, que não havia sido inventado antes da fundação e do desenvolvimento daquela, faz com que evoluam para um estado de alto e progressivo desenvolvimento de suas

forças interiores a fim de então se poder utilizá-las na cura, da maneira a mais perfeita. Alguns destes medicamentos, em seu estado bruto, parecem ter uma ação medicamentosa muito imperfeita e insignificante (por exemplo, o sal comum e o pôlen de *Lycopodium*). Outros (por exemplo, ouro, quartzo, alumina) parecem não ter ação alguma, mas todos eles tornam-se altamente curativos pela preparação peculiar à Homeopatia. Outras substâncias, por outro lado, em seu estado bruto, mesmo nas mínimas quantidades, são tão violentas em seus efeitos que, se tocam a fibra animal, agem sobre a mesma de maneira corrosiva e destrutiva (por exemplo, arsênico e sublimados corrosivos) e estes medicamentos são tornados pela mesma preparação peculiar à Homeopatia não só de efeitos suaves como também incrivelmente desenvolvidos em seus poderes medicamentosos.

As mudanças que acontecem nas substâncias materiais, especialmente nas medicamentosas, por meio de trituração mantida por longo tempo e efetuada com um pó não-medicamentoso, ou quando dissolvida por meio de uma sucussão prolongada com fluido não-medicamentoso, são tão incríveis que se aproximam do milagre e é causa de alegria que a descoberta destas maravilhosas transformações pertença à Homeopatia.

Conforme demonstrado noutra parte, não só estas substâncias medicamentosas desenvolvem por estes meios os seus poderes em grau prodigioso como também alteram sua característica físico-química de tal modo que se ninguém podia sequer perceber, em seu estado bruto, qualquer solubilidade no álcool ou na água, depois desta transmutação peculiar tornam-se inteiramente solúveis em água tanto quanto em álcool, descoberta esta inestimável à arte de curar.

O suco castanho-escuro do animal marinho *Sepia*, que anteriormente só era usado para desenhar e pintar, em seu estado bruto só é solúvel em água, não em álcool; mas, por meio de tal trituração torna-se solúvel também em álcool.

O Petróleo amarelo só permite que algo seja dele extraído por meio do álcool quando é adulterado com óleo vegetal etéreo; mas em seu estado puro, embora bruto, não é solúvel nem em água, nem em álcool (tampouco em éter). Pela trituração, torna-se solúvel em ambas as substâncias.

Da mesma forma, o pôlen de *Lycopodium* flutua no álcool e na água sem que nenhum deles demonstre nenhuma ação sobre aquele; o *Lycopodium* em estado bruto é insípido e inativo quando entra no estômago humano, mas quando alterado de maneira similar pela trituração não só é perfeitamente solúvel em ambos os fluidos como também desenvolveu tais poderes medicamentosos extraordinários que deve-se tomar grande cuidado em seu uso medicinal.

Alguém já viu alguma vez o mármore ou a concha da ostra ser solúvel em água pura ou em álcool? Mas esta cal suave torna-se perfeitamente solúvel em ambos por meio deste modo de preparação; acontece o mesmo caso com *Baryta* e *Magnésia* e estas substâncias exibem então poderes medicamentosos extraordinários.

Menos do que tudo irá alguém atribuir solubilidade em água e álcool ao quartzo, ao cristal de rocha (muitos cristais destes contém embutidas em si, por milhares

de anos, gotas de água intactas), ou à areia; tampouco irá alguém atribuir a este poder medicamentoso e, não obstante, pela dinamização (potencialização¹⁵³ peculiar à Homeopatia, derretendo sílica com um sal alcalino e depois precipitando-se de dentro deste recipiente), não só ela se torna solúvel sem deixar qualquer resíduo, na água e no álcool, como também mostra então poderes medicamentosos prodigiosos.

O que posso eu dizer dos metais puros e de seus sulfuretos se não que todos eles, sem qualquer exceção, tornam-se por força deste tratamento igualmente solúveis em água e em álcool e cada um deles desenvolve a virtude medicamentosa que lhe é peculiar da maneira a mais pura e simples e num grau incrivelmente alto?

Porém, as substâncias medicinais químicas preparadas deste modo também se elevam agora acima das leis *químicas*.

Uma dose de Phosphorus, altamente potencializada de maneira similar, pode permanecer num envelope de papel dentro da mesa e, não obstante, quando tomada após um ano inteiro de intervalo, ainda exibir seu completo poder medicamentoso; não o poder do ácido fosfórico e sim do próprio Phosphorus puro e imutável. Portanto, não ocorre qualquer neutralização neste estado elevado e por assim dizer glorificado.

Os efeitos medicamentosos de Natrum carbonicum, de Ammonium carbonicum, de Baryta, da cal, e de magnésia, neste estado altamente potencializado, quando tiver sido tomada uma dose de um deles, não são neutralizados como se dá com substâncias básicas tomadas em estado bruto por uma gota de vinagre tomada depois; seu efeito medicamentoso não é nem alterado, nem destruído.

Ácido nítrico, quando dado deste modo em seu estado altamente potencializado, no qual é útil para uso homeopático medicamentoso, não é alterado por um pouco de cal em estado bruto nem por soda em estado bruto aplicados depois, em termos de sua potente e bem definida ação medicamentosa; portanto não é neutralizado.

Nesta *preparação*, peculiar à Homeopatia, tomamos um grão em pó de qualquer uma das substâncias tratadas nos seis volumes de Matéria Médica Pura¹⁵⁴ e

¹⁵³ Em seu estado bruto e sem esta preparação, o quartzo e os seixos não parecem permitir o desenvolvimento de seus poderes medicamentosos pela trituração e portanto ocorre que a trituração de vários medicamentos com o inativo açúcar de leite, no gral de porcelana para trituração, parece não dotá-los da menor mistura de *Silícea* como o temeram em vão alguns ansiosos puristas.

¹⁵⁴ Substâncias vegetais que só podem ser obtidas quando secas, por exemplo, casca de cinchona, ipecacuanha etc. são preparadas pelo mesmo tipo de trituração e serão completamente dissolvidas quando potencializadas a um milionésimo, não menos, com seus poderes peculiares, em água e álcool podendo ser então preservadas como medicamento muito mais facilmente do que as tinturas alcoólicas facilmente perecíveis. Das substâncias vegetais sem suco, tais como oleandro, thuya, casca de mezereum etc., sem cometer erros, podemos pegar de cada uma cerca de um grão e meio das folhas frescas, da casca, da raiz etc., sem qualquer outra preparação adicional, e triturar os mesmos três vezes com 100 grãos de açúcar de leite, ao

especialmente daquelas substâncias antipsóricas¹⁵⁵ que se descrevem abaixo, i.e., de sílica, carbonato de baryta, carbonato de cal, carbonato de soda e sal amoníaco, carbonato de magnésia, carvão vegetal, carvão animal, grafite, sulphur, antimônio em estado bruto, antimônio metálico, ouro, platina, ferro, zinco, cobre, prata, estanho. As porções dos metais que ainda não foram laminadas são friccionadas contra uma pedra de amolar delgada e dura, sob a água e alguns deles, como o ferro, sob o álcool; do mercúrio, em forma líquida, é tomado um grão; de petróleo, uma gota ao invés de um grão etc. Este é primeiramente depositado sobre cerca de um terço de 100 grãos de açúcar de leite pulverizado e colocado num, gral opaco de porcelana ou num gral do qual o brilho tinha sido eliminado antes com areia molhada; o medicamento e o açúcar de leite são então misturados por um momento com uma espátula de porcelana e a mistura é triturada com certa força durante seis minutos; a substância triturada é depois por quatro minutos raspada do gral e da mão do gral¹⁵⁶, que também é opaca ou que teve seu brilho eliminado com areia molhada, de modo que a trituração possa ser misturada homogeneamente. Depois que isto tiver sido raspado junto deste modo, é novamente triturado sem qualquer acréscimo por outros seis minutos com força igual. Depois novamente de raspar com cuidado, do fundo e dos lados, por quatro minutos, este triturado (para o qual, o primeiro terço dos 100 grãos

milionésimo grau de trituração. Um grão disto, dissolvido em álcool e água pode ser desenvolvido em frascos de diluição com álcool ao grau necessário de potência de seus poderes, aplicando-se cada potência duas sucussões. Também com os sucos recém-espremidos das ervas o melhor é colocar imediatamente uma gota do mesmo junto com igual quantidade de açúcar de leite, tal como se dá na preparação dos outros medicamentos, para tritá-lo ao milionésimo grau de atenuação e, a seguir, um grão desta atenuação é dissolvido em partes iguais de água e álcool e deve ser potencializado numa posterior dinamização através dos vinte e sete frascos de diluição, por meio de duas sucussões. Os sucos frescos parecem adquirir deste modo mais dinamização, como ensina a experiência, do que quando o suco, sem qualquer preparação pela trituração, é simplesmente diluído em trinta frascos de álcool e potencializado cada vez com duas sucussões.

¹⁵⁵ Inclusive o Phosphorus que é tão facilmente oxidado pela exposição ao ar é potencializado de maneira similar e deste modo tornado solúvel nestes dois líquidos, e é deste modo preparado como medicamento homeopático; mas, neste caso, são utilizadas algumas precauções que abaixo serão mencionadas.

¹⁵⁶ Depois da conclusão de cada trituração de três horas de uma substância medicamentosa, o gral, sua mão e a espátula devem ser escaldados várias vezes com água fervente, e depois de escaldados devem ser toda vez secados por completo e limpos; assumo que isto seja indispensável para que não se possa nutrir qualquer idéia futura de se estragar outro medicamento que venha a ser triturado. Se for praticada a precaução adicional de expor o gral, sua mão e a espátula ao calor que se aproxima do calor vermelho, isto irá dissipar qualquer idéia de que o menor resíduo do medicamento triturado por último possa ficar aderido a tais objetos e, deste modo, até a mente mais escrupulosa ficará satisfeita.

havia sido usado), o segundo terço do açúcar de leite é agora acrescentado, ambos são misturados cuidadosamente com a espátula por um momento, novamente triturados com força igual por seis minutos; a seguir, tendo novamente raspado o triturado por quatro minutos, este é triturado por uma segunda vez (sem adições) por mais seis minutos, e depois de raspado cuidadosamente por outros quatro minutos, é misturado com o último terço do açúcar de leite pulverizado, mexendo-o circularmente com a espátula e, depois, a mistura toda é novamente triturada por seis minutos, raspada por quatro minutos e uma segunda e última vez triturada por seis minutos; então, é toda raspada cuidadosamente e o pó é conservado num frasco bem-arrolhado com o nome da substância e a anotação 100 porque está potencializado à centésima.¹⁵⁷

Para potencializar a substância até a décima milésima atenuação, um grão do pó acima mencionado por último, por ser o centésimo, é tomado com um terço de 100 grãos de açúcar fresco de leite, mexido no gral com uma espátula e tratado conforme acima, de tal modo que cada terço é triturado duas vezes por seis minutos a cada vez e, após cada trituração, é raspado cuidadosamente (durante cerca de quatro minutos), antes de o segundo terço do açúcar de leite ser acrescentado e, depois que isso haja sido tratado de modo semelhante, o último terço do açúcar de leite é mexido junto e de novo similarmente triturado duas vezes por seis minutos de cada vez, quando é raspado cuidadosamente, colocado num frasco arrolhado com a anotação 10.000 uma vez que contém o medicamento potencializado à décima milionésima* atenuação.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Só Phosphorus necessita uma certa modificação no preparo da primeira atenuação ao 100º grau. Neste, os 100 grãos de açúcar de leite são logo postos no gral de trituração e, com cerca de 15 gotas de água, são mexidos por meio de uma mão úmida de gral, até formar uma massa um pouco grossa; um grão de Phosphorus é então cortado em numerosos pedaços, digamos doze, e amassado com a mão úmida e mais moído do que friccionado, enquanto a massa que freqüentemente adere à mão é raspada com igual freqüência dentro do gral. Deste modo, as pequenas porções de Phosphorus são friccionadas até se tornarem pequenas partículas de pó invisíveis na massa grossa de açúcar de leite inclusive nos primeiros dois períodos de seis minutos cada, sem o aparecimento da menor centelha. Durante o terceiro período de seis minutos, o amassamento pode passar para fricção porque a massa está então se aproximando da forma de pó. Durante os três períodos subseqüentes de seis minutos cada, a trituração é executada apenas com força moderada e, depois de seis minutos, o pó é raspado do gral e da mão por vários minutos, o que é feito facilmente, uma vez que este pó não adere com tenacidade. Após o sexto período de trituração do pó, quando permanece exposto ao ar no escuro, tem apenas uma débil luminosidade e um odor apenas suave. É posto num frasco bem arrolhado e marcado Phosphorus 100; as outras duas triturações 10.000 e milionésimo são preparadas como aquelas outras substâncias medicamentosas secas.

* Décima milésima. (N.T. bras.)

¹⁵⁸ Deste modo, nota-se que toda atenuação (a atenuação à 100, à 10.000 e também a terceira a 1.000.000 ou 1) é preparada pela trituração de seis vezes de seis minutos de duração e pela raspagem cuidadosa de seis vezes, durante quatro minutos cada vez. Assim, cada uma exige uma hora.

O mesmo é feito com um grão deste pó (marcado 10.000) a fim de trazê-lo à I e, deste modo, atenuá-lo à milionésima potência.

A fim de produzir uma homogeneidade no preparo do remédio homeopático e especialmente no dos antipsóricos, pelo menos na forma de pós, aconselho a redução dos medicamentos apenas a esta milionésima potência, nem mais, nem menos, e a preparar a partir desta as soluções e as potências necessárias a tais soluções; este tem sido meu próprio hábito.

A trituração deve ser feita com força mas apenas com aquela força necessária para que o açúcar de leite possa não ser pressionado firmemente demais contra o gral, mas possa ser raspado completamente em quatro minutos.

Agora, no preparo das soluções¹⁵⁹ a partir deste e no ato de dotar de forma fluida os medicamentos assim potencializados à milionésima (de tal sorte que sua dinamização possa ser prolongada ainda mais), somos auxiliados pela propriedade de todas as substâncias medicamentosas que, quando tornadas potencializadas à I, são solúveis em água e em álcool; esta propriedade ainda é desconhecida da química.

A primeira solução não pode ser feita em álcool puro porque o açúcar de leite não dissolverá em álcool. A primeira solução portanto é feita numa mistura de metade água e metade álcool.

Para um grão de pó medicamentoso triturado à milionésima potência I, cinqüenta gotas de água destilada são pingadas e, girando-se o frasco algumas vezes em torno de seu eixo, aquele é facilmente dissolvido, quando então cinqüenta gotas de álcool bom¹⁶⁰ são acrescentadas e o frasco, que deverá estar cheio da mistura só até dois terços de sua capacidade deve ser arrolhado e sacudido duas vezes, (i.e., com dois golpes descendentes do braço). Este é marcado com o nome do medicamento a 100 I.¹⁶¹ Uma gota disto é acrescentada a 99 ou 100 gotas de álcool puro, o frasco arrolhado é depois sacudido com dois golpes do braço e marcado com o nome do medicamento e designado 10.000 I. Uma gota disto é acrescentada a 99 ou 100 gotas

¹⁵⁹ No começo, eu costumava dar como dose uma pequena parte de um grão dos pós potencializados à 10.000 ou ao grau I, pela trituração. Mas uma vez que uma *pequena parte de um grão* é uma quantidade indefinida demais e uma vez que a Homeopatia deve evitar tanto quanto possível toda indefinição e inexatidão, foi de grande valor para mim a descoberta de que todos os medicamentos podem ser transformados de pós medicinais potencializados em fluidos, com os quais um número definido de glóbulos pode ser umedecido para uma dose. As potências mais elevadas podem também ser facilmente preparadas a partir de líquidos.

¹⁶⁰ Para as cinqüenta gotas de água assim como para as cinqüenta gotas de álcool, pode ser usado um frasco contendo exatamente aquela quantidade de modo que não haja necessidade então de contar as gotas, especialmente porque gotas d'água não se contam facilmente quando elas fluem de um frasco, cuja boca não se torne áspera pela fricção com areia.

¹⁶¹ É bom que se marque no rótulo que o frasco foi sacudido duas vezes, juntamente com a data.

de álcool puro, o frasco arrolhado é depois sacudido por dois golpes do braço e marcado com o nome do medicamento e II. A preparação de potências mais elevadas tem então continuidade com dois golpes do braço¹⁶² de cada vez, até à 100 II 10.000 II III etc., mas para se alcançar uma uniformidade simples na prática, apenas os frascos com números inteiros II, III, IV, V¹⁶³ etc., são usados na prática enquanto os números intermediários são preservados em caixas ou recipientes com seus rótulos. Deste modo serão protegidos do efeito da luz do dia.

Uma vez que a succussão acontece somente por meio de golpes moderados do braço, cuja mão segura o frasco, é melhor escolher frascos cujo tamanho seja tal que dois terços de sua capacidade sejam preenchidos com 100 gotas do medicamento atenuado.

Frascos que contiveram um remédio nunca devem ser usados para a recepção de nenhum outro medicamento, apesar de serem limpos várias vezes, sendo que toda vez devem-se empregar frascos novos.

Os glóbulos que devem ser umedecidos com o medicamento devem ser escondidos de mesmo tamanho, quase que atingindo o tamanho de sementes de papoula, feitos pelo confeiteiro, em parte para que a dose possa ser feita pequena o suficiente e em parte para que os médicos homeopatas no preparo dos medicamentos, como também na aplicação das doses, possam agir de modo semelhante, sendo assim capazes de comparar o resultado de sua prática com o de outros homeopatas, da maneira a mais certa.

¹⁶² Após muitos experimentos e buscas comparativas com os pacientes, tenho preferido por vários anos, com convicção, dar aos fluidos medicinais que devem ser elevados a potências mais altas e ao mesmo tempo serem tornadas mais suaves, apenas duas succussões (com dois golpes do braço) em lugar das dez succussões aplicadas por outros, porque a potencialização no último caso, pela succussão repetida, vai muito além da atenuação em cada etapa (apesar desta ser a centésima); enquanto porém o objetivo a ser atingido for o desenvolvimento dos poderes medicamentosos apenas naquele grau em que a atenuação consiga alcançar o objetivo desejado: moderar em certo grau a força do medicamento, enquanto é aumentado seu poder de penetração. A dupla succussão também aumenta a quantidade das forças medicinais desenvolvidas, como a succussão de 10 vezes, mas não em tão alto grau quanto esta última, de sorte que sua força, apesar disso, pode ser mantida baixa pela atenuação à centésima que foi efetuada e, deste modo, obtemos a cada vez um medicamento mais fraco apesar de ligeiramente mais altamente potencializado e mais penetrante.

¹⁶³ Em lugar dos números fracionários 1.000.000 (I). 1.000.000.000.000 ($\frac{1}{II}$) etc. estes graus de dinamização são freqüentemente expressos de tal jeito que apenas é expresso o expoente mostrando quantas vezes 100 foi multiplicado por si mesmo; assim, ao invés de 1, 100⁽³⁾; em lugar de $\frac{1}{II}$, 100⁽⁶⁾; em lugar de $\frac{1}{III}$, 100⁽⁹⁾; em lugar de $\frac{1}{100}$ III, 100⁽¹⁰⁾, ao invés $\frac{1}{10.000}$ IX, 100⁽²⁹⁾ e em lugar de decilhão $\frac{1}{X}$, 100⁽³⁰⁾ assim, apenas os expoentes da terceira, sexta, nona, décima, vigésima nona e trigésima potência etc.

O umedecimento de glóbulos é feito melhor com uma quantidade tal que um dracma¹⁶⁴ ou vários dracmas de glóbulos são postos num pequeno prato de faiança, porcelana ou vidro; este prato deve ser mais fundo do que largo, na forma de um dedal grande; várias gotas do fluido medicamentoso alcoólico devem ser pingadas dentro dele (é melhor umas poucas gotas a mais) de modo que possam penetrar até o fundo e terão umedecido todos os glóbulos dentro de um minuto. Depois o prato é revirado e esvaziado sobre um pedaço duplo de mata-borrão limpo, de modo que o fluido supérfluo possa ser absorvido por ele e, quando isto tiver sido feito, os glóbulos são espalhados sobre o papel a fim de secarem rapidamente. Quando secos, os glóbulos são colocados num frasco, rotulado e bem arrolhado.

Todos os glóbulos umedecidos com o líquido alcoólico, quando secos, têm aparência opaca; os glóbulos crus, não umedecidos, parecem mais brancos e mais reluzentes.

Para preparar os glóbulos a serem dados aos pacientes um ou um par destes pequenos glóbulos são postos na extremidade aberta de uma cápsula de papel contendo dois ou três grãos de açúcar de leite pulverizado; isto é então golpeado com uma espátula ou com a unha do polegar com um certo grau de pressão até se sentir que o glóbulo ou glóbulos estão esmagados ou quebrados, quando então irão facilmente dissolver-se se forem colocados na água.

Toda vez que menciono glóbulos na administração de medicamentos, sempre me refiro aos menores, do tamanho de sementes de papoula, dos quais cerca de 200 (mais ou menos) pesam um grão.

Os medicamentos antipsóricos abordados nas páginas seguintes não contém os assim chamados medicamentos *isopáticos*, uma vez que seus efeitos puros, inclusive aqueles do miasma potencializado da sarna (*Psorin*) ainda não foram decididamente experimentados o suficiente para que se possa fazer deles um uso homeopático seguro. Digo uso homeopático pois não permanece *idem* (o mesmo); mesmo se a substância preparada da sarna deva ser dada ao mesmo paciente de quem foi extraída, não permanecerá *idem* (a mesma) uma vez que lhe poderia ser útil num estado potencializado, já que a substância da sarna em estado bruto que ele já tem em seu corpo como *idem* não exerce efeito sobre ele. Mas a dinamização ou potencialização altera-a e modifica-a; tal como uma folha de ouro que depois de potencializada não é mais folha de ouro inerte, em estado bruto, no corpo humano, mas em cada estágio da dinamização é cada vez mais modificada e alterada.

Assim, também potencializada e modificada, a substância da sarna (*Psorin*), quando tomada não é mais um *idem* (mesmo) em relação à substância original da sarna em estado bruto e sim apenas *simillimum* (a coisa mais similar). Pois entre ***idem* e *simillimum*** não existe intermediário, para qualquer um que possa pensar, ou, em outras palavras, entre *idem* e *simile* somente *simillimum* pode ser interme-

¹⁶⁴ dracma = 1/6 onça = 1,772 g. (NT. Bras.)

diário. Isopático e aequale (igual) são expressões equívocas; se devem significar alguma coisa confiável só podem querer dizer *simillimum* porque não são *idem* (*tautòv*).



**ÍNDICE DA PRIMEIRA PARTE
OU PARTE TEÓRICA**

Índice da Primeira Parte ou Parte Teórica

- Abcessos**, recorrentes, oriundos da Psora, 106.
- Abdominais**, vide Afecções abdominais.
- Ação alternante**, 85
- Afecções abdominais** não infreqüentemente se transformam em dores nas articulações ou em paralisia, 38; são às vezes causadas pela sarna suprimida, 58. Sintomas abdominais causados pela Psora, 93.
- Afecções de ouvido**, causadas pela Psora, 89.
- Afluxos de calor**, decorrente da Psora, 105.
- Afluxos de sangue** para a cabeça, para o peito, decorrentes de Psora, 105.
- Agravações**, homeopáticas, sinal de cura incipiente, 155.
- Água** a 12° -13°C deverá ser vertida sobre partes adormecidas ou paralisadas, 177.
- Alopático**, vide Tratamento alopático.
- Amaurose** causada pela sarna suprimida, 57.
- Ansiedade**, oriunda da Psora, 109.
- Antraz**, 67.
- Apetite** afetado pela Psora, 92.
- Apoplexia** causada pela supressão da sarna, 64.
- Articulações**, afetadas pela Psora, 103.
- Asma** causada pela sarna suprimida 51; como também asma sufocativa, asma com inchaço geral, asma com hidropsia do peito. Asma decorrente da Psora, 102.
- Azia**, decorrente da Psora, 92, 94.
- Banhos**, Banhos mornos e quentes devem ser interrompidos durante o tratamento antipsórico, substituídos por abluções mornas, 176.
- Bebês de peito** jamais deverão receber medicamentos, a mãe ou ama de leite é quem deverão tomá-los em seu lugar, 174.
- Belladonna, não antipsórico**, 115
- Bexiga**, sintomas causados pela Psora, 97, 99.
- Boca**, vide Sintomas bucais.
- Câibras**, decorrentes da Psora, 109.
- Café** tem aumentado a tendência a doenças crônicas, 46; deve ser descontinuado nas doenças Psóricas crônicas, 145.
- Calos** decorrentes da Psora, 106.
- Cancro**. O cancro, enquanto perdura impede a doença venérea de irromper, 73, 123. A destruição do cancro sempre é seguida pela Syphilis. Quando o cancro desaparece devido ao uso de remédios internos, é curada a Syphilis interna, 126, 127.
- Cáries** causadas pela sarna suprimida, 59.
- Caseiros**, vide Remédios domésticos.

- Catarata** causada pela sarna suprimida, 57.
- Catarro**, Catarro sufocante causado pela sarna suprimida, 52; causado pela Psora, 101.
- Cérebro**, Degeneração do cérebro causada pela sarna reprimida, 55.
- Cerveja**, não pode ser permitida em pacientes crônicos, especialmente devido à mistura predominante de ingredientes perniciosos, 147.
- Cervicais**, vide Glândulas cervicais.
- Chá**. O uso do chá tem aumentado a tendência a doenças crônicas, 46; deve ser descontinuado em doenças crônicas, psóricas. Chás de ervas, chá de Baldwin, etc., devem ser descontinuados durante tratamento antipsórico, 176.
- Cícero**, 42*
- Clima**, vide Diferenças climáticas.
- Clister**. Um clister de água limpa e morna, na constipação, é permissível no início do tratamento antipsórico, 176.
- Confeitos**, confeitos condimentados, confeitos de menta, etc., devem ser descontinuados durante tratamento antipsórico, 176.
- Contágio** acontece instantaneamente, 68.
- Convulsões** causadas pela sarna suprimida, 62.
- Coqueluche**, curada primeiro pela Homeopatia, 36.
- Coriza** causada pela Psora, 100.
- Crise** nas doenças, 69.
- Crônicas**, doenças, sucesso parcial da Homeopatia em sua cura antes da descoberta dos antipsóricos, 34. São temporariamente suspensas por meio ambiente favorável, 35. Todas as doenças não-venéreas crônicas têm por causa a Psora. A maioria das doenças crônicas é causada pelo antigo miasma da lepra ou sarna moderna, 40. Todas as doenças crônicas, se não curadas, são agravadas continuamente, 41. Sete oitavos das doenças crônicas decorrem da supressão da sarna, 46. Enumeração das mesmas, 112 (nota). Doenças crônicas serão modificadas pela intervenção de doenças epidêmicas, de modo a exigir um outro antipsórico para completar a cura, 168. Os últimos sintomas acrescidos à doença crônica cedem primeiro; os mais抗igos, por último, 170. Quando o tratamento está meio completo, a doença volta a ser Psora latente mas deve ser acompanhada de perto até seu extermínio total, ou bem surgirá uma nova doença crônica, 171. Uma grande doença crônica com 10, 20, 30 ou mais anos é rapidamente curada se isto for feito em um ou dois anos, 172. A força de um paciente crônico deve aumentar progressivamente quando de um tratamento homeopático, 172.
- Crosta láctea** não é algo meramente superficial, sendo uma mera indicação da Psora interna, 65.
- Crupe**, curado primeiro pela Homeopatia, 36.

- Dedos**, afetados pela Psora, 103.
- Dentes**, afetados pela Psora, 90.
- Desmaios**, ataques de, decorrentes da Psora, 109.
- Diabete**, causada pela sarna suprimida, 58.
- Dieta**, vide em Psora.
- Diferenças climáticas** determinam alterações na Psora comum, enumeração, 179.
- Disenteria**, outonal, curada primeiro pela Homeopatia, 36.
- Distúrbios** na cura de uma doença crônica, 167; vários remédios servem para removê-los, enumerados, 167.
- Doenças crônicas**, vide Crônicas, doenças.
- Doenças endêmicas**, vide Endêmicas, doenças.
- Doenças epidêmicas**, vide Epidêmicas, doenças; Intermediárias, doenças epidêmicas.
- Doenças medicamentosa**, vide Medicamentosas, doenças.
- Doenças venéreas**, vide Venéreas, doenças.
- Dor de cabeça**, decorrentes da Psora, 86.
- Doses**, grandes demais, seus efeitos prejudiciais, inclusive na Homeopatia, 155, 156.
As doses dificilmente conseguem ser pequenas demais, 156.
- Duodeno**. Esfacelo do duodeno causado pela sarna suprimida, 55.
- Duração** dos efeitos de medicamentos, 158; de Sepia em um caso, 158 (nota); maior nas doenças crônicas, menor nas doenças agudas, 159; perdura enquanto faz progredir visivelmente a cura, 161.
- Eczema**, apenas uma das indicações de Psora interna, 65.
- Eletricidade**. Primeiramente Hahnemann recomendou as centelhas elétricas mais fracas em partes paralisadas ou adormecidas mas depois retirou o conselho; substituiu por água fria (12°-13°C), 177.
- Endêmicas**, doenças, com sua surpreendente obstinação dependem quase que totalmente de uma complicação psórica, 170.
- Epidêmicas**, doenças, quando curadas freqüentemente deixam atrás de si uma Psora desenvolvendo-se em doença crônica, 169. As grandes doenças epidêmicas depois de completarem seu curso devem ser freqüentemente seguidas por tratamento antipsórico, 170. As sequelas das doenças epidêmicas são realmente doenças crônicas decorrentes de uma Psora desenvolvida, 170.
- Epilepsia** como vertigem, causada pela supressão da sarna, 62; id. Epilepsia, 62; e convulsões epilépticas, 62, 63, 64.
- Epistaxe** freqüentemente causada por Psora, 40.
- Erisipelas** causadas pela sarna suprimida, 58, 88; id.; de um dos seios, decorrentes da Psora, 102; no rosto, nos membros e nos seios, decorrentes da Psora, 106.
- Erupções** de vários tipos causadas por Psora, 106, 107.
- Escarlate** febre, de Sydenham, curada primeiro pela Homeopatia, 36. Infecção com febre escarlate, 68.

Escolha, escolha errada de remédios, como ser evitada, 156.

Escroto. Inchaço do escroto, causado pela sarna suprimida, 56.

Espasmos decorrentes da Psora, 109.

Estalidos das juntas, decorrentes da Psora, 109.

Estômago. Úlceras e esfacelo do estômago causadas pela sarna suprimida, 55. Sintomas estomacais causados pela Psora, 92-94.

Excitabilidade decorrente da Psora, 112.

Excitações mentais, especialmente pesar e contrariedades, devem ser mantidas à distância dos pacientes crônicos, 149.

Explicação racional do modo de cura homeopática, sugerida pelo Conde Buquoy, 139 (nota.) Sugerida por Hahnemann, 161.

Falta de vontade para trabalhar, decorrente da Psora, 112.

Febre causada pela supressão da sarna, 59, 60, 61. Várias febres e seu tratamento, 168 (nota). Febres epidêmicas e esporádicas, se não acabam logo, passando para um bom estado de saúde, demandam tratamento antipsórico, 170. Vide **Intermitente**, febre.

Febre escarlate, vide Escarlate, febre.

Febre quartã, vide Quartã, febre.

Febre terçã, vide Terçã, febre.

Fezes afetadas pela Psora, 95-96.

Fígado, sintomas causados pela Psora, 95.

Fogo de Santo Antônio, uma forma de Psora ocidental, 43.

Fontículos não devem ser cessados imediatamente mas interrompidos e removidos tão logo seja executível, 176.

Força vital, por meio dos remédios homeopáticos, cura doenças agudas, por que não casos crônicos? 37. Força vital causa varias secreções e excreções nas doenças crônicas mas estas só do acompanhadas de alívio temporário, 174.

Força vital, orgânica, 29.

Formações adventícias, principalmente causadas pela Psora, 40.

Fraqueza x Tônicos, 172

Frialdade (chilliness), decorrente da Psora, 105. Calafrios (chill), decorrentes da Psora, 110.

Frieiras decorrentes da Psora, 106.

Frio (coldness) do corpo, decorrente da Psora, 63.

Gengivas afetadas pela Psora, 90.

Gestação, 173

Glandular, vide Inchaços glandulares.

Glândulas cervicais, inchaços das mesmas causado pela sarna suprimida, 56.

Glândulas parótidas, inchaço das mesmas causado pela sarna suprimida, 56.

Hahnemann estudou por doze anos para descobrir porque os remédios Homeopáticos comuns não curavam radicalmente as doenças crônicas, 37. Por que não

comunicou suas descobertas a ninguém antes de 1827, 37. Hahnemann-nunca foi afligido pela Psora, 77 (nota).

Hematêmese freqüentemente causada pela Psora, 40.

Hematúria, freqüentemente causada pela Psora, 40.

Hemoptise, freqüentemente causada pela Psora, 40, 54, 102.

Hemorróidas, freqüentemente causadas pela Psora, 40, 95. Causadas pela sarna suprimida, 57.

Hepática, vide Manchas hepáticas.

Hérnia, decorrente da Psora, 95.

Hidrocefalia, causada pela sarna suprimida, 55.

Hidrofobia, 34.

Hidropsia. Inchaço hidrópico geral causado pela sarna suprimida, 55; hidropsia do peito, 55; também no abdômen, 56.

Hipócrates, 56 nota, 138

Homeopatia. Sua superioridade, 33. Ineficaz na cura radical das doenças crônicassem os antipsóricos, 35, 36. Precisão dos princípios homeopáticos, 36. Hahnemann curou primeiramente as doenças idiopáticas, febre escarlate, púrpuras, coqueluche, crupe, Sycosis e disenterias outonais, 36. Tambémcurou em primeiro lugar a pleurisia aguda e a epidemia de tifo contagiosa, 36.

Humor choroso decorrente da Psora, 111.

Humores. Descarga de humores acres causada pela sarna suprimida, 58.

Idiopático. Nenhum medicamento idiopático entre os antipsóricos, 187.

Inchaço. Inchaço vermelho do corpo todo causado pela supressão da sarna, 56. Inchaços aquosos decorrentes da Psora, 108.

Inchaços glandulares, decorrentes da Psora, 107.

Infecção acontece num momento, 67.

Insanidade causada pela supressão da sarna, 64.

Insônia decorrente da Psora, 109.

Intermediárias, doenças epidêmicas, ocorrendo durante o tratamento de uma doença crônica, devem ser tratadas primeiro; enumeração das mesmas, 168.

Intermitente, febre, não infreqüentemente torna-se asma, 38; causada pela sarna suprimida, 61; e decorrente da Psora, 110. Febres intermitentes diferem quanto a seu caráter e sintomas quase que cada ano e então requerem um medicamento diferente, 168 (nota); ilustrações, 169.

Intestinos. Degeneração dos intestinos, causada pela sarna suprimida, 55, id. Inflamação das vísceras, 57.

Irritabilidade decorrente de fraqueza, decorrente da Psora, 112.

Lâ, vide Roupas de baixo de lã.

Lepra e sarna, causas da maioria das doenças crônicas, 40 lepra aliviada por meio de limpezas tornou-se sarna, 43.

Língua, afetada pela Psora, 90, 91.

Loucura (frenzy), decorrente da Psora, 112.

Mamas, afetadas pela Psora, 102.

Manchas hepáticas, causadas pela Psora, 107.

Mania decorrente da Psora, 111.

Marasmo em crianças causado pela sarna suprimida, 59.

Medicamentos, artigo à respeito dos, 179-188. Medicamentos que em estado bruto tem pouca ou nenhuma virtude medicinal, por exemplo, sal e Lycopodium, ouro, quartzo e alumina, tornam-se muito poderosos quando potencializados pela trituração, 181. Modificam suas qualidades tornando-se solúveis apesar de apenas pouco suscetíveis á ação química, 181, 182; substâncias secas devem ser preparadas pela trituração, bem como substâncias vegetais secas, ao milionésimo grau de trituração, 183; a dinamização é depois continuada pela dissolução da atenuação em álcool e água, com sucussões, 183-185. Preparo de fósforo para propósitos medicinais, 184 (nota). Depois que a primeira solução é feita em álcool e água, a fim de dissolver o açúcar de leite, as potências mais altas são executadas com álcool puro, 185. Os glóbulos que são umedecidos com estas atenuações devem ser do tamanho de sementes de papoula, 186. O melhor meio de dar os medicamentos é dissolvendo-os em água e em doses divididas, 23. Esta solução deve ser mexida todas as vezes, 24. A solução do medicamento também pode ser friccionada sobre qualquer parte saudável do corpo aumentando assim sua ação, 25, foram usados dez golpes para a potenciação dos medicamentos nos frascos de atenuação, 27.

Medicamento antipsórico – definição, 154

Medicamento tomado à noite, 26

Medicamento, concentrado e diluído, (A diluição como fator indispensável para o desenvolvimento do poder medicamentoso), 30

Medicamentosas, doenças, 33. Um grande obstáculo à cura da Psora, 150; sua natureza, 150, 153.

Melancolia causada pela supressão da sarna, 64, decorrente da Psora, 110.

Membros. Dores nos membros freqüentemente transformam-se em hemorragias, 38. Membros afetados pela Psora, 103.

Menstruação, afetada pela Psora, 99, 100; os antipsóricos não devem ser dados imediatamente antes que a menstruação se instale, 173.

Mental, vide Excitações mentais.

Mesmérico. Utilidade do toque mesmérico em determinados casos, 164.

Miasmática, natureza da Psora, 38. Só existem três miasmas crônicos, 41. Moléstias miasmáticas tornam-se primeiro doenças internas antes que apareçam sintomas externos, 66. Contágio através de doenças miasmáticas crônicas, 69. O miasma é incorporado no momento da infecção, 69, 89. Assim que o miasma da sarna toca a pele, o organismo todo fica infectado, 70. O miasma

da sarna está contido na erupção da sarna, bem como na tineacapitis, e no eczema úmido, 73.

Moisés, 42*

Mudança para um remédio novo, antes que o antigo tenha extinguido sua ação, deve ser cuidadosamente evitada, 158.

Nariz, afetado pela Psora, 89, 90.

Natureza miasmática, vide Miasmática, natureza. Náusea, decorrente da Psora, 92.

Olfato prejudicado pela Psora, 90. O inalar dos medicamentos homeopáticos em lugar de se os tomar, modera sua ação, 164; o efeito dura tanto quanto, 164; este modo é preferível no caso de a ação de um medicamento ter sido interrompido, 164. Este também é o método preferido com pacientes que são extremamente irritáveis, 27.

Olhos. Obscurecimento dos olhos causado pela sarna suprimida, também hipermetropia, inflamação dos olhos, etc., 56.

Ombros, afetados pela Psora, 103.

Organon, menção, 41*, 115, 137, 142, 156, 161.

Órgãos sexuais, afetados pela Psora. 97, 98, 99 100. Instintos sexuais suprimidos são um obstáculo à cura da Psora, 153 (nota).

Ossos. Inchaço dos ossos do joelho, causado pela sarna suprimida, 59; também dores nos ossos, 59. Ossos enquanto afetados pela Psora, 103.

Ouvido, vide Afecções do ouvido.

Palpitação, decorrente da Psora, 102.

Panarício, decorrente da Psora, 106.

Pântanos. A exalação dos pântanos é o que mais fortemente desenvolve uma Psora latente, 170.

Paralisia, causada pela supressão da sarna, 64. Fraqueza paralítica decorrente da Psora, 108.

Parótidas, vide Glângulas parótidas.

Pastilhas. Pastilhas condimentadas, pastilhas para estômago, etc, devem serdes continuadas durante o tratamento antipsórico, 176.

Peito, sintomas causados pela Psora, 101. Pele, vide Sintomas de pele.

Perfumarias devem ser interrompidas durante tratamento antipsórico, 176. Pesadelos, causados pela Psora, 102.

Peso, sensação de, decorrente da Psora, 108.

Pirose decorrente da Psora, 92.

Placebo, vide Pó não-medicinal.

Platão, 42*

Pleurisia, aguda, curada pela Homeopatia, 36. Pleurisia causada pela sarna suprimida, 53, 54.

Plus, 173 nota

Pó não medicinal, deverá ser dado aos pacientes que desejam tomar doses diárias

até que chegue o momento de dar um outro remédio, 165.

Pólipos decorrentes da Psora, 90.

Preparação mercurial para doença venérea, 126.

Princípio Vital, espiritual, 29.

Psora de volta ao estado latente pelos medicamentos homeopáticos que não eram antipsóricos, nota p. 34. Casos produtores de uma recaída, 35. Falta de êxito por parte dos homeopatas na cura radical de uma Psora desenvolvida sem os remédios antipsóricos, 36. Psora é de natureza miasmática, 38. Psora é a doença interna da sarna, com ou sem erupção concomitante, 39. Psora, causa da maioria das formações adventícias, 40. Psora, causa de muitas doenças enumeradas, 40. Psora é a doença miasmática mais antiga, universal e destrutiva, 42, 71. Psora é causa de todas as doenças crônicas com algumas exceções enumeradas, 42. Psora ocidental, denominada Fogo de Santo Antônio, 43; reassumi a forma de lepra através do retorno dos cruzados, 43; descrita na Bíblia, 42; ao mudar de lepra para sarna, Psora perdeu a persistência de sua erupção, 45. Às vezes aliviada por banhos sulfurosos, 48. Psora é o mais contagioso de todos os miasmas crônicos, pois só necessita tocar a pele comum, 70. Enumeração dos modos de contágio, 71. Geralmente são necessários 6, 8, 10 ou talvez 14 dias antes que o organismo todo seja transformado em Psora; depois seguem-se-lhe calafrios, calor e suor e irrompe a erupção, 71, 133. Quanto mais tempo tiver durado a Psora com seus sintomas epidérmicos, mais destrutivas são as consequências da supressão da sarna, 74. Mesmo no seu ponto culminante a Psora pode ser curada pelos remédios homeopáticos específicos internos muito mais fácil e seguramente do que após a supressão da erupção, 74 (nota), 134. A Psora é inerradicável sem o concurso da arte, 77. Se a erupção de sarna for reprimida imediatamente, a Psora aumenta apenas lentamente, 77. Enumeração dos sintomas da Psora latente, 78. As pessoas que possuem esta Psora latente à menor provoção ver-se-ão submetidas a uma ou outra das anônimas doenças (psóricas)crônicas, 81, 82; ilustrações em notas, 82, 83, 84. Sintomas do despertar da Psora interna enumerados, 85, 112. Artigo sobre a Psora, 133, 177. Psora meramente interna, 134. Importância da erupção, 134; doenças crônicas removidas pelo reaparecimento da erupção, 134. Sarna artificialmente reproduzida é de pouco uso, 136 (nota). Sulphur usado externamente é acompanhado de consequências perigosas, 138; aplicado internamente em grandes doses, também é prejudicial, 139. Psora desenvolvida temporariamente é que fica aliviada por banhos sulfurosos, 140. Uma Psora antiga nunca pode ser curada apenas por Sulphur, 140; são necessários diversos antipsóricos, 141. Sarna recente tem sido curada por uma dose de Sulphur, ou de Carbo vegetabilis, ou de Sepia, 141 (nota), 142. Dieta e modo de vida dos

pacientes psóricos, 142, 152. Trabalhar um pouco é útil, 143; deverá ser adotada exercitação corporal, 143; devem ser descontinuados todos os remédios domésticos e outros medicamentos, 144; os banhos não podem ser permitidos, somente as abluções, 144. Dieta nos casos de pacientes crônicos não necessita ser estrita demais, 144; o café deve ser interrompido, 145. Chá também, 145; pode ser usado vinho diluído, com moderação, 145; uísque e conhaque devem ser interrompidos, podendo ser substituídos por vinho, 146. A cerveja não pode ser permitida especialmente por causa da mistura predominante de ingredientes prejudiciais, 146. Vinagre, ácido cítrico e frutas ácidas são prejudiciais em geral, 147; frutas doces podem ser permitidas apenas em quantidade moderada, 147. A maioria dos condimentos é prejudicial, enumeração, 147. Certos pacientes deveriam evitar frangos e ovos, 147. A comida mais útil, 147. Carne de porco e carne condimentada defumada devem ser usadas raramente, 147; queijo velho e condimentados secos devem ser evitados, 147. Tabaco deverá ser limitado, se não puder ser interrompido, especialmente na forma de rapé, 148; pesar e contrariedades deverão ser mantidas tão longe quanto possível de pacientes crônicos, 149; doenças medicamentosas, grande obstáculo à cura da Psora, 150, 152. Também a debilidade, 152; também o instinto sexual suprimido, 153 (nota); uma idade muito avançada, obstáculo à cura, 153. A exalação dos pântanos é o que mais fortemente desenvolve uma Psora latente, 170. A Psora comum é modificada diversificadamente nos diferentes climas, 179.

Psora infecção, 71, 180

Potências, em graus diferentes, 24, 120*, 162**, 173*

Púrpuras curadas primeiro pela Homeopatia, 36.

Pus. Acúmulo de pus no peito causado pela sarna suprimida, 54; também cistos de pus nos intestinos, 55.

Quartã, febre, causada pela supressão da sarna, 61.

Quartã, causado pela supressão da sarna, 59.

Raiva, hydrophobia, 68

Remédios antipsóricos, 39. Enquanto um medicamento antipsórico está agindo como deve, não deve ser dado nenhum outro medicamento para curar um ligeiro transtorno interveniente, 154. O melhor horário para tomar remédios antipsóricos é pela manhã, em jejum, 172; o paciente deve se manter completamente imóvel, mas sem dormir, 173; não deve ser tomado antes da menstruação, 173; a gestação não oferece obstáculo ao tratamento antipsórico, é-lhe favorável 174. Remédios antipsóricos, como reconhecê-los antecipadamente, 180. A maioria dos solos álcalis e ácidos, bem como sulphur, fósforo e outras substâncias combustíveis, não podem ser dispensadas na cura da Psora, 180.

Remédios domésticos devem ser descontinuados durante o tratamento antipsórico, 176.
Repertório, 157

Repetição imediata do mesmo medicamento permissível em certos casos de doença aguda, 162; deverá ocorrer em potência diferente, 162; em caso de sarna recente, pode ser repetido sulphur, enquanto seja melhor haver a interposição de Hepar s.c., 163. Com exceção de sulphur, hepar e sepia, poucos antipsóricos admitem repetição, 163.

Roupas de baixo de lã devem ser removidas assim que fique aparente uma melhorável por meio dos antipsóricos, 176.

Rouquidão causada pela Psora, 100, 101.

Sacudidelas (jerks) dos músculos, decorrentes da Psora, 109.

Sangria não é necessária na Homeopatia, 176.

Sarampo, 67.

Sardas, decorrentes da Psora, 107.

Sarna (itch). Uma erupção anterior de sarna é o obstáculo em muitos casos à cura de uma doença crônica, 38. Às vezes um ataque despercebido de sarna, 39. Sarna é uma forma posterior de lepra, 40. Sua remoção com ungüentos etc., 43, 46. Efeitos secundários de uma tal supressão, 48-49-65. Sarna é apenas uma das indicações da Psora interna, 65. Sarna miasma crônico, 69. Depois de coçar a sarna (que é insuportavelmente agradável) segue-se uma queimação prolongada, 72. Enquanto dura, a erupção de sarna mantém a Psora por assim dizer latente e confinada, 73. Sarna recente tem sido curada por uma dose de Sulphur, ou de Carbo vegetabilis, ou de Sepia, 141 (nota). Sarna oriunda de uma infecção recente, quando adequadamente curada, também cura doenças crônicas psóricas se estivessem presentes, 153.

Scrobiculus cordis, afetado pela Psora, 93.

Secura da pele, do corpo, decorrente da Psora, 108.

Sensibilidade decorrente da Psora, 112.

Sexual, vide Órgãos sexuais.

Simillimum. O Psorin não é mais um idem com relação à substância original de sarna em estado bruto, apenas um simillimum. Entre idem e simillimum não existe intermediário, 188.

Sintomas bucais decorrentes da Psora, 91.

Sintomas de pele da Psora, 104, 105.

Solução, 162, 173, 187, (285 – 5^a ed.)

Sonambulismo, decorrente da Psora, 110.

Sonhos, enquanto afetados pela Psora, 110.

Sonolência decorrente da Psora, 109.

Súbitas curas de doenças crônicas geralmente demonstram que foi escolhido o medicamento errado; não duram, 166.

Sulphur desde cedo foi reconhecido como dotado de uma virtude específica contra a sarna, 138; inclusive por Celsus, 138; mas teve seqüelas perigosas quando

empregavam-no externamente, 138; só é eficaz em doses homeopáticas, 139.

Surdez, causada pela sarna suprimida, 57.

Suscetibilidade a frios, decorrente da Psora, 108.

Sycosis, curada primeiro pela Homeopatia, 36. Sycosis tem uma vantagem sobre a sarna na permanência do cancro, 44. Sycosis e Syphillis causam 1/8 das doenças crônicas, 46; facilmente curadas, 46. Artigo sobre Sycosis, 119-121. Tratamento errôneo alopático da Sycosis, 119. Seqüelas da Sycosis suprimidas, 120. Sycosis curada por Thuja, 120. Complicação com os outros miasmas crônicos, 121.

Syphillis, 41, 42, 43. Na permanência de seu sintoma externo, Syphillis leva uma vantagem sobre a sarna, 44. Syphillis e Sycosis causam 1/8 das doenças crônicas, 46 facilmente curadas, 46. Syphillis é causada pela destruição do cancro através de aplicações locais. Artigo sobre a Syphillis, 123, 131. Quando o cancro ou o bubo desaparecem por força do uso de remédios internos, está curada a Syphillis interna, 126. Mesmo depois de o cancro haver desaparecido, mesmo quando o bubo já estiver formado, não havendo outras complicações, ela pode ser curada por uma dose homeopática de mercurius, 126, 127. Sinal desta cura, 127, 128. Quando complicada com a Psora desenvolvida não pode ser curada sozinha, 128. Isto geralmente é causado pelo tratamento alopático errôneo, 129. Isto causa a Syphillis espúria ou pseudo-syphillis, 129. Neste caso, os sintomas da Psora devem ser dominados primeiro, depois os outros, 129. Complicações com os outros miasmas crônicos, 131.

Tabaco. O uso do tabaco deve ser limitado, se não interrompido, em pacientes crônicos; o uso de rapé é prejudicial, 147, 148, 199.

Temores, decorrentes da Psora, 112.

Terçã, febre, causada pela supressão da sarna, 61.

Tétano causado pela Psora, 109.

Tifo, epidemia contagiosa curada pela Homeopatia, 36. Tifo em 1813 apareceu sob várias formas, mas um ou dois remédios homeopáticos curaram todos os casos, 41.

Tinea capititis é apenas uma das indicações de Psora interna, 65, 87.

Tísica não infreqüentemente se torna insanidade, 38 (nota). Tísica causada pela sarna suprimida, 54, 101.

Tosse, severa, causada pela supressão da sarna. Enquanto sintoma da Psora. 54, 101.

Tratamento alopático, seus efeitos, 33. Sob tratamento alopático acontece sem qualquer escapatório a agravação das doenças psóricas crônicas, 47; alopatiana Sycosis, 119 na Syphillis, 123, 124, 129. Desculpas alopáticas para asupressão da sarna, respostas, 137. Uso alopático de sulphur é só prejudicial, 140. Somente um alopata pode aconselhar pacientes crônicos a

beberem vinho puro forte para se fortalecerem, 146. As doenças medicinais causadas pelo uso errôneo alopático dos medicamentos, grande obstáculo à cura da Psora, 149. A alopata não foi capaz de curar nenhuma doença crônica, apenas aliviá-las, 175.

Tuberculose, vide Tísica.

Tumefação dos ossos, decorrente da Psora, 106.

Tumores, enquistados, decorrentes de Psora, 107.

Úlceras. Úlceras secas ao máximo se transformam não infreqüentemente em hidropisia ou apoplexia, 38 (nota). Úlceras no estômago causadas pela sarna suprimida, 55; também outras úlceras, 58. Úlceras decorrentes da Psora, 106.

Urina. Supressão da urina causada pela sarna suprimida. 58.

Vacinação, 67.

Varíola, 45, 57, 67*, 68, 134*, 168*, 169.

Varíola bovina, 67.

Varizes nos membros inferiores, decorrentes da Psora, 106.

Venéreas, doenças, radicalmente curadas pela Homeopatia, 33. Bubo venéreo, 38. Cancro venéreo, 69. Percurso da infecção venérea, 69, 124. Pela cura interna da doença venérea também desaparece o cancro, 69, 124. Três formas de doenças venéreas, 123. A doença venérea já está desenvolvida antes que o cancro possa aparecer, 124. É curada mais facilmente durante a vigência do cancro, 125, curada por uma dose homeopática de Mercurius, 126. Um caso antigo de doença venérea pode ser curado numa infecção nova por uma única dose homeopática de Mercurius, 153 (nota).

Verrugas decorrentes da Psora, 107.

Vertigem causada pela supressão da sarna, 61; decorrente da Psora, 85, 86.

Vinho pode ser permitido a pacientes crônicos se estiver suficientemente diluído, 146.

Volubilidade decorrente da Psora, 112.

Vomitar, decorrente da Psora, 92.

Índice dos Medicamentos

- Ácido nítrico, 46, 120, 181, 182
Aconitum napellus, 115, 167, 168
Ammonium carbonicum, 182
Antimonium crudum, 16, 167, 168
Arnica montana, 167, 168
Arsenicum album, 17, 159, 167, 168
Baryta, 182
Belladonna, 115, 159, 168
Bryonia, 40*, 167
Calcarea carbonica, 168
Cannabis, 119 – nota 88
Cantharis, 119
Capsicum, 167, 168
Carbo animalis, 16, 168
Carbo vegetabilis, 16, 141*, 168, 198, 200
Chamomilla, 167
China officinalis, 167, 168, 170, 182
Cina, 168
Coffea cruda, 167
Colocynthis, 18, 167
Copaíba, 119 – nota 88
Guaiacum, 180
Hepar sulphuris, 129*, 163, 168
Hyoscyamus, 167
Ignatia, 166, 167
Ipeca, 167, 168, 182
Kali carbonicum, 16,
Lycopodium, 155*, 176, 180, 181
Magnesia, 181
Menyanthes trifoliata, 168
Mezereum, 16, 17, 180, 182*
Mercurius, 46, 115, 120, 126, 163
Natrum carbonicum, 15, 182
Natrum muriaticum, 16, 17, 168
Nux vomica, 163, 167, 168, 173
Oleander, 182*
Opium, 167, 168
Phosphorus, 180, 182, 183*, 184*

- Petróleo, 181, 183
Pulsatilla, 167, 168
Rhus toxicodendron, 40*, 167
Salsa, 119
Sarsaparilla, 180
Sepia, 141*, 155*, 158*, 163, 181
Silicea, 156*, 166, 182*
Spigelia, 168
Staphisagria, 167
Sulphur, 129*, 138, 139, 140, 140*, 141, 141*, 142, 159, 163, 168, 180
Thuya, 46, 120, 120*, 121, 182*

CONTEÚDO

Prefácio à Primeira edição Brasileira	8
Prefácio à Sétima edição Brasileira	10
Prefácio do Tradutor para o Inglês	12
Nota Preliminar a Seção de Matéria Médica	14
Prefácio do Editor em Inglês	19
Prefácio do Autor (1828)	21
Prefácio do Autor, relativo à parte técnica da Homeopatia ao volume III (1837)	22
Prefácio do Autor ao volume IV	27
Prefácio do Autor ao volume V (1838)	29
Natureza das Doenças Crônicas	33
Nota de esclarecimento: Designação das potências.....	114
Sycosis	119
Syphillis	123
Psora	133
Índice da Primeira Parte ou Parte Teórica	191
Índice dos medicamentos	203

